

**RODOLFO FIORUCCI**

**A REVISTA *CAROS AMIGOS* (1997-2006) E OS GOVERNOS FHC E LULA:  
Nova imprensa alternativa, política e publicidade**

**ASSIS  
2009**

**RODOLFO FIORUCCI**

**A REVISTA *CAROS AMIGOS* (1997-2006) E OS GOVERNOS FHC E LULA:  
Nova imprensa alternativa, política e publicidade**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e sociedade).

Orientadora: Tânia Regina de Luca

**ASSIS**

**2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Fiorucci, Rodolfo  
F521r A revista Caros amigos (1997-2006) e os governos FHC e  
Lula: nova imprensa alternativa, política e publicidade / Rodolfo  
Fiorucci. Assis, 2009  
249 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de  
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Tânia Regina de Luca

1. Jornalismo. 2. Imprensa alternativa. 3. Publicidade. I. Título.

CDD 070  
302.23

*À Carol, por tudo.*

*Aos meus pais, Zé e Cris,  
Por tudo e muito mais!*

## AGRADECIMENTOS

Faço uso desse espaço para agradecer a todos os que de uma forma ou outra contribuíram para o término deste trabalho e cumprimento de mais uma dura e prazerosa etapa na minha formação acadêmica. Às pessoas que fazem parte de minha vida e que porventura não tenham seus nomes listados abaixo, peço desculpas verdadeiras e agradeço toda e qualquer contribuição. Aos amigos que já se foram, um salve especial.

À Tânia, primeiramente, agradeço não somente a orientação segura e dedicada, mas a maneira como conduziu o trabalho, sempre descontraída, participativa e disposta a conversar. Com ela as orientações não se tornaram pesadas, mas momentos de bate-papos acadêmicos bastante férteis. Dela pude aproveitar o espírito crítico e perspicaz, além das observações iluminadas que me abriram a mente para muitas questões que a falta de experiência não me permitiram enxergar.

Aos meus pais, Zé e Cris, agradeço cada segundo compartilhado. Nenhuma palavra aqui conseguiria traduzir o quanto suas presenças foram, são e sempre serão indispensáveis em minha vida. De meu pai, em específico, destaco seu coração enorme e puro, e a constante disposição em dar uma palavra amiga, um incentivo, um carinho. É o perfeito exemplo de como a simplicidade pode esconder um grande homem. De minha mãe, acentuo seu espírito de família, sua ligação quase visceral aos filhos e marido. Ainda que tente disfarçar suas emoções atrás de uma postura mais contida, não consegue esconder de ninguém o quanto ama todos os que estão a sua volta. Mulher que soube, a vida toda, dosar a crítica e o estímulo silencioso.

À Carol, agradeço por ser meu porto seguro, minha base emocional em todo e qualquer momento. Pelos anos ao meu lado e pelas milhares de demonstrações de amor e afeto. Sem ela, meu cotidiano não seria completo. Com ela, sinto-me seguro para continuar caminhando e buscando todos os nossos sonhos. Por ela, esforço-me nessa dura empreitada que é a vida intelectual.

Aos meus irmãos, Fábio, Wellington e Priscila, agradeço por motivos diferenciados. Ao Fábio, por sempre deixar claro que não é vergonha nenhuma demonstrar carinho entre irmãos, além de sua eterna disposição em ajudar. Ao Ton, pelo exemplo e estímulo intelectual, como também por me proporcionar uma infância bastante agitada, criando jogos e brincadeiras criativos em locais e com objetos inusitados. Além disso, devo a ele o primeiro contato com a revista aqui estudada, já que foi quem me apresentou *Caros Amigos* há mais de dez anos atrás. À Pri, por ser meu braço direito e esquerdo. Sem ela, muito do tempo dedicado

à pesquisa seria gasto em outras atividades do dia-a-dia. Sei que apesar de reclamar, ela sempre me auxiliou com carinho. Por isso, Pri, esse trabalho também é um pouquinho seu.

Aos professores Áureo Busetto e Silvia Azevedo, agradeço a leitura atenta e as dicas valiosas no exame de qualificação, pois, sem dúvida, colaboraram para o enriquecimento da pesquisa.

Aos meus velhos e grandes amigos Deyvis, Diogo, Douglas (Trolli), Rafael (Piccolo), Reginho e Renato, agradeço os momentos de descontração, o apoio incondicional e as risadas eternas. Cada um a sua maneira soube contribuir não apenas para meu trabalho acadêmico, como também para minha vida pessoal, provando, mais uma vez, o quão importante é a amizade, na certeza de que ninguém é completo sem amigos.

Com os companheiros de faculdade que se tornaram quase irmãos, Pedro Cataneli e Gustavo Prado, compartilho as melhores lembranças. Pedro, com sua postura calma, contida e serena, faz parte de minha história. Ainda que os compromissos profissionais tenham nos afastado um pouco, tenho nele uma base contínua. Gustavo, não menos importante, sempre me mostrou como dentro de um homem pode haver um coração imenso. Companheiro incontestado, com o qual divido momentos inesquecíveis.

Não posso deixar de agradecer aos amigos que fiz dentro da faculdade, Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, Eduardo Giavara, Fernanda Moya e Alexandre A. da Costa, pelos bate-papos animados nas mesas dos bares, pelas observações interessantes sobre minha pesquisa e pelas discussões sobre a importância da História.

Agradeço, ainda, a todos os funcionários da UNESP/Assis, que trabalham diariamente, quase anônimos, para que os professores e alunos tenham um mínimo de estrutura para realizarem suas funções. Em especial, destaco o sempre amigável, divertido e eficaz Auro Sakuraba, figura já lendária da biblioteca, que nunca deixou de atender todos os meus pedidos.

Por fim, agradeço à CAPES, pela contribuição financeira dada a uma parte desta pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise pormenorizada da revista *Caros Amigos* nos seus dez primeiros anos de circulação. Nesse sentido, foi possível levantar diversas questões sobre a prática de jornalismo alternativo executada pelo mensário e entender qual o seu papel na história da imprensa brasileira contemporânea. *Caros Amigos* foi analisada em sua totalidade, o que permitiu conclusões seguras sobre todos os aspectos estudados, ou seja, ainda que as pesquisas tenham sido feitas por partes (seções, publicidade, direcionamento político e ideológico, colaboradores), sempre esteve em perspectiva o prévio conhecimento da totalidade, o que possibilitou entender não apenas as partes específicas, mas como cada uma contribuiu para a caracterização da publicação em sua primeira década. Ainda foram levantadas e analisadas questões espinhosas, como as preferências políticas dos colaboradores de *Caros Amigos*, a relação entre a revista e o PT, assim como a elevada quantidade de publicidade desse partido.

**Palavras-chave:** *Caros Amigos*, imprensa alternativa, publicidade e política.

### ABSTRACT

This paper purpose a analysis of the magazine *Caros Amigos* in yours then first years. A lot of subjects were discussed on the practice of the alternative journalism executed by the magazine, with the objective of understanding the paper of *Caros Amigos* in the brazilian press. It was obtained safe results on all studied aspects and the researches were made by parts. Still hard subjects were analyzed, as the collaborators political preferences, the relationship between the publication and PT, as well as the great number of publicity of that political party.

**Key-words:** *Caros Amigos*, alternative press, publicity and

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1 - <i>Caros Amigos</i> e o contexto de seu surgimento</b> .....	12
1.1 – Imprensa e Política nos anos 1990.....	12
1.2 – A nova geração dos alternativos .....	32
1.3 – <i>Caros Amigos</i> : como tudo começou.....	52
<b>CAPÍTULO 2 – Visão panorâmica da revista</b> .....	65
2.1 – <i>Caros Amigos</i> em evolução: características gerais.....	65
2.2 – A reportagem de <i>Caros Amigos</i> : responsabilidade social.....	93
2.3 – A revista <i>Caros Amigos</i> em busca do leitor.....	107
<b>CAPÍTULO 3 – Principais seções e colaboradores de <i>Caros Amigos</i></b> .....	120
3.1 – Mylton Severiano e sua enfermaria: a crítica social como arma política.....	122
3.2 – João Pedro Stedile: a voz dos movimentos sociais.....	133
3.3 – Guilherme Scalzilli: discurso posicionado.....	138
3.4 – José Arbex Jr.: o terrorismo do império.....	143
3.5 – Frei Betto: religião, política e sociedade.....	156
3.6 – Marilene Felinto: discurso ácido.....	166
3.7 – Gilberto Felisberto Vasconcellos: nacionalismo em pauta.....	174
<b>CAPÍTULO 4 – Jornalismo, política, publicidade</b> .....	184
4.1 – Editorial de <i>Caros Amigos</i> : mais apresentação, menos opinião.....	184
4.2 – Publicidade escassa – o peso do PT.....	190
4.3 – O jornalismo de <i>Caros Amigos</i> nos governos de FHC e Lula.....	209
<b>CONCLUSÃO</b> .....	230
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	235
<b>ANEXOS</b> .....	243

## INTRODUÇÃO

A história da imprensa no Brasil é abordada, aqui, na perspectiva do tempo presente, temporalidade que era vista com receio pelos historiadores – e ainda suscita muitas discussões sobre suas potencialidades. O objeto de estudo da presente pesquisa trata-se de um periódico de esquerda, lançado em abril de 1997, e que surgiu como um dos mais importantes representantes da nova geração da imprensa alternativa, a revista *Caros Amigos*. O período de estudo está circunscrito entre abril de 1997 e dezembro de 2006, o que possibilitou analisar a atuação do mensário e o caráter de suas contribuições e discussões no espaço público durante os governos FHC e Lula. A delimitação temporal se prende exatamente a esse fator, pois a questão geral que orientou o trabalho, além de entender a própria revista como objeto de estudo, foi como uma publicação alinhada claramente à esquerda, lançada em plena era neoliberal, contra a onda de apoio ao presidente FHC, realizaria um jornalismo diferenciado, não apenas no período governamental de um partido entendido como parte da ala direita da política nacional, mas especialmente durante um mandato da esquerda no executivo federal, pois aí sim seria possível entender até que ponto *Caros Amigos* ofereceu conteúdo de cunho alternativo ao seu público. Nesse sentido, foi possível tirar algumas conclusões sobre o papel que o mensário exerceu dentro do campo da imprensa atual e verificar se *Caros Amigos* fez um jornalismo inovador e diverso ao do praticado pela grande mídia, ou apenas atuou como esta, ainda que no campo da esquerda.

Foi importante, primeiro, fazer uma breve discussão sobre o cenário brasileiro nos anos 1990, para entender o contexto no qual *Caros Amigos* se inseriu no mercado e como reagiu àquele momento, afinal, a década passada foi marcada pelo neoliberalismo no âmbito mundial, o que não escapou ao Brasil, corrente ideológica criticada com acidez pelo mensário em questão. Assim, buscou-se compreender, então, o por que alguns periódicos alinhados à esquerda começaram a aparecer justamente no período em que a ideologia neoliberal contava com grande respaldo, tanto político como social. Quase que num movimento reativo, vários veículos de informação alternativa surgiram entre o final do século XX e início do XXI, todos se contrapondo enfaticamente às propostas de economia global e política neoliberal empregadas por diversos Estados no mundo, especialmente no Brasil. Trata-se de um fato interessante, já que o mercado não se mostrava, pelo menos aparentemente, convidativo a experiências do estilo desses periódicos alternativos. A década de 1990 foi, na verdade, bastante tranqüila se comparada às anteriores, gozando de um sistema democrático de

governo e plena liberdade de expressão. Ou seja, não houve um governo que extrapolou as barreiras da democracia e que, por isso, incentivasse o surgimento de veículos de comunicação de posição radical, como aconteceu em episódios anteriores da história brasileira. Ainda assim, o ímpeto de jornalistas experimentados no jornalismo crítico, aliados às novas gerações que surgiram, não deixaram desaparecer a imprensa de característica alternativa, ao estilo dos nanicos atuantes durante o regime militar.

No entanto, o país era outro, assim como toda a sociedade que, naquele momento, presenciava as modificações que as novas gerações traziam, jovens que não viveram o terror do período militar, não sentiram o que era viver num espaço no qual as discussões políticas e as manifestações sociais eram efervescentes. Esta juventude foi (é) marcada por outro tipo de momento, o do capitalismo global, o do consumo desenfreado de novas tecnologias, cada vez mais atraentes. O jornal e a revista, impressas em papel, com letras pequenas, com muitas páginas, já não os atraía, especialmente se comparadas aos meios de comunicação eletrônicos, mais dinâmicos, coloridos, multimídias. Não à toa chegou a se cogitar a morte do jornal como conhecemos hoje. Isto é, não só o jornalismo alternativo enfrentou sérios problemas para ressurgir, mas a grande imprensa também teve complicações para se manter. A imprensa no geral – principalmente a impressa - precisou enfrentar a situação e buscar novos meios para atrair o leitor, especialmente esse mais jovem, despolitizado. Os grandes jornais e revistas logo se adequaram ao novo sistema, mais dinâmico, de informações curtas e rápidas. Abusaram de quadros e boxes explicativos, inserções de figuras e cores, além de explorar bastante os assuntos sensacionalistas e escandalosos. Mergulharam num didatismo falso, pois na mesma proporção em que simplificaram as notícias, esvaziaram-nas de conteúdo. O padrão jornalístico que se criou procurou adequar-se à nova sociedade, afinal, tratam-se de empresas e precisam, primeiramente, ser rentáveis e vender.

Mas o que fazer, nesse cenário, um veículo de cunho alternativo? Primeiro, se seguisse o padrão da grande imprensa, não se diferenciaria em nada, portanto não seria fonte de informações alternativas. Segundo, se adotasse as estratégias dos seus congêneres dos anos 1970, certamente não sobreviveria às imposições do mercado. Naquele novo contexto, era preciso vender, também buscar o lucro, já que não se tratava somente de uma ação política. Se durante a ditadura militar muitos jornais foram lançados como armas de combate ao regime, contando com demanda considerável, de acordo com a situação da época, nos anos 1990 tudo mudara. Os leitores tinham outras preocupações, portanto, o conteúdo produzido pela imprensa também precisou mudar. Assim, o grande problema a ser revolido foi: como ao mesmo tempo ser alternativo, desligar-se das experiências anteriores e vender. Era um desafio

muito grande, já que não contavam com um momento de exceção política, mas que foi enfrentado por homens de imprensa que sempre batalharam por um jornalismo diferenciado, crítico, adepto do debate e da discussão aprofundada. Por isso, ainda no primeiro capítulo, procurou-se levar a cabo algumas considerações sobre o que seria a imprensa alternativa da nova geração, herdeira dos anos 1970, mas com suas próprias características. Trata-se de uma primeira fotografia, que lança algumas bases para que pesquisas mais aprofundadas sejam realizadas com o intuito de entender esse processo historiográfico que levou a cabo novos periódicos de esquerda num contexto de forte apelo neoliberal. Foram elencados alguns dos representantes desse novo segmento e apontadas características que os diferenciam dos seus congêneres passados, o que pode ajudar a demarcar, com mais precisão, as particularidades de cada um, já que algumas mudanças são tão sutis que numa visão mais apressada podem passar despercebidas.

Para finalizar a primeira parte do trabalho, um breve histórico de como *Caros Amigos* começou, as primeiras propostas e conversas, os desentendimentos e o resultado final a que se chegou, pareceu ser interessante, pois demonstrou a maneira como um grupo de experientes jornalistas desenvolveu um projeto que à primeira vista pareceu bastante arriscado, mas que nos seus primeiros 10 anos de publicação se mostrou forte e insistente, mesmo com tantos reveses, como exposto nas páginas que seguem.

O segundo capítulo procurou demonstrar a evolução da revista no período analisado. Isto é, se primeiro relatou-se como tudo começou, importou, em seguida, atentar para as características que foram surgindo e apontar as que desapareceram. Nesse percurso, será possível observar como *Caros Amigos* contou com algumas reformas em sua diagramação, que de fato era muito pesada, verificar as transformações que as capas sofreram em 10 anos, ganhando mais vida, cor e chamadas, e identificar os recursos que os responsáveis pelo mensário lançaram mão para que a publicação não se perdesse tanto em meio aos problemas internos, como aos externos. Nesse sentido, ficou claro que uma forma de investir num jornalismo alternativo e diferenciado foi a maior atenção às reportagens, tanto em qualidade como em quantidade. *Caros Amigos* optou por desenvolver trabalhos de campo, no qual seus repórteres deixaram a redação ou seus locais de trabalho e buscaram entender e expor os problemas que prejudicavam a sociedade em geral, especialmente os setores marginalizados. Com esta opção o mensário colocou em prática um jornalismo social e denunciador, com o intuito de chamar a atenção das autoridades políticas e da sociedade para as mazelas que grandes segmentos sociais enfrentam em função da negligência das autoridades e da própria população. Coube, ainda, tratar dos esforços de *Caros Amigos* para atrair mais leitores. A

última parte do segundo capítulo explorou essas tentativas do mensário que, como se verá, lançou novas seções, novos colaboradores, investiu em humor e desenhos, mas sem abandonar sua característica principal: o da crítica.

Já no capítulo terceiro, será possível mergulhar nos pensamentos políticos e ideológicos dos principais colaboradores da revista. Foram analisadas a fundo as seções e colunas que se destacaram nos seus dez primeiros anos. Nesses espaços encontra-se a alma de *Caros Amigos*, pois foram esses colaboradores que mais demarcaram as características da revista, foram seus posicionamentos, assertivas e discussões que fizeram da publicação uma das principais no segmento alternativo da imprensa brasileira na atualidade. Em consonância com a proposta do trabalho, deu-se mais destaque aos apontamentos relacionados ao campo ideológico e político dos autores, o que possibilitou enxergar, no âmbito dos governos FHC e Lula, qual a tendência que tomaram e como reagiram frente a presidentes, à primeira vista, tão diferentes um do outro. Dedicar mais tempo a esses colaboradores foi importante para entender que *Caros Amigos* não se configurou numa publicação politicamente determinada. Identificou-se correntes diversas, posturas mais brandas, outras radicais, ainda que todas tenham se mostrado alinhadas à esquerda, numa forte oposição à ala que se acostumou a classificar como de direita.

O capítulo final reserva uma análise detida sobre a relação entre imprensa e política, neste caso, entre *Caros Amigos* e os governos FHC e Lula. Este quarto capítulo expõe, com mais detalhes, os dados que possibilitaram as conclusões do trabalho. Divido em três partes, dedicou atenção aos editoriais que, como se verá, apresentou formato diferenciado com relação ao padrão encontrado na imprensa nacional, à publicidade veiculada nas páginas de *Caros Amigos*, escassa, mas não menos importante, de onde se pôde levantar diversos questionamentos, e ao jornalismo praticado pelo mensário durante os governos de FHC e Lula no executivo federal. Os resultados respondem a várias dúvidas sobre *Caros Amigos*, desde a maneira como a publicação exerceu um jornalismo alternativo, até a sua dependência ou não dos anúncios advindos de empresas e instituições ligadas aos setores públicos. Além de relatar como trabalhou essa problemática. Isto é, se realmente o financeiro interveio em suas posições ideológicas e, conseqüentemente, no jornalismo levado aos leitores.

Para atingir os objetivos da pesquisa foi preciso levantar o máximo de dados possível, o que culminou em dezenas de tabelas com informações das mais variadas, totalizando mais de mil páginas de dados. Foram lidas todas as 117 edições de forma integral, feito o levantamento das temáticas abordadas pelo mensário e quantas vezes cada uma apareceu, primeiro de forma geral para todo o período e, posteriormente, o mesmo para cada seção e

autor dentre os principais. Todos os colaboradores que tiveram seus nomes nas páginas da revista foram listados. As seções de desenhos, charges e tiras também foram analisadas. A publicidade foi examinada uma a uma, e classificada de acordo com seu tamanho, cor, espaço ocupado dentro da revista e valor aproximado. Isso permitiu entender de onde partiu o financiamento geral da revista e como ela se manteve durante esse período, mesmo contando com recursos bastante limitados. Além disso, cada artigo, seção ou charge publicada que veiculou algum tipo de crítica política, direcionada especialmente aos presidentes acima citados e aos seus respectivos partidos, foi catalogada e classificada, o que permitiu se chegar ao total de quantas vezes, entre abril de 1997 e dezembro de 2006, FHC e Lula foram elogiados ou criticados. A análise de todos esses números no geral revelou o real posicionamento de *Caros Amigos*, suas virtudes e problemas ainda a enfrentar, o que veio contribuir para a compreensão do papel cumprido pelo mensário na imprensa brasileira e, de forma mais geral, para a própria história do jornalismo alternativo atual.

No âmbito da pesquisa acadêmica, este trabalho juntou-se a outros estudos da revista e complementou-as,<sup>1</sup> já que estas se prenderam a um espaço de tempo breve de *Caros Amigos*, todas circunscritas ao período situado entre 1997 e 2002. Ademais, a publicação foi analisada aqui em seu conjunto, não se apresentou como fonte apenas, mas principalmente como objeto, o que pode ser observado no decorrer das páginas seguintes.

---

<sup>1</sup> PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros Amigos (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa no Brasil – um outro jornalismo é possível*. São Paulo: ECA-USP, 2002. (dissertação de mestrado). CÂMARA, Marcelo Barbosa. *Caros Amigos: esfera pública, política e jornalismo independente (1997-2002)*. São Paulo: PUC, 2002 (dissertação de mestrado). ZIBORDI, Marcos Antonio. *Jornalismo Alternativo e Literatura Marginal em Caros Amigos*. Curitiba: UFPR, 2004 (dissertação de mestrado). A primeira foi publicada, em 2004, pela editora Annablume com o título de *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. Há ainda outras obras que se valeram do mensário como fonte de pesquisa, mas que apenas estudaram partes de *Caros Amigos* e por um curto período.

## **CAPÍTULO I – *Caros Amigos: o contexto de seu surgimento***

### ***IMPRENSA E POLÍTICA NOS ANOS 1990***

*Caros Amigos* foi lançada em abril de 1997, durante o primeiro mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Para entender o sentido dessa publicação e seu lugar na história da imprensa, torna-se necessário remeter ao contexto de seu surgimento, o que possibilitará compreender o porquê determinada situação política, econômica e social abriu espaço para um veículo impresso com as características de *Caros Amigos*. Fortes e significativas mudanças que remontavam a meados da década anterior concretizavam-se nos anos 1990. Diretamente ligadas ao processo de abertura política iniciada por Geisel, essas transformações marcariam a maior participação do Brasil no plano internacional, o que denotaria a adoção de práticas visivelmente neoliberais pelos governos posteriores ao fim da ditadura – com exceção de Sarney. Isso se aplica com maior força aos governos de Fernando Collor e FHC, este último concretizando os trabalhos do primeiro ao inserir de fato o país no processo que se convencionou chamar de globalização.

A marca indelével desse período era o discurso favorável ao neoliberalismo, à abertura do mercado, à flexibilização política e econômica, à diminuição do Estado e à globalização, palavras de ordem tanto no Brasil quanto no âmbito internacional. Na verdade, a década de 1990 marcou a entrada do modelo neoliberal em várias nações latino-americanas, com destaque para México, Argentina e Brasil, que foram afetadas pela economia globalizada em diferentes momentos. Por se tratar de uma corrente ideológica que se sobrepôs ao socialismo – que estava em baixa e sofrendo ataques dos mais variados grupos intelectuais -, o neoliberalismo surgiu como opção às formas tradicionais de governo, já que entrou em prática em grande parte do mundo no final do século XX. Substituiu tanto governos de esquerda como regimes autoritários predominantes na América Latina no pós-1950. Contudo, não tardou as reações do campo intelectual de esquerda contra esse modelo. Tomando o Brasil como referência, pode-se elencar uma vasta bibliografia que tratou do assunto de maneira crítica e às vezes radical, escritas no calor do momento. Não pouparam ataques contundentes fossem direcionados ao neoliberalismo e à globalização, ou ao próprio governo FHC. Essa intelectualidade caminhou na contramão da grande imprensa que, de forma geral, apoiou a economia neoliberal. Desde o primeiro momento apareceram obras que alertavam para os perigos da abertura econômica ou que pediam, no mínimo, responsabilidade e criação de regras para a adoção das práticas neoliberais.

O sociólogo Ricardo Antunes, por exemplo, publicou livro em que reuniu artigos escritos para vários jornais e revistas entre a década de 1990 e junho de 2004.<sup>2</sup> Apesar de o livro não ser uma publicação do período, torna-se importante pelo fato de manter os escritos nos originais, sem qualquer modificação, o que possibilita discernir a postura do sociólogo no calor dos acontecimentos. Assim, nota-se que desde Collor o autor já se manifestava contra o neoliberalismo, principalmente no que concernia ao *trabalho*, objeto de muitos de seus estudos. Ainda em julho de 1990, na *Gazeta Mercantil*, alertava:

O “sindicalismo de resultados”, este, sim, viverá seu primeiro momento de crise: não colherá resultados e verá aumentar o descontentamento em suas bases. Ficará entre a adesão ao projeto neoliberal do Governo Collor e a espontaneidade tensa das bases. Os segmentos mais desorganizados, que conferem base social a Collor, colherão as agruras oriundas de recessão, arrocho, desemprego etc.<sup>3</sup>

E, dois anos mais tarde, no jornal *Folha de S. Paulo*, concluía a respeito do governo Collor e o modelo econômico adotado:

Não é demasiado lembrar que a modernização neoliberal para o Terceiro Mundo penaliza de maneira muito mais brutal e nefasta o mundo do trabalho. Despossuído, dilapidado, desqualificado, o ser social não consegue nem mesmo viver do seu trabalho. Converte-se, em largas faixas, numa classe sem trabalho, que vive da miséria da economia informal. Aqueles que permanecem no mercado de trabalho formal vivenciam níveis de subtração salarial, de superexploração do trabalho que tornam sua cotidianidade marcada pela escassez e pela redução crescente da satisfação de suas necessidades. Qualitativamente distinta do descontentamento de setores do capital, a rebeldia do mundo do trabalho encontra-se, entretanto, moldada por uma ação ultradefensiva, que se deve também à incapacidade e paralisia dos seus organismos de representação sindicais e políticos, que não sabem por onde caminhar.<sup>4</sup>

Este é apenas um exemplo das reações que essa política originou. Muitos foram os intelectuais que se colocaram contra os rumos que o Brasil adotava, entre os principais, Milton Santos. Um dos temas mais discutidos por esse autor foi a globalização e suas conseqüências no plano social. Num livro organizado em conjunto com Maria Adélia de Souza e Maria Laura Silveira, problematizou a questão do território na era global. No texto de abertura, afirmou:

Quando se fala em mundo está se falando, sobretudo, em Mercado que hoje, ao contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas. Mercado das coisas, inclusive a natureza; mercado das idéias, inclusive a ciência e a informação; mercado político. Justamente, a versão política dessa **globalização perversa** é a democracia de mercado. O neoliberalismo é o outro braço dessa globalização perversa, e ambos esses braços – democracia de mercado e neoliberalismo – são necessários

<sup>2</sup> ANTUNES, Ricardo. *A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

<sup>3</sup> Idem, p. 11.

<sup>4</sup> Idem, p. 17-18.

para reduzir as possibilidades de afirmação das formas de viver cuja solidariedade é baseada na contigüidade, na vizinhança solidária, isto é, no território compartilhado [...] Devemos ter isso em mente, ao pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da **maldição da globalização perversa** que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir uma nova globalização, capaz de restaurar o homem na sua dignidade.<sup>5</sup>

Seriam muitos os exemplos a citar, nas mais diversas áreas do conhecimento. Mesmo sob o risco de não elencar todos os autores, não se pode deixar de mencionar Renato Ortiz, Wilson Cano, Octavio Ianni, Paul Singer, Gilberto Dupas, Antonio Corrêa de Lacerda, Carlos Nelson Coutinho, Aloysio Biondi e Ladislau Dowbor na crítica a esse modelo que se espalhou pelo mundo no final do século XX. Ainda que cada qual tenha seu posicionamento específico com relação ao tema, todos se posicionaram claramente mais à esquerda, quando não militaram em partidos, sempre se colocando de forma crítica quando tratavam dos novos modelos políticos e econômicos. Alguns até mesmo elevaram o tom, como se vê no caso dos termos usados contra a ordem que se adotava no país: “maldição da globalização”, “globalização perversa” ou “desertificação neoliberal”. Os exemplos poderiam ser multiplicados, mas esse não é o objetivo aqui. Trata-se, na verdade, de esclarecer como se encontrava o campo intelectual da esquerda brasileira no momento do lançamento da revista *Caros Amigos*, pois se perceberá que este mensário não surgiu sem contar com apoio no meio intelectual e acadêmico.

A oposição ao neoliberalismo e à globalização econômica remonta ao momento mesmo de sua origem, ou seja, a queda do muro de Berlim e o desmembramento da União Soviética, quando se chegou a falar no “fim da história”.<sup>6</sup> Apesar do visível abatimento dos teóricos da esquerda em âmbito mundial, posto que os maiores símbolos do socialismo desapareceram num curto período de tempo, não tardou a reação aos escritos apressados que professavam a morte do socialismo e a vitória permanente do capitalismo. Esse foi um movimento mundial, porém, aqui, interessa traçar uma rápida linha que demarque os debates

---

<sup>5</sup> SANTOS, Milton. O retorno do território. In. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 18-19 e 20. (grifo meu)

<sup>6</sup> Ver FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. O autor desenvolveu uma linha de abordagem da História, desde Platão até Nietzsche, passando por Kant e pelo próprio Hegel, a fim de revigorar a teoria de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade. Na sua ótica, após a destruição do fascismo e do socialismo, a humanidade, à época, teria atingido o ponto culminante de sua evolução com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias concorrentes. Em oposição à proposta capitalista liberal, restavam apenas os vestígios de nacionalismos (sem possibilidade de significarem um projeto para a humanidade) e o fundamentalismo islâmico (restrito ao Oriente e a países periféricos). Desse modo, diante da derrocada do socialismo, o autor concluiu que a democracia liberal ocidental firmou-se como a solução final do governo humano, significando, nesse sentido, o “fim da história” da humanidade.

sobre a entrada do Brasil na economia globalizada. Já é certo que este percurso se iniciou com Collor, que propôs as primeiras medidas que se coadunavam com o pensamento neoliberal. Entre os motes utilizados em sua campanha, o que mais marcou foi a do “caçador de marajás”, o que significava que o Estado diminuiria o funcionalismo público, numa clara atitude neoliberal, já que uma das recomendações desse modelo é a retração do Estado e a terceirização de vários setores antes de responsabilidade do serviço público. Também se iniciou um forte ataque às ideologias de esquerda, classificando-as como datadas e ultrapassadas, algo que não combinaria com o novo mundo que se abria. A imprensa adotou esse discurso e não hesitou em dar pleno apoio a Collor na campanha presidencial de 1989, ainda que sempre haja exceções, chegando até mesmo a veicular denúncias contra o candidato da oposição, Lula, que diziam respeito a questões de ordem pessoal. Segundo Tarcísio Costa, a política tornou-se um palco, no qual Collor encenava seu dinamismo e juventude, símbolo da mudança e da renovação em relação à ditadura e a Sarney, associando governo e força física. Lula foi convertido em mau governante numa clara mistura entre vida pública e privada, já que foi acusado de irresponsável no campo conjugal por ter um filho fora do casamento. Assim, a mídia direcionou seu apoio ao candidato que chamou a esquerda de “jurássica”: Fernando Collor.<sup>7</sup>

Numa reação às práticas do presidente, Ricardo Antunes chamou o governo Collor de Bonapartista, por certo sabendo que o termo se aplicava a uma situação determinada espacial e historicamente. No entanto, adotou o termo por ver características marcantes desse tipo de regime no governo de Collor, que sob o argumento da manutenção da ordem, não respeitou o parlamento e fez da população massa de manobra. Cooptava o apoio popular com suas alusões aos descamisados e aos pés-descalços, o que culminou no discurso da posse, no qual afirmou que daria a própria vida em defesa dos pobres.<sup>8</sup> Collor foi a figura capaz de derrotar um possível governo de esquerda, que se configurava em Lula. A imprensa embarcou junto com o governo na defesa de medidas modernizantes, que transformariam a política, a economia e a sociedade brasileiras. Sem levar em conta os alertas de muitos intelectuais sobre os riscos do neoliberalismo, a mídia nacional contribuiu para as iniciativas presidenciais, que abriram o mercado brasileiro à economia internacional. Além disso, por algum tempo, ignorou a grande corrupção do governo Collor.

---

<sup>7</sup> COSTA, Tarcísio. Os anos noventa: o ocaso do político e a sacralização do mercado. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: Senac, 2000, p. 260.

<sup>8</sup> ANTUNES, Ricardo. *Op. cit.*, p. 8.

Trata-se de notar que o grande incentivo dos veículos de comunicação a Collor se explicam, em grande medida, pela maneira como foram distribuídas as concessões de canais de TV e rádio na década de 1980. Nas palavras de Leandro Fortes, o governo Sarney marcou o domínio da mediocridade na atividade política, baseada no controle da mídia por grupos reacionários e conservadores, com o ministro Antonio Carlos Magalhães à testa da distribuição, que consagrou o domínio familiar e regional dos meios de comunicação. Fortes, afirmou, ainda, que em um país onde os noticiários são dominados por esquemas de manipulação e censura, renovar politicamente “significa trocar seis por meia dúzia, ou por menos ainda”. Não foi à toa, pois, que Collor teve amplo apoio da mídia brasileira, já que era representante legítimo da aristocracia que predomina no Norte e Nordeste do país.<sup>9</sup> Grande parte dos veículos de imprensa eram e ainda são dominados por famílias dessas regiões no Brasil, como os Sarney (Maranhão), os Maciel e os Coelho (Pernambuco), os Alves (Rio Grande do Norte), os Franco (Sergipe), os Magalhães (Bahia) e os Collor de Melo (Alagoas), o que facilitou a vitória de Collor. Porém, esse traço não se restringe a essas regiões nacionais. É, na verdade, uma característica de todos os rincões brasileiros, já que há o monopólio da informação com os Campos (Mato Grosso do Sul), os Siqueira Campos (Goiás), os Andrada (Minas Gerais) e os Konder Reis e os Bornhausen (Santa Catarina).<sup>10</sup> Isso sem mencionar São Paulo, cuja imprensa encontra-se dominada pelos Frias e os Mesquita, e o Rio de Janeiro, onde os Marinho e os Nascimento Brito controlam os grandes meios de comunicação.

Já que a imprensa no Brasil era (é) marcada por domínios de grupos reduzidos, viu-se que sua vontade foi a que prevaleceu nas eleições presidenciais de 1989. Contudo, logo a situação mudaria, já que os interesses desses monopólios midiáticos foram afetados pelas medidas tomadas por Collor. Mesmo se tratando de grupos com interesses bastante diferentes – já que no Norte e Nordeste prevalece uma aristocracia rural e no Sul e Sudeste concentra-se o empresariado -, o fato é que tanto um como outro foram afetados pelos problemas econômicos que as práticas neoliberais causavam nas finanças internas. Na avaliação de Cano pode-se dizer que, no caso da agricultora, o projeto do governo que estabeleceu cortes nos subsídios trouxe graves dificuldades na safra de 1990-91, o que prontamente levou à reação dos grandes proprietários de terra no país.<sup>11</sup> No que concerne ao empresariado, Ricardo Antunes à época já concluía que o governo havia pecado na aplicação do neoliberalismo,

---

<sup>9</sup> FORTES, Leandro. Política interna. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 64-66.

<sup>10</sup> AMARAL, Roberto. A construção conservadora. In. \_\_\_\_\_. *FHC: os paulistas no poder*. Niterói, RJ: Casa Jorge Editorial, 1995, p. 60.

<sup>11</sup> CANO, Wilson. *Reflexões sobre o Brasil e a nova (des) ordem internacional*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1995, p. 56-61.

tanto que se tornou comum ouvir a frase “o remédio está correto, mas se deve acertar a dose”. O autor percebeu que a abertura da economia ao capital estrangeiro prejudicou as indústrias nacionais e asseverou:

Passada a euforia inicial que aglutinou os setores da ordem, percebe-se que a implementação do Projeto Collor, além de brutalmente nefasto para as classes trabalhadoras, tem tido como consequência a destruição e o sucateamento de parcelas do capital industrial privado. Uma fatia do empresariado vê-se na iminência da extinção, incapaz que é, por razões estruturais, de se igualar ao seu parceiro avançado. Teme, com razão, que a abertura para a tecnologia forânea leve à sua eliminação. Muitos setores vinculados ao grande capital começam a perceber que a aventura eleitoral trouxe consequências catastróficas... O sucateamento do nosso parque produtivo ainda atinge, de maneira aguda, o pequeno e médio capital e destrói o capital produtivo estatal. Suas consequências são, portanto, arrasadoras.<sup>12</sup>

Esse texto, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 25 de junho de 1992, mostrou que a imprensa começava a abrir espaço para artigos críticos ao governo. Na verdade, os interesses do capital nacional ligavam-se, em muitos aspectos, aos da imprensa, o que fez com que se avolumassem os ataques a Collor nos meios de comunicação. Esses problemas do setor produtivo brasileiro alinhavam-se à recessão econômica, causada pela incapacidade de se conter a inflação, e aos escândalos de corrupção, que se multiplicavam, o que afetou a credibilidade brasileira no estrangeiro e culminou com o afastamento do presidente. Para a imprensa, a falta de confiança externa significava a retirada de possíveis anunciantes estrangeiros, o que comprometia suas finanças. Trata-se de observar que o Projeto Collor prejudicou as elites regionais brasileiras, assim como criou um cenário adverso no exterior, batendo de frente com interesses da economia e da imprensa em geral. Assim, logo se concluiu o processo que tirou Collor do cargo, o executivo federal passou às mãos do vice, Itamar Franco, que em contradição com seu histórico político, de forte tendência nacionalista, continuou a executar o projeto de modernização do país sob forte pressão do grande capital nacional.<sup>13</sup> Isto porque a saída encontrada para a melhoria das indústrias e da agricultura nacionais era o investimento em tecnologia, o que foi possível mediante grande afluxo de capital estrangeiro que entrava com as primeiras privatizações de estatais.

---

<sup>12</sup> ANTUNES, Ricardo. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>13</sup> Poderia-se indagar sobre essa pressão sobre Itamar, posto que a abertura teria causado um desastre no setor produtivo, como disse Antunes. Porém, há de se matizar essa afirmação. Alguns setores produtivos foram afetados, sendo que outros tiveram um aumento de produção. De acordo com Barros, Mendonça, Foguel e Cruz, os setores que sofreram queda foram o farmacêutico, materiais elétricos, materiais plásticos, mecânico, metalurgia, mobiliário, químico, têxtil e vestuário e calçados. Já os que obtiveram aumento foram os de bebidas, borracha, fumo, material de transportes, papel e celulose, perfumaria e alimentício. Ver BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane; FOGUEL, Miguel; CRUZ, Luiz Eduardo. O impacto da abertura comercial sobre o mercado de trabalho brasileiro. In. *XXIV Encontro Nacional de Economia*. Campinas, 2006, p. 540.

O quadro político herdado por Itamar era bastante favorável, já que muitos segmentos se uniram para derrubar Collor. Do campo da direita – com o PFL<sup>14</sup> – até o centro-esquerda – com o PDT e o PT –, observou-se grande boa vontade com o novo presidente. No entanto, logo a cena mudaria, já que Itamar teve que se amoldar à ambigüidade característica de seu governo, que sustentava discurso social e aplicava elevada soma de capital nos grandes setores produtivos. Também as privatizações continuaram e uma das mais criticadas foi a da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A imprensa, principal responsável pela ascensão e queda de Collor, naquele momento colocou-se com mais cuidado na cena política, já que havia dado ampla base para o candidato que marcou uma das fases de maior corrupção no Brasil. Na tentativa de manter o posto do quarto poder, algo que há pouco se iniciava com o fim do regime autoritário e que ficou claro no processo de impedimento de Collor, a mídia resolveu agir com maior precaução. Contudo, mantinha-se firme no estímulo à modernização e à aplicação de novas práticas políticas e econômicas.

O maior problema do governo Itamar era a inflação que, desde o final da ditadura, não era contida. Nos governos Sarney e Collor ela tinha se mantido alta, corroendo a renda e prejudicando o nível de vida da maioria da população. Apenas com o Plano Real esta inflação encontraria limites. O ministro da Fazenda à época, Fernando Henrique Cardoso, com o apoio do governo, lançou as bases do Plano ainda em 1994, que entraria em vigor com o nome de Unidade Real de Valor (URV) e, em 1º de julho de 1994, converteu-se numa nova moeda, o real. Sustentado pela valorização cambial, a nova moeda estabilizou a economia apoiada pela abertura do mercado. A inflação, que até aquele momento corroía os bolsos da população,<sup>15</sup> manteve a média de 2% pós-julho de 1994, o que causou euforia e crédito financiado pela enxurrada de dólares que entrava no mercado interno, graças às altas taxas de juros aplicadas para atrair o capital internacional.<sup>16</sup> A contenção da inflação tornou-se o principal cabo eleitoral de FHC, que se desligou do ministério para candidatar-se à presidência.

Findo o mandato de Itamar, uma espécie de transição entre os dois governos notadamente neoliberais, assumiu FHC ancorado na queda da inflação e no Plano Real. Mesmo com a visível melhoria da condição de vida da população, o ataque ao governo neoliberal não cessou. Os intelectuais de esquerda continuaram a criticar esse modelo político,

---

<sup>14</sup> O Partido da Frente Liberal (PFL), a partir de março de 2007 mudou o nome da legenda para Democratas (DEM).

<sup>15</sup> Em 1989 a inflação atingiu a soma de 990% no ano.

<sup>16</sup> CANO, Wilson. *Soberania e política econômica na América Latina*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 238-239.

apesar de estudos que defendiam a eficiência das privatizações ocorridas entre 1991-1994.<sup>17</sup> O alvo das críticas ao governo, que contava com o pleno apoio da grande maioria da população, eram as questões sociais. Muitos das acusações remetiam ao programa de flexibilização aos direitos trabalhistas, propostos por FHC, fato que Canó fez questão de lembrar ao afirmar que uma das metas do presidente era demitir 251.500 funcionários públicos, além de abolir conquistas históricas garantidas pela Constituição de 1988.<sup>18</sup> Num texto recente, Marcio Pochmann deixou claro que entre 1989 e 2003 – período dos governos assumidamente neoliberais no Brasil -, o salário mínimo perdeu 50,9 % do poder de compra, o que se torna um ponto negativo dos resultados dessa política.<sup>19</sup>

Ainda em 1995, com a deflagração da greve dos petroleiros, os atos do presidente não passaram impunes pelos críticos. Se Collor chamou os esquerdistas de “jurássicos”, FHC nomeou os grevistas de “neobobos”. Aliás, essa greve foi um dos grandes problemas enfrentados pelo presidente no seu primeiro mandato, que contou com aprovação popular expressa na sua reeleição para um segundo governo. Carlos Nelson Coutinho afirmou, que engrossou a bibliografia contra o neoliberalismo e os problemas sociais do país, afirmou que “é uma perversa ilusão esperar que a lógica do mercado resolva esses problemas, tanto no Brasil como internacionalmente. Isto, aliás, demonstra a falácia do neoliberalismo, cuja ideologia e prática levam necessariamente à exclusão”.<sup>20</sup> Segundo Canó, essa postura não era novidade, afinal, FHC teria se unido com o que havia de mais conservador no espectro político nacional, como o PFL, o PPB e líderes da comunicação, o que resultou na sua vitória, ancorada nessa elite. Ainda nas suas palavras, “tanto na campanha quanto no exercício do mandato, FHC teve maciço apoio da mídia, onde predominou o aplauso (e a omissão), e onde a crítica tornou-se rara”.<sup>21</sup>

É verdade que a imprensa foi conivente com o governo, não publicando grandes críticas às atitudes do presidente. Se com Collor ficou visível a atuação e empenho da mídia em derrubá-lo, revelando ao público as mazelas do governo e até mesmo denúncias ainda não comprovadas, no caso de FHC muitos problemas foram ignorados. No caso Collor, por exemplo, Alberto Dines classificou de insana a atuação da imprensa:

---

<sup>17</sup> Ver PINHEIRO, Armando Castelar. No que deu, afinal, a privatização? In. *XXIV Encontro Nacional de Economia*. Campinas, 1996, p. 156-174.

<sup>18</sup> CANO, Wilson. *Soberania e política econômica...* p. 251.

<sup>19</sup> POCHMANN, Marcio. Trabalho e renda. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 42.

<sup>20</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre a democracia e o socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 138.

<sup>21</sup> CANO, Wilson. *Soberania e política econômica...* p. 230-231.

O que a *Veja* fez com Pedro Collor foi uma loucura! Pegar o irmão do presidente e publicar acusações, sem investigar! E se fosse mentira dele? Eles iam publicar na seção de cartas: “Erramos”. Por sorte, e azar do Collor, o Pedro Collor tinha razão. Mas podia não ter. E muitas outras coisas. Eu, na ocasião, vinha pegando as coberturas e dizendo: “Meu Deus! Isso não está investigado, isso é puro editorial! É opinativo, não é uma investigação”. Antes de a CPI estar constituída, eu estava aqui no Brasil. A CPI foi constituída numa segunda-feira, ou terça, e no fim de semana a *Folha* já estava lançando as páginas do *Collorgate*. Quer dizer, já era um prejulgamento. E se a CPI não apurasse nada? Mas a *Folha* já estava para derrubar o Collor.<sup>22</sup>

Esse tipo de postura acusatória não se repetiu no mandato de FHC. Em muitos casos, predominou foi a omissão. Um episódio a destacar foi a conversa do ministro Rubens Ricupero com o jornalista Carlos Monforte, em 1994, antes de uma entrevista que seria gravada. De acordo com Arbex Jr., Ricupero não esperava que sua voz fosse captada por antenas parabólicas e afirmou ao jornalista que o Plano Real era eleitoreiro, pois o que era bom se divulgava e o que era prejudicial, escondia-se. Ainda nas palavras de Arbex Jr., o ministro afirmou que a Globo tinha sorte de poder usá-lo para apoiar Fernando Henrique indiretamente e assumiu que não tinha escrúpulos.<sup>23</sup> André Garcia também dirigiu duras críticas a FHC, ao referir-se à época de campanha. Na sua avaliação, desde 1994 Fernando Henrique incorporava a figura de um “garoto-propaganda”, que anunciava as riquezas do Brasil:

O papel de FHC, além de articulador político para aprovação do Real e seus elementos de suporte, reformas e das privatizações, fora, desde seus tempos de ministro, de um competente garoto-propaganda das oportunidades de investimento no Brasil. Em suas viagens ao exterior, nunca esquecia de lembrar aos investidores estrangeiros como o Brasil se tornaria uma “mina de ouro”, com empresas a preços baratos para o padrão internacional, além de estatais com grande potencial de crescimento prontas para serem vendidas nos leilões de privatizações, também a preços módicos.<sup>24</sup>

Num estudo sobre o posicionamento da *Veja* frente ao primeiro mandato de FHC, Vanderlei Souza Carvalho destacou o peso da revista na formação da opinião pública nacional, já que era lida, em 1998, por cerca de 4,5 milhões de pessoas semanalmente. Valendo-se do conceito de hegemonia proposto por Gramsci, no qual a classe dirigente assegura o poder logrando o consentimento coletivo, o autor afirmou que o semanário atuou como disseminador de uma concepção de mundo, defendendo as diretrizes neoliberais do

<sup>22</sup> ABREU, Alzira Alves de. *Jornal do Brasil: uma reforma famosa*. In. ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 148.

<sup>23</sup> ARBEX JR., José. *Sournalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001, p. 83.

<sup>24</sup> GARCIA, André de Oliveira. *Aspectos políticos, econômicos e ideológicos da reforma econômica da década de 90 (1990-2000): uma revisão do processo de desnacionalização*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 190. (dissertação de mestrado).

programa de governo do presidente. Constatou que *Veja* colocou-se contra o sistema público, sempre destacando sua ineficácia, o que indica o ataque à universidade pública, saúde, previdência social e os benefícios históricos dos trabalhadores. Na mesma linha, apoiou as atitudes de FHC na reação à greve dos petroleiros em 1995 e defendeu a desindexação dos salários. Como consequência final dessa postura, a publicação iniciou uma seqüência de artigos que atribuíam às privatizações a possibilidade de modernização do país.<sup>25</sup> Na sua edição número 1556, de 22 de julho de 1998, a revista fez um balanço sobre as privatizações e concluiu que não foram prejudiciais ao setor produtivo nacional:

Quando as privatizações começaram, em 1991, muitos duvidaram de que seguiriam adiante, tamanha era a pressão política para que as estatais permanecessem nas mãos do governo. Agora, sete anos depois, já dá para fazer um balanço do que aconteceu. O parque siderúrgico brasileiro não é mais estatal – e não foi demolido e jogado no mar como diziam os que eram contra sua venda. A Companhia Vale do Rio Doce já não pertence ao Estado e nenhum interesse estratégico do país foi atingido. O lucro da Vale melhorou. A concessão da telefonia celular a empresas privadas já está colocando celulares baratos numa praça ávida para comprá-los. Nesse tempo, o governo federal e os governos estaduais colheram cerca de 60 bilhões de dólares, parte em dinheiro vivo, parte em dívidas transferidas para os compradores das empresas, ou concessionários de serviços públicos.<sup>26</sup>

No entanto, esta era apenas uma visão entre outras possíveis. Para justificar a privatização de empresas estatais, *Veja* tomou como referência um ponto específico, o setor siderúrgico, e não ampliou o campo de análise. Ainda na concepção de Carvalho, o semanário valeu-se do seu posto de grande meio de comunicação para fazer propaganda em prol de um sistema que lhe agradava e, para tanto, valeu-se de números e estatísticas que davam um tom de isenção e cientificidade às afirmações.<sup>27</sup> Contudo, outras pesquisas revelaram que a questão não era tão simples. Câmara, por exemplo, demonstrou que os lucros provenientes das privatizações não eram tão favoráveis, pois:

No período que compreende o início do governo FHC até dezembro de 1998, se somados todos os “incentivos” do governo federal e de seus Estados aliados, verificasse que as dívidas pagas pelo governo para as estatais antes da venda, os investimentos feitos para modernizar as empresas, os prejuízos subsidiados pelo governo e outros “benefícios” totalizam 87,6 bilhões de reais; enquanto o que o governo arrecadou, incluindo as dívidas transferidas aos novos donos, resulta em um montante de 85,2 bilhões de reais. Assim, o bom negócio tão propalado pela mídia e pelo governo não passou de um presente do Estado ao grande capital.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> Ver CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e neoliberalismo no Brasil (1995-1998): o posicionamento da revista Veja no primeiro governo FHC*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 38-85. (dissertação de mestrado).

<sup>26</sup> Citado em CARVALHO, Vanderlei Souza. *Idem*, p. 102.

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> CÂMARA, Marcelo Barbosa. *Op. cit.*, p. 17-18.

Por não levar em consideração outros pontos de vista e publicar a visão de mundo que mais interessava naquele momento, *Veja* funcionou como instrumento político-ideológico em dois sentidos, segundo Vanderlei Carvalho:

Como meio de comunicação numa sociedade capitalista, *Veja* é aqui tratada a partir de uma dupla caracterização: empresa de comunicação e meio de informação. Como empresa de comunicação, a revista operou como reflexo dos interesses e apreensões do meio social ao qual estava vinculada, ou seja, representou interesses da classe dominante, sem desconsiderar os interesses e a visão de mundo de seus leitores. Como meio de informação participou da formulação do consenso em torno do projeto político em pauta no país, o que vale dizer que tomou partido nas disputas políticas em curso, perfilhando-se ao projeto neoliberal.<sup>29</sup>

Aloysio Biondi seguiu a mesma interpretação, pois afirmou que os meios de comunicação foram um poderoso aliado às medidas do governo, numa massiva campanha de desmoralização das estatais e na repetição de um discurso que apresentava o Estado como incapaz de investir.<sup>30</sup> Como se percebeu no exemplo de *Veja*, a imprensa sustentou a idéia de que as privatizações não prejudicaram o setor produtivo nacional, o que em parte é verdade, isto porque muitas pesquisas do XXIV Encontro Nacional de Economia (ANPEC), de 1996, atestaram que o primeiro período das vendas de estatais não prejudicou a economia interna, pelo contrário, em alguns aspectos melhorou. No entanto, esses estudos tomaram como referência apenas a questão econômica, e desprezaram outras problemáticas relevantes, como o reflexo das vendas no campo social. Assim, nesse mesmo encontro, Marcio Pochmann chamou a atenção para o aumento do desemprego causado pela modernização:

A dimensão estrutural do desemprego no Brasil estaria associada também ao abandono do projeto de industrialização, à crise dos anos oitenta e ao processo abrupto de abertura comercial e de reestruturação empresarial em curso nos anos noventa. O crescimento das ocupações por conta própria, de assalariados sem carteira e das taxas de desemprego, constatado através de séries estatísticas produzidas por pesquisas sistemáticas do DIEESE e Fundação SEADE, em parceria com outras instituições de pesquisas e análises estaduais, revela o perfil e a dimensão do desemprego, recolocando constantemente a necessidade de implementação de um conjunto de medidas voltadas para a geração de emprego e renda no Brasil.<sup>31</sup>

O fato é que mesmo com todas as críticas direcionadas ao neoliberalismo e ao governo FHC, provenientes de setores da esquerda nacional, partidários ou não, a melhoria da condição de vida da população, especificamente no que se relacionava à baixa inflação, era inegável – apesar do desemprego. Essa manutenção dos preços, que há mais de uma década

<sup>29</sup> CARVALHO, Vanderlei Souza. *Op. cit.*, p. 143.

<sup>30</sup> BIONDI, Aloysio. *O Brasil privatizado – um balanço do desmonte do Estado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 14.

<sup>31</sup> POCHMANN, Marcio. O problema recente do emprego no capitalismo contemporâneo. In. *XXIV Encontro Nacional de Economia*. Campinas, 1996, p. 526.

não se estabilizava, garantiu ao presidente altos índices de aprovação, tanto que seria reeleito para um segundo mandato em 1998. A partir desta data, porém, as conseqüências dessa política apareceram com maior ênfase. Antes do término do primeiro governo de FHC, os ataques não surtiam efeito, já que o principal drama da população estava controlado: a inflação. Contudo, com a crise que atingiu a economia brasileira a partir de 1998 e com as medidas do governo para contê-la, surgiram reações mais contundentes dos opositores, entre os quais a revista *Caros Amigos*. Muitos intelectuais de esquerda engajaram-se em provar que o modelo econômico adotado no Brasil desde o início da década de 1990 era ineficaz e seus efeitos começavam a se fazer sentir.

À época, Ricardo Antunes desnudava a posição da imprensa diante da campanha que levaria ao segundo mandato. Apesar dos sinais de crise econômica e das possíveis conseqüências estruturais para o Brasil, os grandes meios de comunicação mantiveram o apoio ao modelo neoliberal, sem análises mais profundas. De acordo com Antunes, as peças políticas movimentavam-se para a reeleição, isso com grande apoio da imprensa:

Forjou-se, então, um leque de forças da ordem, começando pela extrema direita malufiana, pela condução firme de ACM (afinal, no governo FHC o pêndulo sempre fica deste lado), chegando até os *mercadores dos ibopes*. Com a mídia monopólica global, em sua *hora oficial do Brasil*, mostrando a importância de preservar as aves e outros pássaros nas Ilhas Molucas, onde habita a espécie dos molucanos... Tudo muito *politicamente correto* se o país não estivesse se atolando na crise global *em pleno processo eleitoral*. Da nossa crise pouco ou nada se falava. Era preciso primeiro vencer, no primeiro turno, sem discutir e debater.<sup>32</sup>

Iniciado o segundo mandato, alguns estudos sustentaram um tom bastante crítico contra o governo, com destaque para Paul Singer e Aloysio Biondi. O primeiro fez uma análise ampla das conseqüências da política neoliberal no Brasil, enquanto o segundo ateu-se à questão das privatizações. Singer, concluiu que a crise que atingiu o país em 1998 era inevitável diante do afluxo gigante de capitais que entraram na economia nacional. Essa reserva de dólares fez com que o real se valorizasse e, como conseqüência, o poder de compra brasileiro elevou-se, o que propiciou um aumento de importações entre 1993 e 1998, que passaram de 25,3 para 60 bilhões, montante não acompanhado pelas exportações.<sup>33</sup> Frente ao déficit crescente, logo no início do segundo mandato, FHC recorreu ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e obteve empréstimo de 41 bilhões de dólares, sob a condição de realizar um ajuste fiscal que previa a queda do déficit público e de gastos sociais. Nas palavras de Singer, com o fim do *boom* do capital externo,

---

<sup>32</sup> ANTUNES, Ricardo. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>33</sup> SINGER, Paul. *O Brasil na crise: perigos e oportunidades*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 63-71.

Começou então a degradingolada. Cai a demanda interna, empresas e consumidores tornam-se inadimplentes, bancos começam a quebrar e têm de ser salvos pelo Banco Central; as empresas menores e mais frágeis quebram, deixando milhares de trabalho e renda; empresas maiores se fragilizam, encerram parte de suas atividades ou são vendidas a multinacionais; num caso ou noutro milhares de empregados são demitidos. A demanda cai ainda mais, intensificando a recessão e seus efeitos.<sup>34</sup>

Biondi, totalmente contrário ao processo de privatizações, publicou um pequeno livro que destacou todos os problemas e jogadas do governo para desmoralizar as estatais e privatizá-las, segundo seu próprio termo, “a preço de bananas”. Ao longo das breves quarenta e oito páginas, o jornalista contestou as principais vendas de empresas públicas, especialmente as ligadas ao sistema de telefonia, energia elétrica, extração mineral e bancário. Afirmou que em vez de melhorias, diminuição das dívidas – interna e externa – e regulação financeira, as privatizações apenas pioraram a economia e sociedade brasileiras, já que não resolveu as questões financeiras e, ainda, piorou a qualidade do emprego. Ancorado em estatísticas e tabelas, demonstrou o que classificou como “o desmonte do Estado”, além de criticar de forma incisiva o governo FHC. Iniciou seu texto de forma irônica: “aproveite a política de privatizações do governo brasileiro. Confira nas páginas seguintes os grandes negócios que foram feitos com as privatizações – “negócios da China” para os “compradores”, mas péssimos para o Brasil”.<sup>35</sup> E da mesma maneira concluiu sobre a abertura das reservas de petróleo brasileiras a empresas privadas, o que chamou de “golpe final”:

O governo abriu licitações para a exploração de petróleo em várias áreas do país. As empresas interessadas devem fazer um “lance”, uma proposta inicial. Qual foi o lance? Quantos milhões? Quantos bilhões? Ora, por quem sois. As empresas ofereceram de 50 mil a 150 mil reais pelo petróleo que o governo FHC está leiloando. O Brasil vai se vender por 50 mil reais.<sup>36</sup>

Carlos Nelson Coutinho, por sua vez, afirmou que o destino do Brasil estava hipotecado e que não seria mais do que uma perversa ilusão esperar que a lógica do mercado resolvesse nossos problemas, no Brasil ou internacionalmente. E completou: “isto, aliás, demonstra a falácia do neoliberalismo, cuja ideologia e prática levam necessariamente à exclusão”.<sup>37</sup> Trata-se, pois, de notar que foi se construindo um discurso de esquerda no Brasil, capaz de sustentar o surgimento de uma revista crítica e interessar um público leitor. Vale lembrar que, com a crise de 1998, o desemprego atingiu um dos índices mais altos da história, fato que não passou despercebido por Singer, que desferiu duro ataque a FHC:

<sup>34</sup> Idem, p. 119.

<sup>35</sup> BIONDI, Aloysio. *Op. cit.*, p. 5.

<sup>36</sup> Idem, p. 35.

<sup>37</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Op. cit.*, p. 124 e 138.

O equívoco poderia ser desculpado se o presidente fosse um político profissional, obrigado a confiar em sua equipe econômica. Mas, o presidente é um intelectual brilhante, que não precisa confiar em seus auxiliares. Por isso, a aposta perdida [o neoliberalismo] só pode ser atribuída a FHC, pessoalmente.<sup>38</sup>

Pode-se afirmar a existência de uma produção acadêmica que não se acomodava à idéia do fim da história e que sustentava o discurso socialista e/ou de esquerda. No entanto, tal discurso era constantemente sufocado pela grande imprensa, que insistia em veicular apenas os benesses da globalização e do neoliberalismo. Desenhava-se uma via de mão dupla: de um lado, o discurso da esquerda, que se valia dos intelectuais universitários ligados a essa ideologia e de pequenos veículos de imprensa que surgiam; de outro, os grandes meios de comunicação, que com seu potencial de formação da opinião pública ou mostravam as vantagens obtidas pela população com a abertura econômica e privatizações, ou simplesmente não comentavam os assuntos polêmicos e os problemas resultantes do modelo econômico, como alertou Ricardo Antunes. Esse domínio da grande imprensa sobre a opinião pública foi facilitado graças ao desenvolvimento tecnológico, acentuado nos anos 1990, que contribuiu para a ampliação das formas de comunicação. Nesse processo, as TVs ficaram cada vez mais acessíveis à grande massa populacional e o jornalismo eletrônico transfigurou-se no grande orientador do pensamento nacional, com destaque para o *Jornal Nacional*, da Rede Globo.

Além disso, ocorreu uma revolução na diagramação dos jornais e revistas, que se tornaram mais atraentes e coloridos, o que contribuiu para o aumento no número de leitores. Essas modificações nos impressos eram necessárias para acompanhar os novos recursos multimídias dos computadores, que uniram imagem, movimento, cor e som. Os resultados foram satisfatórios pois, mesmo com todas as previsões pessimistas quanto à manutenção dos impressos, o gênero mantém-se ainda hoje e, em alguns casos, aumenta suas vendas. Dentre os obstáculos que os jornais e revistas enfrentaram além da TV, destaca-se a internet, que entrou no Brasil em 1995. No entanto, aqui, a venda dos periódicos impressos cresceu 11,8 % em 2007, percentual que superou em muito a média mundial, de 2,6 %.<sup>39</sup> De fato, os departamentos de marketing das grandes empresas de comunicação souberam fazer bom uso da internet. Como observou Alzira Alves de Abreu, todos os grandes jornais diários contam com um site na rede, o que se tornou fonte de credibilidade. Ademais, a internet transformou-

---

<sup>38</sup> SINGER, Paul. *Op. cit.*, p. 79.

<sup>39</sup> LUCENA, Eleonora de. O futuro dos jornais. *Folha de S. Paulo*, 8 jun. 2008, p. 4 (Caderno *Mais!*).

se num meio importante de divulgação, pois na maioria das vezes não se tem acesso a todo conteúdo, a não ser que o leitor se torne assinante do serviço *online* ou do jornal impresso.<sup>40</sup>

O novo jornalismo, ancorado nos recursos tecnológicos atuais, assemelha-se às indústrias, com produção em série de informações. A tiragem aumentou assim como a pressão sobre o jornalista, que trabalha em tempo cada vez menor. Os profissionais passaram a escrever várias matérias ao mesmo tempo, além de cuidar da diagramação, escolher as fotos e auxiliar na produção do periódico, uma vez que o número de pessoas na redação diminuiu. A lógica do mercado influiu (influi) cada vez mais no fazer jornalístico, aumentando a concorrência e transformando a informação em notícia, ou, segundo Marcondes Filho, em produto.<sup>41</sup> Nesse sentido, Abreu concluiu:

No novo jornalismo, submetido à pressão da concorrência – que afinal resume todos os outros tipos de pressão –, os jornalistas também são submetidos a regras mais explícitas, destinadas a aumentar a eficiência do processo coletivo de trabalho. Seria esse, e não mais o “talento individual”, o grande triunfo do jornalismo moderno.<sup>42</sup>

O jornalista de hoje tem que ser um profissional pragmático, em oposição ao passado, quando a profissão era mais engajada, quando intelectuais tinham mais participação, defendiam suas idéias e desejavam influir nos rumos políticos da nação. Ao longo dos séculos XIX e XX, jornalismo, imprensa e intelectuais eram muito próximos, como atestam os casos de Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e outros, que marcaram época em diferentes periódicos. Nesse sentido, vale citar mais uma vez Abreu:

Os jornalistas que até bem pouco tempo atrás podiam ser considerados os porta-vozes da opinião pública, hoje estão cada vez mais distantes desse papel, que é desempenhado pelas pesquisas de mercado. São elas que, através da consulta permanente ao público, revelam o que ele pensa, quais os seus gostos e preferências. São essas informações que orientam a posição da mídia e dos políticos.<sup>43</sup>

Muito do que se publica atualmente na imprensa, deve-se a esse cenário, que objetiva muito mais o lucro do que a responsabilidade pública. Na disputa pelo leitor, não raras vezes os periódicos lançam a cada semana um novo escândalo, que envolve personalidades da vida

<sup>40</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 55-57.

<sup>41</sup> Informação não é notícia, não é produto. Diz ele: “Uma informação pura e simples não é mercadoria. Para tanto, é preciso que ela seja transformada em notícia. Um acidente só vira notícia se nele estiver envolvido alguém, que o jornal pretende destacar, conforme suas intenções, positiva ou negativamente. O jornal, então, cria, a partir da matéria-prima *informação*, a mercadoria *notícia*, expondo-a à venda (por meio da manchete) de forma atraente. Sem esses artifícios a mercadoria não vende, seu valor de troca não se realiza”. Ver MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986, p. 25.

<sup>42</sup> ABREU, Alzira Alves de. *Op. cit.*, p. 37.

<sup>43</sup> Idem, p. 33.

pública, seja da política, do meio artístico, empresarial ou esportivo, com revelações sobre questões que envolvem justiça e política. É aí que as análises sobre economia, política e cultura perdem espaço para questões de outra ordem, com o predomínio da banalização da informação. Portanto, pode-se afirmar que havia um nicho de mercado para uma revista como *Caros Amigos*, lançada com o intuito de se contrapor à grande imprensa e ao capitalismo. Se as empresas de comunicação coadunavam-se ao neoliberalismo, juntamente com a elite nacional, existia uma lacuna na imprensa brasileira, que desse outra visão de mundo. Vale lembrar que, num outro contexto, os chamados jornais nanicos também contestaram a ordem ditatorial vigente.

Entretanto, com a crise do regime militar, a grande imprensa retomou seu fôlego. A censura abrandou a partir do governo Geisel, ainda que tal liberdade não tenha se estendido a todos os periódicos. Nos primeiros anos da década de 1980, as bancas de jornais e revistas que insistiam em vender as edições dos jornais alternativos sofreram atentados a bombas, o que levou suas vendas a cair em 50 %, inviabilizando sua sobrevivência,<sup>44</sup> o que alerta para a complexidade do período, em que se travou dura batalha entre liberalização e endurecimento do regime. Mesmo jornais que fizeram sucesso, como o *Pasquim*, que chegou a ter tiragem de 200 mil, não agüentou a pressão, o que abriu o caminho para a expansão da grande imprensa.

Segundo Otávio Frias Filho, o visível desenvolvimento e o ganho de autonomia das grandes empresas de comunicação levou-as, no início do século XXI, a não depender mais da publicidade oficial (governamental) que, no geral, julgou irrisória, se comparada aos anúncios de grandes empresas privadas. Afirmou, ainda, que a imprensa continua a ser a mais importante formadora de opinião pública, além de assumir que a *Folha de S. Paulo* apoiou a ideologia liberal.<sup>45</sup> A julgar pelas palavras de Frias Filho, entende-se que o alinhamento de sua empresa com o governo FHC deu-se por compartilharem de mesma ideologia e visão de mundo, isto é, uma opção de classe e autônoma. Contudo, a questão é mais complicada e exige precaução, já que as relações das empresas de comunicação com o poder político não se resumem apenas à publicidade, trilhando caminhos muitas vezes obscurecidos para o público em geral, o que prejudica o pleno esclarecimento dessas imbricações. Se por um lado o proprietário da *Folha de S. Paulo* tende a minimizar as relações do governo com a imprensa, por outro, Mino Carta demonstra que a problemática toca a discussões mais amplas, o que

---

<sup>44</sup> BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: UNB, 1991, p. 99-100.

<sup>45</sup> Depoimento de Otávio Frias Filho. Ver ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 374-375 e 383. Indagado se seu jornal seria neoliberal, Frias Filho respondeu: “Os jornais brasileiros em geral, e de outros lugares do mundo, *grosso modo*, são jornais do tipo liberal. E acho que a *Folha* se enquadra nessa categoria”.

oferece outras interpretações do quadro. Para o jornalista, assumidamente de esquerda, a grande imprensa mantém estreitas relações com o poder:

Minha visão da imprensa brasileira, infelizmente, é essa: a imprensa no Brasil serve ao poder, porque é parte fundamental do poder. E os profissionais, normalmente, servem aos seus patrões. Eu me vejo como um marginal. Até 1975 trabalhei em grandes empresas, onde fiz um trabalho dedicado, digamos assim, e certamente leal, mas desde 76 sou um profissional que tem de inventar o seu emprego, porque eu não tenho emprego naquilo que se costuma chamar, não sei bem por quê, de grande imprensa. Imprensa muito ruim, se comparada aos parâmetros elevados da imprensa mundial. Provinciana, jactanciosa, que imprime em cores, quando grandes jornais do mundo são em preto-e-branco.<sup>46</sup>

Se bem observadas, não se tratam de opiniões diversas. Enquanto Otavio Frias Filho infere que a grande imprensa já não depende das verbas oficiais – o que não quer dizer que não tenha relações com o poder –, Mino Carta atesta que no Brasil o jornalismo e a política misturam-se – o que não quer dizer que isso ocorra por dependência financeira. Tratam-se, então, de diferentes vertentes de uma mesma observação, na qual cada um destacou a parte que mais lhe interessava. Na verdade, o que ambos disseram parece correto. É fato que as empresas jornalísticas libertaram-se da influência econômica do Estado, muito em função da abertura comercial brasileira, uma vez que as empresas transnacionais investem maciçamente em publicidade. O resultado disso é que 80 % da renda do jornalismo vêm de anúncios. Por um lado, isso deu maior campo de ação para os jornais frente ao governo mas, por outro, deixou os periódicos dependentes do capital privado. Por isso é raro ver uma denúncia contundente contra anunciantes reais ou potenciais e, quando ocorre, é feito por meio de linguagem técnica, sem análises pormenorizadas ou juízos de valor, de acordo com as características do novo jornalismo – que se quer antes de tudo pragmático.

Tal objetividade mudou o padrão da imprensa brasileira, que é marcada pelos manuais de redação, que impõem regras de produção do texto aos jornalistas, com forte tendência à homogeneização. Aliás, uma das características atuais mais marcantes é a padronização da notícia, seja em noticiários eletrônicos ou periódicos impressos. O que sai publicado em um jornal também aparece em quase todos os meios de comunicação. Não é novidade o fato de a imprensa controlar o que vai virar notícia e o que não vai. Os fatos são hierarquizados e decide-se o que o público deve saber, como o próprio Evandro Carlos de Andrade – chefe de jornalismo da Rede Globo por muitos anos – assumiu: “a notícia o que é? É você transformar

---

<sup>46</sup> Idem, p. 184.

um fato qualquer em objeto de divulgação. Se não foi objeto de divulgação, a notícia não existiu. O fato existiu, mas a notícia não”.<sup>47</sup>

Muito dessa nova face da imprensa está ligada à crescente concorrência. Os assuntos que se tornam polêmicos não podem ser desprezados pelas publicações, sob o risco de perder leitores. Isto é, o mercado impõe regras de devem ser seguidas pelas empresas para que se mantenham saudáveis financeiramente e, dentro dessas regras, está o tipo de texto adotado pelo novo jornalismo, marcado pela impessoalidade, tom seco, descritivo e rigoroso, no qual se evitam opiniões, que são reservadas às colunas assinadas. A tática usada para atrair o leitor não é mais a postura ideológica e política, os discursos apaixonados. Agora reinam os recursos imagéticos (cores, fotos, papel, diagramação), investe-se no visual, aposta-se na divisão dos assuntos em cadernos, receita para satisfazer públicos diversos. No caso das revistas, as de interesses gerais tendem a desaparecer, já que os jornais cumprem esse papel, o que dá espaço à segmentação do gênero por assuntos e possíveis leitores.<sup>48</sup> No entanto, seja no jornal ou revista, seja nos meios eletrônicos ou impressos, o fato é que a discussão profunda desapareceu e os debates públicos perderam importância. Surgiu o que Pereira Filho chamou de “pílula-informativa”, notícias rápidas que satisfazem a ânsia imediata por informação, mas que não contribui para o desenvolvimento do leitor. São textos curtos, descontextualizados e que disputam espaço com os anúncios publicitários que desviam a atenção do público. Noutros termos, a ideologia está convenientemente oculta e se trata de atuar como qualquer empresa capitalista, que vende seus produtos no mercado. Como resume Marcondes Filho, há uma patologia de princípios na imprensa brasileira.<sup>49</sup>

Quanto à manifesta padronização, é obvio que nem todos os jornalistas comungam com o ideário da empresa na qual trabalham e, por vezes, tentam exercer a profissão de maneira mais crítica, com maior ou menor sucesso. Há uma luta diária nas redações e não se pode negar que alguns adaptam as suas matérias e delas se valem como capital de troca para agradar editores que são, por sua vez, os que colocam em prática a política dos proprietários.<sup>50</sup> De acordo com Marcondes Filho, por exemplo,

O mundo que o jornalismo recria é, portanto, um outro mundo, com outros fatos e outra atribuição de importância, que já não tem muito a ver com a realidade. É um

---

<sup>47</sup> Idem, p. 63.

<sup>48</sup> Ver MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2003.

<sup>49</sup> CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994, p. 108.

<sup>50</sup> DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 76-77.

mundo forçado, cristalização ideológica da realidade que seus produtores almejam e situam como ótima.<sup>51</sup>

Manuel Carlos Chaparro, por seu turno, concluiu:

O escamoteio ou distorção de informações; as pautas motivadas por interesses particulares não revelados; a irresponsabilidade com que se difundem falsas informações ao público; a acomodação dos repórteres a um jornalismo de relatos superficiais; os textos confusos e imprecisos; a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar, denúncias que favorecem ou prejudicam alguém; a freqüente prevalência dos objetivos do marketing sobre as razões jornalísticas; o desprezo pelo direito de resposta; a arrogância com que se protege o erro e se faz a apropriação anti-social do direito à informação (direito do leitor) – são claros sintomas de um desequilíbrio de identidade do jornalismo, enquanto função social.<sup>52</sup>

Enquanto isso, Perseu Abramo valeu-se de uma metáfora para caracterizar a imprensa hodierna:

A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real.<sup>53</sup>

Tais reflexões também foram feitas por Nelson Werneck Sodré:

A farsa que, no desenvolvimento do processo, torna cada vez mais claro o sentido daquilo que, no Brasil atual, se pretende conhecer e aceitar como democracia, coloca como escândalo não apenas o conceito de democracia como o de realidade nacional, sempre escondida nos grandes jornais e revistas, na imprensa que, pouco a pouco, aparece com os seus traços definidores inconfundíveis de alavancas suportando a alienação e buscando convencer os leitores de que o quadro apresentado, nessa unanimidade torpe de opiniões, resulta de uma fatalidade, a que todos devem se curvar. Na verdade, a imprensa oligopolizada e veiculada à estrutura social e política vigente definiu a sua alienação e perdeu qualquer traço do que é nacional aqui. A alienação é o seu retrato.<sup>54</sup>

Observa-se, pois, que há uma corrente de estudos que se desenvolveu especialmente nos anos 1990, vinculada a uma visão mais crítica da realidade nacional, especificamente no que concerne à atuação da grande imprensa e ao neoliberalismo e globalização. Os resultados provenientes dessas pesquisas estabeleceram uma opção diferenciada quanto ao cenário atual, seja no âmbito brasileiro ou internacional, o que sustentou a ideologia de esquerda que seria o fulcro dos novos periódicos alternativos. Na verdade, foi uma tendência mundial do final da década, já que vários movimentos contrários à globalização se espalharam por todos os continentes. Como exemplos podem-se citar os de Seattle, Genebra e os Fóruns Sociais

<sup>51</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. *Op. cit.*, p. 51.

<sup>52</sup> CHAPARRO, Manuel Carlos. *Op. cit.*, p. 108.

<sup>53</sup> ABRAMO, Perseu. *Op. cit.*, p. 24.

<sup>54</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. XVIII. Tais reflexões tratam-se de um pós-escrito anexado à reedição de sua obra.

Mundiais. As conseqüências das políticas neoliberais adotadas em muitos países foram o estopim das manifestações, já que o número de marginalizados cresceu vertiginosamente durante os anos 1990, além de se verificar o crescimento da desigualdade no âmbito social e entre os diferentes países. Em perspectiva internacional, os ataques não se restringiram à intelectualidade brasileira, como atesta a breve descrição de Bourdieu sobre o neoliberalismo:

Tudo o que se descreve sob o nome ao mesmo tempo descritivo e normativo de “globalização” é efeito não de uma fatalidade econômica, mas de uma política consciente e deliberada, mas o mais das vezes inconsciente de suas conseqüências. Totalmente paradoxal, uma vez que se trata de uma *política de despolitização*, essa política que bebe desavergonhadamente no léxico da liberdade, do liberalismo, da liberalização, da desregulamentação visa conferir predomínio fatal aos determinismos econômicos, *liberando-os* de todo controle, e submeter os governos e os cidadãos às forças econômicas e sociais assim “liberadas”.<sup>55</sup>

Hobsbawm vai além e afirma que, caso não se mude as condutas políticas e econômicas impostas pelo capitalismo, o futuro da humanidade corre riscos, como demonstram as últimas palavras de seu livro que tratou de todo o século XX:

Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto e por quê. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso [...] é a escuridão.<sup>56</sup>

Trata-se claramente de um olhar preocupado e pessimista com os resultados do capitalismo no final do século passado que é, por sua vez, defendido por muitos produtores e consumidores de informações. Francis Fukuyama, que estabeleceu o fim da história e o predomínio do capitalismo, encontrou adversários diversos. No Brasil não foi diferente. A esquerda assumiu o posto de guardiã dos interesses sociais em detrimento do capital e manteve um discurso crítico ao neoliberalismo. Com a crise do capitalismo, que se instalou no fim do século passado e início do XXI, essa intelectualidade organizou vários periódicos, que surgiram para contestar o sistema e a política nacional. Nesse quadro abriu-se novamente uma trincheira para que um jornalismo alternativo combatesse do lado dos interesses coletivos, contra a uniformidade midiática. Claro que a batalha com a grande imprensa e com o mercado é algo desgastante e que exige perseverança e coragem, mas para os que se lançaram a esta empreitada e conseguiram se fixar coube um papel de resistência ao marasmo propugnado pela cultura do consenso. São a estes que Nelson Werneck Sodré felicitou por se

<sup>55</sup> BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 60. (grifos no original)

<sup>56</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995, p. 563.

configurarem em espaço de guarida para os setores menos favorecidos da sociedade. Num pós-escrito, que abriu a quarta edição de seu livro *História da imprensa no Brasil*, incentivou o esforço de pequenos jornais e revistas que surgiram nos últimos anos tentando frear a inércia jornalística do Brasil contemporâneo, que trouxeram com mais clareza e justeza a paisagem social e política do país, tentando quebrar, ou no mínimo, amenizar o problema dos oligopólios. Ainda na concepção de Sodré, a grande imprensa perdeu a credibilidade e não merece confiança, pois modula um coro repetitivo de louvação ao neoliberalismo, o que marca sua posição contrária aos desejos da população e ao seu papel de quarto poder.<sup>57</sup> Entram em cena, então, os novos alternativos, diferentes dos periódicos das décadas 1960-1970, mas com uma característica parecida: a de ser a voz dissonante na inalterabilidade jornalística.

#### A NOVA GERAÇÃO DOS ALTERNATIVOS

Desde que Bernardo Kucinski publicou *Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa*, que tratava do jornalismo chamado de nanico atuante contra o regime de exceção, iniciado em 1964, nenhuma outra obra preocupou-se especificamente em estabelecer novos critérios para caracterizar um tipo de imprensa que se iniciou a partir do final dos anos 1980, mas que tomou fôlego na década seguinte, também de caráter alternativo, contra a corrente e engajado socialmente. Tal ausência de estudos provocou o uso inapropriado do conceito criado por Kucinski, pois as pesquisas mais recentes que tratam da imprensa nacional, sempre que abordam o jornalismo crítico, tendem a remeter aos nanicos, o que configura confusão conceitual e temporal, posto que aquela imprensa situou-se em outro momento histórico e carregou características diversas das encontradas no jornalismo alternativo hodierno, ainda que seus posicionamentos sustentem algumas semelhanças. Não se trata de estabelecer novo conceito, pois o termo *imprensa alternativa* sustenta os elementos subjetivos e objetivos desse tipo de jornalismo, mas é preciso entender que a imprensa e a história do Brasil sofreram transformações importantes com o término da ditadura militar, o que refletiu diretamente no mercado editorial e, conseqüentemente, no segmento alternativo do jornalismo nacional. Aqui, entende-se desnecessário a confecção de novo conceito, visto que a idéia de alternativo pode-se estender a todos os períodos, já que seria um tipo de

---

<sup>57</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. cit.*, p. XVII- XVIII.

imprensa alternativo em cada momento histórico. De acordo com Grinberg, o termo *alternativo* carrega uma complexidade muito grande, dado sua continuidade no tempo e espaço. Por isso, torna-se necessário historicizar o conceito, não modificá-lo. Entender como e por quê determinado jornalismo crítico se apresenta em contextos diferenciados, o que requer olhar atento sobre os conteúdos veiculados por esses meios em determinados períodos (temas, hierarquização das informações, linguagem).<sup>58</sup> Desta maneira, parece mais importante discutir os critérios que configuram esse novo jornalismo, para não incorrer em confusões que não condizem com a realidade dos meios de comunicação e do contexto histórico, o que pode definir bem as etapas do jornalismo crítico na história da imprensa no Brasil. Isso permitirá idéia mais ampla sobre o jornalismo alternativo atual, já que os estudos nesse sentido são ainda escassos, como bem afirmou Célia Amorim ao explicar que é mais comum encontrar pesquisas sobre as grandes mídias, até por essas estarem mais expostas.<sup>59</sup>

Antes de exemplificar quais seriam alguns dos representantes da imprensa de contestação, importa configurar quais as características dessa *nova geração dos alternativos*. Conceito muito controverso atualmente, para o qual não foram estabelecidos critérios de classificação, o termo alternativo requer limites para seu reconhecimento e aplicação, já que é usado de forma generalizada quando se trata da imprensa atual. Tornou-se muito comum ligar a imprensa crítica de hoje com os nanicos dos tempos do regime autoritário, o que é simplificação forçada e que não condiz com as características de cada período. Assim, por exemplo, estudo realizado em Porto Alegre por Ana Maria Netto Machado catalogou 111 periódicos alternativos apenas naquela cidade, entre os anos de 1997 e 2002. Atente-se para o fato de que a autora não se preocupou em conceituar o que seria um jornal alternativo hoje, antes, chamou de “alternativo” qualquer periódico não vinculado aos grandes meios de comunicação,<sup>60</sup> o que tornou o conceito inoperante. Nesse sentido, Peruzzo chamou a atenção para a confusão que se faz entre os termos *comunicação popular*, *comunicação comunitária* e

<sup>58</sup> GRINBERG, Máximo Simpson. Comunicação alternativa: dimensões, limites, possibilidades. In. \_\_\_\_\_. *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 17-35.

<sup>59</sup> AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. *Jornal Pessoal: uma metalinguagem jornalística na Amazônia*. São Paulo: PUC, 2008, p. 17-18. Vale destacar o grupo de estudos sobre a história da mídia alternativa, ligada à Rede Alfredo de Carvalho, que tem como objetivo recuperar a história das experiências do jornalismo alternativo no Brasil.

Gostaria de agradecer a generosidade da professora Karina Janz Woitowicz que me enviou um exemplar do livro resultado desses estudos, sob sua organização, ainda antes de estar à venda nas livrarias. Ver WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da mídia alternativa*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

<sup>60</sup> MACHADO, Ana Maria Netto. Jornais alternativos como espaço público para produções escritas de cidadãos e professores: o caso de Porto Alegre. In. *Anais do I Seminário Nacional “O professor e a leitura do jornal”*. Campinas, 2002. Disponível em [www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/comunicacoes/jornais\\_alternativos\\_como\\_espaco.htm](http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/comunicacoes/jornais_alternativos_como_espaco.htm). Acesso 2 abr. 2008.

*imprensa alternativa*, que não significam a mesma coisa, ainda que hajam pontos de convergências entre eles.<sup>61</sup>

Rivaldo Chinem também tratou do tema dos novos alternativos, que relacionou à internet, entendida como importante meio de informação alternativa, além de destacar as possibilidades de veicular idéias dos mais variados grupos sociais via blogs, sites, TVs à cabo etc, sem precisar de mediadores mercadológicos; seria uma espécie de democratização da mídia.<sup>62</sup> Não se trata de contrariar as afirmações de Chinem, porém, *alternativo* foi usado pelo autor como sinônimo de inovação de caráter técnico. A internet se configura sim, atualmente, como uma modalidade de acesso à informação, mas isso não a torna, necessariamente, alternativa. É um meio que tem sido chamado de alternativo, o que supõe que tudo o que aparece nesse suporte seja sinônimo de *informação alternativa*. Não é o veículo, o jornalista ou o acesso à notícia que configura um meio nesse gênero, mas o conteúdo publicado e as posturas defendidas, sejam em páginas impressas, imagens multimídias, ondas de rádios ou material disposto na rede mundial de computadores.

Para Vanderlei de Souza Carvalho, o que caracteriza a imprensa alternativa é o fato de não ser uma empresa capitalista, caso dos jornais de partidos políticos, sindicatos e de instituições da sociedade civil – como os jornais de bairro -,<sup>63</sup> concepção que exclui qualquer publicação que seja regida pelas regras do mercado. Em suas palavras:

Nem todo veículo de comunicação é uma empresa capitalista, logo, nem todo meio de comunicação destina-se a veicular a concepção burguesa de mundo. Há uma imprensa que se especializa em comunicar outras concepções de mundo relativas aos projetos políticos de partidos, sindicatos e outras organizações da sociedade. Esta imprensa é definida pelos especialistas como imprensa alternativa, ela apresenta outras concepções de mundo, veiculando outros valores e interesses que não aqueles da grande imprensa. De todo modo, a distinção só vem a confirmar a grande imprensa como atividade capitalista.

Diante de posições tão variadas, é preciso aqui explicar que a idéia geral de alternativo proposta aproxima-se das elaboradas por Downing que, na tentativa de estabelecer limites para o uso do conceito, adotou o termo *mídia radical* para classificar o que entendia como manifestação alternativa contrária às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas.<sup>64</sup> De acordo com sua análise, a mídia alternativa precisa carregar dois propósitos essenciais:

<sup>61</sup> PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – UNB – 6 a 7 set. 2006.

<sup>62</sup> Ver CHINEM, Rivaldo. *Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à Internet*. São Paulo: Disal, 2004.

<sup>63</sup> CARVALHO, Vanderlei de Souza. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>64</sup> DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002, p. 21.

expressar, a partir dos setores subordinados, oposição direta à estrutura de poder e seu comportamento; e obter, horizontalmente, apoio e solidariedade, construindo uma rede de relações contrárias às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura de poder.<sup>65</sup> Ademais, a mídia radical estaria sempre próxima a movimentos sociais, tanto que, em sua visão, um seria impulsionador do outro. Para complementar esse entendimento de imprensa alternativa, cabe mais uma vez as palavras de Grinberg, que delimitou sua classificação:

Para ser verdadeiramente alternativa, não basta que um meio esteja à margem das redes de distribuição da grande imprensa, mas deve ostentar uma **diferença qualitativa** em face dela. Nesse sentido, o alternativo opõe-se ao meramente complementar ou marginal, pois simplifica, embora em medida variável, um **questionamento do status quo**.<sup>66</sup>

Com o propósito de delimitar as generalizações correntes quanto ao conceito de imprensa alternativa,<sup>67</sup> é importante apresentar algumas das características que distinguem a nova geração. Para tanto, há que se considerar o que era a imprensa nanica, analisada especialmente por Kucinski, e deixar claro em quais aspectos essa e a atual se afastam ou se aproximam. Assim, ao propor uma nova leitura da imprensa crítica atual, vale lembrar que esta se situa num contexto diferente dos alternativos que circularam na ditadura militar, o que por si já estabelece experiências jornalísticas diversas entre os dois períodos. Mesmo que ambas tenham trilhado o caminho do engajamento, preocupadas com as questões sociais e agindo de forma crítica quanto à política, cumpriram trajetórias distintas, o que impõe a necessidade de não confundi-las historicamente. Na mesma linha de raciocínio assinalada por Pereira Filho, tomou-se a revista *Caros Amigos* como publicação da nova imprensa alternativa, sem confundi-la com a nanica, apesar de pontos de convergências.

A linha mestra que conduziu a investigação partiu do princípio de que a revista é uma recriação criativa, inovadora e recontextualizada das experiências e propostas consagradas na década de 70 pela chamada imprensa alternativa e independente. *Caros Amigos* é, atualmente, a grande representante dessa vertente, na medida em que recupera a função social de criação de um espaço público reflexo, contra hegemônico.<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> Idem, p. 29-30.

<sup>66</sup> GRINBERG, Máximo Simpson. *Op. cit.*, p. 24. (grifos do autor)

<sup>67</sup> Optou-se por não fazer uma recuperação histórica do conceito por entender que seja tema bastante discutido por diversas obras que abordaram a imprensa atuante na época da ditadura militar, período no qual se generalizou o uso do conceito, além de ser clara no presente trabalho que as discussões aqui fazem referência em termos de comparação à imprensa daquele período.

<sup>68</sup> PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 29.

Segundo as assertivas de Kucinski, a imprensa nanica dos anos de chumbo (1968-1975) era marcada pela negação do mercado (no sentido capitalista do termo: do lucro), isto é, não apenas era excluída do jogo mercadológico, contando com número reduzido de anúncios publicitários, como também ela muitas vezes não intentava participar, pelo menos não nos moldes da grande imprensa. Há casos marcantes que denotam essa característica, como foi o do *Pasquim*, quando Jaguar se recusou a fazer a empresa crescer, pois não lhe agradava a idéia de tornar-se patrão. Na patota, o que importava era a luta, a participação direta na sociedade civil, oferecer novas informações, humor e crítica; não era o lucro que orientava suas práticas jornalísticas. *Bondinho* também trilhou o mesmo caminho. Foi lançada em novembro de 1971, como revista de serviços voltada para a classe média paulistana, o que possibilitou certo sucesso comercial ao atrair anunciantes. No entanto, logo adotou a postura de desobrigação com os compromissos assumidos e com convenções. Rompeu as amarras ideológicas e rejeitou o próprio sucesso econômico, caracterizando-se como veículo crítico ao regime autoritário.<sup>69</sup>

A imprensa dita nanica atuava especificamente contra a ditadura, seu inimigo comum. As críticas voltavam-se às torturas, violações dos direitos humanos, ao discurso oficial (grande imprensa) e ao modelo econômico. Os alternativos do período ditatorial dividiam-se em duas correntes principais: os políticos – no mais das vezes marxistas – e os existencialistas - contra-culturais -, mas ambos, no final, atuavam no plano político, opondo-se ao regime.<sup>70</sup> Para Kucinski,

O que identificava toda a imprensa alternativa era a contingência do combate político-ideológico à ditadura, na tradução de lutas por mudanças estruturais e de crítica ortodoxa a um capitalismo periférico e ao *imperialismo*, dos quais a ditadura era vista como representação.<sup>71</sup>

Não admira que essas publicações fossem perseguidas e censuradas, o que refletiu, muitas vezes, em prisão e exílio de seus jornalistas. O contexto nacional de falta de liberdade originou o tipo de imprensa alternativa do período. Num momento de exceção, no qual a expressão foi limitada pelos militares, inclusive na grande imprensa, que se calou por pressão e pela ajuda econômica que recebeu,<sup>72</sup> a sociedade civil organizou um reduto que contestava

<sup>69</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 179-185.

<sup>70</sup> Idem, p. XIII-XIV.

<sup>71</sup> Idem, p. XVI.

<sup>72</sup> Ver KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004. Nesta obra a autora demonstra como em vários momentos jornalistas e empresas aceitaram as imposições do regime militar em troca de vantagens individuais.

os abusos do governo. Esse foi o percurso do jornalismo alternativo, que se lançou num projeto de combate contra o governo autoritário, os assassinatos, a censura e, ainda, os costumes da sociedade conservadora. Postaram-se ao lado da população para defender seus interesses, lutar pelos que se viam marginalizados naquele momento e para sustentar as ideologias de esquerda. Para tanto, os jornalistas arriscaram carreiras e mesmo a vida nos periódicos de contestação. Estes, feitos muitas vezes de forma rudimentar, em locais adaptados e, não raras vezes, escondidos, foram por um período – especificamente após o AI-5 - uma das principais armas contra os militares, foco de resistência que catalisava personagens das mais diferentes áreas. Militantes, guerrilheiros, artistas e intelectuais, todos viram na imprensa nanica um meio de combate à ditadura.

Diferentemente daquela, a *nova geração dos alternativos*, tal como aqui proposta, carrega outras especificidades. Claro que a postura crítica e de combate se mantém e o posto de espaço de resistência contra o *mainstream* dominante não desapareceu, no entanto, a questão é: **a que** resistem e **o que** contestam? Seria um jornalismo alternativo **a que**? Ao responder essas perguntas é que se começa a desenhar a face dessa nova imprensa engajada. Primeiramente, e ao contrário dos periódicos na ditadura, tratam-se de empresas jornalísticas como outras quaisquer, o que significa que fazem parte do mercado e disputam o leitor e a publicidade - e aceitam a situação conscientemente. Não estão fora do sistema e na verdade, buscam o lucro para continuar a divulgar idéias diferenciadas. O que afasta, porém, este novo jornalismo de crítica da grande imprensa não é o desprezo ao lucro, mas seu peso no cotidiano de produção. E, no outro pólo, é na responsabilidade social e na preocupação com a formação e informação do leitor que os novos alternativos divergem da grande imprensa. Deste modo, ao mesmo tempo guardam distância das experiências da ditadura e das grandes empresas de comunicação. Em síntese, estão ligados ao mercado e objetivam o lucro, mas não o colocam à frente de suas ideologias.

Outra característica interessante dos periódicos engajados atuais é a dependência da publicidade. Se antes os alternativos até mesmo evitavam ter ligação com grandes empresas capitalistas e, quando não, eram realmente excluídos da lista de verbas desses agentes do mercado, agora não negam a importância das receitas advindas deles. A própria *Caros Amigos* deixou registrada sua posição ao ser indagada por um leitor que cobrava maior rigidez na veiculação de anúncios publicitários. Sobre a publicação de um anúncio da Coca-Cola, em outubro de 2006, a redação afirmou o seguinte:

No aspecto financeiro, qualquer publicação institucional (e a *Caros Amigos* é uma publicação institucional) só pode existir, manter-se **no mercado** e garantir a qualidade

editorial se tiver, equilibradamente, três fontes de receita: venda em bancas, venda de assinaturas e anúncios pagos. Nossa receita em bancas e assinaturas não cobre os custos; se não tivermos publicidade, anúncios pagos, o prejuízo mensal será insuportável, estaríamos mortos há muito tempo.<sup>73</sup>

Portanto, têm concorrentes, espaço publicitário com preço fixo, são distribuídas por empresas terceirizadas, possuem um corpo de funcionários tanto no campo jornalístico como administrativo e pagam impostos. Se nos alternativos situados entre as décadas de 1960 e 1980 o mercado influía menos, na imprensa crítica atual tem um peso expressivo.

No que concerne a que são alternativas, contra o que combatem, há diferenças nas caracterizações das temáticas, ainda que os inimigos sejam muito semelhantes. Mesmo que seja possível aproximá-las quanto às críticas ao governo, à imprensa e ao sistema econômico, o que se observa é que esses três itens não significam a mesma coisa antes e atualmente. Quanto ao governo, o Brasil saiu de uma situação de exceção, de ditadura, governado por militares de linha dura, para um regime democrático e aberto, no qual prevalece a liberdade de expressão. Assim, os novos periódicos alternativos colocaram-se, principalmente, contra os dois mandatos de FHC, num claro posicionamento à esquerda. Desta feita, como daquela, há oposição ao modelo econômico. Hoje, apesar de também contestarem o capitalismo – assim como os nanicos -, o alvo principal é a globalização econômica e a política neoliberal, sistemas que ainda não vigoravam durante os anos 1960-1970.

A imprensa é outro ponto de contestação. Os alternativos de hoje têm em suas pautas o ataque aos grandes meios de comunicação. Contudo, fique claro que atualmente essa grande imprensa age de forma livre. Todas as suas atitudes e posturas ideológicas devem-se estritamente a escolhas voluntárias, sem qualquer pressão de censores ou governo. Se a grande imprensa defende o neoliberalismo e a globalização, se apoiou em massa o governo de FHC – ainda que houvesse espaços de críticas -, foi por comungar essa visão de mundo. E neste ponto contrapõem-se os periódicos alternativos: acusam os empresários da comunicação de alienarem o povo brasileiro, não veicularem as notícias de forma responsável, não aprofundar as análises e de manipularem a informação. Se durante o período ditatorial até mesmo a grande imprensa sofreu com a censura e com a pressão financeira, como foi o caso do *Estado de S. Paulo*, hoje o quadro é outro. Mesmo com todos os problemas claramente identificados com a adoção das políticas neoliberais, a grande imprensa insiste em mostrar o potencial do sistema, o grau de desenvolvimento que pode gerar, sem atentar para as perdas sociais causadas pelo capitalismo financeiro de hoje: o capital especulativo, que não prima

---

<sup>73</sup> *Caros Amigos*, nº 117, p. 8, dez. 2006 (seção “Caros Leitores”). Grifo meu.

mais pela produção, como era nos tempos da ditadura, mas pelas movimentações de ações e capital pelas bolsas de valores mundiais.

Como se vê, assim como os nanicos, é uma imprensa de oposição direta à elite nacional e aos partidos políticos do campo da direita, porém, num outro contexto e com novas idéias e propostas. Deste modo, a tese é que essa nova imprensa alternativa se caracteriza também por atuar estritamente do lado da esquerda e da crítica ao modelo capitalista. Pode-se inferir que, neste aspecto, não se diferencia substancialmente da anterior, o que não deixa de ser verdade, mas não é suficiente. Primeiro, porque a esquerda, o capitalismo e a própria imprensa sofreram transformações. Ademais, tratam-se de publicações políticas e não partidarizadas, que oferecem uma leitura crítica da realidade nacional, em oposição ao jornalismo pragmático executado pela grande imprensa. Os nanicos, durante o regime autoritário, muitas vezes eram jornais de partidos, mas que se caracterizavam principalmente por atacar a ditadura, numa clara convergência de objetivos com a imprensa não partidarizada, isto porque tinham um inimigo comum e tanto a sociedade civil como os políticos da oposição empenhavam-se em derrubar um governo abusivo. Isto é, os interesses de ambos em muitos pontos eram os mesmos, o que não é o caso no contexto iniciado nos anos 1990, pois não se pode asseverar que jornalismo político e jornalismo partidarizado, mesmo que estejam ambos no campo da esquerda, ajam da mesma maneira e tenham objetivos comuns.

Como visto até agora, a confusão entre ambas deveu-se ao fato de atuarem de maneira muito parecida, numa mesma linha ideológica. Contudo, não se pode generalizar e não há como afirmar que uma seja continuidade da outra, já que estão situadas num outro período, são produzidas de formas diferentes e respondem a outros desafios. Há nuances que não podem ser esquecidos, especificidades que, se no geral tendem a fundir essas duas imprensas, vistas de perto expõem particularidades. Mesmo com a aparente similitude entre a imprensa crítica de hoje e a da ditadura, tais semelhanças têm limites. O mundo mudou muito daquele momento até o início do século XXI. Se há oposição ao discurso oficial dos grandes meios de comunicação, esta se dá de outra maneira, já que anteriormente havia censura, enquanto hoje a mídia desfruta de liberdade sem, contudo, cumprir o papel de quarto poder, defensor dos interesses coletivos.

É por isso que para se classificar um periódico como alternativo hoje, há que se estabelecer fronteiras, para que o termo adquira capacidade analítica. Na visão aqui proposta, não basta trilhar um caminho diverso ao da grande imprensa e veicular outro tipo de informação. Apesar de serem possíveis outras leituras, no presente trabalho, entende-se a nova geração de alternativos como a composta por periódicos que assumem suas posições

ideológicas de esquerda, que contestam a globalização e o neoliberalismo, que não aceitam as práticas individualistas dos grandes meios de comunicação e que não negam a participação efetiva no mercado de periódicos. Assim, revistas de segmentos profissionais, como as de arquitetura, medicina, ocular etc, a internet e a TV a cabo, ou mesmo os impressos culturais e acadêmicos, que objetivam discutir teorias, literatura, cultura no geral, por vezes chamados de *meios* alternativos de informação, não configuram o conceito de *nova imprensa alternativa*, marcada pelo engajamento político-ideológico e que objetiva formar uma opinião pública dotada de senso crítico. Trata-se de uma mídia pautada não pelos critérios de tematização presentes na grande imprensa, mas pela preocupação política e social. Por isso, o comum é encontrar nesses meios análises ideologicamente de esquerda, com críticas diretas às políticas consideradas direitistas, além de estarem muitas vezes ligados, mesmo que não diretamente, a movimentos sociais.

Entre as várias possibilidades de se classificar uma publicação como alternativa, haja vista até mesmo o inchaço do mercado editorial e os mais diversos meios de comunicação atuais, o que se convencionou estabelecer como essa nova geração alternativa, para elencar critérios e clarear o que configura essa imprensa engajada, é a atuação permanente de periódicos contra o neoliberalismo, a globalização, a direita política e a grande imprensa. Mesmo que não trabalhem em conjunto, esses periódicos mantêm um **conteúdo articulado**, caminham na contramão do sistema capitalista especulativo e veiculam informações que visam melhorias nas condições sociais da população. A característica principal então, que determinaria essa nova geração, é a crítica social e política. Estes novos opositores da ordem estabelecida oferecem informações alternativas à grande imprensa capitalista e, nesse sentido, cabe um adendo: em função desse conteúdo articulado é que outros meios de comunicação, que oferecem informações diferentes à da grande imprensa, não são classificados como alternativos, por exemplo, os pequenos jornais de cidades do interior, que sustentam pautas regionais e notícias que não são encontradas nas páginas dos grandes periódicos; ou mesmo a imprensa popular e de bairros, que têm objetivos específicos que não se articulam ao de caráter alternativo aqui entendido. Abaixo se pontuou, de forma didática, algumas diferenças entre a imprensa alternativa da época da ditadura e a atual. Note-se, porém, que não há como negar a proximidade entre essas experiências e o quanto a nova é herdeira da prática anterior.

**Tabela 1: características específicas da imprensa nanica e da imprensa de oposição.**

<b>Imprensa alternativa (1964-1980)</b>	<b>Nova imprensa alternativa (1988-atual)</b>
- Menor dependência do mercado.	- Maior dependência do mercado.

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atuava sem ter como objetivo o lucro e nem o desenvolvimento empresarial.</li> <li>- Trabalhava sem contar com publicidade privada nem estatal – com raras exceções como o <i>Pasquim</i> e <i>Bondinho</i>, por determinado período.</li> <li>- Tinha um inimigo comum: a ditadura.</li> <li>- Criticava o governo, o capitalismo imperialista, a intervenção dos EUA na América Latina, e a grande imprensa (censurada).</li> <li>- Os jornalistas arriscavam a própria vida por uma causa.</li> <li>- Os periódicos eram censurados e perseguidos. As bancas que os vendiam sofreram atentados a bombas.</li> <li>- Muitos jornais eram de partidos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atua visando o lucro (mesmo que este não seja seu foco principal) e precisa do desenvolvimento empresarial para se manter.</li> <li>- Depende principalmente da publicidade estatal, já que empresas anunciam pouco, haja vista o conteúdo dos periódicos.</li> <li>- Não tem um inimigo específico.</li> <li>- Critica a direita no geral, o neoliberalismo, a globalização, as injustiças sociais e a grande imprensa (livre).</li> <li>- Os jornalistas trabalham livremente.</li> <li>- Os periódicos não sofrem pressão, nem censura. Atuam num cenário democrático e com liberdade de expressão.</li> <li>- Não partidarizada.</li> </ul>
---	--

Tanto *Caros Amigos* como outras experiências iniciadas nos anos 1990, destacaram-se por abrir uma nova concepção e uma nova prática jornalística, no caminho da crítica e do engajamento. Mesmo que haja diferentes ideologias e que uns sejam mais moderados que outros, todos seguem o rumo da esquerda. Desde *Carta Capital*, que crítica o sistema de forma moderada, já que sustenta em seus quadros jornalistas de linhagens mais diversificadas – ainda que seu editor Mino Carta apareça com uma postura mais radical -, até o jornal *Brasil de Fato*, que sustenta um jornalismo muito mais contundente, o que se observa é uma coerência entre os assuntos e os posicionamentos desses periódicos, apontando para uma linha articulada de ação. A revista *Cult*, por exemplo, apesar de oferecer um conteúdo diferenciado e ser marcada por certa independência editorial, além de não contar com grande número de anúncios em suas páginas, não entraria no campo das publicações alternativas, no sentido proposto, porque veicula outro tipo de informação. Não tem a intenção de se colocar politicamente no espaço público e nem de formar opinião, pois seu objetivo é discutir literatura e cultura, mesmo que esporadicamente não deixe de se posicionar sobre os acontecimentos que afetam o Brasil e o mundo. Enfim, não mantém um conteúdo articulado com os periódicos de engajamento. Estes últimos, aliás, não à toa se destacam no campo da

crítica. São feitos, muitas das vezes, pelos mesmos jornalistas que atuaram na imprensa dos anos de chumbo. Todavia, fique claro que não se pode identificar os novos periódicos com aqueles de combate ao regime militar, mesmo que confeccionados pelos mesmos profissionais. O contexto e as características da imprensa são diversos, assim como se tentou caracterizar.

Tratou-se de não confundir pessoas que deixaram seus nomes na história da imprensa recente, com os estilos jornalísticos, específicos de cada período. O fato de serem os mesmos profissionais que atuaram nos nanicos dos anos de ditadura militar os responsáveis, em grande parte, por essa imprensa alternativa, não justifica a comparação e ligação desses atuais com aqueles do passado recente. É nesse sentido que será possível entender a posição que *Caros Amigos* ocupa na imprensa brasileira atual, pois não se trata nem de continuidade com o jornalismo de décadas atrás, nem de parte da grande mídia empresarial hodierna. Entre a luta específica de um e a prática mercadológica de outro, o mensário, assim como as outras publicações de crítica política e social, encontrou um nicho no mercado que valoriza idéias e análises mais profundas não se abstenendo, porém, de participar do jogo capitalista que, por sua vez, açambarcou a imprensa como um todo. Vale reafirmar, esses novos periódicos configuram não apenas uma nova visão à idéia de *alternativo*, mas também representam uma força relativamente jovem e específica no mercado editorial brasileiro.

A ausência do tratamento realmente crítico da realidade nacional por parte da grande imprensa deixou espaço para o surgimento de novos periódicos, caracterizados como os novos opositores. Apesar de terem criado sítios na internet, fóruns de discussões de mídia e órgãos de crítica geral aos meios de comunicação, as características principais desses novos alternativos ligam-se à linha editorial diversa da vigente na grande imprensa, além de funcionarem também como combatentes ao sistema de concentração da propriedade dos meios de comunicação. Atendem os leitores que buscam novos olhares e interpretações das notícias produzidas pela imprensa-empresa ou, ainda, os que procuram outros modelos informativos, outras vozes e conteúdos. O que se destaca nessa diferenciação é a posição ideológica assumida por cada setor da imprensa, tanto político-social como profissional, quanto às práticas jornalísticas.

À medida que os grandes veículos de informação defendem a objetividade e a imparcialidade, e se valem do lide e do não posicionamento político, os pequenos levam a cabo textos mais analíticos, opinativos, críticos e socialmente comprometidos. Interessam-se pelos marginalizados, por movimentos populares e problemas sociais – o que os diferenciam de muitos **meios** alternativos atuais de acesso à informação. Não julgam os setores da

sociedade compostos pelos grupos mais esquecidos e desprezados - garis, moradores de favelas, trabalhadores rurais, prostitutas, usuários de drogas, mendigos -, com base em recursos legais, aplicando de forma seca a lei. Ao contrário da justiça oficial, legalista, cega às questões que marginalizam grande parte da sociedade, a imprensa crítica leva em consideração os meios em que vivem esses grupos, as injustiças às quais estão expostos, a educação de má qualidade, a família desestruturada pelo desemprego, a falta de assistência médica, a violência policial e a falta de segurança. Para além de mostrar o outro lado da notícia e dessa população miserável, aquele que o jornalismo oficial evita veicular e, quando publica, é para mostrar as questões relacionadas às drogas, violência, roubos e assassinatos, os periódicos alternativos dão destaque a realizações que acontecem nas comunidades pobres, como projetos sociais e educativos, manifestações culturais da periferia, enfim, o lado humano que insistentemente é obscurecido pela grande imprensa. É um posicionamento este que os jornalistas revolucionários da ditadura carregam ainda hoje. Assim como se colocavam contra um determinado regime e sistema durante o governo militar, hoje se posicionam criticamente frente às desigualdades sociais impostas pelo neoliberalismo no âmbito mundial.

Com o constante controle da notícia nas grandes redações e a assepsia dos textos dos impressos das grandes empresas de comunicação, a nova imprensa alternativa surgiu como opção diferenciada no consumo de conhecimento, serviços e cultura. Trata-se de observar que a geração de jornalistas que sustentou posições engajadas e responsáveis frente à opinião pública e em favor da liberdade e democracia, muitas vezes sendo militantes ou simpatizantes do campo ideológico da esquerda, mantiveram seus ideais e suas vigilâncias e voltam a se postar contra os abusos cometidos, sejam por governos, empresários ou meios de comunicação. Tanto na política como culturalmente, esses homens de imprensa mantêm a postura característica de sua geração, porém, com novos objetivos e num outro tempo. Nesse processo, aos experientes jornalistas juntaram-se novos, o que propiciou trocas e compartilhamentos de discursos que estabeleceram as engrenagens desse novo jornalismo. Assim, emergiu a nova geração dos profissionais de imprensa engajados que, destaque-se, não é homogênea, pois agrega tanto jovens como consagrados jornalistas, alguns até mesmo ícones da profissão. Nessa freqüente troca de conhecimentos e experiências entre a geração que travou a luta contra a ditadura e essa mais jovem, é que se configura a batalha por um mundo diverso. Em comum, carregam a valorização do texto literário e caudaloso, que vem se construindo no jornalismo crítico do final do século XX e início do XXI. Essa é a face de uma outra imprensa nanica que, na junção entre juventude e experiência, e marcando uma posição alternativa no campo midiático nacional, renova a concepção de imprensa engajada e

responsável socialmente, o que mais uma vez demonstra o potencial desses profissionais de se adequarem aos momentos históricos em que se encontram e de prezarem a crítica permanente.

Há, portanto, novas tarefas para essa geração diversificada, engajada na luta por uma imprensa alternativa. Isso porque, quando os grandes meios de comunicação passaram novamente a desfrutar de liberdade em meados da década de 1980, as práticas jornalísticas se apresentaram em novos padrões, que transformaram a maneira de agir dos profissionais, já que a notícia adquiriu regras de produção com o lide, impessoalidade, falta de opinião, objetivismo e “imparcialidade”. Trata-se de uma imprensa-empresa que mais se preocupa em auferir lucros e conquistar leitores pelos serviços que presta (como divulgar os filmes em cartaz nos cinemas, a programação da TV, a classificação dos campeonatos de futebol, as dicas de moda e culinária, além dos horóscopos e palavras-cruzadas que entretêm o leitor) do que estimular um debate público sobre assuntos que realmente interferem nas questões sociais e aprofundar análises que esclareçam aos leitores sobre assuntos complexos, ligados à economia e à política. Mesmo que nos últimos anos sejam muitas as maneiras encontradas para democratizar a informação e abrir a possibilidade de participação de um número maior de cidadãos no processo informativo, isso não significa que a intensificação numérica de notícias e idéias reflita no beneficiamento de conteúdos alternativos. Esses aparecem em espaços específicos de divulgação de conhecimento e opinião: a nova imprensa alternativa.

Antes de analisar alguns desses veículos críticos, vale destacar as maneiras encontradas para, pelo menos, tentar controlar a imprensa-empresa. Tais iniciativas funcionariam como uma espécie de *ombudsman*,<sup>74</sup> não de um determinado jornal ou revista, mas da mídia como um todo. Em 1986, apareceu no mercado a revista *Imprensa*, criada por Sinval Itacambira Leão, que tinha como objetivo comentar os periódicos em circulação. A publicação não cumpriu suas metas e alguns descontentes deixaram a equipe e dedicaram-se a outros projetos, como o lançamento do *Jornal dos Jornais*, em março de 1999, inspirado na coluna comandada por Alberto Dines entre 1975 e 1977, na *Folha de S. Paulo*. A escolha do título já denota a preocupação de se resgatar as origens e as práticas de vigilância e crítica de mídia.<sup>75</sup> Apesar de tais iniciativas, há de se observar que a atitude mais expressiva nesse caminho foi a criação do *Observatório da Imprensa*, em 1995, encabeçado por Dines e que conta atualmente com grandes nomes do jornalismo nacional, entre os quais Muniz Sodré, Celso Calheiros e Ulisses Capozzoli. Entidade civil não governamental e não partidária, teve

---

<sup>74</sup> Termo de origem escandinava, que significa representante ou procurador.

<sup>75</sup> CARRATO, Ângela. Jornais, *Ombudsman* e Cidadania: um balanço (provisório) dos últimos dez anos no Brasil. In. HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva (orgs.). *Jornalismo no século XXI: a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 71-73.

suas raízes no LABJOR (Laboratório de Jornalismo) da Unicamp e zela pela ética na imprensa, além de cumprir o papel de vigilância frente aos meios de comunicação. Moldou-se nos exemplos de duas entidades semelhantes: a FAIR (*Fairness & Accuracy in Reporting*), norte-americana, que remonta a 1986; e o *Observatoire de la Presse*, francesa, datada de 1995. O sucesso foi tamanho que, em 2008, estava no ar programa da TV pública com versão na Internet. Os jornalistas que colaboram com o *Observatório da Imprensa* realizam um trabalho árduo, já que precisam fazer a crítica aos colegas de profissão, o que lhes valem, não raro, ataques e inimizades. Na verdade o *ombudsman*, desde o início, foi mal visto no Brasil, tanto que os que se propuseram a este papel sofreram pressões internas nos órgãos em que trabalharam. Caio Túlio Costa conta que, quando saiu de férias, em janeiro de 1991, no banheiro da *Folha de S. Paulo* surgiu a seguinte inscrição: “podem cagar à vontade, o *ombudsman* saiu de férias”.<sup>76</sup> Vê-se, pois, que essa autocrítica no Brasil, por parte da imprensa, sempre foi problemática, tanto que, nos dias de hoje, não passam de dez o número de publicações que mantêm a figura em suas equipes.<sup>77</sup>

Outro ponto importante é que os profissionais que exerceram ou exercem essa função, policiaram-se o tempo todo, sob o risco de verem as portas das empresas jornalísticas fecharem-se para eles. Talvez por isso, em todos esses anos que a *Folha de S. Paulo* sustentou o cargo do *ombudsman*, não se tenha notícia de qualquer atrito entre a direção da empresa e os profissionais que fizeram esse papel. Noutros termos, o profissional sabe em quais limites deve conter seus comentários. Nota-se, assim, a importância das iniciativas alternativas para o controle da informação e da mídia. Mais que a vigilância da imprensa, cria-se a necessidade e a demanda pública por veículos jornalísticos que se comportem de outra maneira frente à realidade nacional, frente aos problemas sociais e às relações polêmicas entre imprensa e poder. Foi nesse contexto que surgiu o hoje quinzenal *Jornal Pessoal*,<sup>78</sup> periódico que se convencionou tomar como o primeiro dessa nova geração dos alternativos. Capitaneado por Lúcio Flávio Pinto, que se dedicou a uma empreitada particular ao iniciar o jornal em setembro de 1988, tornou-se o mais importante veículo independente da região amazônica brasileira, editado em Belém. Foi baseado em experiência similar dos EUA, o *I. F. Stone's Weekly*, comandado por Isidoro Stone, em Washington. A decisão de criar um novo periódico

<sup>76</sup> Idem, p. 76.

<sup>77</sup> Apesar do papel do *ombudsman* ser menos atacado hoje na imprensa, trata-se de uma função ainda pouco representativa nos meios de comunicação. Por exemplo, em 2002, apenas 6 dos 371 jornais diários contavam com um *ombudsman* em suas redações. Ver CARRATO, Ângela. *Op. cit.*, p. 70.

<sup>78</sup> Para maiores detalhes sobre o *Jornal Pessoal* ver VELOSO, Maria do Socorro Furtado. *Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. São Paulo: USP, 2008. (tese de doutorado); AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. *Jornal Pessoal: uma metalinguagem jornalística na Amazônia*. São Paulo: PUC, 2008. (tese de doutorado).

ligou-se ao fato dele não encontrar nas bancas as notícias mais importantes do dia. Lúcio Flávio Pinto seguiu o exemplo. Trabalhou dezessete anos no jornal da família Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, defendendo a Amazônia brasileira, mas a partir de 1988, segundo sua justificativa, o jornal assumiu posição antinacionalista com relação àquela região, o que o levou a deixar a empresa e dedicar-se a uma iniciativa pessoal, engajada e ideológica, que é a de matizar as informações publicadas na imprensa e tratar das questões que envolvem a Amazônia. Em setembro de 2008, o jornal completou 20 anos, período em que Lúcio Flávio perdeu muito dinheiro, ganhou muitos inimigos, sofreu agressões e recebeu muitas ameaças de morte. Desde seu lançamento, o *Jornal Pessoal* não aceita publicidade e se mantém exclusivamente pelas vendas em bancas, característica que, até onde se sabe, é única no periodismo nacional. A tiragem está na casa dos dois mil exemplares quinzenais, em formato ofício.<sup>79</sup>

Observa-se que, como já mencionado, os principais veículos que se destacaram (destacam) nessa nova geração crítica são, na maioria das vezes, projetos dos mesmos jornalistas que compuseram os quadros da imprensa alternativa durante o regime militar. Raimundo Pereira, idealizador de *Amanhã*, *Opinião* e *Movimento* na década de 1970, arriscou com *Política* (1993), que não passou do primeiro número. Contudo, em 1997, desenvolveu o site Oficina de Informações que, inicialmente, propôs-se a noticiar e discutir as notícias diárias difundidas pela internet, mas logo se tornou referência no campo da informação alternativa, ou seja, em contraposição à grande imprensa. Em outubro de 1999, o site passou a editar *Reportagem*, mensário que discutia os fatos relativos à sociedade brasileira de forma analítica e questionadora, com textos mais longos e grandes reportagens. Durou, nesse formato, até junho de 2005 (momento em que somava 69 edições), quando cedeu lugar a um projeto que tinha como objetivo não deixar morrer a memória sobre os acontecimentos da ditadura militar. O grupo do Oficina de Informações lançou, em julho de 2005, uma série de doze edições nomeada *Retrato do Brasil*, que substituiria, por tempo determinado, *Reportagem*. Tratava-se de uma referência e homenagem aos fascículos homônimos publicados nos anos 1980.<sup>80</sup> Com o final da série, em agosto de 2006, a equipe não

<sup>79</sup> Instituto Gutenberg. Boletim nº 34, set.-out. 2000. (série eletrônica). Disponível em [www.igutenberg.org/jj343x1.html](http://www.igutenberg.org/jj343x1.html). Acesso dia 12 fev. 2008. Quanto a não aceitação de publicidade, Célia Regina Amorim demonstrou que houve, ainda que pouca, publicidade nas páginas do jornal. Ver AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. *Op. cit.*

<sup>80</sup> *Retrato do Brasil* foi uma série de 43 fascículos publicados entre 1984 e 1985. Do expediente faziam parte o artista gráfico Elifas Andreatto, o historiador Raymundo Faoro, o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, os jornalistas Mino Carta, Hélio Bicudo e Nirlando Beirão. Com um mercado editorial receptivo, dada a mobilização popular do momento, os fascículos fizeram sucesso entre professores, profissionais liberais e

abandonou o sonho de reeditar *Retrato do Brasil*, tanto que, de setembro de 2006 a janeiro de 2007, o título “Reportagem” voltou à capa do mensário, dividindo espaço com “Retrato do Brasil”. Isto é, o grupo responsável pela publicação juntou os dois títulos na mesma revista. A partir de janeiro, não circulou por alguns meses, para retornar apenas em julho de 2007. Nessa nova versão, a equipe decidiu assumir de vez o título *Retrato do Brasil*, modelo que se tornou padrão desde então. Tanto o site como o mensário mantêm a qualidade informativa. No grupo encontram-se, entre outros nomes, os de Roberto Davis (Presidente), Raimundo Pereira (Coordenador) e Mino Carta (Supervisor Editorial), o que denota a face contestatória e, muitas vezes, de esquerda da publicação.



*Retrato do Brasil*  
Edição nº 9 - Abr. 2008

A Mino Carta coube a fundação de mais um periódico de destaque entre os opositores atuais: o semanário *Carta Capital*. O jornalista foi protagonista de uma das fases mais ricas da *Veja*, no início dos anos 1970, pois desafiou os desmandos e ameaças do Ministro da Justiça, Armando Falcão. Em plena censura, convidou Plínio Marcos para escrever textos contundentes contra o governo, já que este teve sua peça *Abajour lilás* vetada, e contratou Luiz Weis, do grupo do Herzog, num claro enfrentamento ao governo. A pressão não tardou, isto porque a Editora Abril dependia da liberação do governo para receber um empréstimo de

---

integrantes do movimento sindical. Em 1986, dado o sucesso e empolgação dos responsáveis, *Retrato do Brasil* ganhou uma versão diária, um jornal, com sede na rua Nestor Pestana, região central da capital paulista, e circulava com oito páginas. Mas teve vida curtíssima. Foram menos de dois meses, no período exato entre 3 de outubro e 29 de novembro, deixando uma dívida que se aproximava de 5 milhões de dólares.

50 milhões de dólares da Caixa Econômica Federal, o que não acontecia devido a conduta da revista capitaneada por Carta. Depois de muita conversa com Victor Civita, Carta resolveu sair de férias em dezembro de 1975, para apaziguar a situação. Quando voltou, Civita exigiu que o editor demitisse Plínio Marcos, o que ele se recusou a fazer. Foi chamado mais tarde, no dia 13 ou 14 de fevereiro de 1976, para mais uma conversa que o próprio Mino Carta assim narrou:

Ele me disse: “Mino, por favor, me ajude.” Propus: “O senhor recoloca meu nome no expediente”- meu nome tinha sido tirado – “e chama o Plínio Marcos de volta”- ele tinha sido mandado embora -, “porque, para mim, o protocolo continua vigorando [um acordo firmado que durante a saída de Carta, ninguém seria demitido]. Do meu lado, vou fazer uma carta de demissão e entregar aos redatores-chefes num momento qualquer situado entre hoje” – era dia 13 ou 14 de fevereiro – “e 1º de abril”- data de encerramento do protocolo. Ele perguntou: “Mas o que vai dizer o Falcão?” Eu disse: “Nada. Já marquei uma entrevista com ele.” De fato, tinha marcado para dali a dois dias. Falcão me recebeu cordialmente: “Mino, você precisa tomar umas férias. Aliás, pode tomá-las na minha fazenda de Quixeramobim, que é uma maravilha, um lugar delicioso.” Perguntei como estavam as coisas e ele me respondeu: “Coloque-se no meu lugar. A Editora Abril tem quatro diretores, Victor Civita, Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria” – que era casado com a filha do Giordano Rossi, sócio minoritário – “e Pompeu de Souza” – que depois virou senador do PMDB. “Eles vêm aqui e dizem que a culpa é sua; que se não fosse você a revista falaria bem da gente, que você é o cara que impede que isso aconteça. O que você quer? É claro que eu vou pedir a sua cabeça. Ponha-se no meu lugar.” Eu disse: “Você tem toda razão. Quanto a Quixeramobim, pode esperar.” Saí da revista, e a censura também.<sup>81</sup>

Mino Carta saiu de *Veja* indignado com a família Civita, principalmente com Roberto,



*Carta Capital*  
Edição nº 492 – Abr. 2008

a quem chamou de “besta quadrada”, perdulário, arrivista e exibicionista. A briga chegou às vias de fato no episódio em que Carta correu atrás de Roberto Civita para esmurrá-lo. Enquanto este se refugiava dentro do carro, Carta destruía o capô e cuspiam no pára-brisa.<sup>82</sup> O espírito crítico e impulsivo de Mino Carta voltou a se manifestar no início dos anos 1990, quando seu sobrinho, Andrea (filho de Luiz Carta), convidou-o para trabalhar na Carta Editorial. Aceitou o convite, deixou a *IstoÉ* em agosto de 1993 e, um ano depois, lançou *Carta Capital*, que começou mensal, passou para quinzenal (março de 1996) e tornou-se semanal a partir de agosto de 2001. Com tiragem aproximada de 75 mil

<sup>81</sup> ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Op. cit.*, p. 192-193.

<sup>82</sup> *Caros Amigos*, nº 105, p. 37-38, dez. 2005.

exemplares, propôs-se a abordar temas políticos, econômicos e culturais, seguindo a linha do *The Economist*. Merece destaque a posição que o periódico assumiu nas eleições presidenciais de 2002, quando Mino Carta não escondeu que a revista apoiaria a candidatura de Lula, além de afirmar que votaria no candidato do PT. Em entrevista a *Caros Amigos*, asseverou que não existe imparcialidade na imprensa e que cada órgão tem uma postura política, por mais que tente escondê-la. E garantiu, ainda, que o governo nunca financiou sua revista, já que sempre anunciou mais na revista *Exame*, um periódico de negócios, do que na *Carta Capital*. Na sua opinião o problema não é apoiar esta ou aquela candidatura, mas esconder tal apoio, como faz a grande imprensa. Carta não deixou dúvida e sustentou que sua revista é de esquerda.<sup>83</sup>



*Bundas*  
Edição nº 4 – jul. 1999

Outro periódico que surgiu recentemente constituiu-se numa tentativa de ressuscitar o *Pasquim*. Em 1999, Ziraldo lançou no mercado *Bundas*, que ironizava *Caras*, revista dedicada a temas supérfluos. Contou com vários colaboradores dos velhos tempos, como Chico Caruso, Paulo Caruso, Jaguar, Millôr, Angeli e Miguel Paiva. Os dois primeiros números esgotaram-se e os editoriais de Luis Fernando Veríssimo causaram sensação. Mas a estréia bombástica não se manteve. Logo começaram os desentendimentos internos nos quais, de um lado, o grupo encabeçado por Miguel Paiva defendia uma publicação de sátira aos costumes burgueses, enquanto do outro Ziraldo queria veicular matérias políticas. Nesse ritmo, teve edições semanais até o final de 2000, quando se transformou em *Bundas Almanaque*, mensal.

<sup>83</sup> Idem, p. 38.

O periódico foi marginalizado no quesito publicidade, o que fez sua tiragem diminuir até desaparecer. Mesmo cheio de dívidas, Ziraldo não desistiu da idéia de um tablóide nos moldes do antigo *Pasquim* e lançou, junto com seu irmão Zélio, o *Pasquim 21*. Com 44 páginas em formato *standard* (tamanho do jornal comum) e tiragem inicial de 100 mil exemplares, apostaram em um nome já conhecido do público. A vendagem, entretanto, não foi a esperada, nem o número de anunciantes. Em sua edição 117, de julho de 2004, com uma homenagem a Leonel Brizola na manchete – “Adeus, velho Briza” –, anunciava que mais um sonho acabava naquela derradeira edição do jornal.

Na seqüência dessas iniciativas da imprensa de oposição, apareceram vários veículos ligados ao Fórum Social Mundial, como a revista *Fórum*, a publicação eletrônica *Carta Maior*



*Fórum*  
Edição nº 19 – Set. 2004

e o semanário *Brasil de Fato*. *Fórum* surgiu junto com o 1º evento do FSM, em janeiro de 2001, na cidade de Porto Alegre. Com a dimensão de 23x30 cm, média de 44-60 páginas, colorida e periodicidade mensal, volta-se para temas que tratam das injustiças sociais, projetos de incentivo à cultura na periferia nacional e para questões do meio ambiente, tanto que a partir de 2005 tornou-se a única revista impressa totalmente em papel reciclado. No caso de *Carta Maior*, editada por Renato Rovai e tendo Glauco Faria como editor-executivo, destaca-se que nasceu também por ocasião do primeiro encontro do FSM, em janeiro de 2001. Tem como seus principais temas os direitos humanos, as questões sociais e a economia e a política nacionais e estrangeiras. Possui um grupo de

colaboradores e colunistas respeitáveis, entre os quais Bernardo Kucinski, Boaventura de Souza Santos, Emir Sader, Leonardo Boff e Marcio Pochmann. Na edição está Flavio Wolff de Aguiar. Já *Brasil de Fato*, data de janeiro de 2003, e visa discutir os problemas políticos e sociais brasileiros. Foi criado mediante a união do MST, Via Campesina, Consulta Popular e pastorais sociais. Suas características principais são: tamanho *standart*, periodicidade semanal, média de 16 páginas coloridas, circulação nacional, tiragem de 50 mil exemplares e postura editorial bastante contundente. Como a grande maioria dos periódicos alternativos, foi (é) prejudicado com o boicote em bancas de revistas e com a falta de publicidade em suas páginas.

## BRASILdeFATO

"Lula precisa ter **coragem**",  
afirma Celso Furtado



*Brasil de Fato*  
Edição nº 1 – Jan. 2003

Outro órgão a destacar é a interessante experiência de se criar uma agência de notícias latino-americana. Em dezembro de 1999, três entidades italianas – Fundação Rispetto e Parità, a agência de notícia Adista e a Rede Radiè Resch – apresentaram a Frei Betto a proposta de organizar um núcleo que divulgasse para o mundo a vida, a cultura e os processos sociais da América Latina. Funcionaria como uma agência de notícias internacional, mas que veicularia apenas assuntos relacionados aos povos americanos, mais precisamente os esquecidos do continente. Aceito o projeto, o empreendimento começou a ser viabilizado no ano 2000, em Fortaleza, tendo como principais sócios pessoas ligadas a movimentos sociais, entre eles Frei Betto. À frente e no comando da agência, que se denominou *Adital*, estão Manfredo Araújo de Oliveira (Presidente), Ermanno Allegri (Diretor-executivo) e Ana Rogéria Mendes Araújo (Editora), profissionais que se dedicam a veicular uma outra visão da América Latina.

Os exemplos denotam bem as características dessa imprensa opositora, o que desmistifica a idéia de que é limitada a atuação do jornalismo crítico. Na verdade, o que ocorre é a fragmentação e a atuação desconexa desses periódicos em âmbito nacional. São muitas as iniciativas que se coadunam com as características dessa nova geração de alternativos, contudo, não representam unidade ideológica – apesar do fato de serem de esquerda -, textual, temática e política. Não obstante, cumprem importante papel ao estimular o debate social, oferecer novas idéias sobre assuntos veiculados na grande imprensa e, também, lançar novas questões ao público. Além disso, realizam análises mais aprofundadas e críticas, não se limitando a noticiar fatos sem discuti-los, o que configura este jornalismo como forte agente formador de opinião pública, mesmo contando com tiragem menos significativa que algumas publicações ligadas a grandes empresas. *Veja*, por exemplo, tem tiragem acima

de um milhão de exemplares semanais, enquanto *Caros Amigos* põe em circulação uma média de 55 mil cópias mensais.

Em face da mídia nacional, seja televisiva, virtual ou impressa, observa-se que a grande imprensa se diferencia dos opositores, pois não prima pela diversificação noticiosa, já que o que se publica num jornal é veiculado por todos os outros, até aparecer outra notícia “quente”, a ser explorada editorialmente. Nesse caminho, tem papel importante a ANJ (Associação Nacional de Jornais) e a ANER (Associação Nacional dos Editores de Revista), que funcionam como campo de batalha no qual os donos e editores combatem em conjunto, colocando-se contra as reivindicações de jornalistas e contra os interesses públicos, caso estes se caracterizem por ir contra seus interesses empresariais e privados. Em outras palavras, estas associações controlam as práticas jornalísticas, de modo a privilegiar seus interesses. Decidem o que fazer para moldar a atividade da imprensa em prol de seus lucros e tendências ideológicas.

Na contra-corrente, um dos caminhos encontrados para reverter esse quadro de monopolização midiática por poucas famílias e grupos, foi a renovação da imprensa crítica, analítica e literária, o que ofereceu novas opções de fontes informativas para o público leitor e/ou televisivo. Por não ser o objetivo aqui enumerar todas as experiências relativas à imprensa crítica no Brasil, resta atentar para o mensário que se configura como o objeto dessa pesquisa, a *Caros Amigos*, que em 2008 completou 11 anos no mercado.

### *CAROS AMIGOS: COMO TUDO COMEÇOU*

Em abril de 1997, quando *Caros Amigos* chegou às bancas, tinha o objetivo de criticar o neoliberalismo, abrir espaço para as questões sociais, elaborar textos com maior profundidade analítica e destoar da grande imprensa nacional. Com tal proposta e diante do aspecto físico que apresentava, poucos acreditavam que a publicação pudesse ter vida longa. Formato tablóide, maior do que o convencional utilizado pelas revistas, capa toda em preto-e-branco, com tiragem inicial de 50 mil exemplares, já anunciava que vinha para incomodar, tanto a prática jornalística como os membros do poder. Contava com um time de colaboradores de característica postura crítica, já que em seu primeiro número apareceram os nomes de Mylton Severiano, Luis Fernando Veríssimo, Frei Betto, Ignácio de Loyola Brandão, Plínio Marcos, José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Júlio Medaglia, Mário Prata, Emiliano José, Paulo Freire, Ricardo Kotscho, Diogo Pacheco, Matthew Shirts e Jaguar. O

grupo foi capitaneado por um dos idealizadores que, até abril de 2008, foi o editor do periódico, Sergio de Souza.

Em *Caros Amigos*, engajaram-se jornalistas que haviam se destacado nos nanicos do período ditatorial. Alinhados numa mesma postura crítica desde aquele tempo, os colaboradores assumiram o projeto como um meio independente, que proporcionaria a liberdade de opinião e de expressão ideológica, o que levou muitos a trabalhar sem qualquer remuneração, o que caracterizou o comprometimento desses jornalistas quanto à formação da opinião pública, num caminho diverso ao da grande imprensa. No conturbado período autoritário do regime militar, enfrentado corajosamente por esses jornalistas, criou-se o sentimento de pertencimento a uma época e a um grupo específico. Independente da idade de cada um, todos participaram e experimentaram o sabor de vivenciar e enfrentar um governo ditatorial e todos estiveram do lado oposto ao da grande imprensa e ao do poder, arriscando suas carreiras em prol de uma causa. Tal batalha moldou suas práticas jornalísticas no caminho da oposição e da crítica, o que os levou a comungarem dos mesmos sonhos e objetivos. Foi nesse embate contra o governo militar que se formou a geração dos jornalistas rebeldes, engajados numa causa, o que, posteriormente, sustentaria o surgimento da nova leva de representantes da imprensa alternativa.

A experiência desses jornalistas permite evocar a noção de *geração*, tal como definida por Sirinelli: em vez de um conceito baseado apenas na cronologia (ter nascido na mesma época), trata-se de perceber que não se resume a construções aritméticas, mas permite um artifício de apresentação. É uma peça essencial da “engrenagem do tempo”, cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados. Aqui, tal noção contribuiu para a caracterização profissional e ideológica dos grupos que compuseram a imprensa nanica, além de demonstrar que àquela geração juntaram-se novos nomes, numa convergência de interesses, já que as gerações não são padrões, inter-relacionando-se.<sup>84</sup>

Trata-se, pois, de observar, que estes profissionais comungaram de um mesmo ideário político e defenderam, muitas vezes, posições de cunho socialista, além de terem atuado num mesmo período conturbado. É um grupo que criou sua própria identidade diferencial, que é lembrada, até hoje, exatamente pelas posturas adotadas num momento de exceção política. Ao combaterem o autoritarismo de Estado daqueles tempos, ficou claro que compartilharam (compartilham) de uma mesma cultura política, isto é, mesmo que ideologicamente houvesse algumas diferenças, todos, sem exceção, posicionaram-se à esquerda e não aceitaram a

---

<sup>84</sup> SIRINELLI, Jean- François. A geração. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 131-139.

censura e a falta da liberdade de expressão, o que os levou a atuar numa mesma linha de frente – os periódicos alternativos. Nas palavras de Bernstein, cultura política significa “uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política”,<sup>85</sup> características que podem ser atribuídas tanto ao grupo idealizador de *Caros Amigos* quanto aos de outros projetos. Esse pessoal acredita no jornalismo de combate e na importante função da imprensa na orientação do público leitor. A eles, juntaram-se os jovens profissionais que, apesar de não terem participado das atividades nos nanicos, compartilham de uma mesma tradição política, de uma mesma visão do jornalismo. Têm nesses mitos da imprensa nacional os seus exemplos, e nas práticas empregadas por eles, os seus objetivos.

Deste modo, no rol dos nomes listados na primeira edição de *Caros Amigos*, pode-se antever as características do jornalismo crítico. Aliás, foi essa marca que em muitos casos afastou estes profissionais de importantes empresas de comunicação. Por assumirem uma posição de esquerda e de combate ao regime militar, ou foram marginalizados da grande imprensa ou, por iniciativa própria, abandonaram seus cargos para aderir à onda de periódicos alternativos que apareceram a partir de então. Devido à pressão que os donos dos jornais e revistas sofreram, era quase impossível que jornalistas que se recusassem a aceitar os desmandos dos censores mantivessem seus empregos imunes. Cedo ou tarde, sempre os empresários optavam em manter seus periódicos circulando e rendendo dividendos, em vez de encarar a reação do governo. Alguns casos são exemplares, como os que marcaram a saída de Mino Carta da *Veja*, que foi acompanhado, pouco depois, por Raimundo Pereira e Bernardo Kucinski. Também importa lembrar o afastamento de Alberto Dines do *Jornal do Brasil* que, de forma inteligente, fez menção ao AI-5, no famoso anúncio “Hoje é dia dos cegos”, de 24 de dezembro de 1968, e com a previsão do tempo: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos”.<sup>86</sup> Sua queda ocorreu em 1973, em função da menção a Allende, o que tinha sido proibido pela censura.<sup>87</sup> Por fim, cabe destacar o abandono em massa da equipe de redação de *Realidade*, no pós-AI-5, que não aceitou o afastamento do líder Paulo Patarra. Muitos desses jornalistas lançariam periódicos alternativos a partir dali.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial estampa, 1998, p. 350.

<sup>86</sup> Ver ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Op. cit.*, p. 97.

<sup>87</sup> Idem, p. 106.

<sup>88</sup> Ver KUCINSKI, Bernardo. *Op. cit.*

Foi nesse quadro, portanto, que apareceu a geração de jornalistas que fez parte da imprensa crítica dos anos 1960 e 1970, da qual surgiu o grupo inicial da revista *Caros Amigos*. Deste conjunto destaca-se, por exemplo, Sergio de Souza, militante da AP (Ação Popular) e que trabalhou em *Realidade*,<sup>89</sup> *Ex*, *Grilo* e *Canja*. Também Carlos Castelo Branco (*Pasquim*), Claudius, que foi o primeiro humorista preso por conta de uma charge publicada na *Pif-Paf* n° 4, Jaguar (*Crítica*, *Pasquim* e *Coojornal*), José Hamilton Ribeiro, que perdeu uma perna enquanto cobria a guerra do Vietnã (*Realidade*), Mylton Severiano (*Realidade*, *Ex*, *Bondinho* e *O Jornal*), Roberto Freire (*Brasil Urgente*, *Realidade* e *Bondinho*), Ignácio de Loyola (*Realidade* e *Última Hora*), Luis Fernando Veríssimo (*Pato Macho*, *Zero Hora* e *Pasquim*), Sergio Cabral (*Pasquim*), Emiliano José (*Movimento*), entre outros. Contou ainda com intelectuais como Frei Betto, defensor da Teologia da Libertação e colaborador da ALN (Ação Libertadora Nacional) durante o regime militar, que participou ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva das manifestações de greve nos anos 1980, foi chefe de reportagem da *Folha da Tarde* e trabalhou em *Realidade*; Plínio Marcos, um dos maiores dramaturgos brasileiros, que escreveu as peças *Dois perdidos numa noite suja* (1966) e *Navalha na Carne* (1967) e Léo Gilson Ribeiro, que já ganhou o título de maior crítico literário do Brasil e também fez parte do grupo de *Realidade*. Aí, não estão listados todos os nomes, no entanto, já é possível vislumbrar a dimensão que pretendia, essa revista, ter na imprensa brasileira atual.

Trata-se de observar que estes jornalistas são marcados por um espírito de grupo que se mantém ainda hoje. Essa parceria iniciou-se no momento em que José Hamilton Ribeiro – que estaria mais tarde em *Caros Amigos* – abriu a porta da redação da *Quatro Rodas*, em 1º de abril de 1964, e apresentou o novo funcionário: “Cambada, esse aqui é o Sergio de Souza, vai trabalhar com a gente”.<sup>90</sup> Neste momento, o grupo que marcaria o nome na história da imprensa brasileira começou a se formar, o mesmo que faria *Realidade*, vários nanicos e culminaria em *Caros Amigos*. Criou-se uma amizade tão intensa entre esses jornalistas, que se chegou ao ponto de um ser “cupido” do outro. Exemplo disso foi o caso em que Sergio de Souza tinha sido enviado à Londres para cobrir a Copa do Mundo de Futebol, em 1966, exatamente para ser afastado de Lana, que era casada, mas por quem Sergio estava apaixonado e não disfarçava nem um pouco – tanto que chegou a declarar isso na festa de aniversário da filha, em meio a todos os convidados (entre eles a esposa de Sergio e o marido

<sup>89</sup> Para uma visão mais ampla deste periódico considerado um dos mais destacados da imprensa brasileira contemporânea, pela sua qualidade e profundidade das matérias, ver a tese de doutorado que mais tarde tornou-se livro: FARO, José Salvador. *Revista Realidade (1966-1968): tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed. ULBRA/AGE, 1999.

<sup>90</sup> Lana (esposa de Sergio de Souza) em depoimento a João de Barros. *Caros Amigos Especial*, n° 40, p. 18, mai. 2008.

de Lana). Para ajudar o amigo, Paulo Patarra deu um jeito de enviar Lana para Londres, no entanto, a Abril não cobriu a viagem, o que obrigaria Patarra a vender o próprio carro para cumprir o objetivo. Lana não aceitou. No entanto, Sergio e Lana passaram a viver juntos depois de nove meses apenas.<sup>91</sup>

Outro episódio que denota essa amizade foi quando Roberto Freire e Sergio de Souza saíram de *Realidade* e juntaram-se num projeto que ficou conhecido como Arte & Comunicação – o que Kucinski chamou de primeiro mutirão alternativo -, uma espécie de cooperativa que incorporou jornalistas marginalizados da grande imprensa ou que buscavam um meio de participação mais ativa no cenário nacional. Fizeram parte desta empreitada, além de Sergio e Roberto, Eduardo Barreto, Narciso Kalili, José Hamilton Ribeiro, Mylton Severiano, Hamilton Almeida Filho, Woyle Guimarães, Ruy Barboza e J. A. Graville Ponce. Foi desta cooperativa a iniciativa de lançar alguns dos periódicos que se destacariam no combate ao regime militar, como *Grilo* (1971), *Bondinho* (1971) e *Jornalivro* (1972).<sup>92</sup> Com a postura cada vez mais crítica de *Bondinho*, ocorreu a perda crescente de publicidade, o que prejudicou a Arte & Comunicação, já que esta revista era o carro-chefe do grupo. Tiveram que pedir concordata, não pagando uma dívida com a editora Abril que havia concedido um crédito a eles de Cr\$ 2,5 milhões. A reação da Abril foi pedir a falência da A&C, processo que considerou a falência fraudulenta e levou à condenação de um ano de prisão para Narciso Kalili e Eduardo Barreto, por má gerência.<sup>93</sup> Em vista dessa noção de conjunto empregada por esses jornalistas, vale destacar que todos, com exceção dos que faleceram, fazem ou fizeram parte desses onze anos de história de *Caros Amigos*, sejam como idealizadores, colaboradores fixos ou participantes esporádicos.

É interessante notar, também, que todos já estiveram na grande imprensa e trabalharam - alguns ainda trabalham - em meios de comunicação de proporções industriais. Por pelo menos em um dos grandes veículos de comunicação nacional – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, Editora Abril ou Rede Globo - esses jornalistas já passaram. A título de exemplo, tome-se o editor de *Caros Amigos*, Sergio de Souza, que já passou pelas revistas da Abril *Quatro Rodas* e *Realidade* e, mais recentemente, trabalhou como editor do programa dominical *Fantástico* e na revista *Globo Rural*. Outro jornalista, Mylton Severiano, em entrevista, afirmou que quando foi convidado por Paulo Patarra para trabalhar na revista *Quatro Rodas*, passou a ganhar cinco vezes mais do que recebia na *Folha de S. Paulo*, o que

---

<sup>91</sup> Idem, p. 19.

<sup>92</sup> ZIBORDI, Marcos Antonio. *Op. cit.*, p. 31-33.

<sup>93</sup> KUCISNKI, Bernardo. *Op. cit.*, p. 177-179.

equivalia ao preço de um carro zero por mês.<sup>94</sup> Por fim, destaque-se Luis Fernando Veríssimo, colunista d'*O Estado de S. Paulo* e que aparece sempre em muitos periódicos da grande imprensa. Trata-se, pois, de um grupo de jornalistas que já passou por experiências diversificadas na imprensa nacional e que, por comungarem de um mesmo referencial ideológico, tomaram a decisão política de partir para uma espécie de jornalismo de oposição que caminha na contra-mão da grande imprensa. Mesmo os que trabalham tanto nos grandes meios de comunicação como na *Caros Amigos*, isto é, dividem-se entre duas práticas diferenciadas de imprensa, tendem a sustentar um posicionamento crítico ao veicular matérias contundentes relacionadas à política, economia ou cultura. Isto é possível porque, apesar do pragmatismo e objetivismo presentes na grande imprensa, esta ainda não eliminou por completo o espaço dedicado à opinião que, na maioria das vezes, aparece nas colunas assinadas. Fora isto, os periódicos são amplamente controlados pela ideologia e interesses dos seus proprietários, o que os coloca como alvos da nova imprensa alternativa.

Sendo assim, mais do que inseridos numa mesma geração e compartilharem de uma determinada cultura política, percebe-se que estes homens de imprensa, desde os tempos negros da ditadura, criaram laços afetivos e de amizade, pois enfrentaram unidos a repressão do governo. Mylton Severiano conta que quando passava por situação difícil em Marília (interior do Estado de São Paulo), Mino Carta e Paulo Patarra o convidaram para trabalhar na *Quatro Rodas*, o que aceitou não sem prejuízos, já que foi obrigado a largar a faculdade de Direito que cursava. Relata também o caso acima mencionado, no qual Patarra foi “promovido” a editor-especial de *Realidade*, o que equivale dizer que a partir dali estaria desligado da revista (outubro de 1968). Naquela mesma tarde, catorze dos integrantes do periódico anunciaram seu desligamento, o que demonstrou o espírito de equipe e a resistência à pressão militar.<sup>95</sup> Não à toa, estes jornalistas que compunham a redação de *Quatro Rodas*, também trabalharam juntos em *Realidade*, compuseram o grupo de Arte & Comunicação, participaram da imprensa alternativa e mais tarde, com o fim do governo autoritário, buscaram fazer parte de órgãos de imprensa diferenciados, o que não significa que os periódicos que traçaram uma forma diferente de fazer jornalismo, nos anos 1990, sejam como os alternativos das décadas de 1960-1970. Estes, muitas vezes, eram feitos clandestinamente, sem apoio financeiro e publicidade e sob grande pressão, fato que não se repete no cenário atual, que é marcado pela liberdade de expressão e por um regime democrático de governo.

---

<sup>94</sup> Entrevista realizada por Luiz Maklouf Carvalho em 2001. Disponível em <http://prof.reporter.sites.uol.com.br/myltainho.html>. Acesso dia 6 jun. 2007.

<sup>95</sup> Idem.

O próprio Mino Carta, que como alguns daqueles profissionais não faz parte do grupo que compõe a redação de *Caros Amigos*, depois do fim da ditadura encabeçou a revista *Carta Capital*, lançada em 1994, que é uma revista dentro do mercado e que disputa leitores com outros periódicos, ou seja, é capitalizada. O mesmo se repete no caso de *Caros Amigos*. Vê-se, pois, que nada está fora do mercado. Seja imprensa alternativa ou grande, todas disputam espaço nos segmentos que representam e todas dependem de capital para se manterem. Nesse sentido, em entrevista ao site *Carta Maior*, Sergio de Souza ficou reticente em afirmar que o mensário é um veículo de informação alternativo e prefere encará-lo como institucional. Em suas palavras, *Caros Amigos*

pertence a uma editora registrada na Junta Comercial; ela tem seu título, *Caros Amigos*, registrado no Inpi - Instituto Nacional de Propriedade Industrial; ela é membro da Aner - Associação Nacional dos Editores de Revistas; ela tem periodicidade e chega às bancas do país inteiro por intermédio da Dinap - Distribuidora Nacional de Publicações, do grupo Abril, tida como a maior distribuidora de revistas do Brasil, sendo que isso ocorre religiosamente há 10 anos; ela tem uma tabela de preços do espaço publicitário a ser comercializado em suas páginas; ela é produzida por profissionais tanto na área editorial quanto na comercial e administrativa, na sede que tem endereço físico, paga aluguel, contas de luz, água e telefone; ela mantém um site na internet; ela já foi premiada por várias entidades de reconhecida expressão no cenário nacional, assim como o site; ela consome toneladas de papel e de tinta gráfica mensalmente; ela circula nos meios que pensam o país, como a universidade, os colégios (corpos docente e discente), as câmaras municipais e assembleias legislativas, os executivos municipais e estaduais, o judiciário, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto.<sup>96</sup>

Defendendo as mesmas idéias em entrevista ao periódico *Jornalistas & Cia.*, Sergio de Souza mais uma vez negou que *Caros Amigos* fosse uma publicação alternativa e disse que essa classificação se consubstanciava numa falta de atenção ou, até mesmo, numa atitude interessada do pesquisador, por ser essa denominação conveniente para determinados estudos.<sup>97</sup> No entanto, é preciso matizar essas assertivas do editor do mensário. Sua visão está claramente ligada à noção de alternativo proposta por Kucinski, o que não cabe às publicações atuais que, aqui, são chamadas de nova imprensa alternativa. De acordo com Sergio de Souza, tanto a *Caros Amigos*, como qualquer dos periódicos elencados como parte da nova geração do jornalismo engajado, podem não ser considerados alternativos tais como os periódicos dos anos de chumbo se comparados ao sistema pelo qual são inseridos no mercado ou pela maneira como são produzidos e distribuídos, como bem anotou o editor do primeiro. Porém,

<sup>96</sup> Entrevista realizada por Verena Glass por ocasião da comemoração de dez anos de *Caros Amigos* no mercado editorial. Disponível em:

[http://www.agenciartamajor.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=13925](http://www.agenciartamajor.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13925). Acesso dia 2 jun. 2007.

<sup>97</sup> Ver *Jornalistas & Cia.*, nº 587, 18-24 abr. 2007. Disponível em [www.jornalistasecia.com.br/antiores.htm](http://www.jornalistasecia.com.br/antiores.htm). Acesso dia 9 jul. 2008.

estes não são os critérios que determinam, na história imediata da imprensa, o que é ou não um meio de comunicação alternativo. As características dessa nova imprensa crítica se ligam, como já citado, à postura ideológica e política dos periódicos. O que insere uma publicação dentro dessa nova geração, portanto, não é ser feita de forma clandestina ou censurada, mas sim **o que** contesta e **a que** é alternativa. Posto isso, o que importa são os seus conteúdos e as formas de expressão. Entende-se *alternativo* como sinônimo de diferente, de opção a mais e fora do padrão, que tenda ideologicamente à esquerda e que tenha como temas centrais a crítica política e social, o que possibilita atestar que *Caros Amigos* – mesmo com a negação de seu editor – e os outros periódicos críticos da atualidade são alternativos e sustentam esse caráter, exatamente pela proposta que defendem e pelo tipo de jornalismo que desenvolvem, que se caracteriza por proporcionar novas idéias e informações, oferecendo uma outra visão de mundo. O próprio Sergio de Souza confirmou a posição diferenciada de *Caros Amigos*, pois, sem a mesma precaução que teve com o conceito de *alternativo*, asseverou que capitaneia um periódico politicamente de *esquerda* e que anunciou o mensário desta forma nas poucas propagandas que conseguiu pôr na mídia – entre eles a *MTV*, a rádio Eldorado e uma ou outra revista.<sup>98</sup>

Este estilo de imprensa apresenta textos mais densos, analíticos e críticos, abrindo mão das informações descontextualizadas. Numa comparação rápida, é possível constatar que o jornalismo crítico de hoje recuperou algumas práticas dos nanicos e da imprensa literária da ditadura, mesmo que, é preciso que se reafirme, o momento político e a colocação desse segmento da imprensa na realidade nacional sejam diferentes daquela. Essa recuperação se deve em muito aos jornalistas que continuam a realizar modificações na estrutura da imprensa brasileira, homens que não abandonaram os ideais da profissão e que sustentam ainda um certo grau de utopismo quanto ao jornalismo. Se naquela época arriscaram inovações na linguagem e na diagramação de muitos periódicos, hoje continuam com tal atividade, retomando muito do que apareceu naquele momento. Mais que para a *Quatro Rodas*, o saudosismo se volta para *Realidade*. Ali, tudo funcionava como os jornalistas queriam: tinham liberdade e realizavam um produto final de qualidade. Nas palavras de Maria Celeste Mira, a revista era “valorizada pelos intelectuais pela profundidade de suas matérias, era o paraíso dos jornalistas, que não tinham hora para chegar nem manual de redação. Boa demais para durar”.<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> Sergio de Souza em entrevista a Verena Glass por ocasião da comemoração de dez anos de *Caros Amigos* no mercado editorial. *Op. cit.*

<sup>99</sup> MIRA, Maria Celeste. *Op. cit.*, p. 69.

A revista *Realidade* rompeu com os padrões estéticos do realismo e objetivismo, pois buscava influir ativamente no seu tempo e trazer a democracia em uma época de repressão militar, abordando assuntos que estremeciam a ordem estabelecida. O próprio Paulo Patarra assegurou: “nós éramos tudo o que incomodava: divorcistas, socialistas e um bando de jornalistas”.<sup>100</sup> *Caros Amigos* seguiu essa trilha, como reconheceu Sergio de Souza, embora não sem receio, ao dizer que talvez haja alguma influência subjetiva dessa imprensa de resistência

quando procura despertar a discussão abordando a realidade com olhar principalmente crítico, quando elege temas de interesse das maiorias, quando trata de ouvir pessoas que contribuem para o crescimento do leitor, quando expõe a violação dos direitos humanos, quando se espanta com uma política de privilégios e com um grau de injustiça social aberrante. Enfim, quando prossegue na velha busca que deu origem à profissão.<sup>101</sup>

Desenha-se, portanto, as raízes de *Caros Amigos*. Supõe-se que a equipe que colaborou com o periódico a partir de abril de 1997, seja composta por jornalistas utópicos, idealistas, resquício de uma imprensa engajada, crítica e opinativa, que teve papel de destaque na história do Brasil contemporâneo. Diante do quadro que se configurava com a abertura democrática, na qual a imprensa de fato assumia o papel de empresa disputando mercado para a venda de seus produtos – a notícia -, esse grupo de jornalistas buscou resgatar uma outra espécie de jornalismo, que se assemelhava ao francês do início do século XX, ou ao *new journalism* americano, juntamente com outros veículos de comunicação.

Com a grande imprensa defendendo os preceitos neoliberais de economia de mercado, Estado mínimo, progresso e modernização, coube a um pequeno grupo as discussões iniciais sobre como eles divergiam da inércia midiática e como seria este novo periódico de contestação. Aliás, a questão de quem fez parte das primeiras reuniões para a definição do projeto de *Caros Amigos* foi tema de discussões e ataques entre seus participantes. Alberto Dines, em recente texto, acusou Sergio de Souza de ter escondido informações acerca de quem participou da formação da revista antes de seu lançamento. Afirma que o editor de *Caros Amigos*, apenas na comemoração dos 10 anos do mensário, deu os créditos para o verdadeiro dono do título que nomeia a revista – o próprio Dines.<sup>102</sup> Contudo, em contraposição à afirmação de Dines, na edição nº 13, de abril de 1998, o editorial de *Caros Amigos* esclarecia que Alberto Dines participara das primeiras conversas, mas que desistiu

<sup>100</sup> Idem, p. 69.

<sup>101</sup> Em entrevista. Ver PEREIRA FILHO, José Francisco. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 28.

<sup>102</sup> DINES, Alberto. *Caros Amigos: nova história oficial a cada década*. *Observatório da imprensa*, ano 12, nº 432, 8 mai. 2007.

quando sua proposta não foi aceita, cedendo o título “Caros Amigos” para os membros remanescentes.<sup>103</sup>

Essa rusga perdurou até bem pouco tempo e parece que Dines realmente ficou chateado com o grupo que lançou a revista já que, sempre que possível, critica a equipe de *Caros Amigos* em seus comentários. Segundo Sergio de Souza, participaram das primeiras reuniões João Noro, Roberto Freire, Jorge Brolio, Francisco Vasconcelos, José Carlos Marão, Alberto Dines, Hélio de Almeida, Mathew Shirts e ele.<sup>104</sup> Na lista de Dines, surge um novo nome, Juca Kfourri (entrevistado da edição nº 1), enquanto Roberto Freire e Jorge Brolio não aparecem.<sup>105</sup> No entanto, é ponto pacífico que, depois do lançamento da revista, em abril de 1997, continuaram apenas Sergio de Souza, João Noro, Roberto Freire, Jorge Brolio, Francisco Vasconcelos e Mathew Shirts.

O aspecto da nova revista permanecia em aberto. Havia várias propostas e idéias, dentre as quais a de uma revista "futurista", que tratasse de um mundo novo, oferecido pelo avanço galopante da tecnologia, ou de uma revista para-literária. Alberto Dines aludia a um jornal, cujos artigos deveriam ter a forma de cartas, escritas por grandes nomes, opção não adotada no final. Decidiu-se pela sugestão de Sergio de Souza, ou seja, a de criar uma publicação mensal que trouxesse reportagens, artigos, colunas, seções, humor, fotografia e uma grande entrevista que batizou de "explosiva", para brincar com a clássica "exclusiva". Apesar das diferenças, não há como não lembrar as entrevistas do *Pasquim*, já que, assim como naquele, *Caros Amigos* tem na entrevista seu carro-chefe. Além disso, o modo de conduzir a conversa é bastante parecido com a forma realizada pela patota. Não é uma entrevista convencional (pergunta/resposta), mas um bate-papo descontraído, com alguns palavrões, no qual o entrevistado tem liberdade total para expor suas idéias. Há um grande número de entrevistadores, o que estabelece mais uma conversa difusa do que uma entrevista. É um debate banhado a risos, desafios, provocações e opiniões, no qual a oralidade é mantida e a edição serve apenas para retirar os excessos de texto. Enfim, lembra muito as entrevistas do *Pasquim*.

Em *Caros Amigos*, decidiu-se que todos os artigos deveriam ser assinados, não se admitindo pseudônimos. A escolha do tema seria livre, cabendo às reuniões de pauta apenas decidir o entrevistado do mês e as poucas reportagens. Esse formato apareceu nas bancas em abril de 1997 e permanece até hoje, mesclando textos literários e analíticos, postura política

---

<sup>103</sup> *Caros Amigos*, nº13, abr. 1998.

<sup>104</sup> Em entrevista à Verena Glass para a Carta Maior. *Entrevista citada*.

<sup>105</sup> DINES, Alberto. *Op. cit.*

de esquerda e predomínio do preto e branco. Enfim, uma revista de fôlego e sem lides, quadros explicativos ou fotos ilustrativas. Devido a essas características, dependeu muito do engajamento dos seus colaboradores, pois era voltada para um público mais exigente e, portanto, menos numeroso. Além do mais, o conteúdo veiculado pela revista afastou a publicidade, o que levou os articulistas a trabalhar sem remuneração, mais um ponto que aproxima *Caros Amigos* do *Pasquim*, pois, como destacou José Luiz Braga, muitos colaboradores contribuíam gratuitamente com o jornal, algumas vezes investindo capital pessoal.<sup>106</sup>

Os textos, mais que jornalísticos, tinham (têm) um cunho sociológico, antineoliberal e analítico. *Caros Amigos* não se prestou a ser um veículo de informações, mas sim de discussões sobre temas candentes do cenário político, social, cultural e econômico. O caráter de esquerda e claramente socialista, ficou expresso no vocabulário recorrente, que se valeu de termos como “luta de classes”, “capitalismo”, “excluídos”, “Marxismo” etc, de acordo com os ideais que esses jornalistas defendiam desde os anos 1960. Por essas características peculiares, os responsáveis por *Caros Amigos* podem ser caracterizados, de acordo com Sirinelli, na definição mais restrita de intelectual, baseada na noção de engajamento, já que participam ativamente dos debates públicos.<sup>107</sup> Isso se justifica porque o grupo toma uma posição e a defende, o que configura uma participação permanente nos problemas nacionais.

Nesse ponto, vem à tona novamente as proposições de Mino Carta, que não hesitou em escancarar sua posição política ao defender a candidatura de Lula nas eleições presidenciais de 2002. Partiu da idéia de que um órgão de imprensa tem todo o direito de assumir uma postura, assim como fez a *Carta Capital*. Para o jornalista, é uma atitude muito mais justa frente ao público leitor, já que não escamoteia informações e notícias e deixa claro sobre suas ideologias. Como afirmou Carta, houve uma conversa com toda a redação que, por consenso, aceitou colocar-se dessa forma publicamente.<sup>108</sup> É fato, porém, que *Caros Amigos* não se caracterizou por definir um apoio consensual a este ou aquele político, mas seus colaboradores tiveram a liberdade de veicular opiniões sem qualquer tipo de intervenção, o que se expressou nas várias edições da revista pré-eleição, nas quais se encontram comentários variados, defesas e ataques a diferentes políticos. É nesse sentido, portanto, que o mensário manteve intelectuais de acordo com o entendimento de Sirinelli, engajados publicamente.

---

<sup>106</sup> BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: UNB, 1991, p.42.

<sup>107</sup> SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>108</sup> Ver *Caros Amigos*, ano IX, nº 105, p. 38, dez. 2005.

Problemas e virtudes à parte, o fato é que *Caros Amigos* é uma revista alternativa, que destoa da grande imprensa e faz um tipo de jornalismo diferenciado. É uma contribuição para a discussão pública dos problemas nacionais e traz idéias diversificadas e de esquerda para contrastar com as chamadas de direita e conservadoras, o que fomenta o debate intelectual independentemente dos julgamentos de méritos. Vê-se, pois, que o tema é rico e complexo. Aqui, configurou-se uma visão acerca do grupo formador do periódico e os motivos que levaram ao tipo de publicação em que se estruturou *Caros Amigos*. Outros aspectos relativos à revista serão tratados mais à frente, como as questões financeiras da editora que mantém o mensário, o caso da escassez de propagandas e de publicidade em suas páginas, a árdua e polêmica relação com o Partido dos Trabalhadores (PT), uma análise mais detalhada das principais seções da revista e a postura da equipe nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Até o momento, buscou-se fazer um breve esboço de sua trajetória profissional e suas concepções políticas, para entender o porquê de compartilhar de determinada cultura política e engajar-se num projeto aparentemente arriscado e de difícil manutenção.

Trata-se, portanto, de contribuir para a história da imprensa no Brasil, privilegiando um segmento que se denominou, aqui, de nova imprensa alternativa. Dentro dessa linha, tomou-se como objeto uma das principais representantes do jornalismo crítico, a revista *Caros Amigos*. Por se situar na contracorrente da “mídia gorda” – termo muito usado pelos colaboradores da revista –, pratica a profissão de forma diferenciada, mais lenta, aprofundada, com textos de autor (assinados) que agregam características literárias, isto é, realizam uma experiência de resgatar o jornalismo literário que se destacou na imprensa alternativa atuante na ditadura militar, especialmente na revista *Realidade*, cuja preocupação era a qualidade textual, a reportagem caudalosa e de conteúdo, o trabalho de jornalista feio na rua e não na redação via telefonemas. Ao invés do jornalismo asséptico, cerceado e controlado pelos manuais de redação, estilo muito ligado às práticas norte-americanas de imprensa, *Caros Amigos* arrisca uma postura mais opinativa e engajada, de atuação direta nas questões públicas. Ao contrário dos grandes periódicos, que reservam a opinião apenas às colunas assinadas – e que mesmo assim muitas vezes são controladas –,<sup>109</sup> abordou temas marginalizados pelo resto da mídia, além de dar outra visão aos que por ela foram tratados, como foi o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Trata-se de perceber

---

<sup>109</sup> A colaboradora de *Caros Amigos*, Marilene Felinto, é um exemplo de que a opinião não está tão livre nos grandes veículos de imprensa, já que teve que sair da *Folha de S. Paulo* devido a sua posição forte contra o governo do PSDB.

que a opinião trafegou por todas as páginas da revista. Nesse sentido, os colaboradores atuam (atuaram) como intelectuais engajados no seio da sociedade brasileira, ainda que de forma restrita, devido à tiragem e à capacidade financeira da editora Casa Amarela. Agiram de acordo com posturas ideológicas, provocaram os poderosos e criticaram a política, economia, cultura, imprensa, enfim, veicularam novas idéias que, de fato, tiveram tons claramente humanistas.

Diante desse primeiro retrato de *Caros Amigos*, interessa, a partir de agora, mergulhar em suas páginas para compreender qual é seu papel na imprensa brasileira atual. Na posição de um dos mais destacados representantes dessa nova geração de periódicos alternativos, o mensário importa por suas múltiplas particularidades. O que se objetiva é atentar para o discurso dos colaboradores, qual a função de cada um no projeto, de onde partem as ideologias e apontar os detalhes que caracterizam *Caros Amigos* como uma opção diferenciada no mercado editorial nacional.

Para tanto, o objetivo nos próximos dois capítulos será destacar os principais aspectos do mensário, os mais importantes colaboradores e as seções da revista, já que é a partir desses jornalistas e intelectuais, que se configurou o adjetivo de *engajamento*. Foram nos textos críticos, analíticos e caudalosos, nas reportagens de campo, que carregaram um grande teor de responsabilidade social, no humor mordaz e inteligente e na liberdade de escrita, sem reios dos patrões e donos de jornal, que a *Caros Amigos* teve seu maior potencial informativo e de participação social efetiva. Trata-se de um veículo de comunicação que se concretizou como um projeto político e de engajamento dos profissionais que fazem parte do grupo, meio pelo qual podem expor suas opiniões e distribuir críticas sem qualquer interferência. Apenas alguns dos colaboradores recebiam pelos seus escritos, os que realmente estivessem necessitados financeiramente. Isto é, escreveram mais por ideologia e empenho intelectual e social, do que por vultuosos salários e serviços burocráticos. Não tiveram a pressão de fechamento corrido da edição e escolheram o que mais os incomodavam naquele momento para relatar e propor debates com a população. Contudo, destaque-se, tal empreendimento ainda é restrito, devido à tiragem limitada de *Caros Amigos*. O que não significa que a contribuição cultural expressa em suas páginas não mereça um estudo pormenorizado. Pelo contrário, já passa de uma década que a revista contribui para tornar plural o modo de se fazer imprensa no Brasil.

## CAPÍTULO II – Visão panorâmica da revista

### CAROS AMIGOS EM EVOLUCAO: CARACTERÍSTICAS GERAIS

*Caros Amigos* é o carro-chefe da Editora Casa Amarela, revista mensal distribuída por todo o país pela DINAP. Traz, em cada edição, uma grande entrevista com personalidade de destaque nos planos econômico, político, religioso, artístico, esportivo, filosófico, sempre alguém de opinião independente, pronto para criticar o próprio meio em que atua. Impressa em papel *off-set* 90 gramas, com poucas cores, dimensões de 27x33 cm (fechada), tiragem média de 50 mil exemplares, circula toda segunda semana de cada mês. Quando apareceu nas bancas, em 1997, destacou-se pelo tamanho e pela monocromia em preto. Suas dimensões e até mesmo estrutura e distribuição das informações na capa, lembrou várias revistas como *O Cruzeiro*, *Realidade* e *Bondinho*. Maior que o padrão das publicações convencionais, num formato fora de moda e com raras imagens, poucos acreditavam que o mensário duraria por muito tempo. *Caros Amigos*, em abril de 2009, completou seu décimo segundo aniversário.

Mesmo com todo o empenho de Sergio de Souza em negar qualquer saudosismo com relação à imprensa alternativa, não se pode deixar de notar que, apesar da crítica ser direcionada a outros sistemas e personagens, o editor imprimiu aspectos físicos de revistas nas quais trabalhou. Ele próprio tornou-se ícone da imprensa crítica – uma “lenda viva”, como era chamado pelos “caros amigos”. Fique claro que o jornalismo praticado não é o mesmo dos nanicos, como já esclarecido, mas é interessante observar que *Caros Amigos*, publicação organizada pelos mesmos jornalistas da imprensa alternativa dos tempos da ditadura militar, carrega traços marcantes de *Realidade* – que não era nanica, muito pelo contrário - e *Bondinho*, veículos nos quais Sergio de Souza teve ampla participação. Isso denota que, mesmo subconscientemente, a *equipe revisteira* – apelido dado por Kucinski aos egressos de *Realidade* – de alguma forma tentou reviver os momentos áureos do jornalismo brasileiro.

Outros aspectos que relembram os alternativos não podem ser esquecidos, dada a semelhança intrigante. O *Pasquim* era, por exemplo, a publicação principal de uma editora, a Codecri, que se empenhou em lançar livros dos colaboradores do jornal ou de outros autores, desde que críticos e instigantes.<sup>110</sup> A editora Casa Amarela, também seguiu esse percurso. Os colaboradores de *Caros Amigos* já lançaram vários livros por essa editora, sempre de conteúdos analíticos e diferenciados. No *Pasquim*, foi recurso comum publicar edições especiais, compilações do melhor do jornal e cadernos voltados a assuntos específicos, como

---

<sup>110</sup> Ver BRAGA, José Luiz. *Op. cit.* (as seguintes comparações com *Caros Amigos* são todas baseadas nesse livro).

*O Borrão*, para vestibulandos. *Caros Amigos*, para completar a receita da editora, periodicamente coloca nas bancas edições especiais e compilações das melhores entrevistas (o que a Codecri fez em forma de livro), além da série *Rebeldes Brasileiros* e da coleção *História Imediata* – que tratam respectivamente de personagens importantes no posicionamento revolucionário na história do Brasil e de assuntos candentes da história presente nacional. Ziraldo, em 1981, dizia que o *Pasquim* não queria se ligar a coisa nenhuma e que era composto por um grupo de indignados sociais sem qualquer *ismo*, a não ser o da profissão.<sup>111</sup>

No editorial de apresentação de *Caros Amigos*, Sergio de Souza escreveu:

*Caros Amigos* é uma reunião de inteligências e talentos que andam espalhados por diversos meios de comunicação, alguns; e outros que estão marginalizados por todos os meios.

Têm esses talentos e inteligências, diferentes modos de pensar e interpretar a realidade, mas se identificam, todos, num ponto crucial: a ética, preocupação primeira desta revista mensal que estréia nas bancas do país inteiro com a intenção de discutir o Brasil e o mundo de hoje de um ponto de vista original, pelo menos no que se refere ao atual mercado de publicações.

Outros muitos talentos e inteligências, brasileiros e estrangeiros, irão desfilar nas páginas futuras de *Caros Amigos* - a lista é enorme e cada um, como nós, tem absoluta certeza da existência de um largo contingente de leitores, mulheres e homens, jovens e maduros, ávidos por uma publicação que lide com idéias, que seja crítica, que leve a reflexão. E que traga tudo isso sem ser aborrecida, mas com bom humor; sem academicismo, mas com linguagem cotidiana; sem partidarismo, sem vanguardismo, sem voluntarismo, na verdade, sem nenhum ismo.<sup>112</sup>

Ainda há o fato das entrevistas de ambas publicações assemelharem-se na forma e no engajamento dos colaboradores. Enquanto isso, das semelhanças que se referem à *Realidade*, o que se destaca é a qualidade do texto e das reportagens, encontrada também nas páginas de *Caros Amigos*, muito devido ao trabalho cuidadoso de Sergio de Souza, que era considerado um dos melhores editores de texto do país. Além disso, os aspectos físicos das duas revistas são semelhantes, como já apontado.

Mesmo com alguns traços em comum, *Caros Amigos* se configura num periódico original e diferenciado. Nesse sentido, importa analisar *Caros Amigos* individualmente, para clarear os aspectos que a transformam na principal representante desse novo segmento do jornalismo crítico brasileiro. Para tanto, antes é interessante dedicar algumas linhas à Editora Casa Amarela, que leva esse nome exatamente por ter começado numa pequena casa desta cor. Responsável pela publicação do mensário, encontra-se hoje na rua Fidalga, no bairro de Vila Madalena, São Paulo. Era uma micro-editora que Sergio de Souza fundou junto com Marina Amaral e Wagner Nabuco em sociedade, em fevereiro de 1996, quando surgiu a

<sup>111</sup> Idem, p. 104.

<sup>112</sup> *Caros Amigos*, nº 1, abr. 1997. (editorial).

possibilidade de realizar o sonho de publicar uma revista crítica e de esquerda, que renovasse o jornalismo de oposição, projeto que se consubstanciou em *Caros Amigos*. Nesse ponto, Wagner Nabuco ponderou:

A idéia da revista surgiu da necessidade que sentimos de ter uma voz que destoasse do discurso da grande mídia, que discutisse a globalização. Por outro lado, pensando pelo lado técnico, achávamos que tinha que haver alguma coisa mais jornalística. Porque, há quatro anos, quando a revista surgiu, o que se dizia é que as pessoas estavam parando de ler, que, na sociedade da imagética, o lance era fazer textos curtos, com muitas fotos, ilustrações e infográficos. Influências, no jornal, da escola do U.S. Today, americano, e, do lado da revista, o sucesso da Focus alemã e da influência da Escola de Navarra. Nós, ao contrário, fizemos uma revista que revaloriza o texto, porque há muitos leitores que querem ler coisas inteligentes, que os façam pensar criticamente o país. Queremos fazer a revista crescer. Por que não ter uma editora que não seja de direita no país? É claro que não vamos ter ajuda do BNDES, etc, mas vamos tentar, temos esse sonho. John Lennon disse que o sonho acabou. Mas eu acho que não: um sonho sonhado por muitos vira realidade.<sup>113</sup>

Casa Amarela é uma editora pequena, que se mantém com a venda da *Caros Amigos* em bancas e com as séries e livros que lança. O critério para publicação é que o assunto seja algo inovador, crítico e bem escrito. Alguns temas ganharam destaque nesses anos de trabalho da editora, como o MST, a questão energética, a imprensa e as drogas. Esses são apenas alguns dos assuntos tratados, já que a lista vai de literatura, política, economia, movimentos sociais até saúde. Quanto ao último, Casa Amarela publicou um livro polêmico do médico José Róiz, intitulado *Esporte mata!* Indo contra tudo o que se convencionou aceitar como saudável, que é a prática habitual de esportes, o médico defendeu o sedentarismo como a fórmula da vida longa, já que o corpo humano não foi feito para grandes esforços - aceitava no máximo a caminhada. Até sua morte, ocorrida em 6 de agosto de 2003, Róiz escreveu na revista, sustentando o mesmo discurso.

Destacam-se também, a título de exemplo, os livros de Gilberto Felisberto Vasconcellos, sobre a questão energética no Brasil. O autor publicou *A salvação da lavoura*, obra ancorada nas argumentações do geólogo mineiro Marcello Guimarães sobre a biomassa e o potencial energético da agricultura, pouco utilizadas no país, e *Poder dos trópicos*, em co-autoria com Bautista Vidal, texto que taxou o governo de alienado em relação à questão energética e quanto ao poder dos trópicos como fonte alternativa de energia. No que concerne à ditadura, tem-se *Galeria F*, que relatou os bastidores da repressão militar no Estado da Bahia, e *Carlos Marighella*, que trouxe um perfil de um dos principais inimigos do regime militar, ambos de Emiliano José. Ainda nessa temática, surgiu *Paixão de João Antonio*, de

<sup>113</sup> Entrevista a Andressa Camargo, Cláudia Lamego, Luciana Gondim e Olívia Bandeira de Melo. Disponível em <http://comcult2002.sites.uol.com.br/index.html>. Acesso 30 mai. 2005.

Mylton Severiano, biografia do considerado escritor marginal e preocupado com a periferia e com os esquecidos pelo governo. João Antonio participou da imprensa alternativa dos anos 1960-1970 e, certamente, comporia o grupo de colaboradores de *Caros Amigos*, se não tivesse falecido pouco antes do lançamento do mensário, o que foi comentado na edição nº 1. Quanto à imprensa, os livros do historiador e jornalista José Arbex Jr., *Showrnlalismo* e *Jornalismo Canalha*, tratam da relação que o autor denominou de “promíscua” entre mídia e poder, especialmente no caso da Guerra do Golfo, no ataque ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, e na batalha entre Israel e Palestina. Também acusa a mídia de preconceituosa com relação aos governos de esquerda da América Latina (Venezuela, Bolívia, Brasil) e com movimentos populares, como o MST.

Na série História Imediata, o mesmo Arbex Jr. descreveu, em *Terror e Esperança na Palestina*, a situação deplorável na qual vivem os palestinos, sob a coerção das tropas israelenses apoiadas pelos EUA. A visão que predominou na imprensa sobre os povos islâmicos e os árabes foi tida como maniqueísta, pois transformou *terrorista* em sinônimo de árabe, ao mesmo tempo em que os ocidentais são apontados como os defensores da democracia. Outro colaborador de *Caros Amigos*, Georges Bourdoukan, resolveu publicar livro sobre a cultura do deserto, ressaltando as características e riquezas desses povos em *Vozes do deserto*. Contribuindo para a lista de livros da editora, Izaias Almada escreveu *Venezuela: povo e forças armadas*, obra que revelou o outro lado da Venezuela, aquele que a grande imprensa brasileira não mostra, já que é contra o governo de Hugo Chávez. O grupo ainda evidenciou seu apoio ao MST, o que ficou claro em *Rompendo a cerca*, trabalho dos jornalistas Jan Rocha e Sue Branford, sobre o cotidiano do movimento, o engajamento dos participantes e os problemas enfrentados pelas famílias na interminável batalha pela terra. Quanto à política nacional, *Lula: um operário na presidência*, de Frei Betto, revelou a propensão do grupo de *Caros Amigos* que, num primeiro momento, apoiou a candidatura e o governo de Lula. Nesta breve biografia, Frei Betto constituiu a imagem do presidente apelando para o emocional, já que fez questão de explorar a parte sofrida da vida de Lula. Por fim e, para deixar mais leve as temáticas abrigadas pela editora, vale lembrar a bem humorada história contada por José Carlos Farah no livro *O homem do pinto pequeno*, uma parábola sobre as enormes complicações psicológicas e emocionais que podem ser causadas por um complexo físico, que tanto atormenta os homens em suas relações amorosas.

Casa Amarela conta com uma lista maior de publicações, uma vez que foram pontuadas apenas as que denotaram a postura da editora com relação aos temas polêmicos e com conteúdo social, sempre abordados de maneira crítica, criativa e engajada. Há de se

notar, porém, que essa característica combatente, de esquerda, que marca tanto a revista como a editora, só é possível graças aos colaboradores, que emprestam seus nomes e textos a um projeto que visou, desde seu lançamento, destoar da grande mídia nacional e propor outras visões sobre a realidade atual. Com artigos analíticos, contundentes, caudalosos, livres de lides e outras técnicas do gênero, os jornalistas contribuíram para formar mais a fundo intelectualmente o público leitor, estimular o senso crítico e o debate social, oferecer novos olhares a assuntos pretensamente esgotados pela mídia e propiciar a disseminação de valores humanísticos, destacando sempre o homem e suas ações em prol do outro, isto é, as iniciativas que se espalham pelo mundo com o objetivo de melhorar a vida dos marginalizados. Não é à toa que sempre voltam a tocar no mote que resume o FSM e que foi adotado pela *Caros Amigos*: “um outro mundo é possível”. As palavras de Zibordi englobam todas essas marcas da revista e resumem sua configuração:

*Caros Amigos*, que se coloca diante do público como veículo de articulação intelectual sobre os problemas nacionais, expressa fortemente a idéia de formação. E não só por causa do nome da revista inspirado num choro de Chico Buarque e toda a automática referência ao ídolo e ao momento social e político das décadas de 60 e 70. O conceito de agrupamento, de bloco organizado para manifestação crítica está em vários sinais editoriais. O mais evidente, depois do título, é a lista de redatores da edição do mês, que sai na capa e exatamente na mesma ordem e que os autores publicam seus escritos nas páginas internas. A própria monocromia em preto reforça o senso de unicidade. E a diagramação contribui mais um pouco: os textos são publicados em tipologia pequena (tamanho 10) e a pouca quantidade de fotografia na ilustração – em detrimento de desenhos e pinturas com varias técnicas – é outro dado de contenção, concentração e coesão visual. A aparência – para alguns, mais sisuda; para outros, sóbria – de qualquer maneira passa longe de apelos visuais comuns à banalidade da comunicação de massa. Bicos de pena, traços em nanquim e montagens plásticas refinadas apostam num tipo de sensibilidade estética apurada.<sup>114</sup>

Com esse espírito combatente e crítico, e com essas características peculiares, *Caros Amigos* construiu sua história. Foi na contramão da grande imprensa e da política atual que conquistou o posto de publicação de engajamento, alternativa à grande massa noticiosa que traz sempre as mesmas informações sem desenvolver a análise. O periódico tanto quis diferenciar-se das demais publicações que até mesmo sua diagramação e estrutura física chocaram quando chegou às bancas. O primeiro número trouxe Juca Kfourri na capa, com o rosto borrado, como se saísse das sombras, tudo em preto e branco. Confeccionada num papel mais barato, em dimensões maiores que o padrão e com diagramação interna pesada, marcada por muitos textos e ausência de imagens e cor, *Caros Amigos* não só revolucionou no conteúdo como também no formato. Nas primeiras edições a revista apresentou uma

<sup>114</sup> ZIBORDI, Marcos Antonio. *Op. cit.*, 125-126.

distribuição confusa dos textos que começavam numa página e terminavam na metade da outra. Eram divididos por linhas negras, que carregavam a diagramação, entremeados por imagens que poluíam a revista.



#### Edição n° 1 – Abr. 1997

Note-se como a capa trouxe tons pesados e uma diagramação incomum para o mercado de revistas contemporâneas.

Este aspecto se manteve no primeiro ano da publicação. Na 13ª edição, a de aniversário, as páginas apresentaram uma leve mudança gráfica, com a distribuição entre desenhos e textos melhor organizada. As linhas negras tornaram-se um recurso menos usado, mas ainda continuava uma revista sisuda e pesada. As capas de *Caros Amigos*, até a 4ª edição, apareceram totalmente em preto e branco, o que começou a mudar a partir de agosto de 1997, quando o título e algumas chamadas de rosto ganharam alguma cor. Não obstante, as fotos dos entrevistados – que na maioria das vezes ocuparam as capas, sustentaram a monocromia, o que mudou apenas na edição 39, que trouxe João Pedro Stedile em cores. Na verdade, este número transformou radicalmente os padrões de capa de *Caros Amigos*, já que não apenas o depoente, mas todo o espaço foi preenchido com cores berrantes. Era preciso atrair o leitor já que a publicidade sempre foi pouca. Mesmo que o foco não tenha sido chamar a atenção pela banalidade, cor e imagens, mas pelo conteúdo, era necessário que o público visse a revista nas bancas, para que os textos fossem lidos. Não obstante, o interior manteve o padrão convencional.



Destaca-se o colorido chamativo desta capa, o que não aconteceu em nenhum número anterior.

**Edição nº 39**  
**Jun. 2000**

A primeira grande mudança gráfica de *Caros Amigos* foi desenvolvida pelo *designer* Rafic Farah, que se ofereceu para fazer o trabalho e cobrou algumas noitadas de sinuca pelo serviço. O editorial de quinto aniversário trouxe as modestas palavras do próprio Farah sobre as mudanças:

Vamos ver nesta edição os esboços da penteada que estamos promovendo no projeto gráfico. Ainda é um projeto, no sentido da projeção: do que pode vir a ser a nova cara. Não é inovação ou inovador quanto à expectativa que se costuma ter quando se anuncia “um novo projeto”. Pra falar a verdade, não sou bom em projeto. Sei sugerir soluções, algumas dessas se transformaram em projetos sob a artesanaria de meus assistentes e a colaboração de outros diretores de arte. Em *Caros Amigos* é vontade geral uma limpeza, um ordenamento das informações gráficas. Nesse sentido, sim, na história da revista estamos apresentando uma novidade. Há ainda um bom caminho pra percorrer – que passa por hábitos editoriais – para chegarmos a algo que agrade e surpreenda os olhos do leitor. Por hora, vocês terão um acesso mais límpido às informações, aos bons textos de *Caros Amigos*.<sup>115</sup>

Realmente Rafic Farah não revolucionou a diagramação do periódico, mas organizou muito bem o que estava confuso. Já que se trata de uma revista de leitura, facilitou ao máximo este ato ao limpá-la e torná-la mais clara e arejada. Colocou as coisas no lugar, o que possibilitou ao olhar caminhar pelas páginas com facilidade e localizar os diferentes focos das matérias. Ganhou em austeridade. Segundo Farah, o que influenciou as mudanças que fez em *Caros Amigos* foi a revista *Senhor*, publicação dos anos 1960 que tinha um competente

<sup>115</sup> *Caros Amigos*, nº 61, abr. 2002.

*designer*, Carlos Scliar. Foi dela que inspirou o uso de mais espaços em branco, o que deixou mais leve o interior. O objetivo, na verdade, foi ordenar, não descaracterizar o mensário. O importante era manter o padrão, que distinguia imprensa de publicidade. Apesar das sutis mudanças, ficou evidente a melhora na distribuição do conteúdo e o ganho em leveza se comparadas as edições antes e pós-reforma.



*Edição nº 13 – Abr. 1998*

Com um ano de publicação, ainda se notava diagramação pesada, apesar de já ter sofrido uma leve modificação.



*Edição nº 69 – Dez. 2002*

Alguns números depois da reforma de Farah. Já se percebe o arejamento que ele citou, com mais espaços em branco.

Mais organizada, *Caros Amigos* continuou a exercer o papel de oposição, de crítica e de denunciadora das injustiças sociais. Publicação em que os jornalistas tiveram (têm) liberdade de atuação, assim como aconteceu em *Realidade*, favoreceu a disseminação das mais variadas idéias, mesmo que todas canalizassem para a esquerda – no sentido de contraponto, oposição. Sem seguir regras de produção, lides, manuais ou pautas, os colaboradores sempre adotaram apenas uma orientação de Sergio de Souza sobre o que escrever: “algo que agrade muito ou que incomode demais”. Dessa forma conquistou um público fiel, com a média de 12 mil assinantes desde 2001 e com a vendagem em bancas entre 13 e 14 mil edições mensais. Mesmo com a manutenção das vendas, que não sofrem grandes variações, *Caros Amigos* não consegue se estabilizar e se manter sem preocupações financeiras. Segundo Wagner Nabuco (diretor comercial), para não correr riscos, a revista precisaria vender 26 mil em bancas e ter 20 mil assinantes.<sup>116</sup> Não foi à toa que, ainda na nona edição, já diante da falta de publicidade no mensário, uma tática encontrada pela equipe responsável foi convidar personalidades para posar com a revista na mão, o que apareceria nas

<sup>116</sup> Em entrevista a PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Op. cit.*, p. 155.

páginas internas com o título “Eu Leio”. Idéia cedida pelo publicitário Raul Cruz Lima, então presidente da Denison Brasil, tinha o intuito de dar peso à publicação, fazendo referência à gente de prestígio que lia *Caros Amigos*, recurso este utilizado pela *Rolling Stone* na dureza dos primeiros anos, quando recebia poucos anúncios e campanhas de empresas privadas.

Diante dessa imagem de *Caros Amigos*, cabe, agora, mergulhar em suas páginas e anotar as principais características e seções que sustentam (sustentaram) a revista no posto de mais importante publicação de esquerda do mercado editorial brasileiro. Primeiramente, vale destacar os principais colaboradores do mensário entre abril de 1997 e dezembro de 2006. No período, contabilizou-se número aproximado de 390 nomes que já tiveram seus textos publicados em *Caros Amigos*.<sup>117</sup> Observa-se, contudo, que a grande maioria teve apenas um artigo publicado (233); outros 41 somaram duas contribuições. Ou seja, cerca de 70% dos nomes que já habitaram as páginas de *Caros Amigos* não apareceram mais que duas vezes. Em seguida estão pontuados os principais colaboradores do mensário no período da pesquisa. Atente-se que, na lista abaixo, estão inseridos também os articulistas das seções.

**Tabela 2: os principais colaboradores<sup>118</sup>**

<b>Colaboradores</b>	<b>Número de contribuições</b>
Gilberto Felisberto Vanconcellos	170 (14 artigos)
Mylton Severiano	118 (10 artigos)
Frei Betto	116
Ana Miranda	113
Georges Bourdoukan	112
José Arbex Jr.	108
Léo Gilson Ribeiro	107 (8 artigos)
Claudius	91 (1 artigo)
Castelo Branco	79 (4 artigos)
Emir Sader	78
Guilherme Scalzilli	68
Ferréz	65
João Pedro Stédile; Jarbas Medeiros	51
Nicodemus Pessoa	49
Paulo Freire	47

<sup>117</sup> Sem somar os ensaios fotográficos que foram catalogados separadamente.

<sup>118</sup> Os nomes que aparecem com quantidade de artigos entre parênteses referem-se aos colaboradores de seções que veicularam textos fora delas.

Marilene Felinto	46 (1 artigo)
César Cardoso	44
Glauco Mattoso	42
Caio Mourão	41
César Benjamin	39
Diogo Pacheco	36
Marina Amaral	34
André Forastieri	33
Palmério Dória	32 (7 artigos)
Cláudio Tognolli	28
Guilherme Azevedo; Hélio de Alcântara; Plínio Marcos	27
Renato Pompeu	25
Luis Fernando Veríssimo	24
Adão Iturrusgarai	23
Hamilton Octavio de Souza	19 (1 artigo)
José Róiz; Ignácio de Loyola Brandão	19
Enio Squeff	18
Jaguar	17
Gabriel Priolli	14
Jorge Arbach; Roberto Freire	13
Luis Fernando Novoa Garzon	11
Matthew Shirts	8

São nomes que atestam o caráter de esquerda, crítico e independente da revista, mesmo que nem todos comunguem declaradamente do ideário político de esquerda. Trata-se de evidenciar que os principais autores que contribuíram com a publicação são marcados por características peculiares e sustentaram discursos muitas vezes direcionados a determinados temas dentro das edições, numa espécie de divisão de trabalho e assuntos por autor. Não obstante, tal segmentação não obedeceu a uma ordem rígida, já que esporadicamente mudaram seus campos temáticos. As contribuições foram dadas de acordo com a estrutura

geral de *Caros Amigos* que, desde seu primeiro número, manteve praticamente o mesmo modelo, com poucas modificações.

O periódico tem como carro-chefe a grande entrevista (ver anexo I), marca registrada que renovou a prática jornalística nesse campo, não se prendendo a debates curtos e pré-determinados. O conteúdo que completou cada edição mensal se dividiu em seções diversificadas, artigos distribuídos pelas páginas, poucas imagens e publicidade escassa. *Caros Amigos*, na verdade, dispôs em seu interior conteúdos que se equilibraram, já que veicular apenas textos opinativos e analíticos, de cunho sociológico, a tornaria muito densa e pesada, de difícil leitura. Assim, percebeu-se que em meio a muitos artigos caudalosos e predominância do preto e branco, a publicação valeu-se de recursos lúdicos, imagéticos e humorísticos, que exerceram o papel de contrapeso ao hermetismo do mensário.

Quanto às seções, observou-se certo padrão, já que muitas delas existiram por grande período. Claro que outras tiveram vidas curtas, por motivos variados, como pelo não sucesso ou mesmo pelo falecimento do articulista, mas o fato é que os colaboradores desses espaços fixos sempre tiveram segurança e independência para exporem suas idéias. Até dezembro de 2006 contabilizou-se 26 seções entre as que se mantiveram e as findadas. Marcadas por englobarem diversas temáticas tratadas tanto com humor sagaz quanto com seriedade, tornaram-se espaço caracterizado de *Caros Amigos*, pois foram muitas vezes nelas que as opiniões contundentes apareceram. Na tabela abaixo, pode-se observar todas as seções dos dez primeiros anos do mensário.

**Tabela 3: As seções de Caros Amigos**

SEÇÃO	INÍCIO	TÉRMINO	CONSIDERAÇÕES	AUTOR
Janelas abertas	Nº1	-----	Crítica literária e discussão cultural.	Léo Gilson Ribeiro
Ensaio fotográfico	Nº1	-----	Fotos que buscam mostrar o “outro lado do Brasil”. Isto é, a população pobre e as regiões afastadas do centro econômico.	Autores diversos
Um Desenho	Nº1	-----	Desenhos sem um objetivo político.	Guto Lacaz
Jaguar	Nº1	Nº17	Charges, caricaturas e desenhos que se remetem à ditadura e criticam a política e comportamentos da classe média.	Jaguar
O caso do milênio.	Nº10	-----	Discussão política de postura nacionalista e crítica à cultura de massa.	Gilberto Felisberto Vanconcellos

Enfermaria	Nº10	-----	Espaço bem humorado de crítica política, humor, e casos do interior (Marília).	Mylton Severiano
Reclame	Nº13	Nº18	Análise da publicidade veiculada na imprensa.	Izaías Almada
Claudius	Nº27	-----	Caricaturas e desenhos voltados para a crítica política.	Claudius
Le Monde Diplomatique	Nº34	Nº50	Textos do homônimo francês.	Vários autores
República	Nº39	Nº112	Opiniões de estudantes universitários (não vinculada a qualquer movimento).	Vários autores
O Caseiro do Presidente	Nº40	Nº68	Humor e crítica política direcionados a FHC.	Carlos Castelo Branco
Eu Leio	Nº 9	-----	Sempre com uma foto de alguma personalidade lendo a revista.	****
As aventuras de Alencar Almeida (OBS: não foi seção, mas uma série).	Nº 50	Nº 72	Fala de Alencar Almeida e sua vida de repórter. Comenta pelo que passa um repórter na profissão.	Guilherme Azevedo
Adão*	Nº51	Nº 76	Charges de humor e crítica política	Adão Iturrusgarai
Vozes do deserto (série sobre os beduínos)	N. 53	Nº 67	Crônicas e críticas sobre a cultura, práticas e mitos dos homens do deserto.	Georges Bourdoukan
Desenhos Falados	Nº58	Nº70	Humor e crítica política.	Jorge Arbach
A consciência de Inácio	Nº69	Nº77	Série que tratou de lembrar ao presidente Lula as suas raízes e ideologias.	Carlos Castelo Branco
Pequeno Folhetim do Folclore	Nº70	-----	Dedicada principalmente a Câmara Cascudo e sua visão sobre a cultura brasileira.	Gilberto Felisberto Vasconcellos
Projeto Portas Abertas/Caros Amigos	Nº 70	87 - apareceu mais uma vez na edição 105.	Obras de artistas israelenses, palestinos e brasileiros contra a ocupação da Palestina.	Vários colaboradores
Desaviso	Nº72	-----	Feminismo, crítica à direita, marxismo, imprensa e política. Seção bastante contundente.	Marilene Felinto

Porca Miséria	Nº76	-----	Glosas – críticas a acontecimentos do mês (principalmente políticos).	Glauco Mattoso
Bulhufas	Nº80	-----	Interesses gerais, tratados com bom humor.	Carlos Castelo Branco
Indicações	N. 89	-----	Indicações de leitura que tratam do ensaísmo político/ideológico.	Emir Sader
Picadinhas	Nº93	-----	Comentários sarcásticos e críticos sobre frases e atos de personalidades.	Palmério Doria
Entrelinhas	Nº100	-----	Críticas aos comentários e atitudes da grande imprensa que são camufladas nas entrelinhas.	Hamilton Octávio de Souza

\*Adão ficou sem publicar nas edições 74 e 75.

\*\*Obs: as linhas pontilhadas indicam as seções que ainda eram publicadas em dezembro de 2006.

Há um ponto interessante a destacar quanto à tabela: as seções de maior duração não são as que se propuseram a fazer uma crítica política direta. Por ser revista de esquerda, *Caros Amigos* carrega imagem de publicação política e crítica, o que é fato, entretanto, tal postura não impediu que veiculasse outros conteúdos mais leves e ligados à cultura, fotografia e arte. O artista plástico Guto Lacaz, por exemplo, desde a primeira edição mantém “Um desenho”, que traz uma arte abrindo toda edição do periódico. Em “Janelas abertas”, Leo Gilson exerceu a função de crítico literário e cultural por vários anos. Mais uma seção que se sustentou desde a primeira edição foi “Ensaio”, que todo mês ofereceu ao leitor um trabalho fotográfico de autor não fixo, sempre destacando o lado simples da população brasileira e mundial. Apesar de outros motivos fotográficos, como cidades europeias ou festivais culturais, a seção funcionou mais como um meio de crítica visual às injustiças espalhadas pelo mundo, do que espaço de divulgação artística. Na verdade, posicionados sempre nas duas páginas centrais, pode-se chamar os ensaios publicados pela revista de *fotografia engajada*, dado o foco social e crítico que sustentaram.

Há ainda “Enfermaria” de Mylton Severiano e “O caso do milênio” de Gilberto Felisberto Vasconcellos, veiculadas desde a décima edição. Ambas, apesar de muitas vezes abordarem assuntos ligados ao governo, não se caracterizam como espaço de discussão política, o que confirma a dedicação dos editores em contribuir de outras maneiras com a formação do público. Trata-se de perceber a amplitude de atuação de *Caros Amigos*, revista que mesmo exercendo o papel de principal periódico de oposição ao modelo capitalista hodierno, não se eximiu de publicar assuntos variados e preocupar-se com a orientação

responsável do leitor. Entretanto, observou-se que a maioria das seções posteriores a essas mais duradouras, dedicou-se à política, porém, isto não obscureceu a atuação das demais, o que manteve a publicação não apenas como importante formadora de opinião pública crítica, como também de espaço de formação cultural ampla.

Essa “politização” de *Caros Amigos* se deu com o tempo. Seus primeiros números preocuparam-se menos com política e mais com a discussão de temas que envolvessem cultura, história e injustiças sociais. Talvez por isso as seções de maior duração, lançadas de primeira mão, caracterizaram-se por não ter na política seu tema principal. O mensário aos poucos assumiu essa postura, especialmente a partir da edição 16, de julho de 1998, quando colocou na capa as fotos dos principais candidatos à presidência da república: FHC e LULA. Aquele foi um ponto de inflexão que mudaria a trajetória da revista, já que um de seus fundadores, Roberto Freire, brigou com Sergio de Souza por não aceitar a politização de *Caros Amigos*, e abandonou a publicação. Roberto Freire, anarquista declarado e que se recusava a discutir política, teve seu nome colocado pela última vez no expediente, como editor-executivo, em janeiro de 1999. Havia doado os direitos autorais de seus livros à editora Casa Amarela, para que pudessem sustentar a idéia do periódico, mas saiu ao ver uma possível aproximação com o PT. Quanto a essa questão, Freire concluiu que *Caros Amigos*,

Traiu os seus ideais iniciais, e eu fui traído também, porque essa decisão foi tomada à minha revelia, de maneira unilateral, sem que eu fosse consultado, sem me perguntarem se eu concordava ou não com essa aproximação com o PT. Por isso eu rompi com o Sergio de Souza, um velho amigo meu, e nós nem nos falamos mais, não temos mais relações pessoais. Eu fiquei muito deprimido e abalado com essa história. Muitos me procuram, mas eu ainda não condigo falar sobre o assunto.<sup>119</sup>

Trata-se de notar que a publicação dedicou-se com mais ênfase a temas políticos a partir de 1999, com a saída de Roberto Freire. As seções lançadas trilharam o mesmo caminho, como pode ser observado na tabela acima. Fossem colunas de humor, artigos ou desenhos, a maioria delas apresentou viés político. Na verdade, nas edições mensais figuraram temas do gênero num montante bem maior com relação ao período anterior, como se nota com os números lançados em vésperas de eleições, nas quais *Caros Amigos* dedicou-se especificamente ao assunto. Contudo, a maior fixação nessas questões, não afastou a revista de seus ideais primários, como o de cumprir o papel de quarto poder, no sentido de responder contra os problemas dispersos na sociedade, em prol da população, isto é, não abriu mão do engajamento social.

---

<sup>119</sup> PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Op. cit.*, p. 172.

Tal responsabilidade apareceu na grande quantidade de textos que circularam pelas páginas do periódico. Na classificação temática construída a partir da leitura de todos os artigos (com exceção das seções) veiculados nos 117 números estudados, dentro do período estabelecido para a pesquisa, verificou-se que a política dividiu espaço com as questões sociais dentro dos principais assuntos, o que pode ser confirmado na tabela seguinte.

**Tabela 4: levantamento temático<sup>120</sup>**

<b>Tema</b>	<b>Total</b>
Crítica social	497
Política nacional	387
Política internacional	267
Criação literária	250
Cultura	213
Imprensa	129
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	114
Neoliberalismo/globalização	105
Variedades	88
América Latina	72
Questões ligadas a esportes	29
Episódios históricos	20

Pelo fato de *Caros Amigos* oferecer textos caudalosos, de fôlego, constatou-se que os artigos englobaram variados assuntos, o que dificultou sua classificação temática. Tratou-se, então, de discernir qual a vertente predominante em cada um, o que possibilitou sua caracterização. Claro que é difícil estabelecer os limites para ordenar cada texto, haja vista a densidade dos artigos, o que, no limite, ocasiona a determinação categórica segundo a sensibilidade de quem interpreta.

De acordo com os dados acima, notou-se que os problemas relacionados à sociedade em geral não deixaram de ser englobados pelos colaboradores do mensário. Pelo contrário, *Crítica social* foi o tema mais abordado, com 497 entradas. Aí entraram assuntos relacionados à família, drogas, religião, comportamento, violência policial, passividade do brasileiro, sexualidade, preconceito, educação, trabalho, injustiças sociais etc. O foco em todos os artigos

<sup>120</sup> Estão listados todos os textos que não fizeram parte das seções específicas. Estes últimos podem ser vistos nos anexos II e III; O quadro temático geral de toda revista no anexo IV. Algumas das principais seções serão analisadas no terceiro capítulo.

do segmento pautou-se por visão crítica, informativa, educativa ou denunciadora, a qual serviu de orientação para o leitor e pólo de combate contra os abusos cometidos pelo governo ou qualquer outro tipo de injustiça. *Caros Amigos*, no entanto, não se portou apenas como defensora da sociedade civil, mas direcionou críticas à sociedade em geral quando esta se mostrava passiva, resignada e inerte frente aos problemas cotidianos. Claro que o objetivo geral foi funcionar como meio de combate às elites, ao governo e aos abusos, mas tratou de estimular a população a se manifestar, instigando-a contra violações de seus direitos. Além disso, defendeu sem ressalvas movimentos populares como o MST, os sem-teto, índios, negros, pastorais e fóruns de discussões sociais, como o Fórum Social Mundial.

Na seqüência, verificou-se a importância da política nas páginas da publicação, tanto nacional como internacional. Nesse ponto, há de se destacar, primeiramente, que o tema não se desliga das questões sociais de maneira alguma, pois o viés dado às matérias sempre visou a análise aprofundada, a crítica às práticas políticas e a formação cidadã. Nesse sentido, a responsabilidade social manteve-se e *Caros Amigos* tratou a política de maneira diversa à da grande imprensa. Não se limitou a noticiar os fatos, mas discutiu política de forma aprofundada, mesmo ao abordar questões complexas. Sempre preocupada em ser o mais didática possível, mas sem nunca banalizar a escrita.

Nas duas entradas estabelecidas para política – nacional e internacional -, a que predominou foi a relacionada com o quadro interno, tratada em 387 artigos. Atos governamentais, eleições, CPIs, votações da Câmara e Senado, políticos, corrupção, partidos políticos, programas sociais, entre outros, são alguns dos assuntos que determinaram a ordenação do tema. A visão ideológica da revista e seu posicionamento frente aos governos de FHC e Lula serão tomados com maior afinco no quarto capítulo. Quanto à política internacional, com 267 entradas, privilegiaram-se as relações internacionais, guerras, imperialismos, terrorismo, questão do petróleo e blocos regionais. Algumas considerações são necessárias quanto a este tema. No momento de qualificar os textos nesse grupo, levou-se em consideração qual a intenção de fundo do artigo, já que ao tratar de política internacional, a variação de assuntos tornou-se mais freqüente. Dentro dessa temática entraram tópicos que poderiam direcionar o texto para outro segmento, já que América Latina, economia e cultura mediaram muitos artigos, contudo, como prevaleceu o caráter de relações externas, optou-se pela definição de internacional.

Há de se destacar, também, que os alvos principais dos trabalhos indicados para *Política internacional* foram os EUA e a questão Israel/Palestina. Os artigos publicados em *Caros Amigos* tenderam a criticar enfaticamente a política neoliberal e imperialista dos EUA e

o tratamento truculento do governo israelense com os palestinos, muitas vezes relacionando um e outro. Também se posicionaram na direção inversa à da grande imprensa quanto ao atentado contra o *World Trade Center*, ocorrido em 11 de setembro de 2001. Em vez de lançarem palavras de ordem contra o povo e cultura muçulmanos, buscaram entender quais as razões que teriam provocado o ataque terrorista. Merece destaque uma análise bem-humorada de César Cardoso nesse tópico, ao tratá-lo como se fosse o último capítulo de uma novela, “O segredo de Big Brother Mountain”:

As pessoas começam a se remexer nos bancos incomodadas com o silêncio. Parado no altar, o *cowboy* Billy The Bush não responde ao padre, que acaba de perguntar se ele aceita o clone de Carmem Miranda como sua legítima esposa. Billy se vira, desanda a correr e abandona a igreja, gritando que tem uma missão a cumprir. O clone de Carmem Miranda se ajoelha diante do altar, aos prantos. E o padre pergunta aos fiéis: o que é que a baiana tem?

Da entrada da caverna vemos uma enorme favela morro abaixo. Billy The Bush toca o interfone da caverna. Lá de dentro, uma voz pergunta insistentemente: abriu? Abriu? Abriu? Billy saca de seu coldre uma minibomba atômica, explode o portão e entra. Lá dentro, tem que enfrentar um gigantesco bloco carnavalesco animado por baterias e metralhadoras e formado por uma multidão de miseráveis que canta: “Mande bomba pra Ioiô, mande bomba pra Iaiá...”. Depois de exterminá-los, Billy caminha por corredores até chegar ao salão principal e dar de cara com Osama bin Laden. Eles se miram de alto a baixo, até que Osama rompe o silêncio de pedra:

- Agora somos só nós dois.

- Aqui na sua caverna ou lá na Casa Branca? – pergunta Billy The Bush, enquanto tira do paletó um buquê, desamassa as flores e entrega a Osama. Mas Osama joga as flores no chão.

- Nosso amor é impossível, você sabe.

- Por quê? Lembra daqueles dias felizes, quando papai te contratou pra ser agente da CIA?

- Seu tolo! Você não se lembra de nada. Vivia bêbado naquela época. Saia daqui.

- Então é guerra?

- É. Eu vou me virar, fechar os olhos e contar até cinqüenta enquanto você foge. E depois veremos quem manda no planeta... Um, dois, três...

Billy The Bush puxa Osama e os dois se beijam.

- Nós sempre teremos Paris – diz Billy, enquanto sai da caverna.<sup>121</sup>

Apesar da ironia sagaz de César Cardoso, esta foi uma de suas poucas aventuras em política internacional. Na maior parte das vezes, o tema foi tratado com sisudez e palavras mais sérias. Nesse campo de atuação, observou-se que os colaboradores mais assíduos na temática foram Georges Bourdoukan (48), José Arbex Jr. (39), Gershon Knispel (35) e Emir Sader (10).

Evidenciando mais uma vez que o mensário não se restringiu a temas pesados, o quarto item mais numeroso foi *Criação literária*. Aí entraram dois gêneros diferentes: crônica (238) e poesia (12). Porém, a crônica foi o gênero mais expressivo ao abranger 95% do total.

<sup>121</sup> *Caros Amigos*, n° 108, p. 16, mar. 2006.

Grande parte delas foi escrita por Ana Miranda, que veiculou seus textos desde a segunda edição da revista e tornou-se a cronista oficial de *Caros Amigos*, tanto que publicou pela Casa Amarela livro que compilou suas colaborações, sob o título de *Deus-dará*, em 2003. No campo da poesia, destacaram-se Ferréz (5), Ledusha (2), Bourdoukan (2) e Ana Miranda (2). Com total de 250 entradas, *Criação literária* tornou mais leve o conteúdo de *Caros Amigos*, periódico que se caracterizou pela veiculação de artigos mais pesados e longos, muitas vezes com aprofundamento teórico. Importa destacar, neste íterim, que as crônicas e poesias guardaram relação com a revista. Ou seja, não entraram apenas para arejar o conteúdo, pois compartilharam dos objetivos da publicação: foram de críticas sociais. Os editores perceberam que o texto mais leve poderia atrair mais leitores, já que apenas o discurso pesado não seria atrativo. Assim, ao parecer descompromissada, a criação literária realizou crítica social.

Com exceção dos já relacionados, os temas que ultrapassaram a marca dos 100 artigos foram *Cultura, Imprensa, Questões ligadas a publicações diversas e literatura e Neoliberalismo/globalização*. A primeira abrangeu discussões acerca do cinema, teatro, música, composição, artistas, pinturas, folclore, cultura de massa etc. Sem portar-se de forma objetiva, seca, *Caros Amigos* ofereceu diferentes análises sobre os mais variados setores culturais, isto é, não comentou brevemente ou indicou obras para os leitores, mas aprofundou a análise mediante figuras de destaque no cenário *cult* nacional. Destacaram-se nesse trabalho Diogo Pacheco (21), Georges Bourdoukan (13), Paulo Freire (12), Nicodemus Pessoa (11), Frederica (7) e Plínio Marcos (6). Apesar do grande volume de questões abordadas nessa temática, pode-se afirmar que, no geral, os artigos atacaram a cultura de massa de baixa qualidade, em qualquer segmento, e privilegiaram grandes mestres do quadro artístico brasileiro e mundial, como Tom Zé, José Celso Martinez, João Gilberto, Ari Barroso, Pixinguinha, Caravaggio, Da Vinci, Villon, Sinatra, Brecht. Além disso, valorizaram manifestações regionais como festas folclóricas, teatro amador, música caipira, cinema alternativo etc. Noutros termos, os articulistas renegaram muito do que é (foi) popular e que toma a cena em programas de auditório e de rádio, não apoiando o que se convencionou chamar de “jabaculê” – termo que designa a troca de favores entre artistas, mídia, empresários e gravadoras. Fique claro, porém, que a revista não excluiu a cultura popular do rol de obras de qualidade, apenas criticou o que classificou como produção ruim.

Em *Imprensa*, o padrão foi contrariar a maioria das notícias, práticas e ideologias da grande mídia, em âmbito mundial, no entanto, o alvo principal foi a imprensa nacional. É importante esclarecer que *Caros Amigos*, contudo, não apenas se opôs às experiências

jornalísticas, não apenas assumiu o papel de fazer objeção incondicional, já que, por exemplo, ressaltou o papel do *Le Monde Diplomatique*, tanto que, entre janeiro de 2000 e maio de 2001, veiculou em suas páginas matérias do periódico francês e o apontou como um dos exemplos a ser seguido, como também reconheceu a tendência inovadora seguida por periódicos de cunho alternativo que foram lançados nos últimos anos. O mensário comandado por Sergio de Souza desde o primeiro momento contestou a mesmice midiática e o conteúdo publicado pelos meios de comunicação brasileiros, o que se evidenciou logo na primeira edição, com o artigo de José Marcio Penido:

Eu simplesmente não agüento mais. A monotonia tomou conta dos jornais, revistas e telejornais. E das conversas também. Todo dia é a mesma lengalenga, temas eternamente repisados, notícias velhas, ramerrão, lugar-comum. Pois não dizem de novo que o teatro está morrendo? Já o cinema brasileiro, dado como falecido, ressuscita – outra reprise. Ninguém ajuda os artistas. Faltam verbas para a cultura. Dona Ruth não quer ser chamada de primeira-dama. Já o primeiro-marido é aquele que adora viajar. Edmundo, emburrado, não assina contrato. Sávio, dodói, não joga. Romário, Crises e Caprichos, capítulo 12.889.

Paulista gosta de trabalhar. Carioca, de praia. Baiano, teu nome é preguiça. Gaúcho é macho paca. Mineiro come quieto. *Gay* que come *gay* não é *gay*. Quem dá, é. *Cidadão Kane* é o maior filme de todos os tempos. Trânsito pára na volta às aulas. Estréia a nova novela das 8, igualzinha a antiga novela das 8, e um pouco mais chata. Político de Brasília trabalha de terça a quinta, e olhe lá. Empreiteira acusada de corrupção. Este país tem feriados demais [...]

Deus é brasileiro. Português é burro. Francês não toma banho. Caos na saúde pública. Ninguém faz musicais como Hollywood. Nova York é a capital do mundo. A música popular brasileira é a mais rica do mundo. Carnaval carioca, a maior festa popular do mundo. Baixada Fluminense, o lugar mais violento do mundo. CPIs em geral. Justiça brasileira tarda e falha. Traições e namoros (com direito a chupão no pé) das princesinhas de Mônaco e de Windsor. Charles, entre a coroa feiosa que gosta de levar pra cama e a outra, de ouro e pedras preciosas, que a mãe não tira da cabeça nem por decreto. Pelé, o atleta do século. Xuxa e (argh) Angélica e (argh) Xuxa, eta papo morrinha...

Madonna e seu amante latino, Madonna e Maria de Lourdes, Madonna e Evita... Santa Evita, nunca vão te deixar em paz? Quem matou Ayrton Senna? Quem é contra a reeleição? Quem é contra parar de falar nisso, pelamordedeus?

Bem, a semana santa vem aí: portanto, feliz Páscoa! E feliz dia dos namorados em junho, Boas Férias, feliz dia dos Pais, feliz dia das Crianças, bom feriadão em novembro e, depois, gingobels, boas festas e feliz Ano Novo!

Ainda bem que esse ano não é de Copa. Assim, pelo menos, ficamos livres daquelas musiquinhas ufano-esportistas.

Afinal, a Copa do Mundo é nossa e com o brasileiro não há quem possa.<sup>122</sup>

Penido demonstrou a forma criativa e leve com que muitas vezes as matérias da revista foram confeccionadas, o que matiza a idéia de que *Caros Amigos* seria uma publicação estritamente sisuda. Apesar dos artigos sustentarem um tom denso e pesado na maioria das vezes, não significa que o espaço para a criação lúdica e inteligente tenha se apagado. O fato é

<sup>122</sup> *Caros Amigos*, nº 1, p. 6, abr. 1997.

que “imprensa” sempre foi um dos temas mais caros para o mensário, mesmo que este não se posicione entre os mais abordados. É aí que vale a sensibilidade do pesquisador em não tomar dados e números como símbolos da verdade absoluta, mas sim como métodos de análises que embasam as conclusões de um trabalho que se sustenta não apenas com tabelas e gráficos. Desde seu lançamento, *Caros Amigos* anunciou que havia chegado para destoar da grande mídia nacional e contrariá-la, já que as idéias publicadas por essa grande imprensa eram (são) elitistas e de direita. O objetivo foi oferecer informações diferentes, mais aprofundadas e pautadas pelo comprometimento com uma visão crítica da realidade. Antes de atuar como empresa do ramo de comunicação, o que interessava era cumprir o papel de quarto poder, ou seja, honrar os ideais primeiros do jornalismo.

Nesse sentido, os articulistas do periódico assumiram a tarefa de observadores cuidadosos dos conteúdos publicados pela mídia, pois um dos veios de atuação do mensário foi o da crítica à grande imprensa. Tal tendência fortificou-se mais a partir da centésima edição, quando a seção “Entrelinhas” foi criada, sob a responsabilidade de Hamilton Octavio de Souza. Ali, o jornalista dedicou-se a interpretar as mensagens implícitas nas entrelinhas das páginas dos jornais e revistas ou, ainda, apontar os “esquecimentos” e “exageros” desses meios. Assim, *Caros Amigos* assumiu de vez a função de denunciadora do jornalismo empresarial, despreocupado com a formação do público. Um dos alvos mais freqüentes de ataques dos colaboradores foi a *Veja*, vista como símbolo do jornalismo irresponsável e conservador. Emir Sader, de forma contundente, expressou sua opinião sobre o semanário da editora Abril ao intitular um de seus artigos de “Por que a *Veja* mente, mente, mente, desesperadamente?”, além de afirmar que se tratava da pior revista do Brasil, atuando como cão de guarda da elite brasileira.<sup>123</sup> Em “Entrelinhas”, Hamilton Octavio de Souza disparou:

Está mais do que na hora de a inspeção sanitária analisar a água consumida pela redação da revista *Veja*, da editora Abril. A publicação alucinada a cada edição, seja pra dizer que o PT é responsável pela praga da vassoura cacaueira da Bahia, ou que Karl Marx tem uma “mente de terceira categoria” etc. etc. Sóbrio é impossível fazer a *Veja*.<sup>124</sup>

Noutra oportunidade, o mesmo jornalista, com o intuito de alertar sobre as práticas irregulares de *Veja*, publicou duas notas. A primeira anunciou que o semanário havia sido condenado a pagar indenização de R\$ 35 mil por danos morais a Mino Carta, sob a alegação da juíza de que a matéria condenada ultrapassou os limites da opinião e crítica ao veicular conteúdo ofensivo e não comprovado. Em seguida, Hamilton revelou que a mesma revista

<sup>123</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 104, p. 18, nov. 2005.

<sup>124</sup> *Caros Amigos*, nº 113, p. 18, ago. 2006.

tentava se redimir ao criticar o governo de George W. Bush, denominando de “armadilha” a invasão no Iraque, depois de ter apoiado tal ato. Ironicamente, aconselhou a mudança de nome de *Veja* para “Revisão”.<sup>125</sup> Percebe-se que houve sempre a tentativa de desmoralizar a publicação principal da família Civita, pois se tratava do oposto de *Caros Amigos*, vista como a mais importante divulgadora dos ideais neoliberais no país, já que faz circular mais de um milhão de exemplares semanalmente. Era (é) uma batalha ideológica.

A posição assumida por *Caros Amigos* revelou a intenção de recuperar algumas das aspirações do jornalismo nanico, especialmente no engajamento político e na crítica à grande imprensa. Para o mensário, o jornalismo é uma das mais importantes atividades presentes no seio social e que, se bem praticado, trabalha em prol da maioria da população, não cedendo a interesses de outra ordem. A honestidade com o leitor seria a base da imprensa sadia, pois se, caso uma publicação resolvesse defender determinado segmento político, deveria deixar isso bem claro. Em *Caros Amigos*, foram recorrentes os colaboradores que se posicionaram politicamente, o que, se por um lado configurou um ponto positivo para o periódico ao declarar sua postura ou, pelo menos, ao liberar seus articulistas para se manifestarem, por outro, prejudicou seu próprio desenvolvimento, já que se tornou uma revista marcada, o que delimitou, de certa forma, seu público alvo. Entretanto, essa foi a escolha dos editores e do grupo no geral, o que denotou a visão idealista proposta pelo mensário, mesmo que algumas das atitudes afastassem a possibilidade de angariar mais leitores e publicidade. Nesse caminho, funcionou como meio crítico da imprensa nacional e publicação diferenciada no mercado editorial.

Quanto à temática *Questões ligadas a publicações diversas e literatura*, percebeu-se mais uma vez a característica de *Caros Amigos* de não se restringir a algumas problemáticas. Mesmo exercendo um importante papel na discussão da política nacional e na defesa dos marginalizados da nação, o mensário concedeu espaço, como visto na tabela temática, a assuntos culturais e criação de textos literários. No mesmo caminho, em *Questões ligadas a publicações diversas e literatura*, abordou o campo editorial nacional ao veicular matérias que comentaram publicações das mais diversas áreas do conhecimento, além de dar atenção a assuntos ligados de alguma forma à literatura, como o processo de criação, a crítica de livros, entrevistas com escritores, manifestações literárias da periferia etc. Destacou-se, assim, a série de entrevistas que Álvaro Alves de Faria realizou com diversas autoras, nas quais enfatizou não apenas a obra, mas também a vida das depoentes, isto é, demonstrou um pouco da

---

<sup>125</sup> *Caros Amigos*, nº 117, p. 14, dez. 2006.

intimidade de cada uma e como criaram suas obras. Seu objetivo foi mostrar a qualidade da literatura brasileira levada a cabo por mulheres que, além de escritoras, sempre ocuparam funções como as de mãe, esposa e dona de casa. Entre as entrevistadas, apareceram nomes como Hilda Hilst, Rachel de Queiroz, Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles, Olga Savary, Zulmira Ribeiro Tavares, Myriam Fraga, Zélia Gatai, Ana Maria Machado, Ana Miranda, Lya Luft, Márcia Denser, Neide Archanjo, Eunice Arruda, Orides Fontela, Lucia Ribeiro da Silva, Joyce Cavalcanti e Nélide. Foram conversas nas quais se pôde usufruir da análise que nomes consagrados da literatura fizeram sobre esse gênero na atualidade, além de compartilhar de emoções e belas lições de vida e humanismo passadas por mulheres de extrema sensibilidade.

Porém, não foram apenas escritores reconhecidos os apontados por *Caros Amigos*. Autores de periferia, que desenvolveram literatura engajada e social, ganharam destaque no periódico, apoiados principalmente por Ferréz. O tema *Questões ligadas a publicações diversas e literatura* tratou de elogiar os trabalhos desenvolvidos por pessoas marginalizadas, iniciativa abraçada pelos editores do mensário, que lançaram edições especiais dedicadas especialmente a esses escritores esquecidos, nomeadas de “Literatura Marginal”.<sup>126</sup> Não obstante, o que se evidenciou nos últimos anos da revista, mantendo o padrão de apoiar projetos menores e criativos, foi o reconhecimento dado à literatura de cordel, objeto de análise e divulgação que ficou a cargo de Nicodemus Pessoa. Gênero típico de Patativa do Assaré, os chamados livretos magrelos não deixaram mais de povoar as páginas do mensário, sempre trazendo versos dos mais variados autores, a partir de 2003. Nicodemus Pessoa, desde então, não apenas comentou o cordel, como valorizou diversas manifestações culturais do sertão, como a música e o repente, além de lembrar da imprensa caracterizada pelos folhetos, uma espécie de jornalismo do sertão. Trata-se, no limite, de uma prática jornalística que *Caros Amigos* lançou, dado o reconhecimento a novos projetos, o que se verificou ao reconhecer produções culturais de diversas regiões brasileiras e ao descobrir obras interessantes provindas da periferia. É uma publicação que se engajou desde o início em reconstruir e recuperar o jornalismo alternativo, exercendo-o de maneira atual e recontextualizada, não se limitando a fazer oposição política e criticar as injustiças sociais, pois atuou em ramos diferentes, o que proporcionou ao público informações aprofundadas sobre economia, política, cultura e sociedade.

O último tema de maior volume foi *Neoliberalismo/globalização*, item que merece algumas considerações especiais. *Caros Amigos* adquiriu a imagem de revista dedicada a

---

<sup>126</sup> Sobre essa série especial editada pelo mensário ver ZIBORDI, Marcos Antonio. *Jornalismo Alternativo e Literatura Marginal em Caros Amigos*. Curitiba: UFPR, 2004 (dissertação de mestrado).

contrapor o capitalismo contemporâneo, o que, se por um lado é correto, por outro requer cuidado. Afinal, o mensário com o tempo expandiu seu campo de atuação e a temática cedeu espaço a outras, o que causou surpresa o montante de 105 entradas, já que se esperava quantidade maior de artigos ligados especificamente ao assunto. Claro que os números por si não dizem nada e durante a organização do quadro temático percebeu-se que a crítica ao neoliberalismo mediou grande parte dos textos veiculados pela revista. Apesar de questões ligadas à cultura, sociedade, política e literatura sobreporem-se, aparentemente, à análise acerca do capitalismo globalizado, há de se observar que, de maneira geral, *Caros Amigos* exerceu sim o papel de oposição ao atual modelo econômico, sendo esta postura marca registrada da revista. Porém, devido à recorrência do assunto, com o tempo o discurso do mensário tornou-se repetitivo e às vezes cansativo, sem oferecer grandes novidades. Mesmo dedicando-se a apontar movimentos contrários ao neoliberalismo espalhados pelo mundo, ou injustiças, miséria e fome, os argumentos tornaram-se batidos, não seduzindo mais pela novidade. Nesse quesito, poucas foram as iniciativas que inovaram, exemplo de César Cardoso:

Incêndio nos carros de Paris, favelas nas matas brasileiras, latinos nas fronteiras americanas, produtos piratas nas multinacionais de esporte, atentados nas ruas da Tchetchênia, Bagdá pra lá de Bagdá...

A lista é interminável. Sempre problemas, problemas, problemas. E sempre causados por quem? Ora, pelos miseráveis. Os miseráveis não deixam o mundo em paz. E é fácil provar isso, querem ver? Primeira pergunta: qual é o continente que está em pior situação no planeta? A África, é claro. Segunda pergunta: qual é o continente que tem mais miseráveis? Também a África. Viram como a relação é óbvia? Onde é que tem mais problema? Onde tem mais miserável! Essa gente só arranja encrenca, desordem, aporrinhção, isso é claro e cristalino como água, se é que a água ainda é cristalina e clara em algum lugar. Aliás, quem é que não tem rede de esgoto e mais suja a água? Eu não vou nem responder, vocês aí imaginem de quem estou falando...

Também já está provado que sempre vai haver miseráveis no mundo. Se vocês não acreditam, lembrem-se que o comunismo surgiu para acabar com os miseráveis. E eu pergunto: quem é que acabou, o comunismo ou os miseráveis? Mais uma vez eu nem preciso responder, não é mesmo? Aliás, os miseráveis, ou como diriam os franceses, a escória, são o tipo de ser humanos mais antigo de nossa espécie. Na pré-história, por exemplo, todo mundo era miserável. Depois é que a coisa foi melhorando, a gente foi aprendendo a escrever, a contar, a contar dinheiro, a escrever a história, a viver melhor e a botar os miseráveis para trabalhar pra gente. Afinal, eles sempre estiveram acostumados a isso.

E, se a gente prestar atenção, a coisa não mudou. Os miseráveis continuam trabalhando para o bem-estar (nosso, é claro) e, volta e meia, um miserável qualquer se destaca, sai da miséria e vem conviver com a gente, cantando, jogando bola, subindo no palco, fazendo essas coisas todas que divertem e que fazem os miseráveis acreditar que podem deixar de ser miseráveis. Não é engraçado?

Agora, o problema é que tem sempre um grupinho de miseráveis achando que vai mudar tudo. Ah, isso é que atrapalha! A ciência devia estudar esse fenômeno a fundo. Garanto que daqui a pouco eles vão provar que esse negócio de miserável desordeiro é alguma coisa química ou genética. E também não é de agora, não, sempre foi assim,

sempre teve esses miseráveis criadores de caso. O que eles não aprendem é que, por mais que criem caso, quem acaba sempre se dando bem somos nós. Do comunismo já falei, não adiantou nada o seu Marx e o seu Lênin se revoltarem e escreverem e fazerem arruaça. Mas vamos lembrar de outros casos. A Revolução Francesa, por exemplo. Aquele bando de miseráveis se revoltou, guilhotinou um monte de gente, tomou Paris, fez e desfez e, no final, quem é que ficou nos palácios dos reis sem cabeça? Algum miserável? Só se for o pessoal da cozinha ou da limpeza, mas, terminou o expediente, xô, xô, cada um pras suas casas, ou melhor, casebres, para que nós desfrutemos da noite, com vinho pronto para beber e a mesa pronta para comer. (E adivinhem quem aprontou?)

Temos que contar essas histórias aos miseráveis que estão por aí incendiando carros em Paris ou querendo reforma agrária, remédio, hospital e ensino público, essas coisas que os miseráveis gostam. Vamos falar com eles com sinceridade, com emoção, com a mais profunda verdade de nossos corações: “Não vai adiantar, queridinhos. O máximo que vocês vão revolucionar é a indústria automobilística que certamente vai lançar novos modelos, à prova de fogo e pedra ou algo assim. Então, meus queridos miseráveis! Fiquem quietinhos, varram, limpem, cozinhem, trabalhem, joguem bola, cantem, dancem e deixem tudo como está, deixem que nós, as elites, cuidemos do dinheiro. Isso, definitivamente, vocês não sabem fazer. Querem provas? É simples, se vocês soubessem, não seriam miseráveis!”

Muito sagaz a inversão de valores que Cardoso usou ao criar uma elite estereotipada, defensora dos ideais neoliberais. Contudo, essa não foi a tendência. Note-se, no entanto, que a veiculação de críticas às injustiças sociais causadas pelo capitalismo globalizado, mesmo que se valendo de recursos gastos, não desarticulou a importância no comprometimento social de *Caros Amigos*. Aliás, a própria revista assumiu essa deficiência, como atestam as palavras do editor especial, Arbex Jr.: “O potencial diferenciador do discurso contra o neoliberalismo se esgotou. É preciso criar outros diferenciais”.<sup>127</sup> Isso indica que internamente o grupo percebeu que a postura de esquerda contra o capitalismo já dava sinais de esgotamento. Se tinha sido novidade em 1997, após alguns anos não sustentaria a revista caso não houvesse novidades. E foi o próprio Arbex quem deu a dica para a melhoria da publicação ao aconselhar maior investimento em reportagens, o que de fato ocorreu, como se verá adiante.

Não precisamos de grandes emoções, novidades ou inovações. É manter a entrevista como carro-chefe e investir em reportagem. Acho que devemos ter pelo menos um ou dois trabalhos desse tipo por edição. Os prêmios que a revista ganhou foram por conta das reportagens [...] E a revista tem de fazer render o capital humano que ela possui para desenvolver essas reportagens. Se isso não existir, não vai rolar. Sem reportagens a revista corre o risco de naufragar.<sup>128</sup>

Antes de abordar a maior atenção dada aos trabalhos de campo feitos pelos repórteres do mensário, cabe fazer um breve comentário sobre as temáticas menos tratadas nos dez primeiros anos: *Variiedades*, *América Latina*, *Questões ligadas a esportes* e *Episódios*

<sup>127</sup> Em entrevista. Ver PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Op. cit.*, p. 217.

<sup>128</sup> *Idem*, p. 217.

*históricos*. O item *Variiedades* foi criado com o intuito de inserir os artigos que não se encaixaram em nenhuma das temáticas elaboradas e que, realmente, caracterizaram-se por englobar questões “variadas”, como ETs, banheiros sujos, ladrão de cinema, amor, políglotas que nunca fizeram curso algum, americanos que se embebedaram com cachaças nordestinas, a chatice dos bancos, fatos inusitados, saúde etc. Já *América Latina* teve a intenção de demonstrar que, ao contrário da maioria dos meios de comunicação brasileiros, *Caros Amigos* valorizou o povo e a cultura da América Latina, além de discutir os rumos políticos e econômicos da região. Dos 72 artigos selecionados para a temática, 47,2 % abordaram a Venezuela e Hugo Chávez (11), ALCA (11), Cuba e Fidel Castro (8) e Bolívia e Evo Morales (4). Daí, pôde-se constatar que todos se posicionaram a favor dos governos de esquerda latino-americanos e criticaram enfaticamente a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o que denotou o posicionamento ideológico do mensário. Esse fato também diferenciou *Caros Amigos* da grande imprensa que, de maneira geral, não apoiou Fidel, Chávez e Morales. A título de exemplo, interessa reproduzir a argumentação de Emir Sader sobre uma proposta alternativa à ALCA e que não foi destacada pelos grandes meios de comunicação nacionais:

[...] A Alba (Aliança Bolivariana para as Américas) é uma proposta de integração que se fundamenta na montagem de mecanismos para criar vantagens cooperativas – no lugar das supostas “vantagens competitivas”, típica das teorias do comércio internacional, originadas nos centros do capitalismo e que pretendem perpetuar as diferenças com as periferias e manter as “vantagens comparativas” a favor do centro – que permitam compensar as assimetrias existentes entre os países do hemisfério. A proposta baseia-se na cooperação de fundos compensatórios a fim de corrigir as disparidades de níveis de desenvolvimento entre os países da região. Têm na Venezuela e em Cuba seus grandes motores, a primeira com os recursos do petróleo, a segunda principalmente com os recursos de educação, saúde e esportes.

A Alba é o contraponto da ALCA, porque aquela pretende integrar as economias dissímeis desde baixo, envolvendo todos os atores econômicos e sociais, como cooperativas, pequenas empresas, empresas públicas, empresas privadas grandes, médias e pequenas, priorizando o atendimento de problemas essenciais para a massa da população, como alimentação, moradia, indústria e meio ambiente. Enquanto a ALCA não diferencia entre países grandes, entre países com grandes recursos naturais, financeiros, energéticos e os outros, acentuando mecanismos em que ganham os mais fortes – nesse caso, os EUA. Além disso, a ALCA pretende impor aos países critérios de segurança jurídica que favorecem as grandes corporações multinacionais, não se dispondo a atender aos países mais fracos [...].<sup>129</sup>

Enfim, mesmo que não tenham abordado copiosamente problemáticas relativas à região latino-americana, valeu o esforço dos colaboradores em alertar e informar os leitores sobre o que acontecia na região, até mesmo por oferecer uma visão contrária à da grande

<sup>129</sup> *Caros Amigos*, nº 108, p. 18, mar. 2006.

mídia. Este ato favoreceu o debate e a contraposição de idéias, o que estimulou a prática democrática e não a monopolização da informação. Se por um lado a grande imprensa tendeu a se manifestar a favor do campo ideológico da direita, por outro, *Caros Amigos* e alguns periódicos anticapitalistas privilegiaram a crítica de acordo com as concepções da esquerda.

Por fim, *Questões ligadas a esportes*, com 29 entradas, e *Episódios históricos*, com 20, ocupam as últimas posições da tabela. Nenhuma delas encaixaram-se nas práticas tradicionais dos profissionais que normalmente se dedicam aos temas. Na primeira, não se encontrou estatísticas, classificação de campeonatos, comentários de jogos, transações de clubes e jogadores, como é convencional nos periódicos do setor, ou em espaços reservados a esportes nos jornais e revistas. Pelo contrário, nos poucos artigos dedicados ao assunto, o que predominou foi a análise dos bastidores, ou seja, como a questão é tratada por dirigentes, empresários e políticos. Ricardo Teixeira, Pelé e a Confederação Brasileira de Futebol foram alvos das maiores críticas, além da alienação que o futebol provoca na população. Nesse sentido, percebe-se que mesmo quando discutiu assuntos populares como o futebol, *Caros Amigos* não se restringiu a repassar amenidades cotidianas do mundo da bola, mas sim contestou e cobrou as autoridades que usam o esporte como fonte de receitas milionárias e não se preocupam com os milhões de torcedores que compõem grande parte da sociedade brasileira que, por sua vez, padece de um mal que parece eterno: a injustiça social e todas as suas subseqüentes conseqüências.

*Acontecimentos históricos* também não se caracterizou por agregar textos feitos por historiadores. A totalidade dos trabalhos foi confeccionada por jornalistas que, sem a pretensão de escrever um artigo científico, lembraram alguns episódios da história do Brasil, alguns para prestar homenagens a figuras esquecidas, outros para matizar os heróis que a historiografia tradicional construiu. O assunto mais tocado foi a ditadura militar, no qual se destacaram a morte de Herzog, as torturas e alguns personagens da época. Quanto aos mártires, lembraram de Zumbi dos Palmares, Tiradentes e Sepé Tiaraju (herói guarani). JK e Raposo Tavares tiveram seus personagens revistos, pois os colaboradores trataram de pontuar as polêmicas acerca deles.

De acordo com os temas, pode-se observar que *Caros Amigos* veiculou matérias de interesses gerais. No entanto, o que destacou o mensário em meio a tantas publicações do mercado, foi a vertente dada aos textos em praticamente todas as contribuições. É neste ponto que o conceito de alternativo e engajamento se ligaram à *Caros Amigos*, marca esta que muitos dos colaboradores assumiram. Ainda na 3ª edição, Matthew Shirts ponderava:

Tentei, mas já vi que não consigo resistir e vou ter de escrever sobre a *Caros Amigos* na própria revista [...]

Os tempos são outros, sem dúvida. Mas o barato de *Caros Amigos*, pensei, lendo o número 2, é que ela conseguiu retomar a tradição da imprensa nanica e colocar o sentido do país, da ética e – por que não? – da existência, em primeiro plano, se ma forma explícita e sem medo da pieguice. E, apesar de mais maduros, os autores e editores apresentam uma ambigüidade ao leitor maior do que a vinte anos atrás, remando contra a corrente atual de boa parte da imprensa no Ocidente, que trabalha com pressupostos ideológicos fechados, tidos implicitamente como consensuais.<sup>130</sup>

Enquanto isso, Ignácio de Loyola Brandão e Luis Fernando Veríssimo também viram relações entre as duas experiências jornalísticas.<sup>131</sup> Esporadicamente um ou outro colaborador comentava a revista, sempre a caracterizando como alternativa ou indicando-a como o exemplo de jornalismo a ser copiado. Já Arbex Jr. atestou que *Caros Amigos* refletia sem dúvida nenhuma *Realidade* e a imprensa nanica dos anos de chumbo.<sup>132</sup>

Ficou claro que desde o seu lançamento, o mensário quis engendrar uma outra visão de mundo e de imprensa, avessa ao do individualismo da era capitalista. Em vez da ganância, da busca pelo lucro, do consumismo exacerbado, *Caros Amigos* empenhou-se em mostrar outras possibilidades de relacionamentos entre as pessoas, destacando a fraternidade e a sensibilidade com os problemas que afligem um grande número de pessoas mundialmente. Em outras palavras, a publicação defendeu uma postura humanista frente às mazelas mundiais. David Lerer, médico que trabalhou de 1973 a 1977 na Tanzânia, Moçambique e Angola, abordou o problema do continente africano no final do século passado e concluiu sobre o último país:

[...] Angola, país rico em petróleo e diamantes, povo pobre mantido em guerra tribal por grupos de bandoleiros, governo envelhecido no poder, oposição de esquerda fuzilada ou no exílio. Mas aí é jogo bruto, campo aberto para aventureiros e mafiosos. Estes são os brancos que hoje se interessam pela África.

De toda as grandes regiões do mundo, a África abaixo do Sahara é a que termina o século nas mais dolorosas condições, a não ser nos filmes de leões para o circo da televisão, onde o negro só aparece para segurar a câmara do branco, onde antes segurava os rifles no safári.<sup>133</sup>

Foi nessa trilha que o mensário perseguiu até dezembro de 2006 o objetivo de estimular o leitor a agir de maneira mais humana e fraterna, de sensibilizar o público para as mazelas que a população enfrenta por conta das políticas neoliberais e da globalização. Em todas as seções e artigos o que se encontrou foi uma postura contrária contundente quanto ao

<sup>130</sup> *Caros Amigos*, nº 3, p. 6, jun. 1997.

<sup>131</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 4, p. 43 e 44, jul. 1997.

<sup>132</sup> Em entrevista a PEREIRA FILHO, José Francisco Bicudo. *Op. cit.*, p. 28.

<sup>133</sup> LERER, David. África 2000: o esquecimento. *Caros Amigos*, nº 35, p. 17, fev. 2000.

mundo atual, quanto aos padrões de comportamento que se massifica aceleradamente, que têm suas raízes no *american way of life*. Como dizia o primeiro artigo de Ricardo Kotscho, o importante era encontrar e buscar uma nova utopia, qualquer que fosse, desde que mantivesse a esperança e a luta contínuas.<sup>134</sup>

Na busca constante desse sonho, *Caros Amigos* adotou alguns movimentos sociais de destaque no cenário nacional, os quais encontraram no mensário um importante veículo para expandir suas idéias. Matizes do anarquismo, comunismo, teologia da libertação, cultura popular, MST etc, foram exemplos do discurso publicado pela revista, o que atestou a sua diferenciação editorial com relação à grande imprensa nacional. Nesse sentido, sempre defendeu Fidel Castro e Cuba, Chávez e a Venezuela e resgataram a imagem de Che Guevara como um revolucionário, já que esta foi transformada pelo capitalismo numa espécie de grife mundial. A posição de *Caros Amigos* foi a de combater a banalização da figura de Che, que teve seu rosto estampado em camisetas que são usadas por adolescentes em todos os rincões do planeta, muitos sem nem mesmo fazer idéia do que tal figura representou na luta pelo socialismo e pela igualdade entre todos na história do século XX, principalmente na América Latina. Além dos textos nas edições mensais, o periódico publicou uma edição especial que discutiu a vida de Guevara, exemplar que já foi reeditado por três vezes.<sup>135</sup>

Foram nesses temas e assuntos abordados pelo periódico que se constituiu a sua face crítica. Esta, por seu turno, só foi possível graças aos colaboradores que emprestaram seus conhecimentos à *Caros Amigos* em formato de reportagens, crônicas, artigos, desenhos, charges, poesia e humor. Foi, portanto, no conteúdo veiculado pela revista que o engajamento apareceu. No direcionamento dos textos que se pôde vislumbrar **o que** *Caros Amigos* contestou e **a que** foi alternativa, fato que possibilitou identificar exatamente de onde partiu cada discurso e quais as linhas de pensamento presentes nas páginas do mensário. Trata-se, pois, a partir de agora, de particularizar cada espaço de opinião da revista, destacando as principais idéias e seus respectivos autores. Para tanto, optou-se por abordar as seções e autores que viesaram para um discurso mais politizado (capítulo 3), o que pode, mais à frente, ajudar no estabelecimento da configuração da revista, isto é, pôr à prova o discurso dos colaboradores que atestam realizar um jornalismo diferenciado, inovador e alternativo ao da grande imprensa. Algumas seções e autores de longa participação no mensário não serão analisados, haja vista a volumosa carga documental que constituiria, sem se ater de fato ao

<sup>134</sup> *Caros Amigos*, nº 1, p. 28, abr. 1997.

<sup>135</sup> Em fevereiro de 2008 saiu a quinta edição especial que aborda o revolucionário Guevara, no entanto, esta última trouxe novos textos e imagens.

próximo foco do trabalho, qual seja, o de estabelecer qual é o real posicionamento de *Caros Amigos* no cenário político nacional.

No entanto, antes de dedicar atenção aos colaboradores e seções em específico, compete agora comentar o estilo de reportagem levado a cabo por *Caros Amigos*, o que mais uma vez pode corroborar com a idéia de publicação de caráter diferenciado.

#### *A REPORTAGEM DE CAROS AMIGOS: RESPONSABILIDADE SOCIAL*

Como afirmou Arbex Jr., *Caros Amigos* não era uma revista de reportagem, como foi *Realidade*. Aliás, para o jornalista, se o mensário não investisse mais nesse gênero, corria o risco de naufragar, pois o discurso contra o neoliberalismo estaria esgotado. Posto isso, tornava-se mister encontrar novos discursos e modelos para conduzir as edições.<sup>136</sup> Arbex estava correto ao afirmar que *Caros Amigos* não era uma revista de reportagem e, aliás, não se tornou uma ainda. A entrevista continua sendo o carro-chefe desde o lançamento, circundada por artigos de opinião e assinados. Pereira Filho asseverou que o periódico tinha muito a percorrer para atingir o nível de *Realidade* no quesito reportagem, já que estava muito distante desta por falta de estrutura e capital. Seria um sonho de Ícaro, uma meta a buscar.<sup>137</sup> No entanto, não se pode negar as grandes reportagens que já habitaram as páginas da revista e que foram responsáveis pela maioria dos prêmios recebidos pelo mensário.

*Caros Amigos* manteve a média de reportagens veiculadas em suas edições por ano, mas o que deve ser notado é que com o tempo, o nível e investimento no gênero cresceram. As reportagens ganharam em espaço, profundidade, recursos e conteúdo. Classificou-se como reportagem na catalogação os trabalhos de jornalistas que buscaram informações em campo, que acompanharam os acontecimentos em tempo real, que entrevistaram as mais variadas pessoas, que compartilharam as angústias e modos de viver das pessoas *in loco*, isto é, partilharam dos sentimentos e dificuldades vivenciados pelos mais diversos grupos para relatar de dentro os episódios e não falar sobre o que não presenciaram. Noutros termos, não fizeram seu trabalho sem sair da redação, pelo telefone, mas foram atrás do problema, pesquisaram, dedicaram-se a reproduzir de forma fiel e crítica os vários temas abordados. Nesse sentido, pôde-se elencar 80 reportagens em 117 edições, sendo que os principais jornalistas que contribuíram para esse montante foram:

---

<sup>136</sup> Em entrevista, Idem, p. 217.

<sup>137</sup> Idem, 103-104.

**Tabela 5: principais repórteres**

<b>Nomes</b>	<b>Quantidade de reportagens</b>
Marina Amaral	21
João de Barros	12
Natalia Viana	11
Sergio Kalili	9
Fernando Evangelista	6
Carlos Azevedo	3

No primeiro ano da publicação, as reportagens se mostraram mais modestas, porém, não menos engajadas. No geral, trataram de questões relacionadas aos preconceitos diversos e aos marginalizados, enfatizando as injustiças sociais presentes no Brasil que são, de acordo com *Caros Amigos*, mascaradas pela grande imprensa. O primeiro trabalho do gênero apareceu na primeira edição e abordou a primeira condenação à morte no Brasil durante a era republicana. Emiliano José contou a história de Theodomiro Romeiro dos Santos, que fugiu da cadeia depois de nove anos preso pelo regime militar. Essa foi uma reportagem que retomou a história da ditadura, os abusos e assassinatos cometidos pelo governo à época. Mas logo na edição número dois, já mostrou sua propensão a defender movimentos e questões sociais. Carlos Azevedo contou como começou o MST no pontal do Paranapanema, num trabalho que se diferenciou das notícias rápidas veiculadas nos principais meios de comunicação, pois buscou as raízes do conflito que se estende há mais de 150 anos naquela região. Azevedo introduz assim a reportagem:

Disso tudo que vamos contar agora, você com certeza conhece bastante coisa. Tem lido todo dia sobre reforma agrária e os sem-terra, José Rainha e Diolinda, dono de fazenda e jagunço, bancada ruralista, acampamento, ocupação, massacre. E a toda hora ouve-se falar no Pontal do Paranapanema, cujas terras os sem-terra reivindicam e das quais alguns fazendeiros afirmam ter a mais legítima propriedade.

Você sabe tudo isso. É muito provável, porém, que lhe falte justamente o fio da meada, o fio que amarre os sem-terra aos fazendeiros, a reivindicação de uns à alegação de propriedade de outros. O elo que explique, afinal, como o Pontal do Paranapanema se tornou objeto de disputa. É essa história, longa história, que vamos contar – e, ao contá-la, mostraremos um pouco como o Brasil de hoje se explica pelo Brasil de ontem.

A idéia chave do enredo é o “grilo”, ou a “grilagem”, uma maracutaia ancestral de que o Pontal do Paranapanema, no extremo oeste do Estado de São Paulo, é um dos exemplos mais bem-acabados. Aproveite, porque com a riqueza que reunimos, contada tintim por tintim do jeito que vamos contar, nunca antes essa história saiu, como já dissemos, nas bancas ou nas livrarias.

A história é assim:<sup>138</sup>

<sup>138</sup> AZEVEDO, Carlos. Pontal: do grande grilo aos sem-terra. *Caros Amigos*, nº 2, p. 30, mai. 1997.

Realmente a história foi relatada com profundidade, de modo que a imprensa neoliberal e objetiva não costuma oferecer aos leitores. Carlos Azevedo voltou a 1856 para contar como os grileiros falseavam documentos e marcos geográficos para “legalizar” suas posses em paróquias de igrejas. E para isso valia tudo:

As terras, repartidas entre os grileiros, têm um estorvo: a presença dos caiuás, dos caingangues. Morte a eles! A estrada de ferro leva gente demais à região, indesejáveis pequenos posseiros e ocupantes. Morte a eles! Enquanto isso, o corpo apodrecido dos insetos vai transformando papel novo em papel velho da silva. Viva o grilo! Finzinho do século 19, e bandos de jagunços contratados pelos grileiros penetram as matas do Pontal do Paranapanema. Estão ali para uma “limpeza”, eliminar os índios da área, condição essencial para que o patrão a explore sem entraves. A idéia de que estão ali para combater o “bugre ateu” anima os jagunços e ajuda a justificar o que se segue. Um texto da época descreve uma expedição dos jagunços: “Encontrando-se com as índias, a umas aprisionavam, a outras matavam, bem como aos indiozinhos, aos quais conta-se que chegavam a levantar do chão ou da cama, atirá-los para o ar e espetá-los em ponta de faca; outras vezes, tomá-los pelos pés e dar com suas cabecinhas nos paus, partindo-as. Às mulheres grávidas, rasgavam-lhes o ventre e, depois de finda a carnificina, amontoavam os cadáveres sobre os quais lançavam fogo bem como aos ranchos (...).

O texto segue por quatro páginas divididas em três colunas, escrito em fonte pequena. O autor foi a fundo para explicar ao público como o Pontal do Paranapanema chegou aos anos 1990 com os problemas relativos ao MST e tendeu a criticar os grileiros e os descendentes que até hoje dominam aquela região. Trata-se de um texto que, sem dúvida, lembrou, ainda na segunda edição de *Caros Amigos*, as reportagens caudalosas de *Realidade*, tratadas com esmero pelo mesmo editor, Sergio de Souza. Seguem ainda no primeiro ano, outros trabalhos, como os de Marina Amaral sobre a comunidade feminina islâmica de São Paulo e sobre a tribo Krahò, a reportagem de Sergio Kalili, denunciando o aumento da Aids na zona rural devido a falta de informações e, por fim, a preocupação de Marco Frenette em divulgar a cultura da periferia, como a música dos Racionais MC’s. Em suas palavras:

Pela primeira vez na história da música popular brasileira, temos à nossa disposição uma obra musical que realmente retrata, de A a Z, as agruras e sofrimentos que todo jovem pobre de periferia conhece de cor e salteado: a violência policial temperada com o preconceito racial, o som nervoso dos tiroteios noturnos entre traficantes, a banalidade do mal presente nos acertos de conta, a destruição dos jovens pelas drogas, a decadência de meninas que até ontem brincavam com bonecas e hoje são prostitutas mirins, a visão de mães angustiadas imaginando o maldito dia em que correrão para a rua e chorarão em cima de seus filhos tombados à bala. Toda essa cultura de violência presente na vida de milhões de brasileiros, todo esse interminável pesadelo que movimentos obtusos visando o desarmamento de civis não conseguem apreender foram devidamente registrados e transformados em produto artístico pelos talentosos rapazes dos Racionais MC’s. Isto é um fato cultural de certa relevância, pois ninguém até agora tinha dedicado tanto tempo e talento para narrar, sem afetação ou hipocrisia,

histórias sem *glamour* de gente pobre e miserável [...] E fizeram isso com tal maestria, que abriram um possível canal de conhecimento entre duas classes que sempre se odiaram: a dos que possuem e vivem atormentados pelo medo da perda, e a dos que não possuem e vivem dominados pela febre da cobiça. Nas músicas dos Racionais, o ódio de classe e o orgulho racial estão estampados de uma maneira como nunca se viu antes em nossa cultura. Esse escancaramento das nossas mazelas sociais é uma contribuição nada desprezível para a compreensão da sociedade brasileira contemporânea [...].

Para o jovem que se esforça para visualizar alguma luz no túnel da sua vida, um *rap* perturbador que não esconde a ausência de perspectivas, mas prega a paz e um comportamento saudável, visando forças para enfrentar um futuro nada atrativo, pode ser uma influência benéfica. E quem se deixar levar pelo preconceito pode cometer o equívoco de ver carece e mau gosto musical nas mensagens pacíficas e cara limpa dos Racionais, correndo, assim, o risco de continuar achando Fernando Gabeira e Planet Hemp o máximo em termos de liberdade. Neste pavoroso cenário musical em que as classes populares confundem a pornografia sonora de grupos como É o Tchan com canções de amor, e músicos brasileiros consagrados se debatem em repetições, o aparecimento dos Racionais é um verdadeiro acontecimento, e mais uma opção de consciência e diversão.<sup>139</sup>

Essa reportagem de Frenette foi uma continuidade do trabalho de Sergio Kalili, na 10ª edição, na qual entrevistou Mano Brown, vocalista dos Racionais. Ali Kalili demonstrou a letra forte das músicas do *rapper* e como ele interpreta com propriedade o cotidiano da periferia. O caráter de oposição de *Caros Amigos* já se evidenciava com essa entrevista concedida ao jornalista, pois Mano Brown sempre se recusou a falar para grandes empresas de comunicação, o que não aconteceu com o mensário. Nesse caminho, as reportagens continuaram a desfilar nas páginas da revista, mesmo que em número reduzido devido ao alto custo que exige um trabalho do gênero. Sempre mantendo a mesma vertente social e crítica. No entanto, uma em especial teve repercussão nacional e tornou-se a de maior tiragem na história de *Caros Amigos*, com 77.786 exemplares. Trata-se da edição de terceiro aniversário (nº 37), que trouxe na capa a pergunta “Por que a imprensa esconde o filho de 8 anos de FHC com a jornalista da Globo?”. Muitos colaboradores contribuíram para que saísse este trabalho em seis longas páginas. São eles: Palmério Dória, João Rocha, Marina Amaral, Mylton Severiano, José Arbex Jr. e Sergio de Souza.

Num típico exemplo de jornalismo literário, sem pressões de tempo e espaço interno, sem lides e manuais, o texto corre solto, recupera os fatos que levaram à confecção da reportagem e explica o porque de ser realizado este trabalho, sem qualquer intenção de parecer sensacionalista. Na verdade, foi muito mais uma crítica à grande imprensa, que nem sequer dedicou algumas linhas ao caso, do que um ataque direto ao presidente. Não obstante, é preciso matizar tal postura, pois era evidente que um trabalho com essas características

<sup>139</sup> FRENETTE, Marco. Sobre os Racionais MC's. *Caros Amigos*, nº 12, p. 11-13, mar. 1998.

tenderia a se tornar polêmico e atingiria diretamente FHC. Os jornalistas, dada a vasta experiência, não tinham como não vislumbrar os rumos que isso tomaria. Contudo, a justificativa foi que o objetivo era esclarecer que a mídia nacional estava ligada ao poder e que selecionava de acordo com seus interesses o que se tornaria notícia ou não. Tudo começou quando *Caros Amigos* decidiu estampar uma foto da jornalista Miriam Dutra no artigo despretensioso de Palmério Dória, que pedia ao presidente que assumisse o filho, mas não conseguiram. Era assunto vetado nas redações.

Quando procuramos, por telefone, o Departamento de Documentação (Dedoc) da Editora Abril, que vende esse tipo de material, como todas as empresas jornalísticas, ficamos sabendo que lá havia uma única foto da jornalista da Globo, tirada da tela de uma televisão por um fotógrafo da revista *Veja*, que em 1994 preparava uma reportagem sobre o caso Miriam Dutra/FHC, candidato à presidência da República. Para isso a revista tinha enviado a repórter Mônica Bergamo a Lisboa. O funcionário do Dedoc tratou do assunto com naturalidade, pedindo que aguardássemos um minuto na linha enquanto ultimava os trâmites rotineiros para o envio da foto. Quando voltou ao telefone, desapontado disse que a foto não podia ser liberada, não sabia por quê. pedimos que transferisse a ligação para a direção do Dedoc, que atendeu, se disse surpresa com o fato, que iria verificar o que estava acontecendo e nos ligaria em seguida. Depois de uma hora, ligou dizendo que realmente a foto não podia ser liberada porque era de autoria desconhecida, envolvia o nome da Globo e, assim, estava bloqueada.<sup>140</sup>

Na verdade todos os grandes veículos de comunicação preparavam matérias sobre o assunto, mas nenhum publicou. Procurados os diretores das redações da época, todos enviassem para a mesma justificativa: não era um fato jornalístico. Justificaram que no caso de Lula com Miriam Cordeiro, às vésperas das eleições de 1989, o caso foi outro. Miriam Cordeiro deixou-se usar como munição política, deu entrevistas, se expôs. Diferentemente, no caso FHC isso não ocorreu. A mãe do menino negava e no registro não aparecia o nome do pai e nem dos avós paternos. *Caros Amigos* adotou então a explicação dos jornalistas e não conduziu sua reportagem no sentido de achincalhar FHC, mas de mostrar a relação entre imprensa e poder. O título da matéria foi “Um fato jornalístico”, inferindo que o fato era essa relação e não o filho do presidente. No momento em que ficaram sabendo que a revista engendrava uma grande reportagem sobre o assunto, começaram a ser procurados por muitas pessoas que recomendavam cuidado com o tema. Primeiro ligou um deputado federal – que *Caros Amigos* não divulgou o nome – para Arbex Jr. pedindo para que não fizessem sensacionalismo barato. Depois, Tão Gomes Pinto, diretor de redação da revista *Imprensa* à época, procurou Sergio de Souza, afirmando representar Miriam Dutra, que estaria preocupada com a reportagem. João Rocha, de Barcelona, procurou a jornalista que, de

<sup>140</sup> *Caros Amigos*, n° 37, p. 26, abr. 2000.

imediatamente, negou qualquer pedido feito a Tão Gomes Pinto. Mas não deixou de ameaçar o repórter, dizendo que se publicasse, teriam que provar. Daí já começou a aparecer a relação da mídia com o poder, já que se iniciou um movimento contra a matéria antes mesmo de ser publicada. Rocha, numa conversa inesperada com uma amiga de Miriam Dutra, relatou:

Na fila do restaurante, quando falávamos nosso portuguesinho despreocupado quando uma moça atrás de nós cutucou no ombro: “Vocês são brasileiros, não?” E se apresentou: “Me chamo Tânia, sou de Brasília, estou fazendo doutorado aqui na faculdade [Barcelona]...”. Foi justo no momento em que deu o estalo e, com aquele tipo de palavras que você não sente sair da boca, perguntei: “Você é amiga da Miriam Dutra, não?” E ela surpresa: “Ah, a Miriam, sou, como você sabe?” E eu ainda naquele estado: “É que ela me falou de você, que havia chegado há pouco tempo e que estava procurando apartamento pra alugar”. “Procurando apartamento? Não, imagina! Moro aqui há três anos!” Nesse momento o mundo se contorce e já não se entende mais nada. Mas, como eu, ela também fazia doutorado e, mesmo depois, coincidências esclarecidas, resolvo puxar assunto do filho do presidente e explico minha relação com Miriam: o interesse no suposto caso que Miriam supostamente teria tido com o presidente, do qual supostamente teria nascido um suposto filho, supostamente presidencial. “Suposto?”, me interrompe a moça. “Suposto, não! É do Fernando Henrique. Ela não te contou? É a cara do presidente!”.<sup>141</sup>

Miriam Dutra se recusou falar sobre o caso e em nenhum momento confirmou que seu filho fosse de FHC, aliás, disse que se tivesse alguém que deveria ser questionado, este era a figura pública. *Caros Amigos* deixou claro isso, mas não se pode negar que indiretamente a revista levou a crer que o caso teria sido abafado e que o filho seria sim do presidente, apesar de não afirmar categoricamente. O fato é que todos os jornalistas procurados - Mario Sergio Conti, Augusto Nunes, Hélio Campos Mello, Alberico Souza Cruz, Evandro Carlos de Andrade, Ricardo Noblat e Otávio Frias Filho – mostraram-se incomodados e trataram superficialmente o assunto. Mino Carta afirmou que FHC pediu a ele que não publicasse nada sobre o tema, pois era “uma história cabeluda”.<sup>142</sup> Ao procurar FHC e perguntar como poderia chegar ao presidente, a assessoria de imprensa respondeu à Marina Amaral: “Cabe a você, como repórter, encontrar uma maneira de falar com o presidente. Até logo”. Mesmo que a vertente da matéria de *Caros Amigos* não fosse a relação entre Miriam e FHC, é impossível não perceber alguma característica sensacionalista. A condução e o tratamento da questão foram feitos de maneira cuidadosa, porém, certos assuntos agregam o teor sensacionalista independente do veículo e do jornalista que o aborda. Esse foi o caso nessa reportagem. Sem mencionar ao tratar do assunto, a revista tentou igualar a situação dos presidenciáveis: se Lula pôde ser julgado por sua vida íntima, por que não FHC?

---

<sup>141</sup> Idem, p. 28-29.

<sup>142</sup> Idem, p. 30.

*Caros Amigos* afirmou que o *fato jornalístico* em questão foi a ligação entre imprensa e política, porém, numa observação mais atenta, sua reportagem também demonstra essa relação. Se no caso FHC a mídia defendeu o governo neoliberal, *Caros Amigos*, indiretamente, atacou FHC e deu apoio a Lula. Querendo ou não, a revista se posicionou e atuou no cenário político. A diferença entre uma e outra participação jornalística no cenário político e na formação da opinião pública foi a profundidade da matéria, o texto cuidadoso e embasado, o esmero com as palavras e a busca das mais variadas fontes e informações. Nesse ponto é que o jornalismo de *Caros Amigos* se diferenciou do da grande mídia. Ao tratar de questão polêmica e sensacionalista, o fez de forma mais responsável e crítica. O sensacionalismo, em vez de vazio e sem conteúdo, converteu-se num alerta para os leitores sobre a imprensa no geral e sobre a atuação desta no quadro político nacional.

Observou-se que as reportagens da revista no geral convergiram para o ataque à política neoliberal, seja no trato a temas econômicos, culturais ou sociais. Mesmo com uma abordagem analítica, *Caros Amigos* se pôs enfaticamente contra quase todas as medidas de FHC no governo. Por exemplo, Marina Amaral denunciou um movimento que atacava a imagem da Petrobrás de todas as formas possíveis, com o intuito de incentivar sua privatização. Para a jornalista, a divisão da empresa em unidades de negócios visava exatamente a isso.<sup>143</sup> Quando não foram de encontro ao governo neoliberal no Brasil, as reportagens tenderam a atacar a política imperialista dos EUA e defender os países que sofriam com suas invasões. Nesse caso, também criticavam a imprensa nacional que, no geral, não destacava os valores culturais do povo árabe e as pessoas que lá viviam, seres humanos que nada tinham a ver com a política internacional e que seriam as mais prejudicadas com os ataques norte-americanos.

Sergio Kalili foi ao Iraque antes do primeiro bombardeio dos EUA e verificou que lá vivia um povo pelo qual se apaixonou. Destacou a recepção calorosa que recebeu, a paixão da população pelo futebol e a vida em comum e simples que partilham. Um povo carinhoso que nada tem a ver com a ditadura de Saddam e com a cobiça norte-americana. Vivem na miséria, mas amam seu país e sabem que os EUA não objetivavam os libertar e sim conquistar o petróleo do Iraque. Enfim, Kalili não se preocupou em justificar um ataque desnecessário e criminoso a um povo inocente. Quis esclarecer que na guerra que começaria, pessoas tão alegres e receptivas como os brasileiros seriam massacradas por tropas estadunidenses. No jogo de xadrez das potências mundiais, quem pagaria com a vida seriam os peões inocentes.

---

<sup>143</sup> AMARAL, Marina. Mais uma da Petrobrax. *Caros Amigos*, nº 41, p. 14-17, abr. 2001.

Entretanto, Kalili destacou que aquele povo lutaria até o fim para proteger sua terra e suas famílias.<sup>144</sup>

Ainda na linha das questões sociais, no âmbito nacional, merece destaque a reportagem de José Arbex Jr. e Marco Frenette sobre a violência policial exercida sobre os sem-terra, no Paraná. Na edição 27, os jornalistas veicularam o que aconteceu em alguns episódios de desocupação forçada dos militantes. Arbex Jr. contou:

Madrugada fria, por volta das 3 h. A escuridão é total, e no descampado em volta há muito silêncio, a sensação é de quietude e paz. De repente, eclode o inferno! Centenas de pontos de luz invadem o negrume da noite, tiros, cães ferozes ladram, bombas explodem na escuridão. Gritos autoritários, selvagens estalam no ar: “Saíam, saíam todos, todos pra fora, já, todos com as mãos na cabeça! Vamos, o que vocês estão esperando? Vamos! Solta os cachorros, solta os cachorros! Um atrás do outro aí! Mãos na cabeça, em fila! Sem demora! Um atrás do outro!” Crianças chorando – uma delas pergunta: “E agora, o que eles vão fazer pra nós?”-, mulheres assustadas, homens acoissados – todos despertam subitamente, para mergulhar no mais terrível pesadelo de suas vidas. Com as mãos na nuca, os homens são obrigados a deitar de bruços sobre o chão lamacento. As mulheres e as crianças, amedrontadas e vigiadas por cães, são levadas para outro canto, sem direito sequer a um copo de água. Suas moradias são destruídas e incendiadas, seus pertences são roubados, sua dignidade aviltada. Chega o sol, infinitas horas depois, e todos – principalmente os homens – são colocados em fila para ser filmados, fotografados, interrogados, e – gado humano – obrigados a embarcar em camburões, ônibus e caminhões. Cumpre-se a lei. Lei? Alguém falou em lei? [...] Pelo menos sete honrados trabalhadores foram presos e dez feridos, alguns com queimaduras de terceiro grau, como no caso de Antonio Canaço. Nem sequer senhores idosos foram poupados. Geraldo José dos Santos, 84 anos, acampado na Cobrinco, conta que “os policiais chegaram por volta de 1h30, jogando bombas, pularam a porteira e me deram um chute que me derrubou no chão, depois me deram outro chute, quando eu já estava no chão, fiquei deitado no chão frio durante várias horas, disseram pra eu ficar quieto, demoliram meu barraco e ficaram zombando dos sem-terra”. E S.R.L, adolescente de dezessete anos: “Um soldado me deu uma rasteira e me derrubou, me algemaram com as mãos para trás, depois me mandaram levantar e o mesmo policial deu quatro tiros para cima perto de mim. Depois me levaram junto com os outros, um outro policial me deu dois chutes e bateu com aquele pau na minha cabeça...”<sup>145</sup>

Vê-se que Arbex Jr. quis denunciar uma situação abusiva por parte do aparelho do Estado do Paraná contra os integrantes do MST. Jaime Lerner, governador à época, negou qualquer violência e seu secretário de Segurança Pública (Cândido Martins de Oliveira) disse desconhecer qualquer ação de despejo. Contudo, Arbex Jr. teve acesso a fitas que registraram as ações dos policiais e estas condizem com os relatos do jornalista. O governo simplesmente alegou perjúrio por parte do movimento, mesmo com as imagens que comprovaram o terrorismo praticado por policiais que chegaram no meio da madrugada com bombas, cães, capuzes e que agiram de maneira violenta, assustando mulheres e crianças. *Caros Amigos*, ao

<sup>144</sup> KALILI, Sergio. Sob ataque. *Caros Amigos*, nº 73, p. 29-33, abr. 2003.

<sup>145</sup> ARBEX JR, José. Terror no Paraná. *Caros Amigos*, nº 27, p. 10, jun. 1999.

veicular essas matérias, demonstrou seu engajamento social contra os abusos e injustiças do Estado, enquanto outros meios de comunicação acusavam o MST de terrorista e de aproveitador da situação. *Veja* chegou a estampar a foto de João Pedro Stedile, um dos líderes do movimento, com chifres, numa clara referência ao demônio.

Em vez de usar o meio de comunicação para expor apenas as idéias que defendem, como fazem muitas mídias, *Caros Amigos* ouviu todas as partes envolvidas. Mesmo que a postura da revista fosse contra o governo e as ações dos policiais, não deixou de publicar a versão oficial. Valendo-se de um jornalismo responsável, criticou as injustiças, informou, ouviu as partes e colocou sua opinião. Sempre com destaque ao lado humanista do mensário, que buscou sempre defender um mundo melhor e mais fraternidade nas relações pessoais. Nesse sentido, não foi espantoso que tenham alertado a opinião pública para o clima de autoritarismo de Estado que ocorria no Paraná. Para denotar o desrespeito a toda legislação e aos direitos humanos, Arbex Jr. anexou à reportagem o depoimento da lavradora Adelina Ventura Nunes, que relatou como foi uma abordagem da polícia militar:

“Quem é a mulher do Tiãozinho aqui?” Eu levantei, ele chamou eu do lado e falou: “Ó, teu marido é um dos líder do movimento, nós qué ele”. Daí eu falei: “Mas ele não ta, ele foi viajar”. Daí ele falou assim: “Ó, nós vamo dá uma busca por aí, se nós encontra o teu marido, se tu tiver mentindo pra nós, eu vou pegar esse revólve aqui...”. Ele tinha um revólve na mão. “Vou pegar esse revolve e você vai chupar esse revolve até o cano ficar vermelho.” Aí eu disse: “Não, eu não to mentindo. Meu marido não ta”. E ele disse: “E também sabemos que cês tem revolve”. E eu disse: “Não, revolve nós num tem. Eu sou contra a violência, nunca aceitei arma de fogo dentro de casa”. Então ele disse: “Então a senhora vai lá no acampamento da senhora, nós vamo junto e vamo revistá lá. Se nós encontrá revolve ou seu marido, a senhora vai se arrepender amargamente de ter mentido pra nós”. Aí eu fui com eles até lá, aí ele pegou e revirou tudo, sabe, bagunçou tudo, roupa, jogava tudo no chão, né, e pisava, daí ele viu que não achou revolve e disse: “Pois é, como teu marido num ta, vou fazer que nem vocês fazem, vocês chegam na fazenda, o fazendeiro não ta, cês viram dono da fazenda. Agora, nós ficamos aqui, o teu marido num ta, nós podemos sê o dono de tu, nós podemos fazer com tu o que nós bem quisé, estrupá...”. E ele foi indo pro meu lado, assim, um daquele da GOE, foi bem pertinho de mim, e aí quando ele chegou bem perto de mim, disse: “Podemos estrupá, porque teu marido não ta, agora nós podemos sê dono da senhora...”. Daí, quando ele chegou bem pertinho de mim, assim, eu comecei a tremer e chorar, né, e ele falou: “Ah, agora cês têm medo, quando é pra vocês vir aqui ocupar terra alheia, daí vocês não têm medo, agora que ta com medo? Teu marido não é homem, não, teu marido é um rato”. Eles diziam pra mim, né. E esse meu pequenino chorava de fome e eles não deixava eu fazer mamadeira, eles chegaram lá por volta de 1 hora, 1 hora e pouco da manhã, esse meu menino só foi comer às 3 da tarde, ele chorava, pedia pra mamá, daí eu pedi pra eles bem calma, pra ver se eles deixavam eu fazer mamá, eles falaram assim: “Nós não vamo deixá fazer mamá, não. Cada vez que nós viemos fazê um despejo, nós sempre passamos a mão na cabeça de vocês, por isso vocês sempre voltam, só que a tua cara...”, ele falou pra mim, “... a tua cara ta bem marcada, se um dia nós vortá e encontrá tua cara em outra terra, tu não vai tê mais tempo de se arrepender, não”.<sup>146</sup>

<sup>146</sup> Idem, p. 15.

Com a veiculação desse depoimento ficou claro o objetivo do jornalista. Indignado com o terrorismo psicológico executado contra uma simples trabalhadora, expôs a falta de preparação da polícia em lidar com determinadas situações. Arbex Jr. até mesmo transcreveu os erros de português do policial, para enfatizar seu desconforto com essa polícia terrorista. Marco Frenette também se dedicou ao caso do MST no Estado do Paraná. Lembrou que a polícia burlou a Constituição Federal e o Código de Processo Civil, que estabelecem o horário das 6 da manhã às 18 horas para o cumprimento de mandados judiciais. Na verdade, o governo valeu-se de um instrumento militar para resolver um problema social que é a reforma agrária, o que desencadeou essa onda de violência. Frenette denunciou a perseguição sistemática ao MST por parte do Estado paranaense que, por sua vez, não agiu de forma tão “eficaz” contra os abusos dos grandes proprietários rurais, que contratam capangas para assassinar integrantes do movimento.<sup>147</sup>

*Caros Amigos* abordou em diversos momentos a questão agrária nacional e em todas as suas vertentes. João de Barros, na edição 102, traçou um perfil do maior grileiro do mundo, Cecílio do Rego Almeida, o que demonstrou como pensa parte da elite fundiária brasileira. Vale a pena transcrever aqui alguns trechos da entrevista que o grileiro concedeu a João de Barros, pois faz considerações no mínimo polêmicas. Indagado sobre o regime militar afirmou:

Vou te responder: entendo que foi uma ditadura, mas a mais leve das ditaduras. Hoje existe uma ditadura do PT mais forte do que a dos militares. Se você pegar o primeiro marechal, o Castelo Branco, esse homem foi um grande estadista. De total proibidade. Levou gênios para o seu governo, como o Roberto Campos, o Bulhões. Só esses dois nomes transformaram o Brasil.<sup>148</sup>

Sobre o MST disparou: “você acha que esse monte de desfavorecidos, analfabetos, tem a capacidade de fazer uma agricultura? Capacidade para criar umas galinhas, um porco, isso eles têm”. E mais à frente afirmou que essa questão da reforma agrária só se resolve à força.<sup>149</sup> Cecílio criticou a invasão de propriedades privadas feita pelo MST e perguntou ao repórter se ele já passou por isso. João de Barros disse que algumas vezes, em sua casa, obtendo como resposta do grileiro: “deve ter sido preto esse filho da puta que entrou, né?”. As idéias de Cecílio não param por aí. Sobre a questão indígena asseverou, no caso em que uma pesquisadora pedia parte de suas terras para os índios: “Daí apareceu uma puta, só pode ser

<sup>147</sup> FRENETTE, Marco. A anatomia do medo. *Caros Amigos*, nº 27, p. 16-19, jun. 1999.

<sup>148</sup> *Caros Amigos*, nº 102, p. 29, set. 2005.

<sup>149</sup> Idem, p. 32.

uma puta, de uma antropóloga comunista, querendo tirar 300.000 hectares para oito, doze pessoas”. Por fim, quanto ao governo Lula, disse não poder afirmar muita coisa, já que o presidente não tinha feito nada. Sua única reclamação: “A Marina Silva foi uma péssima escolha. Pegou uma indiazinha totalmente analfabeta e doente. E essa merda de governador que perdeu o governo do Rio Grande do Sul, um bicha, que é veado, o Olívio Dutra”.<sup>150</sup> João de Barros conseguiu tirar do grileiro as mais polêmicas afirmações, numa conversa aberta, franca, sem o jogo marcado de perguntas e respostas com espaço pré-determinado como ocorre na grande imprensa. Dessa forma, levou a público a mentalidade de um dos maiores latifundiários do país, o que de certa maneira reflete a visão da elite nacional. Afinal, suas idéias não são tão diferentes às da grande mídia, quando esta ataca o MST, quando demoniza o movimento ou quando expõe sua visão de classe.

A reportagem de *Caros Amigos* sobre Cecílio do Rego Almeida não fez juízos de valor, nem moral. Realizou um histórico das atividades e conquistas de terras executadas pelo grileiro, pontuou os problemas nos quais se envolveu e realizou uma entrevista para balancear com a visão do próprio Cecílio. O repórter soube conduzir a conversa de maneira que deixasse o entrevistado falar, desenvolver suas idéias. Não foi com uma idéia pré-concebida sobre o que esperava ouvir, isto é, não tentou induzir o depoente a responder apenas o que conviesse ao seu trabalho. Isto só pôde acontecer porque a revista prega uma prática jornalística diferenciada, com maior liberdade para os colaboradores, sem barreiras nem limites para suas matérias. Podem atuar de forma independente, sem amarras com nenhum centro de poder.

Há de se observar, porém, que *Caros Amigos* assumiu o discurso de classe, só que do lado inverso. Se a elite nacional desprezou a grande maioria da população pobre, o mensário publicou copiosamente sua visão de mundo e ideologia de classe. Atacou a elite nacional, os empresários, latifundiários e políticos. Não poupou palavras para classificar essa classe rica que domina a economia nacional. De certa forma, até fomentou o ódio e a própria luta de classes. Numa reportagem sobre a desocupação de prédios do centro de São Paulo, Natalia Viana criticou a administração do PSDB, que não se preocupou com as pessoas que ali habitavam, mas apenas com a valorização predial da região. Em 2005, iniciou-se a Operação Limpa, com o objetivo de desalojar os sem-teto que se recusavam a sair das construções. A proposta era reservar conjuntos habitacionais, há mais de 2 quilômetros do centro, para os que trabalhavam naquela região, em ocupações como sapateiros, costureiras e faxineiros. Na

---

<sup>150</sup> Idem, p. 33.

época, o secretário municipal de Habitação, Orlando Almeida Filho, afirmou que a distância não era grande e que as pessoas poderiam ir caminhando para o centro, afinal, em suas palavras, “faz bem à saúde”. Natalia Viana evidenciou ainda que a truculência policial não se reservou apenas a áreas afastadas das zonas urbanas, como aconteceu nas expulsões de membros do MST no Paraná. Já na primeira ação de despejo, no dia 16 de agosto de 2005, na rua Plínio Ramos, os policiais derrubaram o portão, entraram atirando e jogando bombas de efeito moral. Tiraram as mulheres e crianças e espancaram os homens. Mais uma vez, *Caros Amigos* mostrou o outro lado da história, a visão dos vencidos, dos que não têm espaço na mídia e não têm qualquer ligação com o poder. Cumpriu seu papel social de denunciar abusos contra a população e de exigir atitudes justas e humanas com essas pessoas desprovidas.

Nas quatro páginas pelas quais se desenvolveu a história da repórter, observou-se uma preocupação em descrever como viviam os sem-teto, seus móveis, utensílios, enfeites, banheiros, além da forma como tratavam uns aos outros, a relação familiar, o cuidado com os filhos. Isto é, mostrou o lado humano daquele pessoal que vive em condições subumanas. Explicou o por que muitas famílias vivem daquela forma, sem empregos ou subempregados, marginalizados. Criticou as ações públicas, a política neoliberal, o individualismo atual. Não se limitou a dar a notícia. Foi a fundo na vida dos sem-teto, com o fito de contrapor a visão preconceituosa que se direciona aos marginalizados no Brasil, valendo de recursos literários, como a descrição do lugar, para ambientar o leitor. Natalia Viana terminou lançando uma provocação. Disse que a força tática da polícia militar paulista cumpriu seu trabalho com firmeza. Expulsou as famílias, que deixaram pra trás seus lares enquanto viam suas mudanças serem jogadas em caminhões. Assim, disse a jornalista, aqueles prédios vão ficar fechados por alguns anos, visitados apenas por algumas baratas – as baratas podiam ali ficar, as pessoas não – até aparecer algum investidor que os derrube para construir algum *shopping*, uma faculdade privada ou uma academia de ginástica, para que os ricos freqüentem.<sup>151</sup>

Por fim, vale destacar a última reportagem catalogada, na edição nº 117. João de Barros acompanhou um dia de visitas das mulheres que vão ao encontro de seus filhos, maridos, namorados, irmãos ou pais, que estão cumprindo pena. Em sua matéria, pode-se observar as características da reportagem de fôlego, que não tem um limite pré-determinado nas páginas da revista. O jornalista relatou todo o processo que as mulheres enfrentam para chegar aos presídios que “guardam” seus familiares, tanto que gastou uma página inteira apenas para demonstrar os preparativos para que se inicie a jornada. Não se trata de um

---

<sup>151</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 105, p. 30-33, dez. 2005.

trabalho objetivo que visa apenas à notícia. João de Barros atentou para as expressões, os sentimentos, o sofrimento dessas mulheres. Destacou as humilhações que encaram e a falta de educação dos funcionários dos presídios. Outro foco da reportagem foi esclarecer que os detentos não são animais, grosseiros e violentos como se costuma pensar. Tanto que João de Barros contou um caso peculiar:

Lia é uma paranaense loira, atraente, de 31 anos, 1,66 metro, 51 quilos, muito falante. Advogada, trabalhava na área de Execução Penal em Curitiba. Atendia a réus presos. Recebia xavecos, mas nunca se interessou por nenhum deles. Até ser “flechada pelo cupido”, o que a levou agora a Venceslau. O homem é tido como um dos chefes do PCC, condenado a 109 anos de prisão por latrocínios e homicídios. Está preso há dezesseis anos. De abril a agosto desse ano, trocou cartas com ela, nas quais se mostrou um “cavalheiro”: romântico, bem-intencionado, à procura de “uma verdadeira companhia” que preenchesse a solidão do cárcere.

Lia gostava cada vez mais das cartas que recebia. “Fui sendo absorvida pelas declarações que ele fazia, pelo seu arrebatamento e, depois de enfrentar jornadas de terapia, cedi à paixão: pedi que ele colocasse meu nome no rol de visitas”. Na primeira visita que fez, tudo nele a emocionou. Os “gestos delicados”, o “respeito cavalheiresco”, a “conversa simpática e amistosa”. Na despedida, um único beijo selaria o futuro de Lia: era namorada de um preso.<sup>152</sup>

A história segue descrevendo como Lia se arrumava sempre para visitar o namorado e como foi a primeira noite de amor. Contudo, o jornalista não se diferenciou apenas por dar outra vertente ao trabalho, por mostrar as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia daquelas pessoas. Na maioria das reportagens que desfilaram por *Caros Amigos*, viu-se o ponto de vista dos marginalizados socialmente, ato seguido por João de Barros. Em vez de apenas falar sobre o que viu e veicular sua interpretação dos fatos, os jornalistas e a revista normalmente cederam espaço para que os personagens das matérias se expressassem. Na maioria das vezes percebeu-se que eles tinham consciência da situação em que viviam, das injustiças cometidas pelo aparelho do Estado e dos abusos aos quais estavam expostos. No caso do trabalho de João de Barros, Patrícia, uma bonita mulata de 28 anos, contou como se sentiu humilhada por ser acusada injustamente de carregar objetos proibidos, sem ter chance de provar o contrário. E não pôde fazer a visita. Tudo por causa do detector de metais que estava com problemas. Procurou a Comissão de Direitos Humanos da OAB, mas de nada adiantou.

Esse presídio, que lugar é esse? É um pedaço do inferno! Só tem funcionário folgado, autoritário, ditador, que faz o que bem entende porque tem o GIR pra garantir a humilhação. A gente é pequena pra brigar com o Estado. Mas, juro, rezei uma ave Maria e um pai-nosso para não voar no pescoço da funcionária. Depois eles falam em res-so-ci-a-li-za-ção, dizem que a família é muito importante. Ressocialização onde, meu Deus, na boca do inferno? Colocam o preso num lugar longe da família, em presídios a 300, 400, 500 quilômetros de distância. O Marcio está aqui há meses, no sistema há um ano e dois meses e nem sequer foi julgado! Devia estar num CDP

<sup>152</sup> BARROS, João de. Um dia de visita. *Caros Amigos*, nº 117, p. 36, dez. 2006.

(Centro de Detenção Provisória), mas não! Eles querem que todo mundo morra. Cultivam o ódio e a injustiça. São todos uns soberbos, que só falam com a gente para ameaçar. Depois quando um cara sai daqui vai querer o quê? Vai querer vingança. Porque eles só alimentam a vingança e a maldade no coração do preso. Por que aquela merda sempre apita comigo? Vai ver é porque sou negra. Quem vai pagar meu prejuízo? Eu trabalho a semana inteira, sou secretária, nunca desacatei ninguém. Gastei 400 reais nessa visita, com gasolina, pedágio, comida, hotel, mercado e até com remédio, que o Estado devia dar. Quem é que vai me pagar?<sup>153</sup>

Como se observou ao destacar algumas reportagens, *Caros Amigos* manteve sua posição crítica e cumpriu seu papel social ao evidenciar grandes problemas que afetam a sociedade brasileira, em todos os setores. Muitos foram os temas tratados pelos jornalistas, sempre com um cunho social e de denúncia contra as injustiças permanentes presentes no seio social. Fora os elencados acima, destacaram-se ainda as lutas entre indígenas e latifundiários em muitas regiões do país, a vida dura dos moradores das periferias, a luta contínua do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), no México, que lutam por condições melhores para os indígenas, o acompanhamento das grandes manifestações contra o neoliberalismo e a globalização, as dificuldades de ex-internos da Febem, o apoio a movimentos culturais da periferia, os sofrimentos de quem vive em manicômios, a grande estrutura da Opus Dei, a privatização da guerra, entre outros. Independente da problemática abordada, *Caros Amigos* diferenciou-se da grande maioria dos meios de comunicação exatamente por dar outro tratamento às matérias, por mostrar o outro lado da realidade, aquele lado obscurecido, ao qual não se tem acesso, o dos pobres marginalizados. Em vez de pontuar apenas as mazelas encontradas nesses grupos e de super-dimensionar os crimes e violências que ali ocorrem, o mensário sempre deu valor às manifestações culturais, aos mutirões comunitários, aos exemplos de superação, à humanidade que dali emerge, aos sofrimentos e à garra desse pessoal que encara o lado mais difícil da sociedade brasileira.

Ainda que o estilo das e o investimento nas reportagens não sejam iguais aos encontrados em *Realidade*, *Caros Amigos* teve (tem) papel manifesto na transformação do jornalismo nacional ao propor novas abordagens, modelos e práticas de imprensa, pois resgatou a reportagem de fundo, analítica, responsável socialmente, isto é, exerceu um trabalho que não se completava em si mesmo, que não se fechou na lógica do mercado, mas que fomentou o jornalismo engajado que olhou para os verdadeiros problemas que a maioria da população enfrenta diariamente. Foi nesse engajamento social do mensário que se construiu o grande exemplo da nova imprensa alternativa – e da reportagem alternativa –, do jornalismo crítico que renasce com novas características e novos representantes que, por seus

---

<sup>153</sup> Idem, p. 37.

turnos, ocupam o local deixado vago pelos nanicos. *Caros Amigos* lançou as sementes para que outras publicações percorram o caminho da crítica e para que novas e melhores reportagens sejam oferecidas aos leitores, já que este é o principal gênero da atividade jornalística, o de maior conteúdo, que oferece uma grande contribuição para a formação do público. Foi neste ponto que as reportagens de *Caros Amigos* tiveram seu melhor resultado. Não obstante os recursos escassos e trabalhos modestos, estimularam outras experiências no mesmo sentido, o que contribui para o desenvolvimento da imprensa alternativa, oferecendo cada vez mais opções de leituras e diferentes visões de mundo à sociedade.

#### A REVISTA CAROS AMIGOS EM BUSCA DO LEITOR<sup>154</sup>

Em função do conteúdo característico de *Caros Amigos*, tem-se a explicação do porquê seu público nunca foi numeroso, afinal, trata-se de uma publicação que veicula textos ensaísticos e de cunho sociológico, o que não atrai pelo entretenimento. Apesar de ter como objetivo denunciar as injustiças sociais às quais estão expostas as camadas esquecidas da população, isso não significou que esse segmento social em algum momento tenha se tornado leitor da revista; pelo contrário, esse público manteve-se afastado por conta de alguns fatores que devem ser considerados, como a alta exigência intelectual da revista e o preço de capa que não condiz com a realidade desse segmento. Mas esse quadro não é exclusividade de *Caros Amigos*, pois a verdade é que o setor mais carente da sociedade não configura consumidor assíduo de periódico algum, isto porque lhe falta capital até mesmo para satisfazer suas condições básicas de sobrevivência. Não obstante, há de se notar que o mensário realizou algumas mudanças em seu conteúdo com o passar dos anos, pois o estilo hermético das primeiras edições poderia prejudicar economicamente o projeto jornalístico.

É interessante esclarecer, antes de verificar tais mudanças da publicação, que *Caros Amigos* tanto se refere a uma iniciativa alternativa e engajada que, quando foi publicada, entrou num mercado editorial completamente diverso ao do encontrado nos tempos de ditadura militar, as regras eram outras e a liberdade de expressão figurava sem exceções. Para ser alternativa, teria que se adequar aos novos padrões encontrados à época, lançando-se num campo ainda a desbravar na confecção de publicações de caráter engajado e crítico nos anos neoliberais. Isso sem mencionar o contexto no qual *Caros Amigos* se inseriu, já que 1997 foi

---

<sup>154</sup> Nesse subitem alguns pontos citados ultrapassam a data limite da pesquisa (dezembro de 2006), no entanto, interessou para demonstrar como as mudanças empregadas fazem parte de um recurso contínuo.

ano eleitoral em que FHC despontava como vencedor nas pesquisas, graças ao seu Plano Real que controlou a inflação que atingia a população brasileira havia anos. Isto é, o mensário embarcou numa atividade pouco comum no Brasil para aquela década, já que tanto o neoliberalismo como FHC eram bem aceitos pela sociedade e, de fato, esses foram alguns dos alvos principais do periódico nas suas primeiras edições que apareceram nas bancas. Enquanto a grande imprensa, em sua maioria, alinhava-se ao presidente-candidato, destacando os grandes avanços sociais e econômicos do país em seu primeiro mandato, *Caros Amigos* caminhava na contra mão. Isso denotou que o mensário, ao lançar-se no mercado, mostrou-se reticente com as tendências políticas que se desenhavam com a vitória do presidente, o que destoava do padrão jornalístico e da opinião pública encontrados naquele momento. Ainda assim, os responsáveis pelo projeto colocaram nas bancas a publicação e mantiveram muitos dos ideais que defendiam nos idos de 1970, tomando suas atividades como algo ideológico ao aproximar suas práticas à da imprensa alternativa típica dos nanicos, mesmo com o evidente risco financeiro.

No entanto, há um ponto a destacar: assim como os nanicos não eram direcionados ao grande público, ao leitor comum, *Caros Amigos* não foi produto consumido pelo segmento social ao qual se referiu copiosamente em suas páginas. Seus textos, pesados e sisudos, exigiam “leitura de fôlego”, o que selecionou seu público especialmente nos primeiros anos da publicação. São trabalhos de difícil compreensão até mesmo para leitores médios, o que não quer dizer, necessariamente, que o leitor da revista esteja atrelado apenas a um nível econômico alto. Mais que isso, o que determinou o tipo de público da revista foi o nível intelectual, a capacidade de entendimento, de absorção e interpretação que o consumidor possuía. E esse conteúdo e público, extremamente selecionados, tornaram-se motivo de preocupação para a própria manutenção do periódico, já que a publicidade era escassa e as vendas de edições avulsas e assinaturas nunca se mostraram expressivas. Não à toa, portanto, observaram-se algumas diferenças no estilo jornalístico e na linguagem de *Caros Amigos* com o passar do tempo, atitude que buscou atrair mais leitores e, conseqüentemente, mais recursos para a editora. Afinal, como afirmou o sócio-diretor da Editora Casa Amarela, Wagner Nabuco, 92% dos leitores do mensário tinham o ensino superior completo e 20% eram pós-graduados.<sup>155</sup> Ou seja, segundo esses dados, pode-se concluir que para ler *Caros Amigos* era necessário, no mínimo, ter nível superior, o que não era (é) a realidade da maioria da população brasileira, sendo assim, não tinha como esperar numeroso público leitor.

---

<sup>155</sup> Em entrevista. Disponível em <<http://www.emrevista.com/Edicoes/5/artigo818-1.asp>> Acesso 15 set. 2008.

Um caminho possível seria sustentar o conteúdo crítico encontrado nas páginas de *Caros Amigos*, mas de forma mais leve e acessível, porém não menos crítico. Intercalar textos analíticos e pesados, com colunas de humor, charges, tiras, crônicas e imagens. E é exatamente isto que o mensário, aos poucos, começou a fazer, porém, não se valendo desses recursos lúdicos apenas como entretenimento, mas para formar e informar. Se a revista viesse a publicar textos vazios, leves, curtos, sem aprofundamento, se igualaria à prática jornalística que contesta na grande imprensa, o que, no limite, continuaria a desinformar o público já carente de formação, além de desmanchar a imagem que a colocou como uma das principais publicações de esquerda do país. Imagina-se, assim, diante do posicionamento do mensário, que seu conteúdo lúdico não veio para descaracterizar a publicação, mas para completar e melhorar o projeto que se iniciou de forma sisuda e até mesmo excludente – pelo menos no que toca à compreensão dos trabalhos.

Apesar de tais medidas, nunca houve o objetivo de se mudar a face da revista. Ainda que traga mais cores, imagens e humor, *Caros Amigos* mostrou-se como uma revista de crítica social e política, que se diferenciou exatamente por sustentar conteúdo analítico e aprofundado. Atente-se, no entanto, que a entrada de mais cores (ver página 71) não significou sua aproximação às características gerais do mercado de revistas, pois o mensário continuou se diferenciando claramente quanto à diagramação; manteve o papel *offset*, grosso e sem brilho, e seu interior ainda se mostrava carregado de textos e falta de cor, apesar do arejamento empregado por Rafic Farah. Essa opção de não gerar grandes transformações denotou os cuidados que os editores tomaram, pois a banalização de seu interior, o abuso de imagens, quadros e boxes explicativos, descaracterizaria o mensário que é, de fato, um dos que apresentam conteúdo alternativo no cenário jornalístico nacional. É nesse caminho que *Caros Amigos* conseguiu manter o padrão da publicação e o diferencial que a sustentou no mercado por onze anos, sem abrir mão do engajamento e de textos contundentes sobre a realidade nacional. Isto porque mudou sem banalizar, encabeçando o grupo de periódicos que faz parte de uma nova imprensa engajada, a do período neoliberal.

Com o tempo, os editores e colaboradores perceberam que a manutenção da estrutura pesada, com textos longos e predominância da monocromia, além do discurso já repetitivo e desgastado contra a globalização e o neoliberalismo – afirmação dos próprios editores -, prejudicariam a revista, o que impunha a renovação de seu potencial contestatório e o oferecimento de novos conteúdos e vertentes de análises para seus leitores e, talvez, para novo público que porventura fosse atraído pelas transformações. Ademais, seria preciso chamar a atenção de um público menos elitizado – principalmente no que diz respeito à intelectualidade

-, já que o foco do engajamento não poderia se sobrepor totalmente aos interesses econômicos da editora, sob o risco de exaurir seus recursos financeiros e a revista deixar de circular. Sendo assim, *Caros Amigos* passou a investir mais em reportagens (como já se analisou), ainda que não fosse seu material principal, e passou a tomar mais cuidado com a linguagem, já que os termos extremamente acadêmicos figurariam cada vez menos nas páginas do periódico. Além disso, lançou uma série de edições especiais intitulada “Literatura Marginal”, na qual abriu espaço para escritores da periferia. Nessa série, o mensário deu espaço a homens pobres que têm gosto pela escrita e pela cultura e, mais que isso, o principal foi perceber que os textos tinham claramente um fundo político e social, tratando-se de uma literatura engajada. Isto é, apesar dos problemas textuais apresentados pelos autores, o que se evidenciou foi a consciência social dos mesmos e sua opção por utilizar como arma no combate à injustiça social, as palavras. Ao abrir esse espaço, *Caros Amigos* rememorou experiências como as do *Jornal Dobrabil* – brincadeira com o título do *Jornal do Brasil* – e *Jornalivro*, o que já demonstrou tanto as perspectivas dos criadores do mensário quanto a que momento histórico estavam ligados – o do jornalismo crítico dos nanicos.

Mais que o engajamento social típico dessas iniciativas, a publicação ofereceu novos conteúdos, com o intuito de arejar o interior e atrair um público diversificado. Isto é, o objetivo foi veicular tanto textos pesados, que atingissem leitores mais experimentados, como espaços mais leves, humorísticos, que atraísse clientela geral. O interessante é que *Caros Amigos* descobriu com o tempo que, para passar uma mensagem e ser de esquerda, para orientar e formar espírito crítico, não seria necessário apenas textos herméticos e sisudos. Daí começaram a lançar seções menos densas, como foi o caso de “O caseiro do presidente” e “A consciência de Inácio”, ambas escritas por Carlos Castelo Branco, de cunho humorístico e que não deixaram de discernir sobre os governos de FHC e Lula, respectivamente. A título de exemplo segue um trecho marcante de “O caseiro do presidente”:

Seu Fernando:

Eztas má trassadas linha são as úrtima qui inscrevo pru sinhô.

Acabô seu disgoverno.

Acabô, si Deus quizé, o tár do neoliberalismu no Brazí.

Acabô, meu emprego (seu Oswardo, o da fazenda de frente à vossa, me ademitiu eu, Dagildo, Domiciando e Borges).

Acabô minha paizciência.

Por isso, tamo ganhano mundo seu Fernando.

Chega de bancá o besta!

Se assente numa portrona qui eu tenhu uma nutiça pá lhe dá: aconvencildos pelo Dagildo, Domiciano e Borges, Nena e eu entremo na filêra dos cigano sem-terra.

Tamo acampado e tudo. Já aprendemo o hino do Messetê e tamo seno fabetizado pelas cartilha do Paulo Freire.

Quando o sinhô arrecebê essa carta, taremos – junto maiz mír família de Buritis – dentro de sua propriedade.  
 Eu sei que isso vai lhe trazê dezgosto. E o qui Voz Celença já passo de nelvoso esse 2002 foi dimais da conta, nós tem cunciência diço.  
 O Antóim Carlos lhe apedrejo.  
 O Peagá lhe intristeceu.  
 O Serra lhe deixo desacorçoado.  
 Mas teve geito não.  
 A porpósta dos cigano sem-terra foi a mio pá nós.  
 Cum tanto chão aqui em Minaz, Goiaz, Spírito Santo - sem falá na Mazônia e nus Maranhão, pra que nós vai se privá de fazê o qui nós tem direito, que é trabaia a mó de butá pulenta na boca dus nossos fí?  
 Asseite minhas condolenssa, seu Fernando.  
 Maiz fique sabeno tamémno tamém qui, ninguém mio qui nós, pá tocá u pedacim de terra qui foi de Voz Celença ( a gora é di quem trabaia a mó di fazê o Brazí sê o qui é).  
 Os boi brangu vão tê uma atenssão redobrada.  
 As prantassão toda vai vicejá como o quê.  
 Os saláro num vai trazá maiz.  
 Resumino: mio que isso, só duaz veiz isso.  
 Mande lembranssa pá Nhá Ruth. Diga qui o carramanchão dela vai ficá uma belezura di bem cuidado.  
 Adeuz, rapaz-ex-prisidente.  
 E se alembre sempre duma couza: nós pode até sê caipira, maiz neobobo nós nunca fumo não.<sup>156</sup>

Castelo Branco ainda é responsável pela coluna “Bulhufas”, que continuou com essa vertente humorística e substituiu “A consciência de Inácio”, a partir da edição 80. Além do humor, o mensário se valeu cada vez mais, após o primeiro ano da publicação, de artigos de criação literária como crônicas, poesias e ficção (ver tabela 4).



**Seção “Ensaio”**  
 Fotos: Carla Ferreira  
 Ed. 79 – out. 2003

<sup>156</sup> *Caros Amigos*, nº 68, nov. 2002, p. 39.

Some-se a este arsenal de linguagens e gêneros diversos, o uso de fotografias de cunho social, marca registrada da seção “Ensaio”, que sempre trouxe imagens expressivas sobre os esquecidos, do Brasil e do mundo, abusando do preto e branco, o que pareceu evidenciar a falta de cor na vida dos fotografados. Também a coluna de Mylton Severiano, que sempre sustentou textos curtos, contundentes, comicidade e graça. Ainda há o recurso imagético, iniciado desde o número 1 da publicação com Guto Lacaz e Jaguar, e reforçado, a partir da edição 27, por Claudius – espaço de crítica política e humor -, além das recentes seções “Picadinhas” e “Entrelinhas”, que se caracterizaram, respectivamente, por veicular blocos curtíssimos de textos que se referiram a frases e atos de personalidades e por desvendar as intenções da grande imprensa, que estão submersas nas linhas de seus textos e nos tons de voz de seus âncoras. A última novidade proposta por *Caros Amigos*, no sentido de amenizar o peso de seu interior, foi a publicação dos desenhos de Voss e Hermes, que se completou com tiras clássicas, internacionais e nacionais, consagradas como obras de arte, espaço iniciado junto com a edição de décimo aniversário da revista, em abril de 2007.



**Seção “Um Desenho”**  
Guto Lacaz  
Ed. 63 – jun. 2002



**Claudius**  
Ed. 104 – nov. 2005

Todas essas mudanças de conteúdos foram acompanhadas por duas mudanças de diagramação específicas. Uma levada a cabo por Rafic Farah, como já foi citado, e a outra, que também apareceu na comemoração de décimo aniversário, ficou a cargo de Michaela



**Jaguar**  
Edição nº 12 - Mar. 1998

Pivetti, editora de arte de *Caros Amigos*, que deu uma nova roupagem à publicação, cuja intenção foi abrir mais destaque para as reportagens – gênero que foi se tornando um ícone da revista – ao cortar um pouco o espaço que os colaboradores tinham para escrever. Também se percebeu sutil diferença nas capas posteriores a essa mudança, marcando tons fortes, chamativos, e distribuição mais aleatória das chamadas de capa, dando uma vivacidade à “cara” do mensário nas bancas. Quanto às chamadas, passaram a ter mais destaque, com corpo maior e mais coloridas, o que demonstrou o intuito dos editores em privilegiar outros conteúdos (principalmente as reportagens), sem

desmerecer o carro-chefe da publicação, as entrevistas.<sup>157</sup> Pode-se imaginar que tais alterações se devem a uma estratégia de marketing, já que *Caros Amigos* desde o seu lançamento trabalhou com recursos financeiros exíguos, o que exigiu sempre novas formas de conquistar o público. Ao utilizar o subterfúgio de expor o máximo possível de matérias na capa, há a possibilidade de atrair mais leitores pela diversidade, os mesmos que antes não comprariam *Caros Amigos*, já que sempre trazia o entrevistado na capa, depoentes que normalmente não fazem parte do seleto time das “celebridades” nacionais, copiosamente expostos na grande mídia. Atente-se, porém, que os depoentes continuaram a ter espaço privilegiado, o que mudou é que a partir dali dividiram a capa com um número maior de chamadas.

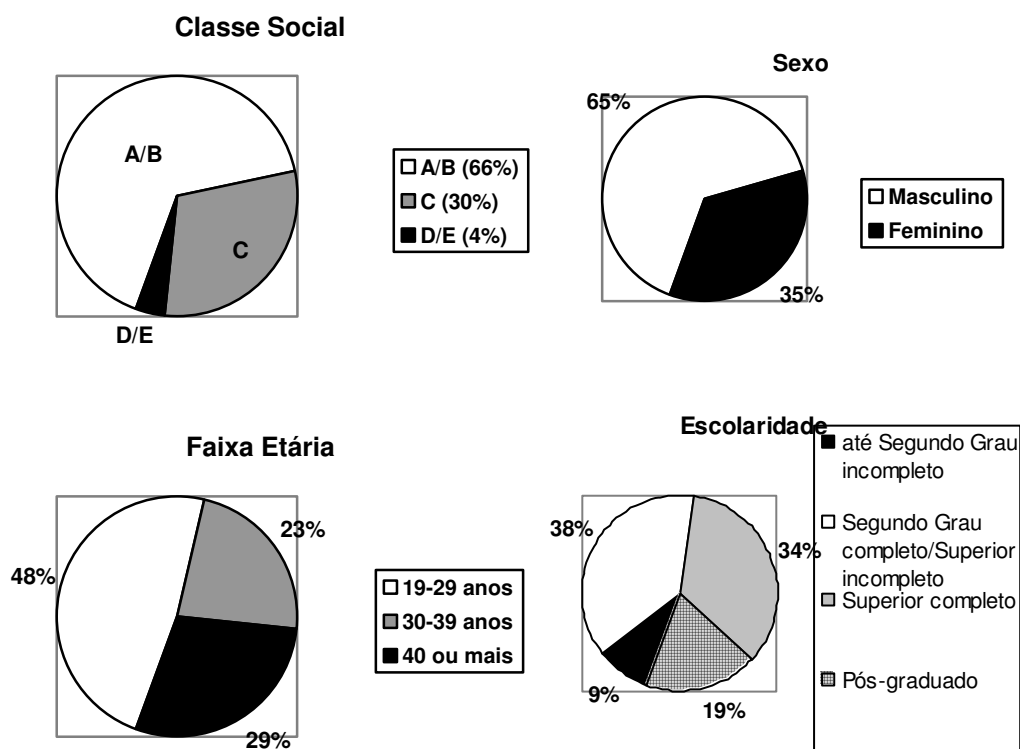
<sup>157</sup> Apesar de estar fora do período proposto para a pesquisa, citou-se a seção de desenhos de Voss e Hermes e a segunda mudança de diagramação, a fim de pontuar o esforço contínuo de inovação empregado pela revista.



Edição nº 131 – Fev. 2008

Capa típica da remodelação feita por Michaela Pivetti, na qual as chamadas de capa foram mais presentes e numerosas.

Por fim, trata-se de ponderar que alguns leitores de *Caros Amigos* possivelmente afirmarão que o conteúdo da revista não é tão lúdico assim, que continua pesado e sisudo, o que certamente é inegável. Porém, se acompanhadas com atenção as mudanças com relação aos atributos iniciais do periódico, há de se compreender que ocorreu uma significativa transformação na diagramação e estilos textuais, mesmo que não seja algo parecido com as páginas pitorescas das publicações atuais. É importante observar que, ao contrário desses periódicos mais leves, *Caros Amigos* não pode ser tomada como fonte primeira de informação, como leitura rápida e passa-tempo. Ainda que tenha sido executado arejamento interno e externo da revista, esta não se caracterizou como meio de informações e notícias rápidas, como as encontradas nos jornais diários e muitas revistas semanais. Na verdade, *Caros Amigos* entrou no mercado como meta-texto, ou seja, um recurso secundário de acesso ao conhecimento. Funcionou como um observatório que retomou os discursos da grande mídia para tecer novos comentários e análises pormenorizadas. Foi (é) um meio de comunicação que privilegiou o senso crítico, outra visão de mundo e a formação geral do seu leitor. Por se tratar de um periódico que se voltou especialmente aos temas políticos e sociais, trabalhou como agente formador de opinião, atingindo muitos jovens da classe média e universitários. Com tudo isso, houve mudança significativa no quadro de leitores de *Caros Amigos* com relação à expressa por Wagner Nabuco, apesar de ainda se manter como leitor padrão o segmento elitizado da população. Em dados mais recentes, tem-se a seguinte divisão:



**Fonte:** mídiakit de Caros Amigos. Disponível no site [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br).<sup>158</sup>

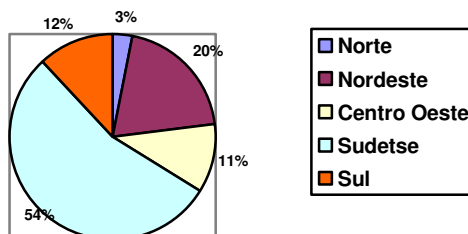
Pode-se observar que, ainda que a classe A/B se configure no maior público, a classe C passou a ter destacada presença no quadro de leitores. Também se percebe queda no grau médio de escolaridade do consumidor de *Caros Amigos* – com relação aos anteriores 92% de leitores com superior completo -, o que não configurou perda da qualidade dos textos veiculados, mas sim adequação a um número mais amplo de leitores, sem perder a vertente crítica e analítica. Deste modo, ao tocar na questão de modificação no padrão de conteúdo de *Caros Amigos*, deve-se levar em conta o tipo de publicação de que se trata, pois não se revelou periódico convencional, que pode completar a mesa do café da manhã para a ingestão de notícias rápidas. A busca do leitor, nesse sentido, ainda que imprescindível, deu-se de forma controlada e seletiva, exigindo do público geral esforço na leitura do mensário. Trata-se de evidenciar que, mesmo com a amenização dos artigos e sua intercalação com seções menos analíticas, *Caros Amigos* não banalizou seu conteúdo, apenas adotou medidas para conquistar leitores de todas as classes, sem deixar de exigir, devido aos seus conteúdos, que esse novo público tenha formação média. Daí um dado interessante: o mensário, mesmo quando atrai o leitor de setores não abrangidos anteriormente, seleciona, mesmo que involuntariamente, o de maior capacidade de interpretação e leitura, ou seja, o de melhor formação, o que confirma a

<sup>158</sup> O mídiakit trata-se de uma autopropaganda disponibilizada pelo site de *Caros Amigos* contendo todas as informações necessárias para os possíveis anunciantes.

possibilidade levantada, a de que o critério determinante do leitor-padrão da revista não é o fator econômico, mas o intelectual. Apesar de escrever em função dos marginalizados sociais, *Caros Amigos* possui como público o segmento mais intelectualizado do país, como atestam os dados acima. Por exemplo, tanto é a escolaridade que determinou o seu leitor que, apesar de agregar novos, ainda 91% deles tiveram contato com o ensino superior, sendo que destes, 53% completaram a graduação. O fator econômico é secundário, portanto, já que a grande maioria dos membros das classes alta e média não são consumidores do mensário, o que se comprova ao observar a pequena tiragem da revista, ou seja, mesmo os de maior poder aquisitivo não comprariam *Caros Amigos* caso não tivessem predisposição ao desenvolvimento intelectual, espírito crítico e analítico. A grande participação das classes economicamente mais abastadas no quadro de leitores se deve, em grande medida, ao fato de que são esses segmentos que têm mais acesso ao ensino superior e possibilidades de consumir bens culturais variados. Tanto é verdade que, se tomados os conteúdos veiculados pelo mensário, se observará que possuem linhagem ideológica contrária à das elites nacionais, o que corrobora a afirmação de que é o nível intelectual que selecionou o público de *Caros Amigos*.

Outros números podem revelar tal constatação: 83% dos seus leitores acessam a internet quase diariamente, sendo que desses, 63% por meio de banda larga, o que mostra, mais que o poder aquisitivo elevado de seu público, a capacidade de agregar e procurar informações na rede, pois a diferença do leitor de *Caros Amigos* não é a possibilidade de acesso à informação, mas a real absorção delas<sup>159</sup> Afinal, muitos indivíduos das classes abastadas acessam diariamente a internet, para fins diversos, mas não necessariamente se tornaram consumidores de *Caros Amigos*. Note-se, também, que a distribuição geográfica do público da revista não se dá de forma equilibrada por todo o país, segundo os dados abaixo:

**Distribuição Geográfica dos Leitores**



**Fonte:** mídiakit de Caros Amigos. Disponível no site [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br).

<sup>159</sup> Dados disponíveis no site da revista: [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br).

Isto demonstra que o consumidor do mensário se concentrou no Sudeste, seguido pela região Nordeste, muito por conta de seu conteúdo, pois em sua maioria abordou temas políticos e sociais relativos a essas regiões brasileiras, ou no âmbito federal, ainda que se apontem vários artigos e reportagens que se dedicaram às localidades com menor porcentagem de leitores. Mesmo assim, há de se destacar que as regiões com menor número de consumidores da revista também são as que sofrem mais com a baixa qualidade da educação, além de contar com expressiva quantidade de grupos marginalizados socialmente – com exceção do Sul do país.

Apesar de tais diferenciações, o fato é que *Caros Amigos* conseguiu atrair um público mais diversificado, o que contribuiu para o aumento do número de leitores e para o equilíbrio, ainda que preocupante, das finanças da editora, mesmo que o setor mais excluído da sociedade não seja consumidor da revista – como não é de qualquer outra. Uma alternativa que poderia ser adotada pelos editores da revista, com o intuito de amenizar tais diferenciações e de levar o conteúdo de *Caros Amigos* aos mais pobres, passa pelo acerto de convênios com órgãos e instituições públicas, tais como bibliotecas, escolas, projetos sociais, fundações de cultura etc, o que facilitaria o consumo do conteúdo alternativo que a publicação oferece mensalmente. Desse modo, os textos mais leves, mas que mantêm o padrão crítico, poderiam chegar aos leitores excluídos intelectual e socialmente, o que representaria responsabilidade social desse projeto que se propõe alternativo aos grandes meios de comunicação.

Enfim, *Caros Amigos*, devido às suas características gerais – ainda que tenha sofrido algumas alterações com o tempo -, foi consumida por um grupo reduzido de leitores, aquele já predisposto a envolver-se em questões políticas ou engajar-se socialmente nos problemas relativos à desigualdade, preconceito e marginalização. Por exemplo, segundo divulgação da própria revista, entre os meses de abril de 2006 e 2007, 72% dos leitores da revista exerceram alguma atividade com impacto social, e 59% escreveram, telefonaram ou enviaram e-mail para algum político eleito ou publicação. É dessa maneira que o mensário cumpriu – mesmo com problemas - seu papel na formação do público e conseguiu amenizar sem banalizar o seu conteúdo. Isto é, não se trata de afirmar que os novos conteúdos e formas de linguagens adotados pelo periódico cumpriram apenas a função de arejar o estilo fechado de *Caros Amigos*. Pelo contrário, não se pode confundir que imagens, fotografias, crônicas e literatura sejam sinônimos de entretenimento. Muitas vezes esses estilos de linguagens cumprem melhor o papel de crítica do que textos extremamente acadêmicos ou pouco acessíveis, exatamente por atingirem um número mais elevado de pessoas. Nesse sentido, o termo

*amenizar*, não deve ser entendido no sentido pejorativo, de banalização, de recurso auxiliar com função mercadológica. Não. Trata-se de uma forma de amenizar, de fato, o estilo pesado da revista, uma escolha que visou melhorar o conteúdo da publicação pela diversificação qualitativa. Optou-se por essas linguagens com o intuito de oferecer outros estilos, desfazer a imagem de revista hermética. Ainda que o mercado tenha sido um grande mediador dessas opções, *Caros Amigos* recorreu a tais medidas ciente das qualidades inegáveis dessas linguagens desde que bem aproveitadas. Dito de outra forma, *Caros Amigos*, aos poucos, encontrou formas de buscar novos leitores, exigência importante do mercado editorial que se sustenta via retorno financeiro, o que não é diferente nem com a publicação em questão, nem com os novos representantes do jornalismo engajado que surgiram nos últimos anos.



**“Fred Balcão” – Tiras de Hermes**  
Ed. 131 – fev. 2008



**Tiras históricas apresentadas por Franco de Rosa**  
**“Os Zensetos” – Tiras de Voss**  
Ed. 131 – fev. 2008



**Seção “Entrelinhas”**  
Hamilton Octávio de Souza  
Ed. 100 – jul. 2005



**Seção “Picadinhas”**  
Palmério Dória  
Ed. 114 – set. 2006

### CAPÍTULO III – Principais Seções e Colaboradores de *Caros Amigos*

Trata-se, neste capítulo, de evidenciar quem foram os responsáveis pelo rumo que *Caros Amigos* tomou nesses anos de circulação e, para tanto, importa elencar alguns articulistas e seções que marcaram seus nomes nas páginas do mensário. O critério utilizado para a seleção foi o peso das contribuições desses autores, significativas tanto em termos numéricos quanto de conteúdos. No caso das seções, além das vertentes dos textos publicados, valeu a perenidade de cada uma, o que comprovou a importância de sua permanência para a caracterização jornalística da revista. Na verdade, tais espaços – autores e seções – marcaram o tom de *Caros Amigos*, foram eles que registraram o estilo de escrita oferecido e o tipo de publicação que se concretizaria. Por ser uma revista que abordou, com mais ênfase, a crítica político-social, não poderia ser diferente a classificação dos autores e seções que serão analisados à frente, pois foi exatamente nesse campo que seus trabalhos mais tocaram. Especialmente porque o objetivo principal desse trabalho pretende esclarecer o posicionamento político da revista e ao seu papel social. Ainda que alguns colaboradores não analisados de forma detida tenham escrito mais que os selecionados abaixo, privilegiaram-se espaços que definiram as características gerais de *Caros Amigos*, discursos que não fugiram à linha típica de textos ensaísticos, críticos, contundentes e, em alguns casos, até mesmo radicais.

De acordo com os grandes campos temáticos abordados pela revista (ver tabela 4), foram escolhidos Mylton Severiano, João Pedro Stedile, Guilherme Scalzilli, José Arbex Jr, Frei Betto, Marilene Felinto e Gilberto Felisberto Vasconcellos que, sem exceção, orientaram a maioria de seus textos para a crítica política e social. Contudo, não foi essa constatação que determinou a escolha de tais colaboradores, já que outros também tocaram nesses campos temáticos muitas vezes. O que, de fato, definiu esta seleção, foi o tom de suas contribuições, estas sim bastante particularizadas e quase indispensáveis para *Caros Amigos*, pois são espaços e estilos que já fazem parte da “alma” da revista, tornaram-se colunas que se confundem com a própria publicação. Deste modo, coube atenção pormenorizada sobre tais autores, o que permitiu classificar quais foram as principais questões abordadas por cada um deles. Apesar de alinharem-se todos no campo da crítica política e social, importou levantar de que forma cada qual contribuiu para o debate nesse sentido, já que os trabalhos demonstraram carregar características específicas. Numa análise circunstanciada dos textos pôde-se elaborar, dentro de cada grande campo temático, subtemas que indicaram as questões sobre as quais os articulistas mais se dedicaram, o que configurou novos grupos de

classificação textual dentro dos temas padrões já apresentados. Por exemplo, ao tomar “Crítica Social” como referência, chegou-se a subtemas como “Desigualdade social”, “Drogas”, “Abuso policial” etc. O mesmo valeu para os demais conjuntos temáticos, cujos subtemas foram definidos na leitura específica dos trabalhos de cada articulista. Isso permitiu entender como cada colaborador sustentou posição específica dentro da revista, marcando seu espaço tanto quanto a própria revista, graças a seus escritos.

Entretanto, classificações desse tipo podem levantar indagações sobre os critérios utilizados para a delimitação e orientação dos trabalhos analisados, o que merece um esclarecimento. Na verdade, a necessidade de classificar os artigos se faz presente devido à diversidade de questões encontradas nas colaborações, seja no quadro mais geral (temas) ou no específico (subtemas). Trata-se de um recurso metodológico empregado com o fim de orientar o estudo de maneira mais consistente, para que permita uma visão mais profunda das características principais da fonte. Claro que há uma parcela de arbitrariedade nesse trabalho, determinada pelas escolhas de quem classifica, mas é um recurso indispensável no desenvolvimento da pesquisa. Como, em geral, os textos de *Caros Amigos* foram de caráter ensaístico e abordaram múltiplos assuntos, a decisão final de onde alocá-los foi decidida em função da temática considerada predominante.

Ainda assim, não é um percurso sem dificuldades. Por exemplo, Guilherme Scalzilli, informado sobre o levantamento temático de seus textos em *Caros Amigos*, surpreendeu-se com o resultado e contra-argumentou nos seguintes termos:

Creio que tais classificações compreendem significados bastante abrangentes: por exemplo, defender a descriminalização da maconha seria inserido em qual temática? Não escrevo apenas sobre esses assuntos (o que fica mais evidente no Blog), mas realmente não procuro fugir da linha editorial da revista.<sup>160</sup>

De fato, essa sistematização pode levantar dúvidas, mas a decisão final a que se chegou neste trabalho baseou-se em análise pormenorizada e específica de cada artigo, o que configurou os resultados apresentados a seguir. Isso não significa, no entanto, que outras classificações não estejam abertas e que outra ordenação não seja possível. Novos critérios podem ser estabelecidos e, conseqüentemente, outros resultados poderão surgir, o que dependerá do empenho e olhar de outros pesquisadores. Contudo, ainda que outras classificações apareçam, certamente não indicará resultados extremamente diversos dos aqui apresentados. Com certeza, as conclusões acerca das características gerais da revista e dos articulistas não sofrerão alterações consideráveis, que descaracterizem os resultados aqui

---

<sup>160</sup> Idem.

propostos. Dependendo da interpretação de outro, um texto aqui alocado na temática “Política Nacional” poderia ser deslocado para “Crítica Social”, pois são temas evidentemente próximos um ao outro, no entanto, de forma alguma, seriam elencados em “Criação Literária” ou “Questões ligadas a esportes”, já que os textos não permitem diferenciações tão radicais. Diante do exposto, as análises subseqüentes de cada seção e articulista serão apresentadas de acordo com as justificativas acima, considerando os temas e subtemas predominantes.

### *MYLTON SEVERIANO E SUA ENFERMARIA: A CRÍTICA SOCIAL COMO ARMA POLÍTICA*

Mylton Severiano da Silva, jornalista sem formação acadêmica, desde muito jovem atuou na imprensa, campo no qual apresentou postura engajada por diversas vezes. Entrou na redação da *Folha de S. Paulo* em 1960 e desde então se fascinou pela profissão, segundo suas próprias palavras.<sup>161</sup> Contratado pela Editora Abril, esteve na revista *Quatro Rodas*, no *Jornal da Tarde* e, em menos de um ano de atuação, aos 25 anos de idade, entrou na revista *Realidade*, na qual compartilhou experiências com Sergio de Souza, Paulo Patarra, Carlos Azevedo, entre outros.<sup>162</sup>

Depois de enfrentar os anos de chumbo junto com esses colegas, em jornais nanicos, Mylton Severiano foi convidado, mais uma vez por Sergio de Souza, para fazer parte do novo projeto encabeçado por muitos jornalistas críticos da ditadura militar, a revista *Caros Amigos*, nome bastante sugestivo se observado o grupo responsável pelos primeiros números da publicação. Contribuiu por dez anos sem nem mesmo freqüentar a redação, apenas escrevendo e enviando o texto para a revista até que, em junho de 2007, Sergio de Souza o convidou para fazer parte da redação como editor-executivo, o que significava ser o braço-direito do mesmo na administração do mensário. Também a convite daquele editor, foi responsável pela coleção *A ditadura militar no Brasil – a história em cima dos fatos*, cujos fascículos denunciavam abusos cometidos naquele período, muitos dos quais nunca sofreram qualquer tipo de punição.

Em abril de 1997, logo na primeira edição da revista *Caros Amigos*, Mylton rendeu homenagem a João Antonio, escritor marginal que combateu por meio da literatura as mazelas da época ditatorial. Em texto de caráter bastante pessoal, quase sentimental, elucidou o

<sup>161</sup> Em entrevista ao autor via e-mail. 01/07/2008.

<sup>162</sup> Idem.

espírito de companheirismo criado no momento de crise e perseguição, que perdurou trinta anos, mesmo espírito que rondava a redação de *Caros Amigos*, uma revista feita por velhos parceiros de vida, profissão e combate. Os escritos de Mylton Severiano tratavam de assuntos diversos, desde a literatura até as questões sociais, culturais e políticas do país, mas sempre com um tom de comicidade cínica, crítica sutil e sagaz.

O jornalista contou com seção específica, “Enfermaria”, nome que o próprio Mylton explicou o significado:

A revista *Mad* (doido) costuma publicar uma seção do tipo “Você não tem a impressão de estar sendo enganado quando...?”. Peço à *Mad* licença para parodiá-la, com esta seção: De vez em quando você não tem a impressão de que só você é louco e todo mundo normal, ou vice-versa? Veja estes exemplos:

**As prioridades do orçamento mundial**

Gastos	Em dólares
Armamentos.....	80 bilhões
Fumo.....	40 bilhões
Publicidade.....	25 bilhões
Cerveja.....	16 bilhões
Vinho.....	8,6 bilhões
Golfe.....	4 bilhões

Total do que seria necessário para satisfazer as necessidades elementares de saúde, educação e alimentação de todas as crianças do mundo: 3,4 bilhões.

Fonte: informe de 1995 do Unicef, órgão das Nações Unidas para a infância.

**Começamos bem, não? Mundo muito doido. Ou será que *mad* é você de achar que podiam raspar 4 bilhõezinhos das armas para dar às crianças?**<sup>163</sup>

Expressava-se o humor-crítico que caracterizou a coluna de Mylton Severiano e que se manteve pelos anos seguintes sem grandes alterações. A seção não tratava de um assunto por edição, pelo contrário, era composta por pequenos blocos de textos sobre temas variados, o que resultou num total de temáticas maior do que o número de aparições de “Enfermaria”, já que foi contabilizado cada bloco individualmente.

**Tabela 6: levantamento temático - Enfermaria**

Temas	Quantidade
Crítica social	61
Política nacional	49
Política internacional	29
Imprensa	20
Cultura	12
Variedades	9

<sup>163</sup> *Caros Amigos*, nº 10, p. 13, jan. 1998.

América Latina	7
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	7
Neoliberalismo/globalização	4
Episódios históricos	4
Questões ligadas a esportes	1

De acordo com a tendência geral da revista *Caros Amigos* (ver tabela 4), Mylton Severiano abordou mais questões relacionadas à crítica social, política nacional e política internacional, além de dar destaque à imprensa e cultura. O que, contudo, deu um tom especial à coluna do jornalista e o que a tornou interessante no conjunto da publicação, foi o modo como Mylton trabalhou os problemas que se propôs a discutir. Seus textos não foram convencionais, pois destacaram muitas vezes o bizarro, o detalhe que passa despercebido. A coluna revelou seu feeling para destacar episódios não chamativos, para sobressaltar os dados que, num primeiro momento, não diriam nada interessante, como se percebeu nos números vistos quanto aos gastos mundiais que veiculou na primeira Enfermaria.

Dentro das temáticas específicas, foram recorrentes os subtemas “Abuso Policial” (27), “Drogas” (23) e “Cuba” (9). Os dois primeiros foram classificados em “Crítica Social”, enquanto o terceiro alocou-se em “Política Internacional” e “América Latina”, em função da ênfase dos textos. Indagado sobre esses dados, Mylton afirmou não tinha se dado conta de suas escolhas e ponderou:

Abuso policial realmente me incomoda, porque o sujeito é pago para nos oferecer segurança e, até general já vi dizendo isso, hoje a gente tem mais medo de polícia, especialmente a PM, do que de ladrão... com ladrão até dá pra parlamentar, com policial não tem papo, se ele ‘achar’ que você é ‘culpado’, especialmente PM, ele passa fogo, depois pergunta.<sup>164</sup>

Ao longo de 107 Enfermarias publicadas dentro do período estudado, o jornalista manteve-se fiel a tal postura e relatou inúmeros episódios de abusos e violências levados a efeito em diferentes Estados brasileiros. Na edição de primeiro aniversário da revista e logo na terceira aparição de sua seção, asseverou que “o militar é uma planta que se deve tratar com cuidado, para que não dê frutos” e logo a frente finalizou: “socorro! Tem um PM tentando ficar meu amigo!”.<sup>165</sup> Apesar do bom humor, Mylton denunciou atos de vandalismo praticados sob a égide da legalidade e sancionados pelos poderes estabelecidos. Em janeiro de 1999, escreveu:

<sup>164</sup> Mylton Severiano em entrevista ao autor (via e-mail). 01/07/2008.

<sup>165</sup> *Caros Amigos*, nº 13, p. 33, abr. 1998.

A polícia localizou um dos objetos que ladrões levaram de minha casa, o aparelho de faz. Enquanto o chefe dos investigadores me atende, chega um subordinado. O breve diálogo dá a entender que alguém conhecido deles deixou em mau estado um colega policial e por pouco não lhe tomou até a arma. O diálogo acaba assim:

Chefe – O caso é prioridade. A gente tem que prender esse cara rapidinho.

Subordinado – Prender e dar um... uma...

Chefe – É, você vê lá.

Subordinado (saindo) – A gente leva ele no moinho e...

Faz pouco, jornais publicaram que um policial escreveu no porrete usado para espancar presos: “Direitos Humanos”. Pedro Aleixo, único membro do governo militar a dizer “não” ao AI-5 trinta anos atrás, justificou-se: diante dos despóticos poderes facultados por aquele instrumento, não temia tanto o que pudesse fazer o general-presidente, mas sim o “guarde de esquina”.

Na *Folha* de 10 de dezembro, cinquentenário da Declaração dos Direitos Humanos, a colega de hospício Malu Gaspar revela o pensamento vivo de um guarda de esquina: J., 28 anos, soldado do 7º Batalhão da PM em Vitória, Espírito Santo. Diz J. que já matou até trinta por mês.

J. se acha normal, pois mata “vagabundos”. Reconhece que a culpa da situação que gera “vagabundos” é dos governantes e ressalva: “Mas eu não vou matar um governador, não sou louco”.<sup>166</sup>

Percebe-se que a ironia de Mylton, não se trata apenas de uma piada séria sobre a conduta de um membro da corporação militar, mas de uma crítica à formação desses policiais que saem às ruas despreparados para lidar com a realidade social do país. Porém, em questão de ironia, o trecho a seguir merece destaque por revelar o tom da seção:

#### **Por uma tortura mais humana**

Bem que a PM podia matar logo todos os presos acima dos doze anos, e não se fala mais nisso. Suponhamos que a população carcerária esteja por volta dos 222.000 (Febems e presídios). Dividamos por 111: são 2.000 Carandirus. Duzentas e vinte e duas mil balas. Uma bobagem. Um tiro na nuca de cada um. Morte instantânea e praticamente indolor. O que a gente não agüenta mais é essa morte a “conta-gotas”, na tortura lenta, e asfixia meia dúzia, e abate quem tenta fugir, e dá tiro de bala de borracha nos moleques, e pendura daqui, e esfolo dali, espanca, dá choque, quebra o braço, afoga no mijo, deixa sem comer, corta visitas, põe na solitária, dá pau de esculacho, soca duzentos onde cabem cinco, ara, mata logo tudo duma vez...

Tá bom, tá bom, pode trazer a camisa-de-força, extrapolei, extrapolei.<sup>167</sup>

São muitos os textos que se dedicaram à questão policial na revista. Vale destacar ainda a resposta do jornalista a um policial militar que o criticou:

No número passado, Reinaldo Del Dotore, oficial da PM/SP, me acusou de “considerar corruptos e/ou imbecis e/ou incompetentes” 80 % dos integrantes da PM. Refere-se à Enfermaria de julho (*Plante vento, colha tempestade*). Ali comentei que, depois dos ataques do PCC em maio, a polícia “caiu matando” em cima do povo, como previu o Ferréz. Bem, Reinaldo, não considero 80 % dos peemes corruptos, imbecis ou incompetentes, nem escrevi isso. Não disponho de números, a PM é uma caixa-preta para os civis. Mas não fui eu quem inventou a máxima de que peeme primeiro atira, depois pergunta – é a voz do povo.

<sup>166</sup> *Caros Amigos*, nº 22, p. 18, jan. 1999.

<sup>167</sup> *Caros Amigos*, nº 49, p. 13, abr. 2001.

Engraçado, Reinaldo, toda vez que vejo matanças da PM por atacado ou no varejo do dia-a-dia, sabe o que me vem? Um relato do Gabriel Garcia Márquez sobre o diálogo com Hugo Chávez durante uma viagem de avião, publicado na *Caros* faz uns anos. Chávez, militar como você, disse que despertou para a desgraça da Venezuela quando, em missão contra guerrilheiros, se tocou: irmãos matando irmãos. Caiu-lhe a ficha: o que os dividia?

Falta um salto de consciência ao policial “militar” no sistema injusto que produz famélicos, candidatos de nascença a prisões nas quais, além de perder a liberdade, ainda sofrem surras, ataque de cães, humilhações, massacres. E, tal como o pai que espanca e se você chorar apanha mais, na penitenciária se você chiar te põem no RDD, Regime Disciplinar Diferenciado, nome burocrático de câmara de tortura permanente ou sepultamento em vida. Não vê você, Reinaldo, que assim se plantam mais sementes de violência?

Na soldadesca ainda entendo, vêm das camadas mais incultas e, militares, obedecem. Mas no oficialato tento, tento, e não entendo como podem comandar massacres ou conviver com isso. E veja a novidade no Rio, o *funk* do caveirão (olhe que nome, o do blindado da PM que aterroriza nos morros): *Homens de preto, qual é sua missão? Entrar pela favela e deixar corpos no chão!* A PM serve às elites para conter o populacho. O Bope não invade bairros nobres cantando que vai deixar corpos de colarinhos-brancos no chão. E desafio: se você somar o fruto anual de todos os furtos, roubos, inclusive assaltos a banco, não ultrapassa a soma roubada num só “escândalo” de grandes máfias. E aí, cadê a PM? Está invadindo favela.

Que seu bacharelado em Ciências Sociais o ajude a entender melhor a questão e me explicar, Reinaldo.<sup>168</sup>

Os exemplos evidenciaram de que forma Mylton trabalhou a questão. No último trecho citado, o jornalista valeu-se do exemplo de Chávez e, mais uma vez, foi contra a corrente e defendeu o principal líder de esquerda da América Latina. Mylton também abordou freqüentemente Cuba e, de maneira geral, defendeu o governo socialista daquele país, assim como apoiou o da Venezuela e, sempre que possível, atacou a política imperialista norte-americana em relação ao resto da América. Questionado sobre a ênfase dada à Cuba, respondeu:

Cuba é outra fonte de revolta para mim, a maneira como a mídia gorda e seus formadores de opinião tratam a ilha. Por exemplo, chamar Fidel de “ditador sanguinário” e Bush de “presidente”. O império do norte há mais de 40 anos promove contra a ilha um bloqueio econômico assassino e não se dá um só desconto na hora de dizer que o socialismo em Cuba não dá certo, que o povo é pobre etc.<sup>169</sup>

No pequeno comentário “Esquizofrenia Política”, analisou a relação EUA/Cuba:

Lemos no *New York Times*, via *Estadão*, de 3/2/98, que o motivo do bloqueio americano contra Cuba é o fato de, na Pérola do Caribe, haver um regime de partido único. Uai. E nos Estados Unidos? Alguém consegue me provar que republicanos e democratas são diferentes? Só se for quanto ao método de nos chupar o sangue: de

<sup>168</sup> *Caros Amigos*, nº 114, p. 15, set. 2006.

<sup>169</sup> Em entrevista ao autor (via e-mail). 01/07/2008.

canudinho! Não, no copo! (...) Por último, que sandice é essa de impor na marra a Cuba outro sistema? Não será porque a ilha prossegue socialista? Por que não impediram o massacre entre túsis e hutus? Ah, eu não falo mais nada, eu só dou risada. Deixa eu guardar minha boca pra comer minha farinha, antes que me acusem de monomaníaco.<sup>170</sup>

Na edição 42, para “calar a boca dos inimigos do socialismo”, Mylton Severiano comparou índices de analfabetismo, mortalidade infantil, expectativa de vida e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) entre Cuba e outros países da América Latina, o que confirmou que o país socialista estava sempre entre os três primeiros colocados. No IDH, Cuba estava bem à frente de países como Rússia, Arábia Saudita, Turquia, China, Egito e Índia. Perdia para alguns latino-americanos – Argentina, Chile, Uruguai, Costa Rica e México - e para os países do primeiríssimo mundo, por razões óbvias.<sup>171</sup> Explicita-se, então, a posição ideológica do jornalista que, desde os anos de ditadura militar no Brasil, defendeu a causa socialista e a esquerda política, seja nacional ou internacional. Mylton ainda fez comparações interessantes sobre as situações de Cuba e do Brasil:

(...) Um futuro colega de hospício pergunta: “E Cuba? Lá não existe liberdade de expressão plena”. Pergunto: “Aqui existe?”

“Ah, mas aqui a gente vota para presidente”.

Engraçado. Os cubanos não votam para presidente. Nós, sim. Mas curiosa democracia em que – para começar, olha o paradoxo – o sujeito é “obrigado a votar”. Trinta ou 40 milhões de famintos, sem escola para os filhos, desdentados, sem saúde, “vivendo” com menos de 2 dólares por dia, mas “livres” para votar (obrigados por lei!). E na ditadura de Fidel não se vota para presidente, mas se tem acesso universal e gratuito a direitos básicos. País negro com mortalidade infantil de branco. Apesar do cruel embargo americano, IDH do primeiro mundo. (imagine o Brasil assim). Não é possível julgar a cabeça de outros povos com nossos parâmetros. Em Cuba, tem-se um regime comunista, já lá se vão duas gerações. Serão os cubanos mais felizes que nós? Como saber?

Não se mata uma idéia à bala, muito menos por decreto. Saramago, escritor português: o comunismo não fracassou; o que fracassou foi sua aplicação prática, não a idéia. Jean-Marie Le Pen, presidente da Frente Nacional, partido de extrema-direita francês: “Doze chefes de governo da União Européia são comunistas ou socialistas, ou comuno-socialistas”. General Vernon Walters, anticomunista americano profissional, quando lhe perguntaram se o comunismo está enterrado:

“Não sei se está enterrado, é o maior partido na Rússia hoje. A china é comunista, um Estado de 1 bilhão de habitantes. A Coréia do Norte, com um exército de 1 milhão de homens, é comunista. O Vietnã, com um exército de 600.000 homens, é comunista. De modo que ainda não acabou. Ainda que o problema seja diverso hoje: em lugar de um grande vulcão, há cem vulcões pequenos, ninguém sabe qual vai entrar em erupção, quando e com que força”.

Eu não falei nada, eles que falaram.<sup>172</sup>

<sup>170</sup> *Caros Amigos*, nº 12, p. 10, mar. 1998.

<sup>171</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 42, p. 16, set. 2000.

<sup>172</sup> *Caros Amigos*, nº 66, p. 11, set. 2002.

Não há dúvidas quanto a sua ideologia política. Sobre a questão das drogas escreveu *Se liga! O livro das drogas*, obra em que aconselha descobrir e tratar os motivos que levam as pessoas a consumir o entorpecente, em vez de somente atacar o problema do viciado. E avisa: “A pior droga é a desinformação”. Severiano percorreu um caminho diferente para confeccionar este trabalho e insistiu nos interesses comerciais dos países e indústrias em relação à legislação sobre as drogas. Além disso, lembrou que a maioria das mortes é causada pelas lícitas – 70% (álcool), 28% (tabaco) e 2% (outras).<sup>173</sup> Segundo o jornalista, em 1997, no Brasil, existiam 35 milhões de fumantes, ou seja, um a cada cinco brasileiros.<sup>174</sup> Em contrapartida, alertou que a maconha pode ser muito útil para fins medicinais, como no tratamento de pacientes com câncer e Aids, pois alivia a dor e abre o apetite. Assim como a folha de coca, planta na mira dos EUA, que faz parte da cultura milenar dos índios andinos, que também possui diversas finalidades que não o do tráfico. Pode ser utilizada no combate a dores e vertigens, para estancar sangramentos, em reumatismos e para aliviar a sensação de fome e de sede – por isso os colonizadores espanhóis espalharam seu uso entre índios e negros, de modo a aumentar a resistência desses ao trabalho duro dos campos e minas. Contudo, não se deve confundir o estudo de Mylton Severiano como uma apologia ao consumo de drogas. Na verdade o autor tentou informar a sociedade sobre os riscos e benesses que pode trazer qualquer droga, seja ela ilícita ou legal, e alertar que o problema não é a droga, mas o que leva a ela.

Esse assunto foi amplamente abordado pelo jornalista nas páginas de *Caros Amigos*, sempre com argumentos semelhantes aos do livro. Por exemplo, em um de seus “Tostines”,<sup>175</sup> pergunta: “A pessoa está com problemas porque abusa das drogas, ou abusa das drogas porque está com problemas?”. Nesse sentido, Severiano defendeu a legalização das drogas pois, do contrário, o estímulo ao tráfico seria cada vez maior e o tratamento a pessoas doentes seria dado de forma errada, tratando-as como bandidas. Alertou que não é a droga que mata, mas sim a proibição, em muitos dos casos. Como relatou Mylton:

Não, meus queridos, não é a “droga” que está matando. É a proibição. Só para lembrar um caso, relatado em meu *Se liga! O livro das drogas*. A bela modelo Adriana de Oliveira, citada por *Veja*, morreu de overdose, sim, mas faz quase nove anos. Misturou maconha, álcool, o tranqüilizante Diazepan e cocaína. Durante duas horas, se debateu sem que os acompanhantes a levassem ao hospital, o que a teria salvado. Por que não o fizeram?

<sup>173</sup> SILVA, Mylton Severiano da. *Se liga! O livro das drogas*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 49.

<sup>174</sup> Idem, p. 72.

<sup>175</sup> “Tostines” é uma parte da seção Enfermaria que sempre faz questões reflexivas. Baseado no comercial do biscoito da Nestlé que perguntava: “Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?”. É nesse sentido que o jornalista fez suas observações, com o objetivo de pensar se é a forma que determina a função, ou a função que determina a forma.

Resposta da *Veja* em fevereiro de 1990: os amigos da moça ficaram com medo “dos inevitáveis embaraços legais que teriam de enfrentar, quando se descobrisse que ela fora vítima de uma ruínosa mistura de drogas”. Quem matou Adriana, segundo concluiu a própria *Veja*, não foram as drogas, mas a proibição. Tivesse ela sofrido overdose de qualquer droga legal, seria socorrida e tudo não passaria de excesso juvenil. Na reportagem “Drogas nas escolas” da *Época*, embora mais comedida, o enfoque é o mesmo: a droga é o problema, quando na verdade o problema vem antes. O que precisamos discutir é por que tantos jovens estão usando drogas; por que umas drogas são permitidas e outras não; por que não rediscutir o proibicionismo.

Será que só eu estou louco e o resto da imprensa normal, ou será o contrário?

(...) Morticínio que a mídia ignora acontece semanalmente nas nossas barbas, mas esses garotos de periferia parecem que moram na Tanzânia. Em dúzias de chacinas, até junho já haviam morrido só em São Paulo mais de 150 garotos, envolvidos com “drogas”. Ah, se fossem da classe média!

Não é apenas este enfermo que alerta aqui na *Caros Amigos*. Faço coro com órgãos da estirpe de um *The Economist*, de um *The New York Times*: está na hora de revermos a insana política proibicionista imposta ao mundo por Tio Sam. Aliás, no dia em que FHC todo pimpão na ONU anunciava que montou no porco do Bill [modo como Mylton chama os EUA], o *Times* publicava página dupla chamando a política americana de combate às drogas de “retórica” e cobrando propostas realistas. Lula estava entre as quinhentas personalidades que assinaram o documento.

Realismo é reconhecer que a humanidade sempre conviveu com as drogas e que, hoje, se estima em cerca de 20 por cento o contingente de pessoas propensas a usá-las; que ninguém verte o primeiro gole de álcool nem fuma o primeiro baseado a fim de se matar, mas por curiosidade, modismo, busca de transcendência, rebeldia, busca de prazer, busca de alívio para algum desconforto ou desajuste.

O ideal seria ninguém precisar de mais nada que comida e água, mas é ingenuidade ou oportunismo achar que proibindo e reprimindo vamos “acabar com as drogas”.

O proibicionismo, hipocrisia criada pelos maiores consumidores mundiais de drogas legais e ilegais, entre outras coisas, é pretexto para o Estado se meter na vida dos cidadãos e controlá-los ainda mais, além de jogar areia nos olhos de gente em geral bem-intencionada, para que não se enxerguem os verdadeiros problemas: fome, trabalho infantil, sistema que põe um terço da humanidade vivendo com menos de 2 dólares por dia, desemprego em massa (faça sua lista, seu normal).

O assunto vende publicação, mas na hora de pôr o dedo no nervo, neguinho diz: “Éééé, bebê, mamar na vaca você não quer, né?” Podem escrever: se a tal nova secretaria militarizar a guerra às drogas e a repressão aumentar, vamos rapidinho virar imensa Colômbia.

Tá bom, já parei, já parei, podem guardar a camisa-de-força.<sup>176</sup>

Não obstante tudo o que foi exposto, o que mais chamou a atenção do jornalista foi um projeto do deputado Edison Andrino (PMDB – SC), o qual classificou de “teste de porco” – uma vez que no seu julgamento, o deputado teria assimilado as recomendações dos EUA - e que autorizava exames antidrogas nas escolas. Diante disso rebateu: “Deputado, que tal teste antifome? Que empenho? Que desempenho pode ter criança faminta?”.<sup>177</sup> Enfim, como ele próprio destacou, com o fim da lei seca nos EUA, os bêbados continuaram bêbados, mas a sociedade se livrou de Al Capones que se multiplicam por aí atualmente.

<sup>176</sup> *Caros Amigos*, nº 16, p. 13, jul. 1998.

<sup>177</sup> *Caros Amigos*, nº 39, p. 17, jun. 2000.

Se sua queda pela esquerda está confirmada e seu posicionamento alternativo acerca de questões polêmicas também, não é de estranhar que tendesse a apoiar Lula nas eleições presidenciais, afinal, o candidato era o principal símbolo da esquerda nacional já há alguns anos, o que ideologicamente atraiu Mylton Severiano. No próprio trecho acima, que tinha muito mais a intenção de tratar da problemática das drogas, deixou aberto seu posicionamento político ao criticar FHC e defender Lula, que assinou documento em defesa de medidas mais realistas quanto às drogas. Mylton Severiano foi um dos colaboradores de *Caros Amigos* que mais apoiou o governo de Lula, a partir de 2003. Antes, pouco falou sobre a disputa PSDB-PT, apesar de “Política nacional” constituir-se num dos temas mais abordados por ele. Na verdade, tal montante se deve ao fato de que o jornalista escreveu muito sobre a política de cidades do interior, especialmente do Estado de São Paulo, como Marília, Ribeirão Preto e Barra Bonita.

Quanto à política em nível federal, engajou-se com mais afinco durante o governo do PT, porém, um pouco antes, declarou abertamente seu apoio a Lula. Em outubro de 2002 dizia:

Vitória de Lula significará, tomara, o fim do ciclo elitista-militaresco que vai e volta, e que chegou ao auge com o golpe de Estado de 1964.

Significará mais. O possível pacto nacional. Um exemplo de Santa Catarina, onde moro, Estado governado por que xiitas do PT e adjacências chamam “filhote da ditadura”: pesquisa às vésperas da eleição mostrou votando em Lula quase metade (43%) dos reeleitores de Espiridião Amin (PPB). E o próprio Serra, um “perseguido” pela ditadura, tucano coligado ao PMDB, ao nos visitar, encontrou-se não com o candidato do PMDB, mas com Amin.

Vi muita gente que votaria em Lula e, para outros cargos, em candidatos dos mais diversos partidos. Antes de ser PT, PMDB, PSDB ou qualquer partido, o povo é brasileiro. Desinventou a tal verticalização que obriga os partidos coligados para a eleição presidencial a se coligar nos Estados. Pois o que precisamos mesmo é de coesão nacional. O inimigo não está tanto entre nós, está lá fora. E, dessa raça que está aí, o melhor catalisador no momento é Lula (...).<sup>178</sup>

Pouco depois, ciente da eleição do candidato petista, advertiu os leitores sobre as ironias acerca do pouco estudo convencional do presidente. Para ele, não é o nível cultural ou a quantidade de línguas faladas que faz um bom governante; como se vê no trecho abaixo:

Colega de hospício Ci do B nos envia por emeio anedota que merece ficar para a posteridade, neste momento em que assume como trigésimo-sétimo presidente da República o ex-metalúrgico que uma récuva de “dotô” ainda não se conforma por não ter “diploma” e ser monoglota.

Lula e Vicentinho conversam, quando passa um suíço, perdido no caminho para o hotel. Tenta em francês:

“Excusez-moi, parlez vous français?”

<sup>178</sup> *Caros Amigos*, nº 67, p. 21, out. 2002.

Lula e Vicentinho se entreolham sem entender nada. O suíço tenta em alemão, italiano, inglês, espanhol, e como os dois continuam boiando, faz uma mesura e vai embora. Vicentinho diz:

“Acho bom a gente aprender uma língua estrangeira”.

E Lula:

“Pra quê, companheiro? Esse cara sabia cinco e não adiantou porra nenhuma!”<sup>179</sup>.

O apoio ao presidente não esmoreceu com o passar do tempo. Num dos momentos mais críticos do primeiro governo Lula, o do “Mensalão”,<sup>180</sup> Mylton manteve sua posição e questionou a postura da mídia e do Ministério Público. Destacou as acusações contra Lula, divulgadas sem prova alguma, e tudo o que já haviam feito em eleições passadas, relembrando a de 1989. Além disso, chamou a atenção para uma pesquisa da Agência Reuters, na qual aparecia que a exposição negativa de Lula nos jornais superava 60%. Com o intuito de discutir a diferenciação levada a cabo pela grande mídia, com relação aos candidatos presidenciais de 2006, Mylton Severiano escreveu:

Um fotógrafo conta-me que, durante Alckmin governador, o editor de política da *Folhona* o convocou para cobrir uma inauguração. O fotógrafo consultou: “O figurão às vezes faz algum gesto ridículo; se o Alckmin fizer, posso fotografar?” O editor da *Folhona*: “Não, isso a gente faz com o PT”. A 22 de setembro, Heloisa Helena diz na tevê que petistas tentaram comprar um dossiê “falso” contra os tucanos. Como sabia que era falso? A mídia apresentava perguntas sem respostas, menos a crucial: o que o tal dossiê continha? (...)

*Globo*, dois dias antes da eleição: em São Bernardo do Campo, o prefeito William Dib, do Partido Socialista Brasileiro, corta a luz da região onde se dará o comício de encerramento da campanha do Partido dos Trabalhadores, com o presidente candidato. Dib é serrista e alckmista. “Isso é um pouco de como se faz política no Brasil”, discursou Lula na praça às escuras.

Em 1989, eu trabalhava na campanha de Lula à presidência, no segundo turno contra Collor. Um colega de hospício me liga: uma amiga sua namorou Collor e tem dele foto na pose clássica de fumante de maconha, com o polegar e o indicador segurando o baseado à boca. Em troca da foto a moça quer dinheiro e passagem para deixar o país. Passei a informação ao QG petista e, no fim do dia, vem a resposta: Lula não quer saber de jogo sujo. Chega outra informação: Collor era da turma de *playboys* brasilienses que, na época da ditadura, estupraram e mataram Ana Lúcia Braga, 8 anos, em 11 de setembro de 1973. A turma incluía Eduardo Rezende, filho de Eurico Rezende, vice-líder da Arena no Senado; Buzaidinho, filho do Ministro da Justiça de Médici – o fascista Alfredo Buzaid. Collor teria requerido à escola em que estudava um atestado de que naquela data havia comparecido às aulas. Lula igualmente se recusou que investigasse isso. Dali a dois dias, uma baixaria atropelou Lula. Collor pôs no ar a enfermeira Miriam Cordeiro, com quem Lula teve uma filha. Miriam ganhou 24.000 dólares para dizer coisas abomináveis, tais como “Lula detestava negro” e “me ofereceu dinheiro para fazer aborto”. Lula jamais exploraria Serra vampiro nem Alckmin vendedor de leite superfaturado, como se divulgou em eleições passadas.

<sup>179</sup> *Caros Amigos*, nº 70, p. 11, jan. 2003

<sup>180</sup> Nome dado à possível compra de votos executada pelo PT a fim de obter apoio de políticos de outros partidos em votações importantes na Câmara e no Senado. Esse assunto será tratado com mais profundidade no terceiro capítulo.

Multiplique tudo isso por mil e verá que, para a direita, Lula não podia jamais ser presidente da República. Já publiquei na *Caros* eletrônica, agora vai aqui na versão impressa. O empresário Oded Grajew, amigo de Lula, contou-nos numa festa que, nas eleições de 1994, hospedou-o em seu apartamento dos Jardins, em São Paulo. Convidou para jantar altos empresários, para apresentar-lhes Lula. Muito bem. No dia seguinte, o burguesão do apartamento de baixo ppôs o imóvel à venda e mudou para outro lugar: não suportava a idéia de que os dejetos de Lula tivessem passado pelos mesmos condutos pelos quais passavam os dejetos de sua família. Para essa raça, “fora Lula” é pouco; querem “morra Lula”.<sup>181</sup>

Fica manifesta a mudança de tom desse texto publicado às vésperas do segundo turno das eleições de 2006. O texto leve, irônico e sagaz cedeu lugar ao texto político. Mylton não brincou nem fez piada, como antes. Trabalhou no campo de formação de opinião política, em prol da candidatura de Lula. Questionou as denúncias contra o presidente e ainda relembrou episódios dos bastidores da história política brasileira. Fez revelações explosivas no que se relaciona a Collor, criticou José Serra e Alckmin e expôs o ódio de classe que vem de cima. No limite, durante todo o mandato, Severiano questionou os políticos da ala direita e defendeu o governo do PT. Indagado se sua opinião sobre a figura do presidente Lula havia mudado durante o governo, Mylton asseverou:

Como já observei, o que se trata de julgar nem é se Lula faz bom ou mau governo (e segundo o povo faz bom governo, nunca se viu presidente tão popular desde Getúlio), mas sim, se trata é da própria eleição de um presidente operário, sem um dedo da mão por causa de acidente de trabalho, pau-de-arara, sem diploma – este é o fato histórico, não se ele faz bom ou mau governo.<sup>182</sup>

O jornalista não respondeu diretamente à questão, já que advertiu que o importante era o fato histórico, no entanto, está claro que, à frente de sua análise, ficou a questão ideológica, como atesta artigo subsequente ao inferir que “(...) tem gente ruim até na esquerda, e gente boa até na direita. Mas, por estatística e observação, vi que a maioria ‘do bem’ se alinha à esquerda. Daí, voto não só esquerda, mas antidireita. E salve a evolução ética. Já fomos piores”.<sup>183</sup> Dentre seus textos publicados na seção “Enfermaria”, 9 eram contrários ao PSDB, cinco destes escritos antes da eleição de Lula e 4 após, nenhum a favor. Críticas ao PT ocorreram em apenas dois, veiculados antes de 2003, contra 10 entradas favoráveis, sete após a posse de Lula. Os números indicam, portanto, a propensão em apoiar um governo classificado como de esquerda.

O tom mais pesado observado nos trabalhos de Mylton Severiano no período final das eleições não era o padrão dominante. Seus textos sempre foram marcados pela anedota, pelo

<sup>181</sup> *Caros Amigos*, nº 115, p. 11, out. 2006.

<sup>182</sup> Em entrevista ao autor (via e-mail). 01/07/2008.

<sup>183</sup> *Caros Amigos*, nº 116, p. 10, nov. 2006.

cinismo e alegria. Além do “Tostines”, valeu-se do humor leve, como o “Tatibitati”, perguntas e repostas do dia-a-dia que não fazem nenhum sentido, como por exemplo: “Por que a vida passa tão depressa se as horas passam tão devagar? Porque sim”; ou “Por que porque sim não é repostas? Porque sim”. E não se pode esquecer da “Obscenas”, espaço no qual publicou fotos que considerou absurdas, como a de Alckmin trajando um macacão com as logomarcas de empresas estatais gravadas nas costas.

Mylton Severiano, inquirido se sua Enfermaria teria atingido seus objetivos iniciais nos dez primeiros anos de *Caros Amigos*; respondeu de forma taxativa: “Certa vez, há uns 5 anos, a ex-editora executiva da revista, Marina Amaral, me informou que a revista fez uma enquete entre leitores e, na pergunta ‘qual é a primeira coisa que você lê quando pega a revista’, deu em primeiro lugar Enfermaria. Creio que está respondido”.<sup>184</sup>

#### *JOÃO PEDRO STEDILE: A VOZ DOS MOVIMENTOS SOCIAIS*

“Não haverá uma sociedade democrática e nem haverá desenvolvimento no Brasil sem começarmos pela democratização da propriedade da terra. Cada vez mais concentrada”.<sup>185</sup> Essas foram as palavras que fecharam o pensamento de João Pedro Stedile em sua estréia como colaborador de *Caros Amigos*, o que já deixava claro um de seus papéis na revista: o de defensor dos movimentos sociais, especialmente na luta pela reforma agrária. O ativista social, como o próprio Stedile se autodefiniu, escreveu sobre outros assuntos, mas suas contribuições sempre trataram de questões sociais e políticas, como se verifica a partir das temáticas por ele abordadas no mensário, conforme os dados abaixo:

**Tabela 7: levantamento temático – João Pedro Stedile**

<b>Temas</b>	<b>Quantidade</b>
Crítica social	20
Política nacional	20
Política internacional	4
América Latina	4
Neoliberalismo/globalização	2
Imprensa	1
Episódios históricos	1

<sup>184</sup> Em entrevista ao autor. (via e-mail). 01/07/2008.

<sup>185</sup> *Caros Amigos*, nº 60, p. 27, mar. 2002.

Nesses temas, os subtemas correntes foram Agricultura/Reforma Agrária e Desigualdade Social, numa linha de crítica política assim justificada:

Os movimentos sociais sempre têm que ter um olhar crítico sobre a realidade. Analisá-la e propor mudanças. Nós somos a parcela oprimida da sociedade capitalista, extremamente desigual e opressora, e antidemocrática. Daí a necessidade do tom dos artigos ser sempre de crítica política. Não teria sentido ser colunista de uma revista crítica, para fazer ode a quem quer que seja.<sup>186</sup>

A oportunidade de escrever numa revista crítica não surgiu por acaso. Sergio de Souza queria que *Caros Amigos* tivesse colaboradores de vários setores da sociedade brasileira, o que o levou a convidar Stedile para escrever mensalmente, proposta que o líder do MST tentou recusar. Explicou que não escrevia muito bem, que viajava muito e temia não cumprir o compromisso, mas o editor insistiu; foi até a Secretaria Nacional do MST convencer o ativista social que, antes de aceitar, consultou membros da secretaria que, por sua vez, aprovaram a participação. Diante disso, diz Stedile, “me senti na obrigação de participar desse projeto”.<sup>187</sup> Sua colaboração oficial iniciou-se no número 60, em março de 2002, ainda que seu nome tivesse aparecido outras vezes em *Caros Amigos*: duas como entrevistado (nov. 1997 e jun. 2000), uma em debate com Bautista Vidal (jan. 1998) sobre a questão energética e da terra no Brasil e outra como autor de um artigo (out. 2001).

Não foi à toa a insistência de Sergio de Souza, pois Stedile carrega uma história de vida singular, em sintonia com os objetivos vislumbrados pelo editor. Filho de pequenos agricultores do Rio Grande do Sul, Stedile desde cedo teve contato com o drama da concentração fundiária no Brasil e com as injustiças sociais do campo, o que mais tarde o levaria a encabeçar um dos principais movimentos de massa da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). João Barbudo - apelido antigo de Stedile - era estudante de economia agrícola e estagiava junto ao subsecretário da pasta da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, José Alfredo Marques da Rocha, proprietário rural, com a missão de viajar pelo interior para visitar famílias de pequenos agricultores e estabelecer contato entre eles e a secretaria. Num desses trabalhos, foi para Nonoai (RS) fazer um levantamento do perfil das famílias expulsas da reserva indígena daquela região. Comovido diante do estado em que se encontravam aquelas pessoas, entregou o relatório juntamente com o seu pedido de demissão. Trocou a segurança do emprego pela militância da Encruzilhada

---

<sup>186</sup> João Pedro Stedile em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009).

<sup>187</sup> Idem.

Natalino e,<sup>188</sup> daí em diante, comandou o exército maltrapilho, cujas primeiras invasões foram as das fazendas Granja Macali e Granja Brilhante, locais onde resistiram ao do exército, isso em plena ditadura militar. Desse movimento, composto por 600 famílias inicialmente, nasceu o MST.<sup>189</sup> Não sem motivos, Stedile afirmou que é “fruto da geração que esteve no reascenso do movimento de massas de 1979 em diante, que levou a classe trabalhadora a se reorganizar no PT, na CUT, no MST etc”,<sup>190</sup> pois se engajou amplamente naquele momento de exceção, abrindo mão até mesmo de benefícios particulares.

Foi por sua história de vida que Stedile acabou nas páginas de *Caros Amigos*. De acordo com suas palavras, utilizou o mensário como meio de levar informações analíticas aos leitores, sob a ótica dos movimentos sociais. Abordava um assunto a cada mês e expressava as posições desses grupos e do MST. Ainda que não concordasse com as escolhas de cada organização, procurou respeitar, em seus artigos, a linha política adotada pelos movimentos, já que seu objetivo sempre foi o de representá-los nas páginas da revista.<sup>191</sup> Abordou o massacre de Carajás, em 1996, e acusou o então governador do Pará, Almir Gabriel, de ordenar o ataque; além disso, lembrou que os responsáveis ainda não haviam sido punidos. Acusou a justiça do Pará de atrapalhar o andamento do caso e criticou a juíza Eva Coelho do Amaral por tentar retirar do processo a principal prova de acusação: um laudo da UNICAMP que comprovava que os policiais atiraram pra matar.<sup>192</sup>

Stedile sempre buscou trilhar o caminho da crítica ao modelo neoliberal que, para ele, é uma política excludente, pois joga à beira da miséria milhares de famílias que são esquecidas pelos poderes públicos e pela sociedade. Chamou a atenção para o fato de a grande imprensa louvar o sistema agroindustrial que privilegia as empresas multinacionais e prejudica a economia e o povo brasileiros. Afirmou que números expostos em jornais e revistas não condiziam (condizem) com a realidade, pois insistiam apenas nos lucros dos latifundiários nacionais e multinacionais que mantinham a concentração de renda e terra inalterada. Nesse sentido ponderou que a mídia

Mostra todos os dias máquinas agrícolas novinhas, navios carregados e índices de exportação agrícola, como se isso fosse sinônimo de soluções econômicas e sociais. E esconde que no meio rural brasileiro temos 30 milhões que vivem em condições de absoluta pobreza, que 20 milhões nunca calçaram um par de sapatos, que 50 milhões

<sup>188</sup> A Encruzilhada Natalino foi o nome dado a uma das ações precursoras dos sem-terra no sul. Natalino era um proprietário de terras no município de Ronda Alta, próximo a Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, onde trabalhadores sem-terra acamparam entre dezembro de 1980 e março de 1982.

<sup>189</sup> BARCELLOS, Caco. Maltrapilhos e esfarrapados. In. DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998, p. 34-51.

<sup>190</sup> João Pedro Stedile em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009)

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> *Caros Amigos*, nº 74, p. 40, mai. 2003.

de brasileiros passam fome todos os dias. Que 30 milhões de pessoas não têm sequer seus dentes. Esquece de mostrar que apenas 8% da população chega à universidade, e que, no Nordeste brasileiro, 60 por cento da população do meio rural é ainda analfabeta. Esquece de dizer que no país de maior fronteira agrícola do mundo existem 4,5 milhões de famílias de trabalhadores sem-terra!<sup>193</sup>

Nota-se, pois, que o colunista seguiu as diretrizes gerais da revista, que são, principalmente, a crítica ao modelo neoliberal e à direita, e o apoio perene às tentativas de mudanças promovidas por segmentos sociais. Por este motivo, pôde-se notar que, apesar da aversão à direita nacional, Stedile criticou seguidamente o primeiro governo Lula, por não realizar as transformações prometidas e por seguir o mesmo modelo econômico do governo anterior. Tanto isso é verdade que, numa observação mais atenta quanto às suas críticas aos dois governos – FHC e Lula -, chegou-se à monta de 13 artigos que de alguma maneira foram contra o governo do PSDB e, para surpresa, 14 contra o governo de “esquerda” do PT. Isto é, um homem avesso à direita e engajado nas lutas sociais contra o capitalismo, criticou mais o mandato do representante da esquerda do que o da direita.<sup>194</sup> Este fato talvez se explique pela possível decepção frente a esse presidente que, simbolicamente, representava as massas, mas não conseguiu cumprir todas as promessas de campanha. Afinal, a vitória de Lula foi vista por muitos setores da esquerda e pelos movimentos sociais como a esperança de mudança real nas estruturas sociais e econômicas do país, o que não sucedeu de forma imediata e nem radical. Na verdade, o governo foi bastante moderado em suas ações e não revolucionou as práticas políticas vigentes no Brasil. Eis a avaliação de Stedile:

Quem está no governo, sempre tem mais responsabilidades para resolver os problemas sociais. Como o PT e os outros partidos de esquerda assumiram responsabilidades no governo federal, é natural que as críticas sejam a eles dirigidas. **Mas nossas críticas sempre foram construtivas, não de disputa partidária ou desqualificação.** E como é uma revista nacional, e os problemas sociais têm natureza de classe, e nacional, evidentemente que o governo federal tem responsabilidades maiores. Se fosse uma revista paulista, certamente as críticas seriam mais contundentes ao **desastre** que significa para os trabalhadores as últimas gerações dos tucanos em São Paulo.<sup>195</sup>

Pode-se perceber que o próprio Stedile matizou os números, explicando que se tratava de crítica construtiva contra o PT. Já quando analisou a administração do PSDB no Estado de São Paulo, valeu-se de adjetivos fortes, como “desastre”. Realmente, o articulista criticou Lula diversas vezes, o que demonstrou sua posição analítica enquanto articulista de um mensário engajado, mas não escondeu, como se observou no trecho acima, que a questão

<sup>193</sup> *Caros Amigos*, nº 87, p. 11, jun. 2004.

<sup>194</sup> Os termos “direita” e “esquerda” são usados aqui de maneira geral, didática, como se convencionou chamar ambos os partidos em discussão.

<sup>195</sup> João Pedro Stedile em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009) – Grifo meu.

ideológica pesou na avaliação de administrações da direita e da esquerda, o que demonstrou tendências partidárias. Por exemplo, no total, cinco de seus artigos foram favoráveis ao PT e, em contrapartida, não se registrou nenhum elogio ao PSDB ou a FHC. Desses, três foram escritos antes de 2003, ou seja, antes do governo Lula e, dos dois restantes, o primeiro (setembro de 2003) tratava da América Latina e dos governos de esquerda que marcaram o início da década nessa região. Aí, Lula figurou mais como complemento do assunto principal, já que foi tomado como representante das massas e apenas mais um dos líderes de esquerda eleito no continente. Já no segundo (julho de 2006), a questão ideológica foi colocada em primeiro lugar, já que, naquele momento, o caso “mensalão” dominava os meios de comunicação, com críticas duras ao governo do PT.<sup>196</sup> Apesar disso, apenas um artigo veiculado após 2003 foi favorável ao partido e, ainda assim, em momento específico. Em entrevista ao IHU On-Line, afirmou:

Impressionante a atuação centralizada, vergonhosa, preconceituosa e manipuladora que tiveram os jornais, as revistas e as redes de televisão contra a candidatura Lula. E com isso, conseguiram levar a eleição para o segundo turno em nível nacional. E conseguiram levar diversos candidatos direitistas para disputa do segundo turno também nos Estados, como no Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, Pernambuco e Maranhão.<sup>197</sup>

Diante da possível derrota de Lula nas eleições presidenciais, Stedile quebrou a seqüência de censuras ao governo e atacou a imprensa que, de acordo com sua visão, aproveitou-se do momento para alinhar-se às elites e derrubar um governo que, simbolicamente, era popular. Alertou que a volta do PSDB ao poder seria caminhar para trás, voltar ao governo das elites e esquecer da maioria da população carente. Sobre a possível militância do MST pró-Lula no segundo turno das eleições de 2006, Stedile assegurou que o movimento não atuava de forma centralizada, o que sugeria plena autonomia aos acampamentos e às lideranças. Afirmou que o que mantinha a unidade do MST eram doutrinas e linhas políticas convergentes, interesses em comum e respeito mútuo. Nas suas palavras,

O que aconteceu depois do primeiro turno é que a militância do MST, dos movimentos sociais e das forças populares em geral, deram conta do perigo de uma possível vitória do Alckmin, e do que isso representaria em termos de retrocesso e da consolidação do neoliberalismo. Então, naturalmente, a militância começou a debater. E foi construído um certo consenso, de que nessa hora, cada um, como militante deveria arregaçar as mangas e ir para a rua, para transformar o segundo turno, num debate de idéias, de

---

<sup>196</sup> Este foi o nome dado à compra de votos de parlamentares no primeiro mandato do governo Lula, segundo o acusador Roberto Jefferson, que explicou ainda que tal ato tinha o intuito de cooptar deputados para votarem a favor do governo em projetos de interesse do poder executivo.

<sup>197</sup> João Pedro Stedile em entrevista ao IHU On-Line. Disponível em [www.movimentos.org/grito/show\\_text.php3?key=8254](http://www.movimentos.org/grito/show_text.php3?key=8254). Acesso dia 15/01/2009.

projetos, fazer das eleições uma batalha de idéias e de classe. Aliás, era isso que queríamos desde o início da campanha. Mas a forma como a coordenação da campanha Lula atuou impediu esse debate.<sup>198</sup>

Trata-se, portanto, de notar, que a militância social de Stedile destacou-se nas páginas de *Caros Amigos*, o que evidenciou sua intenção de aproveitar a oportunidade para levar as idéias do MST e outros movimentos sociais para todo o país. Nesse tempo todo como colaborador, nunca se mostrou petista ou militante partidário, mas coerente com posições assumidas há muito. Definiu posição, a defendeu e aliviou a pressão sobre Lula quando temeu a possível vitória de Alckmin. Seu discurso pode ser classificado, no momento da eleição presidencial de 2006, como precavido, já que escolheu o “menos pior” para os movimentos sociais no Brasil. Ainda que tenha cobrado o presidente ao longo de todo o primeiro mandato, não arriscou manter as críticas durante a campanha, o que equivaleria a seguir as diretrizes da grande imprensa, com o risco de enfrentar, a partir de 2007, um presidente pouco sensível aos interesses do MST.

Stedile foi coerente nas suas posições, expôs suas idéias e as reivindicações dos movimentos populares, mais particularmente as ligadas à reforma agrária, ponto constante de brigas por parte do MST. Ao lado de Ferréz e Marcos Terena, defendeu os marginalizados do Brasil, estes últimos ligados mais aos problemas urbanos e indígenas respectivamente.<sup>199</sup> Enfim, não obstante o abrandamento de seus julgamentos sobre o governo Lula, percebeu-se que Stedile estava longe de se satisfazer com a política em curso. No entanto, não perdeu a esperança. Otimista quanto ao futuro, profetizou: “Mas tudo muda, e quando vier um novo reascenso do movimento de massas no Brasil, os partidos, as pessoas e as lideranças mudarão também”.<sup>200</sup>

#### *GUILHERME SCALZILLI: DISCURSO POSICIONADO*

Guilherme Scalzilli é historiador, escritor, exercer a função de crítico político-social em meios de comunicação, como *Caros Amigos* e *Observatório da Imprensa*, além de manter um blog na internet. Como escritor, recebeu calorosos elogios do falecido crítico literário Léo

---

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Ferréz e Marcos Terena exerceram papel parecido ao de Stedile na revista, tinham a função de representar segmentos sociais marginalizados. O primeiro, criticou o descaso e preconceito direcionados aos moradores das favelas e periferias em todas as cidades do país. o segundo, evidenciou desrespeito com os povos indígenas que a cada dia são mais esquecidos no Brasil.

<sup>200</sup> João Pedro Stedile em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009)

Gilson Ribeiro, na seção “Janelas Abertas” de *Caros Amigos*. Sem conhecer muito sobre Scalzilli, como afirmou Leo Gilson, aprovou sua veia literária chamando-o de gênio anônimo, já que seus textos se comparavam, segundo o crítico, com os de Kafka, Schopenhauer, Dalton Trevisan e Beckett, o que não condizia com sua falta de reconhecimento. Para Léo Gilson, Scalzilli deveria ser colocado na galeria dos grandes literatos contemporâneos brasileiros, como Hilda Hilst, Ricardo Guilherme Dicke, Wilson Bueno, Jamil Snege e Vicente Cecim. Nas palavras do crítico literário, “Guilherme Scalzilli é um dos mais profundos e perfeitos escritores do Brasil de hoje”.<sup>201</sup>

Ainda que suas habilidades literárias sejam indiscutíveis, aqui se trata de atentar para outros tipos de escrita do colaborador de *Caros Amigos*, como a crítica política e social. Guilherme Scalzilli não é jornalista de formação, sua carreira profissional começou no cinema, como produtor e diretor, tornando-se, posteriormente, Bacharel em História. Sua primeira grande experiência na imprensa deu-se no jornal *O Furo*, do qual foi editorialista nos anos de 1997 e 1998. Contudo, a participação no campo jornalístico se firmou em *Caros Amigos*, no qual escreve desde abril de 2001. Scalzilli convidou-se para contribuir ao enviar uma carta de apresentação ao editor Sergio de Souza. Foi aceito e acredita que certamente contou com o beneplácito de Léo Gilson Ribeiro, crítico literário do mensário que admirou seu trabalho como escritor.<sup>202</sup>

Como colaborador de *Caros Amigos*, Scalzilli abordou assuntos diversificados como economia, sociedade, imprensa etc. No entanto, a maioria de seus artigos, mesmo que tocasse em tais questões, tinha como temática geral a política nacional, como atesta a tabela a seguir.

**Tabela 8: levantamento temático – Guilherme Scalzilli**

Temas	Quantidade
Política Nacional	36
Crítica social	10
Política internacional	10
Questões ligadas a esportes	6
Imprensa	3
América Latina	1
Neoliberalismo/globalização	1
Cultura	1

<sup>201</sup> *Caros Amigos*, nº 6, p. 6 e 20-21, set. 1997. Ver também a edição nº 67, na qual Léo Gilson comenta outro livro de contos de Guilherme Scalzilli: *Acrimônia*.

<sup>202</sup> Guilherme Scalzilli em entrevista ao autor, via e-mail. (21/01/09)

Ainda que política nacional tenha sido o tema central do colaborador, não se pode ignorar que fez críticas acintosas à pretensa imparcialidade do jornalismo atual. Claro que, a maioria dessas críticas, deram-se em comentários sobre a política nacional, nos quais Scalzilli entendeu o jornalismo como formador de opinião pública e agente político, o que confirma sua tendência a abordar a política nacional. Atacou, também, o estilo objetivo e asséptico dos textos veiculados pela grande imprensa, pois este dava a impressão de distanciamento dos periódicos quanto aos assuntos versados. Não acredita na existência de imparcialidade e sim em disputas de projetos de poder. Por exemplo, ressaltou que toda a grande imprensa cantou em uníssono, no período eleitoral de 2006, contra o governo Lula, o que configurou, para Scalzilli, claro engajamento ideológico da imprensa e alinhamentos a determinado projeto de poder.

Trata-se de notar que o autor tomou posição nos seus artigos, o que se evidencia ao analisá-los pormenorizadamente. Em maio de 2001, Scalzilli atacou o PSDB e FHC pelos inúmeros casos de corrupção que não eram investigados à época:

(...) Nenhum dos gênios políglotas lembrou que o dinheiro desviado pela corrupção é superior ao necessário para erradicar a miséria no país. Preferem associar justiça e baderna, combatendo uma crise política de araque.

Uso da máquina, eis a “governabilidade” em jogo. O governo se preocupa com a harmonia da gestão para conter a esquerda nas complexas eleições de 2002 e promover um ministro-sucessor a qualquer preço. E só o Caolho sabe o que vem por aí.

Enquanto ainda se fala nisso, proponho uma questiúncula: por que, quando a coisa esquentada, o PSDB fica tão assustado? Não seria mais sagaz, moderno e coerente confirmar sua probidade, de peito aberto, no ato?<sup>203</sup>

Não é difícil adivinhar qual lado Scalzilli escolheu para as eleições de 2002, especialmente depois da movimentação do PSDB para conter o avanço da esquerda nacional. Além disso, atacou com veemência o governo FHC, já que mensalmente expunha os problemas relacionados com a opção neoliberal do presidente. Criticou especialmente a entrega de estatais e a submissão ao FMI, o que delimitava a aplicação de recursos nos problemas internos:

Quando funcionários do FMI se reúnem com autoridades brasileiras, um enorme aparato midiático distribui a imagem austera do grande capital que fiscaliza, ameaça, e negocia duro. Afinal, o mercado precisa de garantias, não somos confiáveis e estamos no mundo a convite.

Mas, se a coisa é tão séria, por que o novo pacote de 15 bilhões de dólares saiu em apenas nove dias de cafezinho?

---

<sup>203</sup> *Caros Amigos*, nº 50, p. 29, mai. 2001.

Essa turma sabe o que faz. Arrumou um empréstimo insuficiente que, como o anterior (41 bilhões de dólares), explodirá no colo de governos futuros. Também o inevitável quadro recessivo fica adiado para depois do ano eleitoral. O paliativo é conveniente porque gera investimentos em campanhas e redutos de falaz coalizão governista, que empunhará uma ilusória segurança financeira (“apesar da Argentina”) contra o perigo vermelho.

Aos trabalhadores, a conta. Reféns de eventualidades sobre as quais não temos qualquer controle, sacrificamo-nos por um dinheiro comprometido, que mal veremos, sem jamais poder ressarci-lo, proibidos de superar nossa quota aceitável de bem-estar social.

Milhões de pessoas, à beira da miséria ou nela imersos, lutam com grotesca dignidade para manter um nível de vida escabroso sob qualquer padrão civilizado; mas, se investimos em educação, saúde, cultura e pesquisa, os carreiristas estadunidenses ficam bravos, pois a grana é deles e ninguém mandou ser ralé.

Então cortamos gastos urgentes e fundamentais. Aumentamos impostos, CPMF, taxas de juros, inflação. Fazemos concessões humilhantes em diversos setores do comércio internacional, sem que os países desenvolvidos abrandem um absurdo protecionismo agrícola que chega a 1 bilhão de dólares por dia. Submetemo-nos a índices de confiabilidade inventados pelos próprios credores, que enfraquecem nossas instituições para gerir a tradicional *house of mother Johanna* da especulação. E, claro, rifamos umas estatais interessantes no exclusivo sistema pague-em-moeda-podre.

É o preço do crescimento, dizem. Pois sejamos miseráveis enquanto durar esse pacto imundo com as forças das trevas. Os patrões sibilam paranóias cobiçosas em reuniões secretas e engolimos o veneno mais revoltante da submissão, que é a crença na sua inevitabilidade.

Às vezes parece que jogar torta de morango na cara dessa gente é muito, muito pouco.<sup>204</sup>

Mais uma vez, o autor referiu-se aos subterfúgios da direita para espantar a “ameaça vermelha”, sem contar que criticou enfaticamente a política econômica do governo FHC. Por enxergar o PSDB como um dos partidos principais da direita nacional, Scalzilli explicou seu posicionamento:

Não sei como me posicionar politicamente, a não ser através do genérico “esquerda”. Deixei de acreditar nas utopias comunistas e anarquistas. Talvez esteja próximo da social-democracia européia, defendendo parte dos programas dos partidos verdes e socialistas. Mas não tenho um “programa” pessoal.<sup>205</sup>

Scalzilli pode ser alocado no grupo de colaboradores que defenderam o governo Lula, ainda que afirme ter reservas ao mesmo. Em levantamento de dados, obteve-se 18 artigos que de alguma forma criticaram o PSDB e FHC, enquanto apareceu apenas um contra o PT. Em contrapartida, foram encontrados 20 textos favoráveis ao PT e a Lula – destes, 17 após 2003. Isso não significa, contudo, que Guilherme Scalzilli seja militante petista. Bem provável que, nessa parcialidade, pese o fator ideológico, o que o levou a ter maior apreço ao governo visto como de esquerda. Em suas palavras,

<sup>204</sup> *Caros Amigos*, nº 54, p. 40, set. 2001.

<sup>205</sup> Em entrevista ao autor, via e-mail. (21/01/2009).

Não sou um defensor incondicional do governo Lula, mas, como afirmei antes, julgo necessário defendê-lo, e defendermo-nos, de seus adversários. “Ruim com ele, muitíssimo pior sem ele”. Quanto aos resultados pragmáticos de seus governos, considero-os entre os melhores da história democrática brasileira. Se não forem de fato os melhores. Mas essa avaliação ainda teremos que realizar no futuro.

É mais fácil abordar Lula do que o PT. Não sou petista, nem possuo qualquer filiação partidária. A sistemática dos partidos políticos (e de qualquer agremiação) me acabrunha, entedia e assusta.<sup>206</sup>

O autor declarou abertamente seu apoio ao presidente de esquerda, pois julgou desonesto se esconder sob a imparcialidade pregada pelo jornalismo pragmático atual. Para ele, mesmo com problemas detectados durante o mandato de Lula, nada se compararia aos reveses de ter a direita de volta ao poder. Nesse sentido, não foi de estranhar que, logo após a vitória presidencial do PT, em 2002, Scalzilli se pronunciasse aliviado e criticasse os opositores e descrentes quanto ao resultado:

(...) Certa categoria de intelectuais, nela inclusos quase todos os jornalistas, sempre ostentou uma cínica desesperança perante a possibilidade de triunfo petista. Negavam-na com a superioridade fatalista dos grandes profetas. A esquerda brasileira existiria apenas para ocupar aquele determinado espaço da arquibancada, elegendo eventualmente seus “quadros” sensatos e capazes, mas mantendo-se inofensiva, a distância, tropeçando no primarismo anarco-sindicalista congênito. Quando comunistóides caricatos fazem campanhas paupérrimas, ignorados por alianças e investidores, viva a democracia. Esquerda boa é esquerda pitoresca, songamonga, um grupo de ianomâmis jogando tênis. Na lógica do continuísmo, uma campanha organizada, inteligente e pragmática era exclusividade dos astutos conservadores que sabem jogar o jogo. Os outros que se afogassem no próprio escrúpulo.

Pois o PT chegou ao poder utilizando os cacoetes dos verdadeiros vencedores e assim se tornou a maior agremiação de esquerda do mundo democrático, elegendo um ex-metalúrgico presidente da República. Ressentida como ela só, a imprensa correu para relativizar essas conquistas inéditas, retomando os preconceitos de outrora com uma roupagem pseudo-realista: o PT tucanou, perdeu nos maiores Estados, não vai conseguir governar (nós não deixaremos!), não há tempo, os desafios são imensos – e todo um vasto acervo de problemas (...)

Tudo parece complicado às mentes sofisticadas, como certas vitórias pareciam há alguns meses. Pelo menos agora, o impossível ficou mais maleável.<sup>207</sup>

Scalzilli entrou no jogo para contradizer o discurso da grande imprensa, ainda que fosse uma luta desproporcional. Se de um lado a mídia criticava o governo Lula e se mostrava desconfiada, por outro, o autor rebatia as acusações e expunha os feitos do governo. Para Scalzilli, a imprensa comparava os governos FHC e Lula, com o intuito de mostrar que o Brasil não tem jeito, o que de certa forma inocentava, nas palavras do escritor, as mazelas do governo anterior. Para ele, não tinha nem como comparar quinze anos de conservadorismo pós-ditadura, com um ano do governo petista. E ainda afirmou que, para pode aproximar os

<sup>206</sup> Idem.

<sup>207</sup> *Caros Amigos*, nº 68, p. 11, nov. 2002.

feitos de Lula com os de FHC no executivo federal, o primeiro ainda teria muita besteira para cometer.<sup>208</sup> Fica evidente, assim, que Scalzilli adotou o mandato de Lula e fez sua parte no que diz respeito a defendê-lo frente à opinião pública e à grande imprensa. Por exemplo, num caso de destaque na mídia nacional, grande parte da imprensa encampou a idéia de que o executivo federal seria o grande responsável pela eleição de Severino Cavalcanti para presidente da Câmara dos Deputados, o que Scalzilli rebateu imediatamente. Asseverou que era um engodo veicular essa informação, já que toda a bancada do PSDB, PFL, PDT e PMDB votou em Severino, com o único objetivo de derrubar o governo e restabelecer o fisiologismo no Brasil.<sup>209</sup>

Outros episódios contaram com a defesa de Scalzilli, que chegou a afirmar que existiria conspirações e armações de golpes contra o presidente Lula, levados a cabo por meio de denúncias escabrosas e sem provas concretas. Isso se evidenciou no escândalo do “mensalão”, momento em que o autor se postou na linha de defesa do governo, como se verá mais à frente. Enfim, numa visão ampliada, chega-se à conclusão de que Scalzilli foi um dos colaboradores que, no período estudado, posicionou-se enfaticamente pró-Lula e anti FHC/PSDB, o que não configura opinião expressa de *Caros Amigos*, já que nela foram sustentados juízos diversos. Isso mais se deveu a uma escolha particular de Scalzilli, do que uma diretriz deliberada do mensário.

### *JOSÉ ARBEX JR: O TERRORISMO DO IMPÉRIO*

José Arbex Jr. começou sua carreira de jornalista atuando na imprensa clandestina que se opunha à ditadura militar. Sempre que possível, engajou-se em questões políticas, sociais e ideológicas, pois, além de participar do jornalismo alternativo da década de 1970, trabalhou na imprensa do PT, da CUT e em sindicatos. Por fim, ingressou no quadro de colaboradores da revista *Caros Amigos* e atuou como editor do jornal *Brasil de Fato*, ambos de evidente caráter alternativo. Nesses últimos, contou com maior liberdade de atuação e expôs suas avaliações sobre a política internacional e nacional, com destaque para seus ataques ácidos ao imperialismo norte-americano e seu empenho em defender os movimentos sociais de todo o mundo, especialmente do Brasil e países da América Latina. Para ele, a vocação da *Caros*

---

<sup>208</sup> *Caros Amigos*, nº 82, p. 18, jan. 2004.

<sup>209</sup> *Caros Amigos*, nº 96, p. 14, mar. 2005.

*Amigos* “é ser cada vez mais o porta-voz desses movimentos...”.<sup>210</sup> Arbex exerce também a função de professor no curso de jornalismo da PUC-SP e escreve livros, especialmente sobre a imprensa, nos quais expressa visão crítica sobre a profissão e adverte sobre a importância da formação cultural do jornalista, que deve conhecer a história, a literatura e ler as grandes obras escritas sobre a sociedade brasileira.

Quando iniciou sua contribuição em *Caros Amigos*, tratou com mais ênfase dos problemas ligados ao neoliberalismo e ao imperialismo norte-americano. Na verdade, essa era a tendência inicial da revista, já que explorou ao máximo o potencial crítico sobre o tema, tanto que, em certa altura, a publicação e o próprio jornalista perceberam que o discurso se mostrava desgastado e repetitivo, o que impunha a necessidade de encontrar novos rumos para a revista, o que aconteceu posteriormente. Para se ter idéia do discurso que Arbex Jr. veiculou no mensário, interessa atentar para o título de seu primeiro artigo: “Proletários do mundo, uni-vos!”,<sup>211</sup> referência direta ao Manifesto Comunista de 1848, escrito por Marx e Engels. Aí, Arbex evidenciou a que linhagem ideológica estava atrelado e afirmou que os ideais contidos no manifesto não estavam mortos. De acordo com suas palavras, as concepções socialistas foram derrotadas em determinado período da história pelas forças burguesas capitalistas, mas continuavam vivas, “talvez adormecidas”, mas de forma alguma enterrados. Diante disso, destacou-se a postura ideológica do jornalista, o que se comprovaria no decorrer das edições.

Arbex Jr. exerceu a função de comentarista de política internacional, pois foi aí que se concentrou a maioria de seus escritos, tanto no que concerne ao imperialismo, quanto no que se refere às problemáticas ligadas ao Oriente Médio e à América Latina. Trata-se – e isto é relevante - de observar que o jornalista supriu, pelo menos um pouco, a diminuta atenção dada à América Latina nos 10 primeiros anos de *Caros Amigos*. Das 12 grandes temáticas estabelecidas aqui, “América Latina” apareceu em décimo lugar no quadro quantitativo geral das temáticas do mensário, à frente apenas de “Questões ligadas a esportes” e “Episódios Históricos” (ver tabela 4 – p. 79) que, por sua vez, não fazem parte da linha editorial do periódico, o que expressa falha na atuação de *Caros Amigos*, dado seu caráter alternativo, crítico e de tendência socialista. Não obstante, pode-se afirmar que o mensário, neste quesito, ainda está adiantado com relação à grande imprensa, que não dá grande atenção à porção latina do continente americano, a não ser quando em ocasiões específicas, muitas das quais

---

<sup>210</sup> José Arbex Jr. em entrevista a Marcelo Salles. Disponível em [www.fazendomedia.com](http://www.fazendomedia.com). Acesso em 19 jan. 2009.

<sup>211</sup> *Caros Amigos*, nº 14, p. 14-15, mai. 1998.

marcada por forte oposição aos governos de esquerdas que se proliferaram no início do século XXI.

**Tabela 9: levantamento temático – José Arbex Jr.**

Temas	Quantidade
Política Internacional	39
Política Nacional	22
América Latina	18
Crítica Social	11
Neoliberalismo/globalização	9
Imprensa	9
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	1
Cultura	1

Verifica-se a tendência de Arbex de analisar o cenário internacional, ainda que o tema Política Nacional ocupe o segundo lugar. Porém, é preciso matizar tais números. Deve-se levar em conta que, América Latina, apesar de separado em temática diferente, remete a comentários, muitas vezes, sobre eventos políticos dessa região, o que incha, no geral, as discussões de Arbex Jr. sobre a política internacional. Mas nada superou o realce dado às atitudes dos EUA que, na sua opinião, contraditoriamente defende os direitos humanos e a democracia, mas intervém apenas em episódios que atendam aos seus interesses particulares, de acordo com seu julgamento. Indagou, por exemplo, por que os EUA não intercederam na guerra civil entre hutus e tutsis, ou então em Israel e na Turquia. Para ele, é porque nada tirariam de vantagem interferindo numa batalha de pobres africanos, região já quase totalmente consumida pelo imperialismo do norte nos séculos passados e, no caso do Oriente Médio, porque quanto mais confuso o cenário ali, melhor para os interesses americanos quanto aos petrodólares.<sup>212</sup>

De fato, Arbex preocupou-se em desmoralizar o império norte-americano. Num levantamento dos subtemas abordados dentro dos temas principais de suas colaborações, chegou-se ao seguinte resultado: Imperialismo dos EUA (15), Israel/Palestina (9), Desigualdade Social (6), Movimentos Sociais na América Latina (6), ALCA (5) e EUA/Oriente Médio (4). Ainda que os números apresentem assuntos variados, todos, sem exceção, têm, de alguma forma, relação com os EUA. Ao tratar da questão entre israelenses e

<sup>212</sup> *Caros Amigos*, nº 26, p. 32-33, mai. 1999.

palestinos, das injustiças sociais presentes no mundo, dos movimentos de trabalhadores contra abusos, ou das negociações sobre a ALCA, Arbex insiste em evidenciar o papel negativo dos EUA. De uma forma ou outra, o autor sempre remete as questões a uma entidade maior que seria o império do norte, responsável por grande parte dos problemas mundiais, em sua opinião. No que concerne a ALCA, o jornalista esteve em sintonia com a opinião da revista, que foi (é) de inteira oposição a essa intervenção dos EUA na América Latina.

De forma mais contundente, outro artigo demonstrou sua aversão aos EUA e em especial ao presidente Jorge W. Bush. Arbex Jr. levantou a possibilidade de o atentado ocorrido em 11 de setembro de 2001 ter sido obra do próprio governo, afinal, concluiu o jornalista, ninguém lucrou mais com o episódio do que o próprio Bush, que ganhou apoio do povo – tinha sido eleito pela minoria -, e pôde finalmente apresentar-se como presidente de fato dos EUA. Além disso, dinamizou sua política de exploração de petróleo no Alasca em reserva ambiental, contra todos os alertas de ambientalistas sobre o efeito estufa; recuperou o poder geopolítico de seu país, que vinha sofrendo seguidos reveses no quadro da ONU, e aqueceu sua indústria armamentista, o símbolo de poder norte-americano. Segundo Arbex Jr.,

(...) Não há, obviamente, evidências de que os “homens de Bush” armaram o atentado em Nova York e Washington. Mas nada prova o contrário. Osama bin Laden, o principal “suspeito”, foi treinado pela CIA (serviço secreto) e, portanto, usa os seus métodos. Se foi ele mesmo o autor, como conseguiu montar tal operação sem ser detectado? Não seria essa a primeira vez, aliás, que os serviços secretos americanos teriam permitido a realização de um ataque, para com isso obter pretextos necessários aos seus objetivos (lembre-se de Pearl Harbor).

Independentemente de quem foi o culpado, o ato terrorista de 28 de fevereiro de 1933 foi ideal para a ascensão de Hitler, assim como o 11 de setembro de 2001 foi ideal para dar um impulso decisivo ao governo do medíocre Bush. Um filósofo alemão disse, certa vez, que a história sempre se repete como farsa. Tivesse ele a infelicidade de conhecer Bush júnior, que já é a versão tragicômica de seu pai (ele próprio, um emblema da decadência americana), o filósofo seria obrigado a dizer que não há limites para a farsa (e para a indecência) na história dos homens.<sup>213</sup>

A aversão do jornalista aos EUA era tamanha que, de fato, chegou a levantar essa possibilidade de culpa do próprio governo, menos de um mês depois dos ataques. Enquanto o mundo todo, por intermédio das TVs, ainda se comovia com a tragédia que tomou conta dos familiares de mortos nos atentados, o que se reverteu em maciço apoio às atitudes posteriores de George W. Bush, Arbex caminhava na contramão. A própria *Caros Amigos* tomou uma linha editorial contrária com relação à grande imprensa no tratamento do assunto. Em vez de criticar a cultura, a população e o modo de agir islâmicos, como fez boa parte dos meios de comunicação, engajou-se em mostrar as desgraças sociais que acometem aqueles países,

<sup>213</sup> *Caros Amigos*, nº 55, p. 10-11, out. 2001.

muito em função do capitalismo injusto que impõe condições degradantes a regiões fora do norte desenvolvido. Também investiram em reportagens sobre o Oriente Médio, com o intuito de mostrar a riqueza cultural daquela região, as famílias, as dores, sofrimentos, alegrias, relações entre amigos, mães e filhos etc. Exibiu um povo diferente daquele demonizado por muitos meios de comunicação, o que serviu para esclarecer que, tanto lá como aqui, existem pessoas boas e humildes, mas que sofrem com a imposição da política dura do ocidente, principalmente após o 11 de setembro de 2001.

Após esse episódio, uma política agressiva dos EUA, baseado na força militar e na política repressiva contra os “inimigos” do ocidente, foi denunciada por Arbex Jr., que deixou claro que os EUA não parariam no Afeganistão. Alertou acerca das justificativas encontradas para invadir o Iraque, sob o pretexto de lá existir armas de destruição em massa, até hoje nunca encontradas. Criticou o fato de que quase nada se falou sobre as reservas petrolíferas do Iraque, que podem ser maiores que as da Arábia Saudita, ponto no qual se motiva, para o jornalista, a invasão daquele país. Na verdade, essa atitude dos EUA refletiu, em sua visão, a decadência do império que verga sobre seu próprio poderio bélico e contradições internas. Não poupou agressões verbais a Bush e expôs os dados que refletiram o resultado de uma década de neoliberalismo no mundo, entre eles, a morte de 60 milhões de pessoas anualmente por fome, isto é, números que beiram à segunda guerra mundial.<sup>214</sup> Frente a isso, Arbex chegou a dizer que doía ver Bush reeleito, principalmente por causa do massacre que ele promovia no Iraque. Noutros termos, acusou o povo norte-americano de aprovar a política agressiva do presidente, o que culminou na sua subsequente vitória, e de não atentar para o fato de vidas serem ceifadas no Iraque sem maiores justificativas.

O que realmente aconteceu em Faluja, a cidade iraquiana atacada pelas tropas estadunidenses no começo de novembro, enquanto baby Bush celebrava a reeleição? Ninguém sabe ao certo. Centenas de casas foram destruídas, sob o pretexto de que “poderiam abrigar terroristas”; crianças, mulheres e idosos foram exterminados, gravemente feridos por bombas e projeteis, ou enterrados sob os escombros de seus lares; outros foram vilmente fuzilados, enquanto agonizavam indefesos no chão de uma mesquita; outros, ainda, foram presos, humilhados e submetidos a tortura (qualquer semelhança com as imagens da Palestina não é mera coincidência: são os mesmo métodos).

(...) Em Faluja, a equipe vitoriosa de Bush anunciou o inferno para o mundo. Em nome de Deus.<sup>215</sup>

Outro alvo de discussão foi a questão Israel/Palestina, como atesta parte do fragmento acima. Arbex, de forma semelhante aos demais articulistas e em sintonia com a posição geral do mensário, censurou as atitudes do governo israelense. Destaca-se, ainda, que na percepção

---

<sup>214</sup> *Caros Amigos*, nº 73, p. 18, abr. 2003.

<sup>215</sup> *Caros Amigos*, nº 93, p. 15, dez. 2004.

de Arbex Jr., Israel e EUA compartilhavam (compartilham) a mesma política, ou melhor, ambos teriam interesses em comum na região, o que os levava a agir em conjunto. De acordo com a opinião de Arbex, não haveria guerra entre palestinos e israelenses, mas sim um massacre, devido à desproporção de forças e poder de investimentos. Ao analisar o ataque nada sutil de Israel ao líder espiritual do Hamas, Ahmed Yassin – executado com três mísseis disparados por um helicóptero Apache, enquanto saía de uma mesquita próxima a sua casa, na sua cadeira de rodas -, Arbex mais uma vez desconfiou da parceria Bush/Sharon:

(...) Não: ninguém pode afirmar que a mão assassina de Sharon foi movida por ordens diretas de Bush. Não há provas disso. Mas existe uma lógica política em movimento. Claro que o impacto da execução de Yassin também foi muito conveniente para Sharon, envolvido até o pescoço em um grande escândalo de corrupção. A mesma quantidade de israelenses que, dias antes, havia pedido seu *impeachment* (cerca de 60 por cento) declarou-se depois favorável ao assassinato do xeique. Além disso, a execução é perfeitamente coerente com a política delirante da construção do novo muro do *apartheid*, previsto para ter 350 quilômetros de comprimento, ao custo estimado em um bilhão de dólares, para separar Israel daquilo que restou dos territórios palestinos após a pilhagem propiciada pela Guerra dos Seis Dias. Pelo menos 200.000 pessoas compareceram ao enterro de Yassin. O Hamas, que jamais teve tanta influência sobre os palestinos, prometeu vingança. A provocação de Sharon liberou todas as potências do inferno, assim como sua arrogante visita ao setor islâmico de Jerusalém, em setembro de 2000, protegido por mil agentes de segurança, criou as condições para aquilo que hoje se convencionou chamar de “segunda Intifada”.

Bush e Sharon construíram uma lógica que se baseia no puro e simples uso da violência e do terror de Estado. Bush, chefe da superpotência, proclama-se inimigo universal de um grupo que atua sobre o conjunto do planeta, a Al Qaeda; Sharon, chefe regional, precisa demonstrar que só o terror pode conter o Hamas e qualquer outro grupo que mantenha suas ações na região em torno de Israel. O ideal para ambos seria provar que o Hamas se tornou um braço da Al Qaeda ou coisa que o valha. Mas isso seria tão difícil quanto mostrar que Saddam Hussein tinha as tais armas de destruição em massa: o Hamas, antes de ser um grupo voltado para ações militares, também integra uma vasta rede de serviços médicos, hospitalares, sociais e educacionais. No fim das contas, a política de Sharon só conduzirá a novas ondas de morticínio e sangue, tornando cada vez mais longínqua qualquer chance de solução política para o impasse.<sup>216</sup>

Neste caminho se construiu a visão que José Arbex Jr. tem sobre o cenário político internacional, quadro que não o agradou e tampouco aos colaboradores de *Caros Amigos* que, de forma geral, harmonizaram com a opinião de Arbex, sem grandes diferenças de discurso. Como se inferiu anteriormente, a revista teve, no período em questão, como alvos principais de críticas os EUA, a direita nacional e a globalização neoliberal, ao que se soma, sem dúvida, o Estado de Israel, que enfrentou ainda os comentários ácidos de Georges Bourdoukan, jornalista nascido no Líbano e que há tempos combate a atitude autoritária de Israel frente aos

<sup>216</sup> *Caros Amigos*, nº 85, p. 15, abr. 2004.

palestinos, o que lhe valeu a acusação infundada de ser anti-semita, o que não se justifica, afinal, os árabes também são semitas e tal atitude preconceituosa não se encaixa no discurso veiculado ao longo dos seus 112 textos nas páginas de *Caros Amigos*, entre 1997 e 2006.

Ainda com relação às questões internacionais, observou-se que o tema Neoliberalismo/globalização entrou no campo de preocupações de Arbex, com nove entradas. Na verdade, nesse ponto destacou-se a seqüência de entrevistas com críticos ao modelo capitalista neoliberal, como o pesquisador canadense Michel Chossudovsky, que entre tantas observações, afirmou que FHC e Pedro Malan seriam *Office boys* de Wall Street.<sup>217</sup> Arbex buscou opiniões externas para corroborar sua própria avaliação, talvez com a intenção de dar maior legitimidade e isenção à postura do mensário. Sob a égide de comentários embasados, elaborados por cientistas sociais, as críticas ao modelo neoliberal se tornariam mais eficazes e impactantes, isto porque seria a ótica de homens que apreenderam a realidade em outros rincões do planeta, muitos em países de primeiro mundo. Por exemplo, o segundo entrevistado foi o professor e economista egípcio Samir Amin, diretor do Fórum do Terceiro Mundo, uma associação internacional formada por intelectuais da África, Ásia e América Latina. Amin alertou que o *money-teísmo* ameaçava (ameaça) a democracia, muito em função dos EUA, que sustentava sua hegemonia sob o poder das armas.<sup>218</sup> Neo-marxista assumido, Amin tinha todos os pré-requisitos para fazer parte de uma entrevista veiculada em um periódico com as características de *Caros Amigos*, pois encaixou-se no campo ideológico que se convencionou classificar como esquerda. Por fim, Arbex Jr. também conversou com Salvador Ramírez, professor da Universidade Autônoma do México, responsável por uma greve que paralisou a instituição contra os planos do Banco Mundial e do FMI, em 2000,<sup>219</sup> e com Ahmed Ben Bella, líder da revolução que terminou com o domínio francês sobre a Argélia e um dos principais opositores do imperialismo.<sup>220</sup> Ambos compartilharam a idéia de que o modelo atual seria excludente, injusto e cruel, contando experiências próprias para comprovar o que diziam.

Viu-se, portanto, em que aspecto Arbex Jr. mais se empenhou. Ficou claro que seu foco, na maioria das vezes, foi a política internacional e suas conseqüências, o que lhe rendeu o título de comentarista principal dessa temática no mensário. No entanto, não se pode deixar de considerar seu posicionamento quanto à política nacional, já que aí o jornalista demonstrou postura bastante coerente. De acordo com sua trajetória profissional, percebe-se que sempre

<sup>217</sup> *Caros Amigos*, nº 32, p. 16-18, nov. 1999.

<sup>218</sup> *Caros Amigos*, nº 40, p. 42-43, jul. 2000.

<sup>219</sup> *Caros Amigos*, nº 41, p. 22-23, ago. 2000.

<sup>220</sup> *Caros Amigos*, nº 48, p. 26-27, mar. 2001.

se engajou em questões que o incomodavam, tanto que até fez parte da imprensa partidária do PT e se envolveu em sindicatos. Tal característica justifica sua atuação inicial em *Caros Amigos*, pois analisou com severidade o governo FHC enquanto apoiava, mesmo que discretamente, a candidatura de Lula para as eleições, tanto em 1998 como no ano de 2002. Contudo, isso se manteve até o início do governo Lula, momento em que Arbex Jr. analisou com reservas o mandato do petista.

Não se pode dizer que o jornalista empenhou-se em defender o governo de esquerda em contraposição cega à direita nacional. Pelo contrário, conduziu seus escritos com cautela, direcionando críticas tanto ao governo FHC quanto ao de Lula. Claro que, por motivos ideológicos, Arbex sempre manteve posicionamento de esquerda, o que de certa forma acabou por beneficiar a visão de mundo sustentada pelo PT, mas isso não significou apoio deliberado. Por exemplo, os únicos dois artigos que escreveu pró-PT nas suas 110 contribuições no mensário, foram antes de 2003, o que demonstrou sua tendência a defender a esquerda. Entretanto, também nesse período, veiculou um texto que criticava o caminho que o PT trilhava, no qual advertiu o partido sobre o perigo de seguir os passos da direita brasileira após conquistar o executivo federal.<sup>221</sup> A tabela abaixo pode ajudar a entender a posição equilibrada do jornalista.

**Tabela 10: artigos pró e contra PSDB/PT – José Arbex Jr.**

	Até dez. 2002	A partir 2003	Total
<b>Contra PSDB/FHC</b>	15	2	17
<b>Contra PT/Lula</b>	1	12	13
<b>Pró PSDB/FHC</b>	-----	-----	-----
<b>Pró PT/Lula</b>	2	-----	2

Ainda que, num balanço geral, o PSDB tenha sido alvo de críticas mais duras nos comentários de Arbex, é preciso notar que após o início do mandato de Lula, quase a totalidade de seus artigos, que analisaram a conjuntura política, se opôs às atitudes do governo federal, que, por sua vez, não recebeu nenhum apoio do autor. Pode-se questionar a ausência completa de textos que elogiaram o governo FHC, mas isto se justifica ideologicamente, assim como é comum encontrar oposição forte de *Veja* contra Lula. Outra observação: apesar do equilíbrio de críticas a ambos os partidos e governantes, não há como deixar de perceber que o tom dos ataques é diferente quando se remetem a FHC e Lula. O segundo contou com

<sup>221</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 68, p. 16, nov. 2002.

maior indulgência do jornalista, o que também pode ser por conta do peso ideológico. Por exemplo, no primeiro artigo que abordou a política nacional, Arbex escreveu:

Desde meados de abril, milhares de brasileiros vítimas do desemprego e da pior seca das últimas décadas, movidos pelo desespero, partiram para a realização de saques, em defesa da própria vida. A seca atingiu 1209 municípios em um total de 10 milhões de habitantes. Contra eles foram mobilizados Polícia Militar, os agentes federais e também o exército foi colocado de prontidão. Até aí, nada de novo. Neste país, pobreza e fome sempre foram “assunto de polícia”, pobres e famintos alvos preferenciais de repressão. O espantoso é que um regime supostamente democrático, presidido por um sujeito que se diz herdeiro das luzes da Sorbonne, o governo possa demonstrar tamanha indiferença, uma frieza e um cinismo sem limites em relação à tragédia social que dilacera a nação (...).

O estado de espírito de FHC em relação aos flagelados pode ser sintetizado por outra pérola de sua autoria, amplamente divulgado pelos jornais em 7 de maio. Na ocasião, o presidente criticava as campanhas, organizadas em caráter de urgência, que tinham como objetivo enviar alimentos aos famintos. “Custa mais caro um avião da FAB (Força Aérea Brasileira) levantar vôo do que toda a comida que transportará” (*sic*). Tudo fica reduzido, então, a uma questão de eficácia, a uma relação de custo-benefício. É espantoso. Não será possível ouvir, aí, ecos dos cálculos que os oficiais nazistas faziam dos “custos operacionais” para liquidar judeus, comunistas, ciganos e alemães com “defeito genético” em Auschwitz?

Mas o festival de horror não parou por aí. Na mesma ocasião, o presidente declarou que existem estoques oficiais de alimentos no Nordeste – o que falta é organização das comissões locais e das prefeituras para distribuir a comida. Certo. Qual a solução, então, senhor presidente? Sugerir aos famintos que aguardem até que as “comissões legais” se organizem? Vossa excelência deixaria seus filhos e sua mulher morrerem de fome nessas condições, em nome de uma suposta (inexistente) “legalidade”?

FHC atingiu requintes de cinismo ao declarar, segundo os jornais do mesmo dia 7, que.. “não falei com Deus para saber se vai chover ou não, mas se não chover o pior está por vir”. FHC, quando disse isso, estava bem alimentado e contente. Tinha acabado de participar de um banquete em homenagem ao presidente da Índia, Shri Narayanan. Não falei com Deus... Lembram-se da Maria Antonieta, ela sim uma vagabunda da corte francesa? Alertada sobre o fato de que o povo não tinha pão, respondeu: “Pois que comam brioques...”. É. Foi decapitada (...).<sup>222</sup>

Ficou manifesta a oposição de Arbex. E mais: escreveu de forma contundente, às vezes com sarcasmo, com o intuito de provocar FHC e desmoralizar seu governo, considerado neoliberal. Chegou a ponto de, indiretamente, remeter ao nazismo alemão, o que deu um tom ácido à acusação. Outro fator que levou o jornalista a se opor ao governo FHC foi sua posição harmoniosa com relação às propostas norte-americanas de intervenção na América Latina. Nesse sentido, FHC, que já não tinha o beneplácito do jornalista, perdeu de vez qualquer possibilidade de apoio. Arbex Jr. foi, sempre, ferrenho opositor dos EUA, o que o colocou ainda mais na contramão do PSDB. Não à toa, em novembro de 1998, atacou FHC e afirmou

<sup>222</sup> *Caros Amigos*, nº 15, p. 18, jun. 1998.

que não se arrependia de votar em Lula que, apesar de não ser mais o mesmo, mantinha-se representante das bases, ao contrário do presidente sociólogo.<sup>223</sup>

Em texto intitulado “Quando os ratos saem do esgoto”, Arbex aproveitou uma dissidência interna da direita, na qual os próprios aliados começaram a se acusar. Com vistas ao título, percebe-se como o jornalista classifica os políticos do PSDB e PFL que entraram na contenda. Disse ele: “se for verdade uma décima parte do que ACM e Jader Barbalho disseram, um do outro, ou do que ACM disse de FHC e de Eduardo Jorge, todos eles deveriam estar, há muito, na cadeia”. E completou: “a democracia, no Brasil, só se realizará sob um governo nacional e popular”.<sup>224</sup> Nesse sentido, valeu-se de um dos momentos conturbados do governo FHC, o do chamado “apagão”, quando em 2001 o Brasil se viu obrigado a racionalizar energia, para incentivar o PT. Trata-se, de fato, não apenas da crise do governo pessedebista, mas de uma desmoralização mais ampla da direita, já que ACM tinha sido cassado. Arbex, então, ponderou:

(...) O momento, portanto, é propício a uma grande ofensiva política em defesa dos interesses nacionais e populares, mesmo porque não há, ainda, nenhum agrupamento de extrema direita com capacidade para mobilizar a classe média “em defesa da família e da liberdade”. O problema reside unicamente na capacidade de reação das organizações do povo. O PT, em especial, está novamente posto diante de uma encruzilhada: ou vai se limitar ao jogo do debate institucional, apostando todas as fichas na campanha eleitoral, ou vai assumir sua responsabilidade face às necessidades imediatas de organização da nação brasileira contra as ameaças fascistas do governo. Isso significa mobilizar já, imediatamente, os trabalhadores do país, em um amplo movimento para defender a integridade nacional, a dignidade do povo e a punição imediata dos corruptos. E, se isso não for possível com FHC, então que o PT erga a bandeira de sua imediata deposição, por um governo nacional e popular.<sup>225</sup>

Arbex praticamente pediu a mobilização petista em prol do impedimento de FHC, além de mais uma vez relacionar o seu governo com as práticas autoritárias de extrema direita, como o fascismo. Após essa vigorosa colocação, o jornalista deixou de lado um pouco a política nacional e deu mais atenção à política internacional, América Latina, crítica social e imprensa, ficando algumas edições sem comentar a política nacional. Não obstante, deve-se entender que não cessou suas objeções ao governo do PSDB/FHC, o que fez ao tratar de outros assuntos, mesmo que o foco não fosse o cenário interno. Voltou às questões internas apenas após a eleição de Lula para a presidência, oportunidade em que se percebe um tom mais leve de críticas, apesar de algumas exceções. Contudo, quanto mais se aproximou o fim

<sup>223</sup> *Caros Amigos*, nº 20, p. 8-9, nov. 1998.

<sup>224</sup> *Caros Amigos*, nº 48, p. 11, mar. 2001.

<sup>225</sup> *Caros Amigos*, nº 51, p. 29, jun. 2001.

do primeiro mandato de Lula, mais ácidas se tornaram as palavras de Arbex, o que pode revelar certo descontentamento com o governo de esquerda.

Em julho de 2003, por exemplo, passados seis meses do novo governo, Arbex chamou a atenção para o fato de Lula alinhar-se às perspectivas de George Bush, o que desagradou muito ao jornalista, ainda mais por se tratar de aproximação com os interesses dos EUA. Tratava-se da cooperação que o governo brasileiro dava a Bush no plano de guerrilha contra o narcotráfico na Amazônia, passo que, como destacou Arbex, nem FHC deu.

(...) O governo Lula resolveu “cooperar” com os EUA no quadro do combate à guerrilha na Amazônia, passo que nem sequer o governo Fernando Henrique Cardoso ousou dar. Infelizmente, o leitor parece estar mais do que certo. Para reforçar a hipótese, basta ler a declaração conjunta assinada dia 20 de junho, por Lula e *baby* Bush, com juras de mútuo amor, incluindo o compromisso formal de criar a ALCA em 2005. O Brasil, claramente, manifesta a vontade de submeter de corpo e alma à estratégia estadunidense para as Américas, reproduzindo uma nova versão do desejo explicitado pelo ex-presidente argentino Carlos Menem, de manter as “relações carnavais” com Washington.

Há, aqui e ali, sinais de alguma rebeldia do governo brasileiro: por exemplo, nas negociações sobre as taxas de importação de suco de laranja, e na recusa (ainda) de assinar embaixo do isolamento de Cuba. São os pingos de desentendimento que tornam o casamento mais proveitoso. Aliás, o próprio Lula declarou ter “afinidades” com júnior (*sic*), e foi nisso correspondido: júnior disse a Lula que ambos são “incompreendidos pelos intelectuais de seus respectivos países. A que ponto chegamos...”<sup>226</sup>

Percebe-se que há a crítica, mas que a intensidade dela foi menor. Se comparada ao tom característico das veiculadas contra FHC, fica claro que essa foi mais leve. Mesmo não deixando de censurar a atitude do governo, Arbex fez questão de também criticar FHC ao sugerir que tal aliança com os EUA era mais esperada no governo do PSDB. Certo. Óbvio que de forma alguma o jornalista foi mais duro com o PT, já que nunca deixou de criticar no governo de esquerda exatamente a aproximação com as práticas da política neoliberal, bandeira da direita brasileira e mundial. Isto é, ao atacar Lula, indiretamente condenava o PSDB e seus políticos. Se o PT estava errado, como afirmou Arbex, a solução não seria de jeito nenhum recorrer ao PSDB ou PFL, mas uma outra via. Trata-se de reconhecer que, se antes Arbex era mais complacente, com o passar do tempo, endureceu suas análises, tanto que já não media as palavras para comentar o mandato de Lula.

Pouca coisa consegue ser tão feia, brega, triste e pornográfica como um animal empalhado. Talvez os museus de cera, como o da Madame Tossaud; ou a múmia de Lênin, indecorosamente exposta à visitação pública, por quase oito décadas, na praça Vermelha, primeiro como objeto de adoração, por ordem do ditador Josef Stálin, depois por exigência da indústria do turismo. Um animal empalhado é um sinistro simulacro: é um bicho sem alma, algo que apenas na superfície guarda alguma

<sup>226</sup> *Caros Amigos*, nº 76, p. 15, jul. 2003.

semelhança com o ser antes dotado de energia vital. Semelhança silenciosa, opaca, destinada apenas a satisfazer a curiosidade voraz de um público *voyeur*. A múmia de Lênin nada tem a ver com 1917.

O Partido dos Trabalhadores de 2004 é apenas isto: a versão taxidérmica ou mumificada do PT de 1979. Nada há nele que lembre o vibrante espírito do partido criado no calor das manifestações sindicais do ABC, responsável pelo aceleração da queda da ditadura. **O PT é hoje uma carcaça ressequida, controlada por burocratas engravatados.** Milhares de militantes honrados, que ainda permanecem no partido, por se recusarem a admitir o que está posto diante dos olhos de todos, contribuem para ainda manter um pouco da fábula. Pois é só o que restou: fábula (...).<sup>227</sup>

O texto continua apontando vários erros do PT, segundo a concepção de Arbex. Em certa altura, até lembrou de Hitler para dizer que Lula não era melhor que os outros por ter anunciado tudo o que faria, já que o líder nazista também havia feito isso em seu *Mein Kampf*, em 1923. Contudo, Arbex fez uma ressalva: “atenção, senhores polemistas: eu não estou comparando Lula a Hitler; estou só dizendo que anunciar antecipadamente não é suficiente para conferir, por si só, legitimidade ao ato anunciado”.<sup>228</sup> Note-se que tal observação não foi feita pelo repórter, quando aproximou o governo de FHC às práticas nazistas e fascistas. É evidente que não se trata de uma amenização da crítica direcionada a Lula, mas sim de uma conseqüente justiça aos momentos históricos e aos personagens; não há como compará-los. Assim como não poderia anunciar o mandato de FHC como de um período que lembrou o fascismo, ato que também precisaria ser matizado, o que não ocorreu nesse caso.

O fato é que, apesar de ser evidentemente de esquerda, Arbex não deixou de criticar um governo que se ligava a essa linhagem. Na verdade, num dos momentos de maior crise política do PT, alertou para o perigo de a própria militância nacional cair no erro de desmoralizar o trabalho engajado de muitos representantes da esquerda, de muita luta social contra as forças econômicas. Seria, para ele, entrar no jogo da burguesia, que tentava de toda forma perverter o potencial de uma administração verdadeiramente esquerdista. Em artigo intitulado “Deixemos o pessimismo para dias melhores”, ponderou:

O aforismo parece ter sido escrito sob medida para a esquerda brasileira contemporânea. Há, entre muitos militantes, lutadores e simpatizantes uma sensação mais ou menos generalizada de desamparo, perplexidade, cansaço, desânimo ou, pior ainda, indiferença – tudo provocado, claro, pelos escândalos de corrupção que arrastaram na lama setores inteiros do Partido dos Trabalhadores e do governo Lula. Esse tipo de sentimento é compreensível, mas totalmente fora de propósito e alheio à conjuntura; chega a ser reacionário. Antes que você, leitor, pense que resolvi enveredar pelo caminho daqueles textos de auto-ajuda, que procuram atenuar a crise por meio do apelo a orações de elevação espiritual, ou bancando uma espécie idiota de Poliana, faço a advertência de que o que se propõe é uma reflexão política

<sup>227</sup> *Caros Amigos*, nº 82, p. 19, jan. 2004.

<sup>228</sup> *Idem*.

extremamente necessária. A alternativa é aceitar o jogo da direita que, desde o começo da crise, nunca teve como mira principal o governo Lula, e sim a desmoralização da esquerda como um todo (...)

Claro que, momentaneamente, a esquerda brasileira está enfraquecida. Só um lunático incurável não notaria isso. Tal não significa, porém, que a direita tenha assumido uma nova legitimidade. Quem, entre os representantes da direita, tem hoje carisma, capacidade de liderança, poder de mobilização de massas? O neto do Malvadeza [ACM]? Geraldo Alckmin? FHC? Serra? A direita é medíocre, e é só por isso que ela ainda não tomou a iniciativa de impedir Lula. Ela não teria como evitar o risco de uma explosão de massa, como, aliás, afirmam claramente seus representantes mais esclarecidos (incluindo o próprio FHC). o desmascaramento do lulismo, além disso, traz um fato altamente positivo: tira a esquerda da mórbida sonolência provocada pelo letárgico, contínuo e paralisante abraço das instituições governamentais. Nada mais eficaz, para tirar um militante da rua, do que lhe oferecer um cargo no aparelho do Estado; não precisa nem sequer ser bem remunerado, basta oferecer um certo prestígio. Nada mais nocivo às organizações de massa do que lhe oferecer a expectativa de que o “nosso governo” vai resolver os problemas, bastando, para isso, que elas pacientemente esperem (...).<sup>229</sup>

Coerente com sua ideologia, não? Arbex teve a sensibilidade de reconhecer que o PT, partido que representava a esperança de milhões de brasileiros, não cumpriu com sua responsabilidade histórica, porém, afirmou que isso não significava inaptidão administrativa e falta de potencial de mudanças, coisas que um partido realmente nacionalista e de esquerda poderia levar a cabo. Trata-se de observar que Arbex se indignou de fato com Lula. Em certo momento, ironicamente, disse que o “nosso amado presidente” declarou que o SUS (Sistema Único de Saúde) estava perto da perfeição, enquanto filas gigantes de pessoas dia após dia se repetiam à espera de atendimento decente e humanizado do serviço público. Em seguida, o jornalista, mantendo a ironia, lembrou que dinheiro para a educação, saúde, segurança etc, não havia, mas para pagar banqueiros nacionais e internacionais, para sustentar os caixas-dois (ou os recursos não contabilizados), para ceder bilhões ao agronegócio ou a montadoras multinacionais, tinha de sobra. “O governo Lula encarregou-se de bombardear as esperanças de quem ainda achava que ‘um outro mundo é possível’. Se Lula vencer de novo, será muito mais por falta de opção do que por entusiasmo convicto”.<sup>230</sup> Essa a conjectura que Arbex fez do momento político nacional, no ano eleitoral de 2006, o que de forma alguma significou apoio cego ao governo Lula. Pelo contrário, o colaborador de *Caros Amigos* foi bastante severo com o mandato petista no executivo federal, o que não o jogou contra a esquerda e muito menos avesso aos movimentos de massa que intentam a transformação do cenário político e social brasileiro.

<sup>229</sup> *Caros Amigos*, nº 103, p. 14, out. 2005.

<sup>230</sup> *Caros Amigos*, nº 111, p. 13, jun. 2006.

Obvio que em nenhum momento apoiou a volta da direita ao poder, especialmente a coligação PSDB/PFL, pois mesmo com a desmoralização do PT, mantinha sua confiança em muitos membros do partido que, de fato, não se resumia na cúpula central. Posto isso, ficou claro que seus comentários foram mais prejudiciais à direita, especialmente no que toca ao tom de suas análises. Ainda que tenha criticado ambos os partidos e governos, os pesos e medidas usados não foram os mesmos. Não obstante, há de se reconhecer que o jornalista apresentou-se equilibrado no conjunto da publicação, pelo menos no que toca às avaliações da política nacional. Claro que não existiu total neutralidade. Toda prática, seja ela escrita, falada, artística etc, carrega em si a semente ideológica de seu feitor, o que desaprova qualquer menção a pretensas imparcialidades, constatação válida para o trabalho de José Arbex Jr. Contudo, é preciso perceber que, mesmo direcionado ideologicamente, o jornalista foi coerente com suas concepções e honesto com seu público leitor, deixando clara sua escolha ideológica e o peso dela em suas análises políticas.

#### *FREI BETTO: RELIGIÃO, POLÍTICA E SOCIEDADE*

Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, é escritor e religioso dominicano brasileiro. Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia, o que lhe permitiu atuar em diversas áreas, especialmente em questões relacionadas ao campo dos direitos humanos, tema que lhe rendeu vários prêmios e homenagens. Sua carreira como jornalista ganhou destaque durante a ditadura militar, quando atuou na revista *Realidade* e no *Jornal da Tarde*, periódicos nos quais combateu o autoritarismo, o que lhe levou à prisão entre os anos de 1969-1973. Foi dessa experiência que resolveu escrever o livro de memórias *Batismo de sangue*, no qual descreveu os bastidores do regime militar, a participação dos frades dominicanos na resistência à ditadura, a morte de Carlos Marighella e as torturas sofridas por Frei Tito na prisão. O livro foi traduzido na França e na Itália e lhe propiciou o prêmio Jabuti, em 1982. Além disso, foi transposto para o cinema em filme homônimo, lançado em 2006 e dirigido por Helvécio Ratton.

Em *Realidade*, Frei Betto travou amizade com os homens que fizeram parte de um outro projeto alternativo, nos anos 1990, a *Caros Amigos*. De acordo com Frei Betto, foi o próprio Sergio de Souza que o convidou para escrever na revista, atividade que exerceu desde a primeira edição, tanto que é o terceiro nome com maior número de contribuições, 116 artigos, entre abril de 1997 e dezembro de 2006. Tal convite se deveu, além da amizade, à atuação de Frei Betto, que correspondia plenamente aos interesses do mensário, voltado para

questões sociais, culturais e humanistas. Destaque-se, também, o fato de Frei Betto sempre ter atuado em defesa das reivindicações populares e projetos de esquerda, como exemplifica sua assessoria ao governo cubano, país pelo qual a revista não esconde seu apreço.

Frei Betto colaborou semanalmente com outros periódicos, como o *Estado de Minas*, *O Correio Braziliense* e *O Dia*, veículos nos quais expôs sua visão de mundo e denunciou as injustiças sociais que vitimaram (vitimam) grande parte da população. Assim como em *Caros Amigos*, percebe-se que a temática principal de seus escritos nos outros meios de comunicação sempre foi a sociedade, o que atesta sua alocação entre os principais colaboradores da revista. Frei Betto está ligado à Teologia da Libertação, corrente teológica cristã que surgiu na América Latina no período das ditaduras e que optou em trabalhar principalmente pelos mais pobres, com o intuito de libertá-los da exclusão social. De inspiração marxista, a Teologia da Libertação teve grande participação no combate aos abusos do regime autoritário por meio das CEBs (comunidades eclesiais de base), pois estas atuavam ancoradas na militância em movimentos populares ou por meio do engajamento político.

Trata-se de notar, então, que sua militância na esquerda e seu engajamento político-social sempre tiveram como alvo as camadas mais carentes da sociedade. Mesmo que tratasse de política ou economia, direcionou o discurso para as conseqüências que atitudes nessas áreas teriam na sociedade. Na tabela abaixo se verificam as temáticas abordadas pelo religioso na revista:

**Tabela 11: levantamento temático – Frei Betto**

<b>Temas</b>	<b>Quantidade</b>
Crítica social	38
Política Nacional	21
Neoliberalismo/globalização	13
Política internacional	12
Criação literária	10
Variedades	7
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	5
Cultura	4
América Latina	3
Episódios históricos	2
Imprensa	1

As colaborações de Frei Betto distinguiram-se pela variedade das temáticas. Ainda que tenham prevalecido a crítica social e a política nacional, o que estava (está) em perfeita harmonia com a linha editorial da revista, o escritor abordou inúmeros assuntos, desde a questão da clonagem até a problemática da sucessão presidencial. Os assuntos mais recorrentes dentro das temáticas foram desigualdade social (21), consumismo (10), comportamento (9), religião (9), cuba (5) e política econômica nacional (5). Seu primeiro texto, na edição nº 1, discutiu a política nacional, mais especificamente a política econômica do governo FHC que, segundo Frei Betto, privilegiava a elite e castigava a população carente por meio do que ele chamou de “plano eleitoreiro”, ou seja, o Plano Real. Afirmou a existência de dois brasis, o do primeiro mundo e o do terceiro, para concluir: “os estrategistas oficiais, virtualmente inteligentes, julgam que somos todos realmente imbecis”.<sup>231</sup>

O dominicano discutiu política abordando questões relacionadas ao dia-a-dia da sociedade. Às vezes fez isso com ironia, como na edição de segundo aniversário, quando propôs que comêssemos as carnes das crianças, o que ajudaria no combate à fome, e tiraria milhares de jovens da falta de futuro e oportunidade que são características no Brasil e no mundo.<sup>232</sup> Em outra ocasião, mais uma vez se valeu de ironia ácida para elucidar como o governo tratava os movimentos populares, neste caso, o MST, veiculando uma receita de como acabar com um militante rural:

Tome um agricultor  
 Desplantado de sua terra,  
 Desfolhe-o de seus direitos,  
 Misture-o à poeira da estrada  
 E deixe-o secar ao sol.  
 Deposite-o, em seguida,  
 No fundo do descaso público.  
 Adicione a injúria da baderna.  
 Derrame o pote de horror ao pobre  
 Até obter a consistência do terror.  
 Acrescente uma dose de emau presságio  
 E salpique, com a mão do ágio,  
 Denunciosas fatias de pedágio.  
 Deixe repousar no silêncio  
 A ganância grileira,  
 As áreas devolutas,  
 A saga assassina  
 De quem semeia guerras  
 Para amealhar terras.  
 Ferva a mentira  
 No caldeirão oficial  
 Até adquirir densidade

<sup>231</sup> *Caros Amigos*, nº 1, p. 9, abr. 1997.

<sup>232</sup> Ver *Caros Amigos*, nº 25, p. 11, abr. 1999.

Em rede nacional.  
 Sirva à repressão  
 Impunemente  
 Na bandeja do latifúndio.<sup>233</sup>

Além de crítica social com destaque para os movimentos populares, Frei Betto analisou também o comportamento característico da sociedade contemporânea, marcado, segundo sua visão, pelo consumismo e individualismo, o que facilitava o enfraquecimento dos laços sociais e a ação particularizada dos indivíduos. Por exemplo, ao tratar da relação que as pessoas têm com o natal, criticou a ânsia pelo consumo: “Natal é tempo de desconforto. Ensoados pela publicidade que troca Jesus por Papai Noel, a data desdenha-nos como cidadãos e alicia-nos como consumidores”.<sup>234</sup> Alertou que o ser humano deveria saciar-se nessa data não com nozes ou presentes, mas sim com amor, solidariedade e humanismo. E não se trata apenas do consumo no termo capitalista, de aquisição de bens materiais. Frei Betto denunciou o abuso em todos os sentidos, num mundo em que as pessoas consomem, de maneira descomedida, alimentos, drogas, sexo etc. É uma sociedade que, para ele, precisa reaprender a unir valores éticos e princípios morais, por meio de uma educação humanista, que não atente apenas para as ciências e para o aprendizado pragmático. Essas idéias estão disseminadas na maioria de seus escritos em *Caros Amigos*, o que revela seu caráter religioso e a mensagem cristã por trás de sua visão de mundo. Não à toa, Frei Betto foi quem sempre escreveu as felicitações de ano-novo. A cada início de ano veiculou palavras, não de conforto, mas de advertência, que indicava os caminhos errados que o ser humano trilhava, e aconselhava para onde deveria rumar as ações e preocupações de cada um. Em vez de multiplicar ufanismos, apelando para a emoção, expôs a realidade e convocou todos para agir em prol de mudanças. Tudo isso fica bem claro em seu texto que abriu o ano de 2004, ao qual deu o sugestivo título “Renascer”:

Findou o ano mas não a vida. Para quem recebeu salários extras e dispõe de condições, pairou o risco da voracidade: ceias pantagruélicas, muita cerveja na praia, o churrasco crepitando no sítio ou na fazenda, uma tristeza d’alma quando o corpo entorpece atolado em comidas, como se o lazer se reduzisse a um exercício compulsivo de ingestão e congestão. Como somos exaustivamente iguais! Nesta entressafra entre o natal e o carnaval, pilotamos transbordantes carrinhos de supermercado, assistimos na televisão à retrospectiva dos últimos dozes meses, tostamos a pele junto ao mar ou à beira da piscina e acompanhamos (ou acompanharemos) a afoita alegria dos que forem escolhidos para compor o novo ministério, enquanto os preteridos se esforçarão para disfarçar seus ressentimentos.

Trafegamos dobre o fio da navalha. De um lado, a qualidade total que, niponicamente, pretende ensinar-nos a trabalhar mais por menos, como se devêssemos acompanhar o

<sup>233</sup> *Caros Amigos*, nº 45, p. 10, dez. 2000.

<sup>234</sup> *Caros Amigos*, nº 9, p. 44, dez. 1997.

ritmo dos equipamentos eletrônicos. De seres humanos somos gentilmente reduzidos a peça de engrenagem. Isso quando se escapa do desemprego. Já não se trata apenas de vestir a camisa da empresa, mas de nascer com a pele tatuada com o seu logotipo. De outro, a resistência a tanta pressão consumista, na busca de alternativas para alcançar melhor qualidade de vida. Uma alimentação sadia, exercícios aeróbicos, ler os clássicos, praticar a meditação, livrar-se de toda tentação de ostentar bens e participar de alguma causa humanitária. Enquanto o sistema nos puxa pelo lado de fora – modas, status, funções de poder etc. -, algo mais profundo em nós mesmos nos induz ao lado de dentro: resgatar a capacidade de amar, reaprender a ternura, fitar o semelhante em sua suprema dignidade humana.

Ao contrário dos orientais, somos uma civilização ruidosa. Falamos em cascata, passamos horas ao telefone (executivo é um celular no qual um homem se dependura pela orelha), mantemos ligados a televisão, o rádio, o som, como se, perante o silêncio, temêssemos a mirar a própria face interior. Claro, o mercado não oferece silêncio porque haveria queda de consumo. Malha-se o corpo, mas não o espírito. No entanto, a vida ensina que a felicidade jorra da intimidade. Não há outra fonte. Pode haver prazer na apropriação, alegria no encontro, júbilo numa boa surpresa. Porém, felicidade, como profundo deleite do espírito, só na intimidade amorosa, na oração sem imagens e palavras, na contemplação do belo, no acolhimento do ser querido, na entrega ao mistério, na eternização subjetiva de um momento, na poesia de um toque, um gesto, uma palavra que traz em si plenitude. Ausência de desejos; tão só deixar-se sorver pelo esplendor de uma paz que ora vem como brisa suave, ora sopra como vento forte e assustador.

Tivéssemos um pouco mais de sabedoria, faríamos do reveillon um balanço pessoal, contração e descontração, sístole e diástole, na alegria do novo ano que irrompe e dos novo homens e mulheres que se propõem a não sonegar sentimentos, não blefar com o próximo, não discriminar subalternos, não se omitir da solidariedade às causas sociais. Por que seguir os modelitos padronizados pela mídia hedonista, se isso não nos enriquece como seres humanos?

Neste ano de 2004, faça-se também novo. Para nascer de novo, como disse Jesus a Nicodemos, não é preciso retornar ao ventre materno. Basta dar ouvidos à própria intuição, agir com humildade e sintonizar-se com o Transcendente. Na radical disposição de, daqui pra frente, não se deixar consumir como um mingau comido pelas bordas.<sup>235</sup>

Eis o pensamento de Frei Betto e sua mensagem aos leitores de *Caros Amigos*. Atuou em função do ser humano, para que este se livrasse das correntes do comportamento individualista, hedonista e consumista que o mundo capitalista impunha (impõe) a todos. Claro que em suas palavras, percebeu-se certo conservadorismo, característico da posição religiosa católica, como a oposição total às drogas, à busca de prazer, ao sexo sem amor etc, o que é comum visto que se trata de um frei dominicano. Sua atuação, no entanto, difere da prática comum da igreja, até mesmo por seguir a Teologia da Libertação, mas sua visão de mundo não foge ao pensamento cristão que prega a vida serena, sem exageros e comedida, o que não é natural do ser humano. Como atestou outro articulista de *Caros Amigos*, o homem se entorpece desde os primórdios, busca a felicidade também pelo prazer físico e material e comete atos de barbarismo contra o semelhante. Por isso Frei Betto aconselhou a busca do

<sup>235</sup> *Caros Amigos*, nº 82, p. 20, jan. 2004.

equilíbrio, a racionalização dos atos e a previsão das conseqüências. Ainda que tenha discursado, às vezes, num tom conservador, o fez com a função de advertência, com o intuito de mostrar ao seu público a importância de encontrar o equilíbrio.

Ficou evidente que Frei Betto, em seus escritos, dedicou-se com mais afinco à crítica social, temática que marcou sua participação na revista. Contudo, vale a pena atentar, também, para seu posicionamento político, o que ajudará a entender de que maneira suas escolhas ideológicas refletiram-se na caracterização de *Caros Amigos*, visto que Frei Betto foi um de seus principais colaboradores. Ainda que a política não tenha sido seu foco prioritário, Frei Betto importa devido à sua atuação fora e dentro do mensário, afinal não se pode desconsiderar que, por um tempo, defendeu a candidatura de Lula e, posteriormente, foi seu assessor no governo, o que influenciou seus textos na publicação. Talvez até mesmo por ser membro do governo, o dominicano tenha escolhido evitar usar seu espaço para tecer análises políticas, sob o risco de ver seus escritos convertidos em propaganda governista. Justificou sua menor atenção aos assuntos estritamente políticos ao afirmar que, por escrever numa revista mensal, preferiu abordar temas mais amplos, gerais, que dizem respeito à sociedade e que estão em permanente discussão, pois caso se dedicasse a fatos corriqueiros do mundo político, enfrentaria o risco de ver seu texto caducar em dias.<sup>236</sup> Contudo, com base na tabela 11, é possível afirmar que o autor tratou com certa regularidade de política nacional, já que foram elencados 21 textos nesse tema. Isto é, mesmo que tenha evitado escrever sobre tais questões, não deixou de expor sua avaliação sobre o quadro político brasileiro e seu apoio, pelo menos por um período, ao presidente Lula. Nesse sentido, Frei Betto foi tomado como referência para entender a posição geral de *Caros Amigos* frente aos governos de FHC e Lula. Não obstante, não se pode deixar de explicar que as análises políticas do intelectual não configuraram posicionamento partidário deliberado. Antes de direcionar críticas diretas a partidos e políticos, Frei Betto analisou as conjunturas nas quais eles entraram como figurantes.

Dos 116 textos de Frei Betto, apenas sete se opuseram ao governo FHC, números que se tornam mais relevantes ao se considerar a linhagem ideológica a que o escritor se filia. Como ele mesmo afirmou: “Desde os 13 anos sou militante de esquerda, ecossocialista, inspirado pela teologia da libertação e reconheço no marxismo importante ferramenta de análise social”.<sup>237</sup> Posto isso, seria comum esperar mais ataques a um governo neoliberal, considerado de direita e que, segundo sua própria visão, favoreceu os mais ricos. Mas não.

---

<sup>236</sup> Frei Betto em entrevista ao autor. 01/02/2009

<sup>237</sup> Idem.

Foram apenas sete, e desses, de acordo com o supracitado, Frei Betto mais examinou a conjuntura do que o próprio governo, mais criticou os reflexos que atos políticos tiveram na sociedade do que especificamente governos e partidos.

Quanto ao Partido dos Trabalhadores, nove textos fizeram algum comentário sobre o PT e Lula, dos quais cinco a favor e quatro contra. Desses últimos, todos escritos depois de janeiro de 2003, o que atesta a visão analítica de Frei Betto quanto ao cenário político nacional, já que não se deixou influenciar por seu caráter ideológico ao criticar a esquerda e o governo. Note-se, porém, que assim como Arbex, suas críticas foram mais amenas com relação a Lula, o que deixou claro que, apesar de coerente com sua postura, não pôde ser tão contundente nos seus comentários relativos ao PT, quanto foi com o PSDB/FHC.

Ainda que nunca tenha sido militante de nenhum partido, Frei Betto apoiou a candidatura e a campanha de Lula em 2002. Apesar de não ter se envolvido diretamente com a política em *Caros Amigos*, houve momentos em que, por exemplo, não obstante o rumo de um texto que tratava de Marisa Letícia Lula da Silva, desempenhou papel de incentivo direto a Lula. Isso porque mostrou, em agosto de 2002, em plena campanha eleitoral, Marisa como um dos elementos que sustentava a figura popular de Lula, uma mulher forte e convicta, porém simples e amorosa. Alguém que teria a coragem de advertir o futuro presidente caso ele trilhasse caminhos obscuros.<sup>238</sup> O texto pouco ou nada falou de campanha presidencial, no entanto, não se pode dizer que tivesse cunho político, já que tratava da família do presidenciável, mostrando-a como uma família comum, igual a de qualquer brasileiro, o que dava a entender que Lula saberia lidar com o povo, por compartilhar o mesmo modo de vida. Entretanto, se este artigo se mostrou mais sutil, o publicado dois meses depois foi mais direto. Frei Betto escreveu sobre detalhes biográficos de Lula, sua infância pobre e sofrida, o que, mais uma vez, aproximava-o do povo.<sup>239</sup>

Com a vitória de Lula, Frei Betto não demonstrou qualquer constrangimento em alegrar-se e afirmou que aquele momento histórico representava o triunfo da esquerda no país, depois de uma década de neoliberalismo. Criticou militantes do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) e do PCO (Partido da Causa Operária) por alegarem que o presidente só foi eleito porque abandonara seu discurso ideológico e tivera a maquiagem dos marqueteiros. Na argumentação do autor,

Lula elegeu-se presidente da República com mais de 52 milhões de votos. Num país como o Brasil, uma das dez maiores economias do mundo e o terceiro em desigualdade social (atrás de Serra Leoa e da República Centro-Africana), isso parece

---

<sup>238</sup> *Caros Amigos*, nº 65, p. 22, ago. 2002.

<sup>239</sup> *Caros Amigos*, nº 67, p. 26, out. 2002.

inacreditável. Como um torneiro mecânico, fundador de um partido que, em sua Carta de Princípios, defende o socialismo, chegou ao governo pelo voto popular? (...)

Encarar Lula pela ótica ideológica, antes de focar a sua extração social, é inverter os termos da equação política. No entanto, Lula não é resultado de si mesmo, mas de um movimento social construído ao longo de quarenta anos (1962-2002), no qual as teorias de Marx tiveram menos importância que a pedagogia de Paulo Freire. Lula é fruto das CEBs e da Teologia da Libertação; da esquerda que enfrentou a ditadura e das oposições sindicais; da CUT e do MST; do agravamento da crise social brasileira e da atual globocolonização. Lula é o que resta de esquerda orgânica após a queda do Muro de Berlim. Agora, a estrela sobe (...)

Lula não fez uma campanha para agradar petistas ou a esquerda. Nem fará um governo nesse sentido. **Será o presidente de todos os brasileiros, coerente com os princípios que o levaram a fundar o PT, e fiel a seu programa de governo. Priorizará as questões sociais, às quais a economia estará subjugada.** Se isso não é ser de esquerda, o que será? (...)

Agora, a sorte está lançada! E não devemos perguntar o que Lula fará pelo Brasil. Devemos é nos perguntar o que cada um de nós fará para fortalecer as bases populares de sua governabilidade.<sup>240</sup>

Logo após as eleições, Frei Betto escreveu uma pequena biografia do presidente, editada pela Casa Amarela. Trata-se de uma obra com forte apelo emocional, que explorou a infância sofrida de Lula, a viagem em pau de arara, o abandono do pai e o fato de morar nos fundos de um bar, onde sua mãe e irmãos dividiam o único banheiro com os frequentadores do local. No prólogo do livro, dedicado à Dona Lindu, mãe do presidente, Frei Betto escreveu:

(...) Seu filho venceu, dona Lindu. Não por razões menores, como diploma e dinheiro, mas porque construiu o mais combativo e ético partido político do Brasil; foi o deputado constituinte mais votado do país; fundou a CUT; disputou quatro eleições presidenciais e levou esperança a milhões de brasileiros. Lula ensinou à nação que é possível fazer política com decência, vergonha na cara, tolerância nas relações pessoais e intransigência nos princípios.

Obrigado, dona Lindu, por ter dado ao Brasil um presidente com capacidade de liderança, transparência ética e profundo amor ao povo, sobretudo àqueles que, como a sua família, conhecem na carne e no espírito o sofrimento e a pobreza.

O Brasil merece um futuro melhor. O Brasil merece este fruto de seu ventre: Luiz Inácio Lula da Silva.<sup>241</sup>

Frei Betto felicitou o novo presidente e fez previsões que, porém, não se confirmariam. Membro direto do governo de Lula, desligou-se em dezembro de 2004, já que havia um bom tempo que Frei Betto discordava dos rumos do governo, particularmente frente à falta de apoio ao trabalho de mobilização social e à mudança do caráter emancipatório do Fome Zero, que assumiu caráter compensatório com o Bolsa Família. Vale acompanhar um artigo de outubro de 2003, quando chamou a atenção para o sentido da participação:

<sup>240</sup> *Caros Amigos*, nº 69, p. 18-19, dez. 2002. (grifo meu)

<sup>241</sup> BETTO, Frei. *Lula: um operário na presidência*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

(...) A política que não se baseia na participação popular tende a ser privilégio de um grupo, de uma casta ou de uma classe. Essa participação popular deve abranger as três esferas da vida social: politicamente, por mecanismos que permitam a todos participar das decisões; ideologicamente, pelo direito de crítica e pelo dever de autocrítica; economicamente, pelo igual direito de acesso aos bens necessários à vida. Fora disso, ainda que com o título de democracia, o que há são estruturas idolátricas de poder, pois se impõem ao povo como forças onipotentes, oniscientes e onipresentes. Para o político que usufrui delas, a política é uma perversa maneira de pretender se comparar a Deus. É o Olimpo no qual o desejável se torna possível (...).<sup>242</sup>

Tais reservas desembocaram na sua saída do cargo de assessor especial da presidência da República. Diante da decisão do PT de privilegiar o Congresso como base de governabilidade, em vez dos movimentos populares, seu maior capital político, Frei Betto deixou seu posto. Ainda assim, ficou evidente que tal escolha mais se deveu a uma incompatibilidade de prioridades, do que a uma desavença pessoal com o presidente, pois continuou confiando em Lula que, para o dominicano, era o depositário de sua esperança num Brasil mais justo. E completou: “o Brasil é melhor com Lula do que sem ele”.<sup>243</sup> Frei Betto tratou desses problemas com mais detalhes em dois livros que narraram as razões pelas quais deixou o governo, ambos editados pela Rocco: *A mosca azul – reflexão sobre o poder* e *Calendário do Poder*. Com vistas aos títulos das obras, já se pode imaginar a dimensão do desapontamento do autor, isso porque em certo momento, no calor da vitória de Lula, em 2002, escreveu que era inacreditável um torneiro-mecânico ter chegado ao governo pelo voto popular. Em seguida, complementou: “observem que escrevi chegou ao governo, e não ao poder. São instâncias distintas”.<sup>244</sup> Fica claro que, segundo Frei Betto, Lula e o PT confundiram governo com poder, o que decepcionou o autor.

Então, em dezembro de 2004, publicou um texto em *Caros Amigos*, no qual narrou sua trajetória de luta, sua estada no governo e o porquê de sua saída. No entanto, não culpou apenas o presidente e o PT, já que lembrou com reservas das heranças políticas dos mandatos de FHC:

Há momentos em que é preciso saber atravessar. Caminha-se por veredas inóspitas e prova-se o fruto amargo das regiões desérticas, movido por essa tenacidade que anima viajadores da utopia – a certeza de que lugar nenhum é, pelo menos, um lugar melhor que este onde a fartura do pão esfaima bocas inocentes, o sol represado anoitece a consciência, e a vida prenuncia morte aos filhos desafortunados da loteria biológica. Nunca temi embrenhar-me nesse cipoal, afundar os pés no pântano, rasgar a pele nas pedras que, ensombreadas, indicam o caminho do porvir, benfazeja hora em que as lágrimas já não serão de dor, e sim de incontida emoção, braços convertidos em

<sup>242</sup> *Caros Amigos*, nº 79, p. 13, out. 2003.

<sup>243</sup> Frei Betto em entrevista a Leandro Loyola. Disponível em [www.revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT976009-1666-1,00.html](http://www.revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT976009-1666-1,00.html). Acesso em 02/02/2009.

<sup>244</sup> *Caros Amigos*, nº 69, p. 18-19, dez. 2002.

abraços, a linha do horizonte retorcida em alvíssaras, o despudor de tantos beijos selados pela fraternura.

Iniciei precoce este trajeto, motivado pela fé. Desbastei o mapa da história, convertido em convencido de que os bens da Terra e os frutos do trabalho humano são oferendas comuns. Quebrei cercas, derrubei muros, abri portas, irmanado àqueles que nos porões da humanidade tecem pacientes os tênues fios de suas vidas: a água salobra dançando quilômetros diários sobre as cabeças feminis coroadas de latas, os seios murchos, os ventres ocos, o sertão calcinado de tristezas, o esgoto fétido estreitando barracos nas fraldas da cidade, anjos descarnados pela desnutrição, vidas secas de olhos dilatados na face esquelética, ávidos pelo punhado de feijão cozido ao desalento.

Andei de teimosia por esses caminhos tortuosos e resvalei no rumo, aprisionado pela armadilha dos caçadores de esperanças, que lhes sonegam o vôo para empalhá-las em suas paredes de troféus. Nem assim moderei meus passos. O mapa gravara-se em meu coração e ampliava-se nesse indelével sentimento de que justiça é um estado de gravidez. Não se pode impedir a floração da vida, ainda que os invernos sejam longos e as noites desestreladas, como se a memória fosse abortada às margens do caminho.

Livre das feras, costurei as minhas cicatrizes e retomei as veredas da salvação, semeando promissões, dessedentando os campos da pobreza, embriagando-me no sumo do cambuci, somando a minha voz ao coro dos desvalidos. Vi aleijados andar sem muletas, cegos recobrar a vista, mortos ressuscitar das tumbas. A poeira da estrada não me impedia de vislumbrar o rumo. Havia um cheiro de abundância no ar, prenúncio de que a viagem teria bom termo.

Foram anos de somatura dos passos, o pão escasso dividido em fatia solidárias, a madrugada empalidecendo sob o avanço dessa caravana de condenados da terra, artífices de um novo tempo. Até que alcancei, com a turba, a beira do rio. Maravilha caudalosa, águas copiosas, peixes adensados no leito transparente e, do outro lado, um verdor de arder os olhos, a fartura a curta distância, o início do fim dessa longa peregrinação.

Embarquei junto, agarrei meu remo e somei forças na travessia. Abri o alforje e desfomeei a turba, prometendo que em breve choveria saciedade. Logo, senti o barco tremular jogado por correntes adversas. Impôs-se a correção da rota, assoreada pela ganância dos garimpeiros que, após esvaziar o ventre do rio, extorquindo-lhe os diamantes, deixaram para trás o entulho. Nele esbarramos, obrigados a reduzir o ritmo e modificar os planos de viagem. Sob a ponte da opulência, as poucas moedas que nos restavam foram consumidas pelo pedágio. De repente, dei-me conta de que navegávamos para oeste, quando todos os planos orientavam-nos a leste.

Há momentos em que é preciso saber atravessar. E não era aquela a travessia mapeada por minha fé. Não me restava alternativa: prosseguir no barco ou atirar-me no rio. Livrei-me da roupa e da bagagem e, abraçado a um cacho de valores, mergulhei. Nadei até a terceira margem do rio, esgueirando-me das piranhas e dos jacarés, em busca de mim mesmo.

Agora cultivo na horta um parreiral de esperanças e uma certeza, a de que a viagem não foi em vão, pois são sinuosas as veredas da história e a turba jamais olvida a fonte do alvorecer.<sup>245</sup>

Tais palavras, em tom emocionado, denotaram a tristeza de Frei Betto por “abandonar o barco”. Nas suas palavras, “quando fazia parte do governo, não me convinha externar em textos as críticas que proferia lá dentro. Ao sair, em dezembro de 2004, recuperei minha liberdade de criticar publicamente o governo e os partidos que o apóiam”.<sup>246</sup> Daí em diante o

<sup>245</sup> *Caros Amigos*, nº 93, p. 11, dez. 2004.

<sup>246</sup> Frei Betto em entrevista ao autor, via e-mail. (01/02/2009)

articulista externou inúmeras ressalvas nas páginas de *Caros Amigos*, o que se comprovou nas edições seguintes, em que: acusou a política econômica de Lula; releu seu primeiro romance, *O dia de Ângelo*, que falava sobre corrupção de partido, tema dos mais atuais; lamentou a submissão do PT ao mercado; e provocou ao asseverar que basta entregar o poder a alguém para saber quem ele é.

Trata-se de notar, portanto, que Frei Betto, assim como Arbex Jr., não hipotecou seus valores em prol de um poder político, ainda que este representasse anos de luta. Manteve sua postura ideológica, o que fez aumentar o prestígio de seus escritos em *Caros Amigos*. No entanto, percebe-se que seus textos apresentaram-se mais ácidos quando direcionados à direita, muito em função de sua postura ideológica e política, o que configurou tons diferenciados ao tratar de FHC e Lula, pois este último é tido como mais que um amigo pelo frei. Em suas palavras: “quanto ao presidente ele é meu irmão. Entre irmãos há discordâncias, mas os laços fundamentais são mais profundos”. Neste ponto se verifica, quanto às atitudes de Frei Betto, que buscou ser coerente, mas nunca se desligou de suas emoções e escolhas ideológicas.

#### *MARILENE FELINTO: DISCURSO ÁCIDO*

Marilene Felinto nasceu em 1957, no Recife, onde viveu até os doze anos, quando partiu para São Paulo. Com uma infância bastante sofrida, cresceu marcada pela injustiça social, fator que mais tarde influenciaria seu trabalho intelectual tanto no jornalismo como na literatura. Seu primeiro romance, *As mulheres de Tijucopapo* – vencedor do Prêmio Jabuti (1982) -, foi traduzido em outras línguas e também é marcado pela linguagem forte da escritora. Nesta obra percebe-se que a autora fez uma espécie de auto-retrato, uma autobiografia, na qual demonstrou a vida dura e sofrida de uma mulher que busca suas raízes, perdas há muito tempo.

Apesar de escrever em periódicos há muito tempo, Marilene Felinto não é jornalista de formação. Graduou-se em Letras e iniciou sua vida profissional como professora de inglês e, depois, português, numa faculdade. Contudo, dava aulas por obrigação, já que ser escritora no Brasil não era o suficiente para garantir seu próprio sustento. Aceitou o pedido de Otávio Frias Filho para trabalhar na *Folha de S. Paulo*, convite que se originou da convivência no curso de pós-graduação na USP. Seu livro causou boa impressão em Otávio Frias Filho, que

elogiou bastante a obra. No entanto, Marilene confessou não gostar do jornalismo e nem de jornalistas, e justificou o trabalho no jornal em função do retorno financeiro obtido.

Tal postura rendeu-lhe várias acusações durante os anos no grupo *Folha*, pois não media as palavras. Ainda que tivesse muitos leitores fiéis, o tom de seus textos não agradava à redação do jornal, que se auto-classificava como liberal, o que não condizia muito bem com as idéias de cunho socialista pregadas pela escritora. Contudo, afirma ela, nunca sofreu muita pressão por parte dos donos, e tinha até certa liberdade para escrever, com exceção dos períodos eleitorais, quando aparecia alguma censura.<sup>247</sup> Mas tal autonomia aos poucos incomodou os que estavam a sua volta. Desde novembro de 2002, sua coluna deixou de ser publicada no caderno *Cotidiano*, sob a promessa de que a articulista voltaria no próximo dia 17 de dezembro. Nessa data, a observação mudou: naquele dia, Marilene “excepcionalmente” não escreveria. Assim foi até que seu nome desapareceu totalmente das páginas da *Folha de S. Paulo*. A explicação da ex-colaboradora foi a seguinte:

Meu estilo pessoal de escrever já não cabe na *Folha de S. Paulo*. Estava entrando em confronto com diretrizes do jornal. Por isso, achei por bem desligar-me do mesmo. Se eu passar a escrever em outro veículo, prometo avisar os interessados. Agradeço a carinhosa atenção que um dia me dispensaram e à qual eu nem mesmo tive tempo de responder. Marilene Felinto.<sup>248</sup>

Seus escritos rendiam muitas polêmicas e ataques de políticos e personalidades que se sentiam ofendidos, o que aos poucos minou a permanência de Marilene na empresa. Depois de sua saída da *Folha de S. Paulo*, chegaram inúmeras cartas à redação de *Caros Amigos*, sugerindo que Marilene Felinto colaborasse com o mensário, além de manifestarem indignação frente à forma lacônica do anúncio do fim da sua coluna. Em março de 2003 iniciou sua colaboração com a seção “Desaviso”. Nas páginas do mensário, seus comentários tornaram-se mais ácidos e contundentes que o normal, já que dali em diante escrevia numa revista declaradamente de esquerda, linha editorial crítica e na qual os colaboradores desfrutavam de plena liberdade de expressão. Ficou evidente que suas reservas quanto à classe burguesa tomaram fôlego quando saiu da *Folha de S. Paulo*, seu tom indignado ganhou novo ânimo, como atestam seus artigos contundentes em *Caros Amigos*, já que proferiu, copiosamente, palavras duras à grande imprensa, políticos e jornalistas.

Marilene Felinto tornou-se a colaboradora mais ferina de *Caros Amigos*, o que não é pouco se considerado que a publicação não é conhecida pelo pragmatismo, objetividade ou

<sup>247</sup> *Caros Amigos*, nº 47, p. 31, fev. 2001.

<sup>248</sup> Ver ROQUE, Isabel Rebelo. *A indignação necessária*. Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Acesso em 8 fev. 2009.

imparcialidade. *Caros Amigos*, antes de contar com as contribuições da escritora, já veiculava textos contundentes, fortes e, alguns, até mesmo radicais, no entanto, com os textos de Marilene Felinto, o conteúdo da revista sofreu considerável radicalização da linguagem. Realmente não economizou palavras, e muito menos adjetivos, para contestar o que entendia como errado na sociedade brasileira, o que se repetiu em seus comentários políticos. Ainda que não tenha levantado nenhuma bandeira específica, Marilene colocou-se muitas vezes em defesa dos menos favorecidos e dos movimentos sociais como o MST, sempre sustentando argumentação polêmica. Muitas vezes a escritora justificou algumas atitudes de bandidos, colocando-se contra suas vítimas das classes altas.

A morte de uma menina rica, assassinada no município de Embu-Guaçu, Grande São Paulo, em novembro último, supostamente por uma quadrilha que inclui um adolescente de 16 anos, pobre e morador da periferia do Embu, deixou claro, mais uma vez (até a exaustão, vamos lá), que o Brasil tem dois tipos de cidadão: que o valor de cada coisa – de cada pessoa – é seu preço no mercado, como afirma Josep Ramoneda.

Está claro que o rabino H. Sobel, ao pedir a instituição da pena de morte no Brasil, só ousou fazê-lo porque a jovem morta, Liana Friedenbach, pertencia à comunidade judaica de São Paulo. A hipocrisia do rabino é flagrante: está claro que ele defende a pena de morte para brasileiros pobres. No seu delírio, o rabino deve ter achado que aqui é uma espécie de Israel – e que a esmagadora maioria dos brasileiros, da classe pobre, é uma espécie de Palestina a ser eliminada da face da Terra! Ora, até que ponto se pode chegar?

Está claro que todo esse rebuliço em torno do assassinato da jovem de 16 anos e de seu namorado, Felipe Caffé, 19, não teria acontecido se a vítima tivesse sido apenas este último, filho da classe média baixa e sem nenhuma comunidade forte por trás. Somente por tabela o nome de Felipe foi lembrado em programas de televisão e na tal passeata “contra a violência”, que ocorreu em São Paulo em meados de novembro.

(...) Por acaso a classe alta saiu às ruas para pedir a pena de morte para outra menina rica paulista, Suzane Richthofen, acusada de planejar o assassinato dos próprios pais, junto com o namorado, em 2002? Por acaso a classe alta pediu pena de morte para também o jovem paulista Jorge Bouchabki, acusado (e depois inocentado) em 1988 do assassinato dos pais, no famoso crime da rua Cuba?

(...) Está clara a hipocrisia. A imprensa não trata da violência que essa desigualdade social imposta diuturnamente aos jovens pobres significa. Não trata desse veneno que a elite brasileira truculenta injeta todo santo dia na veia dos meninos. Jovens como R.A.A.C. sabem que não valem nada no mercado. Eles sabem que não passam de “Pernambucos” condenados ao preconceito de classe, à exclusão total, à humilhação. Eles sabem que nada têm a perder – por isso matam. A vida, para eles, dentro ou fora de uma unidade da Febem ou de uma cadeia não faz muita diferença.

Da apresentadora de televisão que se julga no direito de matar R.A.A.C. (Hebe Camargo) ao pai de Liana que quer ver o rosto do rapaz estampado nos jornais da elite, passando pelas declarações oportunistas do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) e sua política de segurança fascista (que propõe endurecer o ECA), o alvo de todos eles é o mesmo do rabino da pena de morte: o extermínio puro e simples dos jovens pobres. Para que eles continuem, em última instância, a embolsar todo mês trinta vezes mais que qualquer pai maltrapilho e desempregado da favela.

(...) Foi a própria elite brasileira que transformou R.A.A.C. em pessoa-animal. É preciso ser intransigente com essa elite brasileira surda e cega ao ódio de classe que ela insufla. É preciso ser intransigente na defesa dos direitos humanos de R.A.A.C.

Direitos humanos, sim, para a pessoa que a elite voraz e devoradora quer transformar em animal a ser caçado a laço e exposto à execração pública e à morte pela justiça popular. Mal sabe ela que R.A.A.C. passava por isso todos os dias – pela execração pública. Mal sabe a elite que a exclusão social, tal qual ocorre no Brasil, é igual, sempre foi igual, sinônimo mesmo de “execração pública” e de “pena de morte”.<sup>249</sup>

Obviamente a escritora colocou-se em posição contrária à maioria, que preferiu censurar o jovem acusado. Defendeu o assassino explicando os possíveis motivos que o levaram a praticar aquele ato, acusando a elite de formar esses jovens animalizados por não conceder qualquer oportunidade de desenvolvimento a eles. Além disso, percebe-se a aversão que Marilene Felinto alimenta contra a elite e a direita nacionais, como se comprova nos seus comentários referentes ao governador de São Paulo à época, Geraldo Alckmin, e no uso do termo “Pernambucos” para identificar os pobres que vêm para o sudeste e são discriminados pela população burguesa, o que remete à própria origem da escritora. Esse foi o teor contínuo dos artigos de Marilene Felinto: ácidos, contundentes e até mesmo agressivos. Não hesitou em demonstrar o que se poderia classificar como ódio de classe e, sempre que possível, se postou em defesa dos marginalizados, revertendo a tendência midiática de criminalização da pobreza. Para a escritora, a raiz da violência social é a própria exclusão, que joga a maioria da população num beco sem saída e causa revolta nos jovens que se encontram à margem dos prazeres que o dinheiro pode proporcionar.

Devido à sua postura, Marilene Felinto aceitou o título de crítica da sociedade, contudo matizou a classificação ao dizer que não era de fato uma crítica social, não se via como tal, mas que seus textos, dado a vertente que tomavam, caracterizavam-na assim. Ainda que não escrevesse com o intuito de ser vista deste modo, Marilene engajou-se nesse sentido, o que a tornou uma das colaboradoras mais atreladas à questão social brasileira no mensário. Dentre os colaboradores de *Caros Amigos*, foi a que menos variou as temáticas em suas participações, que somam o total de 46 artigos.

**Tabela 12: levantamento temático – Marilene Felinto<sup>250</sup>**

<b>Temas</b>	<b>Quantidade</b>
Crítica social	20
Política Nacional	15
Imprensa	11
Política internacional	3

<sup>249</sup> *Caros Amigos*, nº 81, p. 7, dez. 2003.

<sup>250</sup> A soma da quantidade de temas abordados por Marilene Felinto ultrapassaram a totalidade de seus artigos porque em algumas colaborações sua coluna foi dividida em duas partes, nas quais tratou de assuntos variados.

Trata-se de observar que, no tema Política Nacional, a autora tocou na questão da desigualdade social enfaticamente, no entanto, o que determinou a catalogação do artigo foi o critério de que, nesses textos, acusou partidos e políticos pelo drama da sociedade, tecendo juízos de valor. Mesmo que sua indignação se atrelasse às injustiças que afetavam a população mais carente, os alvos principais de suas argumentações foram as autoridades políticas que atacou sem amarras, especialmente os partidários do PSDB. Nota-se clara diferença com relação ao discurso de Frei Betto que, ao contrário da escritora, preferiu analisar a conjectura e não acusar pontualmente e com impropérios políticos de todas as esferas. Quanto à temática Imprensa, também é necessária uma observação: em quase todos os escritos mesclou suas críticas à imprensa com o posicionamento político desta, o que corroborou a constatação de que os assuntos mais englobados nos artigos de Marilene Felinto foram a política e a desigualdade social.

Por exemplo, ao se tomar uma de suas contribuições que tratou da imprensa, na qual ensinava, segundo suas palavras, “sobre como desprezar o jornalismo vagabundo da classe dominante”, constata-se que tocou em questões como luta de classes e desigualdade social. Asseverou que a classe média brasileira era “tonta e idiota”, que faz faculdade e nunca mais lê um livro sequer, a não ser os da categoria de auto-ajuda. E finalizou afirmando que o segmento alto da sociedade brasileira

(...) é uma elite pobre de cultura e formação, composta por quatrocentões decadentes, descendentes de degredados, que se julgam nobres e por emergentes ridículos, que se sentem quatrocentões. Uma elite ignara, que compra livros como se fossem azulejos, para decorar paredes. E é uma elite burra, que nunca leu Gilberto Freyre nem Adam Smith e não aprendeu que, até para poder continuar a habitar a casa-grande, precisa deixar a senzala comer um pouco melhor.<sup>251</sup>

Essa maneira incisiva de escrever, até mesmo agressivo, se repetiu em suas análises políticas. Pode-se afirmar, nesse sentido, que a escritora foi a colaboradora que mais se colocou ao lado do presidente Lula e do PT, ou seja, não disfarçou seu total apreço pelo presidente de esquerda. Defendeu o governo nos momentos de maior pressão com afinco, sem considerar qualquer acusação da oposição, e sempre reverteu o quadro atacando principalmente o PSDB, partido pelo qual Marilene sustenta verdadeira aversão. Claro que, se por um lado a escritora demonstrou seu posicionamento, sem a pretensa imparcialidade, por outro, utilizou seu espaço na revista como lugar de defesa partidária. Ignorou todo argumento contra o governo Lula e o defendeu com total empenho, o que comprometeu sua credibilidade

---

<sup>251</sup> *Caros Amigos*, n° 105, p. 9, dez. 2005.

como analista social e política, pois exerceu papel parecido ao de advogada do governo, sem analisar os problemas da esquerda. Em vez de discutir as acusações remetidas ao presidente e ao PT, desviou sua atenção para os governos estaduais do PSDB e para o mandato passado de FHC na presidência, destacando os problemas desses, como se houvesse uma disputa de quem errou menos ou mais.

Talvez as palavras de Marilene Felinto ajudem a entender a forma como utilizou seu espaço em *Caros Amigos*: “não consigo mentir quando escrevo, não consigo posar de escritora, de jornalista, ou ser absolutamente neutra como um grande jornalista deve ser”.<sup>252</sup> Não à toa ela afirma que não é jornalista e que não gosta de quem é. Marilene Felinto escreve o que sente, o que acha correto, aborda assuntos que a atinjam emocionalmente de alguma maneira. Nesse sentido, o jogo político não deixou de atingi-la. A vitória de Lula representou para ela uma conquista dos pobres, dos esquecidos, dos marginalizados, uma vitória dos “Pernambucos” e das “Marilenes”, seria a esquerda que ela sempre esperou ver no poder e que, dado a vertente de seus textos, faria de tudo para mantê-lo lá.

Tal atitude não foi entremeada por “meios-termos”. Foi contumaz em seu posicionamento ideológico tanto que, dentro dos seus trabalhos que fizeram algum tipo de juízo de valor político, 16 artigos criticaram com acidez o PSDB e 11 se posicionaram a favor do PT e de Lula. Se levado em conta, ainda, que Marilene Felinto iniciou sua colaboração em *Caros Amigos* em 2003, isto é, quando o mandato de Lula já estava em andamento, percebe-se o engajamento político que tiveram suas contribuições. Afinal, mais criticou o PSDB – do total, sete vezes com referência a FHC –, que já não obtinha o executivo federal, do que Lula e o PT – aliás, não fez nenhuma crítica a estes em momento algum. Apesar de o governo paulista ser do PSDB à época, estava em evidência o mandato presidencial, especialmente no momento em que estourou o escândalo do “mensalão”, mas a articulista insistiu em relembrar e criticar o governo FHC, além de direcionar ataques veementes a políticos eleitos do PSDB em todas as instâncias, entre os mais citados encontram-se Geraldo Alckmin e José Serra, como comprova o excerto seguinte:

Que certas candidaturas à prefeituras das capitais brasileiras são a personificação da hipocrisia é dizer o óbvio. Mas é o óbvio que precisa ser lembrado nesses tempos de enganação profunda, de distorção dos fatos e manipulação flagrante das informações.(...)

De modo que, em se tratando de eleição, só nos resta o universo da mentira por excelência. Uma das campanhas que impressionam pelo grau de hipocrisia é a do PSDB e seu candidato à prefeitura de São Paulo, José Serra. Para fazer frente à candidatura de Marta Suplicy (PT) à reeleição, os tucanos tentam emplacar de maneira positiva uma das administrações mais nefastas que São Paulo, o Estado, já

<sup>252</sup> Marilene Felinto em entrevista à *Caros Amigos*, nº 47, p. 31, fev. 2001.

experimentou: a do também peessedebista governador Geraldo Alckmin. Na propaganda de Serra, um dos lemas é pregar que capital e Estado nas mãos de um mesmo partido (o PSDB) seria melhor!

Ora, mas se eles estão no poder estadual há quase doze anos e estiveram na presidência da República por oito anos (com Fernando Henrique Cardoso) e não fizeram nada! Melhor: fizeram, tornaram mais ricos os ricos e muito mais pobres os pobres, transformaram a Febem paulista num matadouro para espancar e eliminar adolescentes, converteram a educação pública estadual num processo rudimentar de formação de semi-analfabetos (maquiando esses resultados), fizeram da segurança pública em São Paulo um caso grave de truculência autoritária, cheia de suspeitas de irregularidades.

(...) O PSDB tem essa conduta detestável de governar para ricos. O partido, em São Paulo, é um aglomerado de almofadinhas de classe média alta, gente que finge que adora pobre. Isso é o pior de tudo: fingir que estão trabalhando pelos pobres. Hipócritas. Quem não se lembra que o seqüestrador da filha de Silvio Santos morreu numa cadeia paulista, sob a guarda da administração de Alckmin, em situação nunca esclarecida? Morreu por quê? Porque era pobre. Apenas isso. Ora, a polícia paulista sob a égide de Alckmin/Abreu Filho não passa de uma máquina de tirar pretos e pobres das ruas – e atirá-los nas cadeias para morrer ou ter formalizados pela justiça as suas mortes não esclarecidas.

(...) Não bastasse tudo isso para indicar que a candidatura de José Serra é uma das maiores mentiras eleitorais dos últimos tempos, ele ainda é o candidato preferido da imprensa paulista, especialmente o jornal *Folha de S. Paulo*, do qual era colunista até pouco tempo. É impressionante o malabarismo que o jornal faz para esconder os podres de José Serra. Ora, um candidato mancomunado com a imprensa estabelecida e, portanto, com a elite, só tem compromisso com a elite. (...)

É fugir de São Paulo se a hipocrisia do grupo Serra/Alckmin ganhar a eleição.<sup>253</sup>

Em outras contribuições acusou os políticos do PSDB de fascistas e ridicularizou FHC por mencionar a possibilidade de pedir o impedimento de Lula, ele mesmo que, em 1991, censurou Aloísio Mercadante por falar em impedimento do mandato de Collor, pois para FHC, isso seria golpe à época.<sup>254</sup> No momento de maior turbulência do governo Lula, afirmou que a direita criava escândalos e plantava informações falsas com o intuito de desmoralizar a esquerda e o PT. Marilene Felinto não fez nenhum questão em disfarçar seu total apoio à reeleição de Lula. Em texto com o eloqüente título “Adoro ter operário de esquerda no poder”, asseverou:

Adoro pelo simbólico que é, pela afronta que representou e representa, pelo que esfrega na cara da classe dominante, pelo desespero em que ela tem entrado diante da possibilidade de que o operário seja reeleito – desespero expresso de maneira reiterada, em letras de manchetes, pela imprensa irresponsável, covarde e, ela sim, corrupta, mentirosa.

Adoro! Pelo simples fato de que a presença de um operário de esquerda no poder humilha as oligarquias e os oligopólios. Pela primeira vez, tudo o que é poder e prestígio – a Presidência da República – escapou das mãos dos ricos da classe política dominante: a direita neoliberal e seu séquito. Está nas mãos de um operário nascido nas brenhas de Caetés, distrito de Garanhuns, Pernambuco, que se bateu para os

<sup>253</sup> *Caros Amigos*, nº 90, p. 7, set. 2004.

<sup>254</sup> *Caros Amigos*, nº 96, p. 8, mar. 2005.

confins da metrópole de São Paulo ainda menino, na carroceria de um “pau-de-arara”. Está nas mãos de um trabalhador de nível médio, sem diploma universitário, e que teve seu primeiro registro assinado na carteira de trabalho aos 14 anos de idade. E daí? E então? Isso não é importantíssimo? (...)

Adoro operário de esquerda no poder porque é um raro momento para experimentar um alívio na opressão social antes exercida aqui pelo grupo do PSDB de Fernando Henrique Cardoso (o mesmo que quer voltar ao poder a qualquer custo), uma momentânea interrupção no abuso, na exploração e na injustiça sistemáticas que esse grupo político pratica contra as camadas pobres da população (...).<sup>255</sup>

Percebe-se, pois, o claro engajamento político e partidário de Marilene Felinto, que externou seu sentimento diante do governo Lula. De maneira alguma a articulista se opôs ao presidente e, pelo contrário, fez tudo para defendê-lo. Não economizou adjetivos para atacar as administrações e políticos do PSDB, enquanto intensificou, à medida que se aproximava a eleição presidencial de 2006, seu total apoio ao PT. Em novembro deste mesmo ano, quando confirmada a reeleição de Lula, escreveu que se emocionou ao ver seu sobrinho votar no presidente, em texto que ela mesma confirmou que poderia se intitular “Adoro operário de esquerda no poder – o retorno”. Além disso, regozijou-se com a derrota histórica da mídia que, em sua visão, teria se empenhado em derrubar Lula.<sup>256</sup>

Trata-se, portanto, de entender Marilene Felinto como a mais radical e contundente defensora de Lula e do PT dentro do quadro de colaboradores de *Caros Amigos*, o que não significa que ela represente a postura geral da revista. A escritora se valeu da liberdade que usufruía no mensário, assim como todos os articulistas, para veicular sua visão de mundo e sua linhagem política e ideológica. Ainda que negue carregar qualquer bandeira, ficou explícito que Felinto levantou, sim, a bandeira de Lula, pelo menos nas páginas do mensário. Enfim, essa foi a participação da colaboradora nos anos em que se resumem a presente pesquisa. Apareceu como uma articulista polêmica e ácida, muitas vezes chamada de caustica, amargurada, sexista e rancorosa. Contudo, entre críticas e elogios, Marilene Felinto não mascarou sua posição e defendeu abertamente o que entendeu como correto. Assim como lutou ao lado do PT e Lula sem censuras, não esqueceu em momento algum dos segmentos carentes da população brasileira. Ao mesmo tempo em que se empenhou na batalha política, ganhou prestígio e admiração pelas análises sociais severas e contundentes, pela observação sensata em assuntos que a maioria se opõe a sua visão, como foi sua defesa à pirataria de mercadorias que, para Marilene, nada mais é do que inclusão social.

<sup>255</sup> *Caros Amigos*, nº 110, p. 7, mai. 2006.

<sup>256</sup> *Caros Amigos*, nº 116, p. 7, nov. 2006.

*GILBERTO FELISBERTO VASCONCELLOS: NACIONALISMO EM PAUTA*

Gilberto Felisberto Vasconcellos doutorou-se em sociologia pela USP em 1977 e, desde aqueles tempos, exerceu função intelectual como sociólogo, escritor e jornalista. Engajou-se muito cedo no estudo de figuras de marcada posição nacionalista na história do Brasil, como Getúlio Vargas, João Goulart, Darcy Ribeiro e Brizola, além de destacar as produções de grandes nomes da cultura nacional, como Glauber Rocha e Câmara Cascudo. Gilberto Felisberto manteve posição crítica com relação aos acadêmicos brasileiros e contestou a visão histórica que se convencionou aceitar sobre as figuras supracitadas. Essas características certamente serviram de base para que entrasse no quadro de colaboradores de *Caros Amigos*, função que exerce desde a sétima edição da revista.

Defensor ferrenho da soberania nacional, contra toda e qualquer intervenção externa, principalmente dos interesses capitalistas de oligopólios multinacionais, Gilberto Felisberto sustenta a solução dada por estudiosos como J. W. Bautista Vidal e Marcello Guimarães, para os problemas sociais do país. Para eles, a salvação do Brasil não depende de órgãos internacionais como o FMI ou o Bird, mas apenas do próprio potencial natural das terras nacionais. A biomassa brasileira, uma das maiores do mundo, seria capaz de alimentar toda a população e garantir recursos econômicos consideráveis, caso houvesse interesse político nisso. Foi nesse sentido que o sociólogo investiu sua participação em *Caros Amigos*, ao lançar idéias alternativas e pouco divulgadas nos grandes meios de comunicação, além, claro, de fazer críticas políticas aos borbotões, já que foi disparado o articulista que mais tocou no tema dentro das 117 edições pesquisadas.

Trata-se de entender que assuntos mesclaram-se na maioria dos textos de Gilberto Felisberto, o que dificultou a definição concreta de qual foi mais relevante em cada escrito. Não obstante, o que se concluiu foi que, mesmo com os assuntos entrelaçados, grande parte deles foi direcionada para uma temática geral: Política Nacional. Ainda que a maioria dos artigos tenha abordado questões sobre cultura, biomassa, MST etc, no fundo a crítica foi política, a cobrança foi direcionada a autoridades governamentais que, segundo Felisberto, sofriam de profunda falta de consciência energética e nacional. Assim, o critério geral valeu para a análise do discurso do sociólogo, ou seja, os artigos foram alocados em função da temática considerada predominante.

Tal determinação se justifica logo no seu primeiro artigo veiculado nas páginas de *Caros Amigos*, em outubro de 1997, intitulado “Alienação energética”, no qual afirmou que

“nós somos a maior nação tropical do planeta, mas continuamos burros e alienados em relação ao nosso patrimônio telúrico”. Tirou suas conclusões com base nas pesquisas do físico Bautista Vidal, mentor do Proálcool no início do governo Geisel e um gênio, de acordo com sua concepção. Apesar de tratar da questão energética, o teor político do texto logo se evidenciou, como atesta o fragmento seguinte:

(...) Estamos navegando em Aids mental. A análise psicoenergética de Bautista Vidal é a crítica completa ao Plano Real de FHC, talvez seja inclusive a melhor estratégia emocional e ideológica a ser utilizada para derrotá-lo nas eleições de 1998. A fraude do papel pintado.

O objetivo do Plano Real não foi o de estabilizar a moeda, mas sim o de entregar a nova energia do trópico ao colonialismo imperialista, depois do petróleo extinto no mundo. Para Bautista Vidal, a essência de FHC é a irreabilidade da pátria sem patrimônio, o dinheiro nos cinco dedos da mão, o símbolo falso da riqueza.<sup>257</sup>

Está clara a crítica política e a oposição ao governo FHC. Mesmo que a moção para a análise tenha sido a energia dos trópicos, a determinação do futuro desse potencial estaria inteiramente ligada às imposições políticas. É nisso que se prende o discurso de Gilberto Felisberto, e tal evidência não pode ser ocultada. O fato é que a vertente dos textos do sociólogo se mantiveram nesse sentido, com raras exceções, o que configurou seu papel de crítico energético-político do mensário, classificação um pouco forçada, posto que também levantou outras bandeiras na publicação. Por exemplo, alinhou-se nas fileiras do nacionalismo e do trabalhismo, porém, tal postura não anulou seu empenho político-energético, já que, para além de examinar a questão energética e suas implicações políticas, foi nacionalista no sentido de proteger as riquezas naturais do país, a biomassa, e combateu a interferência do capital, interesse e tecnologia internacionais nos postos de trabalho da população brasileira, seja no campo ou na cidade.

Gilberto Felisberto Vasconcellos foi o mais freqüente colaborador de *Caros Amigos* dentro do período em questão, com 170 artigos contabilizados, bem à frente do segundo em participações que foi Mylton Severiano, com 118 trabalhos. Tal montante se deve ao fato de que Gilberto Felisberto manteve duas colunas mensais, o que praticamente dobrou sua participação com relação aos outros articulistas. Sua seção mais duradoura foi a “Ocaso do milênio”, iniciada na décima edição da revista, que teve seu título mudado para “O caso do milênio”, a partir de janeiro de 2001, por conta de uma revolta pessoal do sociólogo que se indignou com a recusa por parte do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) em ceder uma bolsa a ele, sob a justificativa de que o requerente não cumpria

---

<sup>257</sup> *Caros Amigos*, nº 7, p. 9, out. 1997.

com as exigências curriculares mínimas exigidas pelo conselho. Ademais, o CNPq alegou que Gilberto Felisberto não comparecia com produção relevante de livros e artigos, a não ser na categoria de ensaios e/ou textos de jornais e revistas, o que não o qualificava como merecedor da bolsa na área pretendida. Esta avaliação revoltou o articulista que respondeu ao parecer com acidez, e levou a discussão até mesmo a patamares superiores, como os ideológicos e políticos.

(...) Esse parecer medíocre é contra o ensaio e supostamente a favor da monografia. Esta é que tem valor sociológico, enquanto ensaio é coisa de porra-louca, devaneio, chute, exercício estetizante, curtição de quem gosta de escrever. Aliás, foi essa dicotomia, inscrita no curso de Ciências Sociais, que gerou o tucanismo no poder com FHC, de modo que o parecer do CNPq é de perfil tucano, portanto eu sou censurado por motivos ideológicos. Caça às bruxas. Assassinato intelectual. Vai baixar noutra terreno, exu!<sup>258</sup>

Mais à frente lembrou que os melhores livros de sociologia do Brasil foram ensaios sociológicos escritos por Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Sergio Buarque de Hollanda, Oliveira Vianna, Darcy Ribeiro etc, e completou: “Eu desconfio que o brizolismo é abominado pelo conselho julgador”.<sup>259</sup> Aí mais um ponto que confirmou o nome do sociólogo no quadro de colaboradores do mensário, pois não se enquadrava nos requisitos burocráticos de grande parte da intelectualidade nacional, que vive de currículos inchados e dezenas de publicações que não se tornam referência. Gilberto Felisberto é um ensaísta e não se envergonha de ter grande parte de seus livros publicados nesse segmento, pois nesse caminho pôde fazer análises, observações da sociedade de maneira livre, expor suas idéias e tirar conclusões com base em exames pormenorizados de conjunturas, sem abrir mão de leituras e pesquisas acadêmicas. Foi exatamente isso que fez durante toda sua contribuição em *Caros Amigos*: foi um ensaísta.

É nesse sentido que importa, aqui, avaliar a participação do sociólogo, o que impele a deixar de lado sua segunda seção, o “Pequeno folhetim do folclore”, que teve início na edição nº 70, espaço no qual mergulhou nas raízes da cultura brasileira e fez avaliações sobre a qualidade dos programas televisivos atuais. No entanto, o assunto que mais enfatizou na coluna, foi a obra de Luis da Câmara Cascudo e seus estudos sobre a cultura popular, o que transformou o “Pequeno folhetim do folclore” numa fonte interessante para o estudo do pensamento de Câmara Cascudo. Apesar da qualidade cultural da seção e de sua contribuição para a história das idéias no Brasil, a presente pesquisa tem outros objetivos, o que obrigou a atender exclusivamente para “O caso do milênio”, espaço dedicado a questões ligadas à

<sup>258</sup> *Caros Amigos*, nº 46, p. 21, jan. 2001.

<sup>259</sup> Idem.

política e à sociedade brasileira. A tabela abaixo indica os principais temas abordados na seção.

**Tabela 13: levantamento temático – O caso do milênio (Gilberto Felisberto Vasconcellos)**

Temas	Quantidade
Política Nacional	82
Cultura	18
Crítica social	13
Imprensa	5
Política Internacional	2
Neoliberalismo/globalização <sup>260</sup>	1
América Latina	1
Esportes	1

Observa-se a quantidade expressiva de aparições do tema Política Nacional com relação aos outros, o que, no entanto, não configurou Gilberto Felisberto como um analista político da revista, cargo ocupado, como já mencionado, por outros articulistas. Trata-se de perceber que, apesar do montante considerável do tema, o sociólogo não se dedicou de fato ao mundo da política, tecendo comentários sobre os acontecimentos da capital federal, das resoluções da Câmara ou do Senado. Na verdade, usou a política como meio para discutir os subtemas que mais lhe interessavam, como biomassa, as atuações políticas de Brizola, Getúlio Vargas e Jango, a arte engajada de Glauber Rocha e a produção de Darcy Ribeiro nos campos acadêmico e político, o que, no limite, configurou sua propensão a tratar, num aspecto geral, do nacionalismo, cujos maiores representantes nacionais, em sua opinião, foram justamente os nomes acima.

Outras publicações marcaram essa tendência do sociólogo, assim como contribuições em outros meios de comunicação.<sup>261</sup> Valeu-se da definição de Câmara Cascudo sobre *jangada* – “três traves atadas entre si” - para expressar seu entendimento sobre figuras marcantes do nacionalismo brasileiro, isto é, Getúlio, Jango e Brizola seriam, de acordo com sua avaliação,

<sup>260</sup> Apesar de aparecer uma vez no quadro geral, o tema está diluído em grande parte dos artigos de Gilberto Felisberto, visto que sempre critica o neoliberalismo, as multinacionais e a interferência da cultura estrangeira.

<sup>261</sup> Suas análises sobre nacionalismo não se restringiram às páginas de *Caros Amigos*. As últimas publicações de Gilberto Felisberto versaram sobre essa questão, entre as quais destacam-se: *Poder dos Trópicos*, em co-autoria com Bautista Vidal; *O príncipe da moeda*; *A Salvação da Lavoura*; *A jangada do sul* e *Depois de Leonel Brizola*.

as bases históricas da defesa da *res* pública e das riquezas da nação.<sup>262</sup> Gilberto Felisberto evidenciou sua tendência ideológica de esquerda, e até mesmo sua preferência política, ao defender muitas vezes os ideais do PDT (Partido Democrático Trabalhista), partido que tem como símbolos assumidos Vargas, Jango e Brizola. Isso não significa, porém, que o sociólogo coadunou com todos os representantes do PDT, mas viu no partido uma história trabalhista de valor. Para atestar seu não alinhamento total às diretrizes do partido, em 2006, durante a Executiva Nacional do PDT, para escolher o candidato à presidência da República, Gilberto Felisberto não seguiu a maioria que se dividia entre Cristóvam Buarque e Jefferson Peres, mas deu total apoio a Bautista Vidal. Claro que não foi sua ligação ao PDT que determinou sua postura de esquerda, mas sim seu posicionamento pessoal, as idéias que defende e sua oposição à direita nacional. Essa liberdade de expressar suas tendências partidárias e políticas ligadas ao PDT, posição não compartilhada pela grande maioria dos articulistas de *Caros Amigos* e nem pelo editor, expressou que o mensário não interveio nas opções particulares de seus colaboradores e não definiu uma linhagem partidária que deveria ser seguida, o que indicou certa diversidade de posições dos articulistas.

Contudo, isso não indica que Felisberto defendeu a esquerda de forma incontestada. Não. Antes mesmo de ingressar em *Caros Amigos*, já matizava seu posicionamento à esquerda e observava com cuidado as movimentações do PT. Em sua leitura, desde as eleições de 1994, PT e PSDB eram contrários idênticos, representantes da mesma coisa em posições diferentes. Para Gilberto Felisberto, “não há nenhuma contradição antagônica entre FHC e Lula”,

Não obstante as diferenças – mais aparentes do que essenciais – Lula e FHC são irmãos siameses de um mesmo modo de vida urbano-industrial, as mesmas festas, os mesmos palanques, os mesmos regabofes na Paulicéia. A diferença entre os dois reside apenas num aspecto secundário: a formação profissional. FHC é a universidade; Lula o sindicato. Essa diferença no entanto torna-se irrelevante mesmo antes de 1978, pois a disputa eleitoral de 1994 entre FHC e Lula pode ser analisada como um subproduto do curso de ciências sociais da USP, ou seja, é a teoria de autoritarismo de FHC versus a teoria do populismo de Francisco Weffort.<sup>263</sup>

Vê-se, pois, seu não alinhamento político ao PT e a Lula. Pelo contrário, analisou com reservas o que se tornou o PT pós-ditadura. Gilberto Felisberto tendeu mais a ver semelhanças do que diferenças entre os partidos de Lula e FHC, o que justificou seu alinhamento ao PDT que, de acordo com sua conclusão, tem o fadário de “elaborar intelectualmente a crítica mais

<sup>262</sup> Ver VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Jangada do Sul: Getúlio, Jango e Brizola*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

<sup>263</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O príncipe da moeda*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997, p. 197-198.

consistente ao que tem sido o papel do PT e de Lula na sociedade brasileira”.<sup>264</sup> No entanto, se tomados seus escritos em *Caros Amigos*, há de se notar certa benevolência com o PT, pelo menos até 2003, quando Lula ainda não tinha conquistado a presidência nacional. Talvez isso se explique pela vertente editorial do mensário, declaradamente de esquerda e, até aquele momento, empenhou-se em defender uma candidatura de esquerda, com vistas à não continuação da direita no poder.

**Tabela 14: artigos pró e contra PSDB/PT – Gilberto Felisberto Vanconcellos**

	Até dez. 2002	A partir 2003	Total
<b>Contra PSDB/FHC</b>	46	29	75
<b>Contra PT/Lula</b>	6	29	35
<b>Pró PSDB/FHC</b>	-----	-----	-----
<b>Pró PT/Lula</b>	3	-----	3

Percebe-se, então, que até dezembro de 2002, os textos do sociólogo seguiram as diretrizes gerais da revista, pois marcaram grande oposição ao governo FHC, enquanto fizeram apenas seis críticas ao PT, o que não condiz com a real visão de Gilberto Felisberto, que desde 1994, como atestaram seus livros, não viu grandes avanços no Partido dos Trabalhadores. Soma-se a isso, ainda, dois artigos que elogiaram o PT/Lula, o que, porém, não significou submissão do colaborador a imposições editoriais, visto que foi pequeno o número de elogios; ademais, os articulistas de *Caros Amigos* sempre tiveram liberdade para escrever. Sem mencionar que, a partir do início do governo Lula, Gilberto Felisberto não veiculou mais nenhuma contribuição que indicasse qualquer tipo de apoio ao Partido dos Trabalhadores. Isso levar a crer que o montante elevado de críticas ao PSDB, num primeiro momento, se deveu às diretrizes pessoais do sociólogo. Quanto à maior paciência com o PT, pode-se imaginar respeito à postura editorial de *Caros Amigos*, o que, ainda assim, não configurou qualquer tipo de pressão sobre suas colaborações.

No caso de Gilberto, ainda, há de se matizar esses dois “elogios” ao PT, pois aconteceram de formas peculiares. O primeiro, na 17ª edição, fez um elogio muito discreto a Lula, no limite, tal fato se deveu a certa ligação de Brizola com Lula, ou seja, o agente da aprovação era mais o primeiro que o segundo que, por sua vez, recebeu por tabela a admiração do autor. O segundo, que aconteceu em outubro de 2002, edição nº 67, foi resultado de eliminação por afinidade, pois, diante do evidente resultado do primeiro turno

<sup>264</sup> VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Depois de Leonel Brizola*. São Paulo: Caros Amigos Editora, 2008, p. 13.

das eleições presidenciais, Gilberto Felisberto preferiu Lula a José Serra. Mas na verdade, queria ver Ciro Gomes no segundo turno disputando com Lula, com até certa preferência ao primeiro.<sup>265</sup> Mesmo que Lula não fosse seu candidato, para o sociólogo o que importava era que a “fernandácea” não continuasse com “Joseph Serra”, termos do próprio Gilberto.

O que mais incomodou o articulista foi o que ele chamou de “esquemão sórdido do capital-vídeo-financeiro”, termo composto que habitou a maioria de seus artigos na revista. Nas palavras de Gilberto Felisberto,

O capital videofinanceiro é a junção do banco com a mídia. Há um entrosamento entre os dois, sendo que no Brasil o vídeo estrutura o capitalismo bancário, no seguinte sentido: a televisão é um órgão, é uma ponta-de-lança do capital financeiro, dos interesses internacionais. Então, nós estamos vivendo num país específico, pois em todo lugar você tem a televisão e o banco. Mas, no Brasil, o peso do vídeo é absolutamente determinante. Por quê? Porque somos uma sociedade ágrafa, ou seja, a população não conhece as Letras, e todo mundo vê televisão. De modo que a televisão é um agente que está na infraestrutura econômica. Não é mais aquela superestrutura ideológica que se pensava antigamente. Não. A televisão é um componente fundamental do processo político. A televisão faz o Estado; a televisão determina o rumo da consciência. A televisão determina a atitude da nossa vida. Isso tudo está estruturado nessa fusão com o banco, com o capital financeiro, sobretudo o internacional, que é quem banca a mídia.<sup>266</sup>

Nesses sentido, justificou sua oposição à candidatura Serra, em 2002:

De Collor a FHC, vingou o esquemão sórdido do capitalismo videofinanceiro, o qual persiste com a candidatura de Joseph Serra, mas acrescido de outro dispositivo: a toga do Tribunal Superior Eleitoral. Esse desfrutável estamento burocrático agiu durante o primeiro turno em estreita sintonia com Gugu Liberato, o Lênin de Joseph Serra, ganhando todos os direitos de resposta contra o desatinado, o porralouca, falastrão e machista Ciro Gomes. Tal imagem colou respaldada pelo TSE como árbitro jurídico, o que dá margem a supor que a falsífica urna eletrônica não é uma paranóia urdida pela cabeça de Leonel Brizola.

(...) E quem garante que a chegada de Joseph Serra no segundo turno já não é um dispositivo fraudulento? Luta de classes existe. Os juristas são comensais do banquete tucano. Banquete opíparo, aliás. FHC e Nelson Jobim transam a mesma praia. Posando para fotografia de calção (...).<sup>267</sup>

A oposição ao PSDB continuou (continua) firme por todo período pesquisado. Mas a já discreta complacência com o PT, desapareceu. Com o início do mandato de Lula, em janeiro de 2003, sumiu o “apoio” de Gilberto Felisberto. Nenhum artigo, a partir daquele momento, defendeu o governo Lula, ao passo que se multiplicaram os de oposição e crítica. Das 47 edições publicadas entre janeiro de 2003 e dezembro de 2006, foram levantados o

<sup>265</sup> *Caros Amigos*, nº 67, p. 23, out. 2002.

<sup>266</sup> Gilberto Felisberto Vasconcellos em entrevista a Marcelo Salles. Disponível em [www.fazendomedia.com/novas/entrevista180106.htm](http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista180106.htm). Acesso em 12 dez. 2008.

<sup>267</sup> *Caros Amigos*, nº 67, p. 23, out. 2002.

total de 29 textos que de alguma maneira censuraram o mandato de Lula, isto é, 61,7% das contribuições de Gilberto Felisberto – na seção “O caso do milênio” – em *Caros Amigos* reprovaram o PT/Lula, o que ratificou a sua liberdade de opinar sobre o cenário político dentro do mensário. O sociólogo, na verdade, desde o começo se conteve frente à vitória do PT na corrida presidencial de 2002, como atestam suas palavras:

(...) É óbvio que a vitória de Lula não quer dizer que o proletariado esteja no poder, nem tampouco a centralidade da classe operária na política; todavia, em sua ascensão ao Palácio do Planalto inscreve-se o imperativo inadiável de preservar o valor de uso da produtividade capitalista, a qual não terá condições de vingar sem o fortalecimento do estado-nação contra a orgia financeira internacional.

E aqui entra em cena o espaço geográfico do trópico: um governo petista a favor do capital produtivo carece de descobrir urgentemente o alcance social da energia vegetal limpa e renovável, cuja abordagem científica surgiu com a escola da biomassa na seqüência do programa Proálcool durante a década de 70.

Na estrela do PT deve brilhar o axioma: sem soberania nacional não há cidadania social.

(...) Se porventura o governo Lula der as costas ao programa energético de emancipação popular e nacional dos trópicos, lamentavelmente não se diferenciará do figurino tucano, portanto será condenado pelo tribunal da história através da fórmula “petucana”.<sup>268</sup>

Esse último neologismo seria repetidamente utilizado a partir daquele momento. Ainda que soubesse dos problemas enormes que o governo teria que enfrentar diante do “abacaxi” – termo de Gilberto - deixado pelo mandato anterior, o sociólogo não perdoou a falta de zelo do governo com a questão energética e seu subsequente alinhamento à política econômica proveniente de FHC. Ridicularizou a linguagem tucana adotada pelos petistas, com palavras de ordem como “custo Brasil”, “flexibilização”, “superávit” etc, o que o levou a ver a continuação do governo peessedebista sob a égide da bandeira vermelha. Gilberto cobrou empenho do governo em denunciar os absurdos das privatizações sob a aprovação de FHC, pois isso seria o mínimo a se esperar de um governo de oposição e que se dizia de esquerda. Para ele, tal postura significou uma “atitude vaselina bilubilu”, o que consubstanciava cada vez mais o sincretismo petucano.<sup>269</sup>

O articulista sempre manteve idéia fixa sobre a questão energética, tanto que quando da criação do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), erguido pela dedicação de dissidentes do PT, asseverou que se o novo partido não levasse a sério a problemática da biomassa e da energia alternativa, não seria diferente do PSDB ou PT. Quanto ao último, aliás, Gilberto garantiu que Lula tinha sido a maior “brochada” do povo brasileiro e que teria atrasado o socialismo no país por mais de um século. Não economizou ofensas para exprimir toda a sua

<sup>268</sup> *Caros Amigos*, nº 68, p. 17, nov. 2002.

<sup>269</sup> *Caros Amigos*, nº 77, p. 21, ago. 2003.

decepção com o governo de esquerda do presidente, tanto que o chamou de lesão, letargo, indolente, apalermado, inativo, apático, empacado e letífero.<sup>270</sup> Lamentou-se por Brizola, que tanto se preparou, não ter chegado à presidência, enquanto “mediocridades como Collor, FHC e Lula” conseguiram. Ironizou até mesmo as campanhas do governo, ao dizer que o Fome Zero é baixo astral, que o negócio seria Fartura Mil.

Nada escapou à crítica contundente e irônica de Gilberto. Lembrou que o PT não cumpriu as promessas de campanha, adotou o discurso neoliberal, “passou a mão” na cabeça de FHC, uniu-se à TV Globo, enroscou-se nas entranhas da corrupção e perdoou a igreja católica. Por fim, chamou Lula de “príncipe da esmola” – enquanto FHC seria o “príncipe da moeda” -, que obscureceu o legado de verdadeiros trabalhistas e nacionalistas como Vargas, Jango, Darcy Ribeiro, Brizola e Glauber Rocha.<sup>271</sup> As eras FHC e Lula, segundo o sociólogo, não fizeram, senão, a mesma coisa, e resumiu o período com sarcasmo: “o agrobuzinifegacelula produz rango que dá câncer na era da modernização multinacional do latifúndio”. Noutros termos, inferiu que os mandatos de ambos favoreceram a entrada de multinacionais com seus produtos maléficis e sua ganância voraz, o que prejudicou a sociedade brasileira em função de uma patética sanidade econômica. Diante do quadro, Gilberto Felisberto concluiu: “o povo brasileiro só vai entrar na história do Brasil com o encontro jubiloso dos sem-terra e dos favelados”.<sup>272</sup>

Enfim, como se pôde perceber, o principal colaborador de *Caros Amigos*, pelo menos em termos de quantidade, tomou um caminho particular em seus escritos, o que possibilitou ver reabilitado o discurso realmente nacionalista em um periódico brasileiro de circulação nacional. Ao contrário da grande parte dos articulistas da revista que, pelo menos num primeiro momento, tenderam a apoiar o PT e a candidatura de Lula, Gilberto Felisberto desde o começo manteve sólida sua lógica político-partidária, que é a ligada à história de grandes nomes do PDT. Claro que sua postura ideológica está ligada à esquerda, o que, contudo, não o levou a alinhar-se às fileiras do PT, partido pelo qual manteve suspeitas desde o início da década de 1990. Mesmo com seu discurso em prol da sociedade, ficou claro que seu papel em *Caros Amigos* não foi o de crítico social e defensor dos movimentos sociais, função que coube a outros colaboradores, mas o de crítico assíduo das políticas energéticas praticadas no país, o que o levou a destacar o grande potencial natural do Brasil, alertando população e governo sobre a biomassa riquíssima do território nacional. Além disso, adotou a incumbência

---

<sup>270</sup> *Caros amigos*, nº 102, p. 35, set. 2005.

<sup>271</sup> *Caros Amigos*, nº 116, p. 38, nov. 2006.

<sup>272</sup> *Caros Amigos*, nº 117, p. 38, dez. 2006.

de divulgar o ideal nacionalista e trabalhista proveniente da era Vargas, o que fez de maneira repetitiva. Ao contrário do que se poderia imaginar, Gilberto não foi nem PT e muito menos PSDB. Foi PDT, mas sem fazer propaganda política em sua seção. Agiu conforme a conjuntura, para não ultrapassar as barreiras da história. Num primeiro momento, colocou-se contra o PSDB e manteve-se afastado das questões relativas ao PT, o que convinha à linha editorial de *Caros Amigos*. No entanto, com vista aos rumos do governo Lula, liberou suas críticas e expôs suas idéias políticas – mas não partidárias -, o que demonstrou a coerência do sociólogo, além de não macular sua imagem de professor universitário.

Percebe-se, assim, a diversidade de idéias que habitaram as páginas de *Caros Amigos* nos seus primeiros dez anos de existência, o que contrapõe a acusação de muitos analistas que julgaram o mensário partidário. Feito um levantamento dos assuntos abordados e do teor dos discursos internos aos artigos, percebe-se que a revista manteve, de fato, permanente compromisso de proteger as camadas mais pobres da população brasileira e de divulgar as reivindicações dos principais movimentos sociais do país. Tomou muitas vezes posição em discussões que abrangiam tanto o cenário nacional, como o internacional, mas sempre justificando suas escolhas e deixando bem claras suas posturas, o que não a deixou incorrer na falsa pretensão da imparcialidade. Com base nas principais seções e articulistas de *Caros Amigos*, é possível, agora, entender um pouco o papel dessa publicação no jornalismo e na história da imprensa brasileira, que é sem dúvida – e entre outros - o de revigorar o periodismo e o discurso alternativo nos meios de comunicação de massa no Brasil, sem contar o de estimular a prática de liberdade de expressão dos homens de imprensa, independente das diretrizes gerais do meio, seja ele impresso ou eletrônico.

## **CAPÍTULO IV – Jornalismo, política, publicidade**

### ***EDITORIAL DE CAROS AMIGOS: MAIS APRESENTAÇÃO, MENOS OPINIÃO***

Classificou-se de editorial o comentário inicial, publicado em todo número de *Caros Amigos*, por se tratar de espaço reservado às palavras do editor, além de alocado em posição idêntica à escolhida pelas revistas nacionais de grande circulação. No entanto, há uma ressalva a fazer: em *Caros Amigos*, o editorial não expressou a opinião do mensário, como é de costume no periodismo brasileiro, mas se prestou, principalmente, a realizar a apresentação do conteúdo veiculado nas páginas da revista, além de trazer informações sobre o percurso do veículo: datas comemorativas; prêmios recebidos; publicações especiais; entrada de novos colaboradores e saídas de outros. Isto não significa, porém, que Sergio de Souza tenha se absterido de opinar e esclarecer o posicionamento do mensário quando julgou que *Caros Amigos* deveria colocar-se frente à cena política nacional ou internacional.

Trata-se de perceber que o teor opinativo não foi freqüente, o que denotou uma diferença profunda entre *Caros Amigos* e os periódicos de grande circulação nacional, pois, enquanto na grande maioria das revistas e jornais a página editorial se presta a veicular a opinião do veículo e preenche o restante do espaço com informações, em *Caros Amigos* aconteceu o inverso: a página editorial teve a função de apresentar o conteúdo do mensário, ao passo que a opinião propriamente dita coube aos articulistas que ocuparam o interior da publicação. O mensário trilhou caminho diverso nesse sentido e deu maior liberdade e responsabilidade aos colaboradores que, de fato, deram o tom e expressaram a alma da revista. Num contexto em que o jornalismo esteve (está) mais empenhado em informar, *Caros Amigos* cumpriu outro papel, mais preocupada em externar opinião e realizar análises mais profundas.

Numa atitude particularizada, retirou o peso opinativo de seu espaço editorial e distribuiu por toda a publicação o parecer de seus colaboradores. O mensário não se destacou por exercer função informativa, mas sim de discussão e debate de temas sociais e políticos, com um viés claramente de esquerda, o que evidenciou o papel do editor na publicação, que não foi o de assumir sozinho posição política e ideológica, mas de conduzir os trabalhos e organizar o conteúdo enviado pelos autores. Nesse caminho, sua função destacou-se por inaugurar novo método de fazer revista, que se aproximou em certos pontos dos alternativos dos anos 1970, mas trouxe características inovadoras dentro do contexto neoliberal: desenvolveu um tipo de jornalismo comercial sem abrir mão da crítica, uma publicação de autores e opiniões livres, com conteúdo mais pesado e menos informação, o que retirou a obrigação da página editorial em expor opinião. Claro que Sergio de Souza foi quem forneceu

a primeira imagem de *Caros Amigos*, quando nos primeiros editoriais, a partir de abril de 1997, explicou o papel que buscava cumprir o mensário, deixando claro que seria uma publicação crítica e de esquerda, mas isso não se concretizou, com o tempo, sob o peso das linhas editoriais, mas sim à sombra dos artigos, seções e colunas distribuídos internamente na revista. Foi na contundência dos colaboradores que *Caros Amigos* marcou posição na imprensa nacional, pois estes tiveram a liberdade de expor suas idéias e críticas a despeito da conhecida tendência do mensário.

Ficou evidente que o padrão das colaborações não fugiu muito à posição de esquerda, o que atestou certa coerência no conteúdo da publicação, mas isso se deveu, claramente, mais a ideologias pessoais dos colaboradores do que a intervenções editoriais de Sergio de Souza. É obvio que na escolha dos colaboradores há preferências particulares e ideológicas do editor, o que é comum em qualquer meio de comunicação, tanto que a grande maioria dos autores de *Caros Amigos* é declaradamente de esquerda, assim como um periódico classificado como de direita não teria muitos esquerdistas em seus quadros profissionais - pelo menos não em seus espaços opinativos. Se os tivessem, como já ficou expresso em vários estudos, teriam que se adequar à linha editorial do meio, sob a pena de perder espaço na grande imprensa. Muito disso se deve, na grande imprensa, exatamente ao fato do crescimento do papel informativo dos periódicos, o que poda a intenção opinativa dos jornalistas, tendência não encontrada em *Caros Amigos*, já que ela não se presta a funcionar como fonte de informações rápidas, mas sim de análises, debates e opiniões. Desta maneira, Sergio de Souza não precisava intervir diretamente nos textos, pois o peso de suas atitudes já tinha sido marcado anteriormente, na escolha dos articulistas que se alinhavam ideologicamente à revista.

É mister, portanto, entender que, em *Caros Amigos*, o tom dos editoriais destoou do peso dos artigos internos, o que justificou a postura menos incisiva de Sergio de Souza. É evidente, por exemplo, que foi possível retirar posicionamentos políticos e ideológicos de comentários sobre intelectuais, livros, colaboradores ou prêmios, mas isto não desarticulou o padrão editorial que, na maioria das vezes, se limitou a apresentar mensalmente os assuntos da publicação. Assim, dos 117 editoriais publicados no período em estudo, apenas 40 expressaram realmente algum posicionamento sobre fatos políticos do dia-a-dia nacional ou internacional, isto é, mais da metade desse espaço especial do editor se reservou a outras considerações. Destaca-se, ainda, que somente dois editoriais não foram escritos por Sergio de Souza, entre abril de 1997 e dezembro de 2006: o do número 34, ocupado por um trecho do livro *De pernas pro ar*, de Eduardo Galeano; e a edição 39, que trouxe depoimento apaixonado de um jornalista argentino em prol da revista.

Com relação aos editoriais que expressaram opinião mais direta e que citaram nomes de políticos, partidos ou de movimentos sociais, cabem algumas observações, ainda que sejam espaços menos políticos. Primeiramente, dentre os 40 elencados como editoriais de opinião, é importante marcar que não se caracterizaram por aprofundar debates, nem seguiram o padrão comum de editoriais da grande imprensa, mas expuseram a opinião rápida e objetiva do editor, introduzindo assuntos que foram analisados com maior ênfase pelos colaboradores. Foram nesses momentos específicos, em que Sergio de Souza explicitou sua visão pessoal do cenário político-social brasileiro, que foi possível elencar os editoriais opinativos, pois estes demonstraram grande diferença com relação ao padrão encontrado na maioria das edições da revista. Tal excepcionalidade se deu em momentos-chave do cenário nacional, quando se viu obrigado a opinar, períodos em que acontecimentos políticos e/ou ideológicos se tornaram mais calorosos, como nas eleições e nas denúncias de corrupção contra o governo Lula, pois, respectivamente, decidiu atacar os partidos entendidos como da direita e, também, rebater acusações generalizadas contra a esquerda, já que, no que se relaciona ao escândalo do mensalão, o oportunismo dos partidos da oposição tendeu a desmoralizar todo e qualquer indivíduo, político ou militante ligado à esquerda nacional. Por exemplo, os editoriais de *Caros Amigos* não esconderam, em algumas oportunidades, que gostariam de ver Lula presidente e o PT vencedor em muitos Estados e municípios, assim como explanaram verdadeira aversão à direita nacional, em particular aos representantes do PSDB e PFL (DEM).

Sergio de Souza não hesitou, em algumas oportunidades, em concordar com opiniões expressas por articulistas e entrevistados quando estas atacaram com acidez o sistema neoliberal e os governos FHC. Ainda que não manifestasse posições tão contundentes quanto as dos colaboradores, ficou claro, nos editoriais que fizeram observações de cunho político, que Sergio de Souza e a revista se posicionaram contra a administração federal de FHC/PSDB, enquanto, por outro lado, felicitaram as conquistas do PT, especialmente antes da vitória de Lula em 2003. A partir desta data, o editorial se mostrou mais cuidadoso, pois, dali por diante, o executivo federal estava nas mãos da esquerda, não mais bastava trabalhar no sentido de denegrir a imagem dos partidos tidos como da direita, mas seria necessário avaliar o governo de Lula de maneira crítica. Desta forma, ainda que as preferências ideológicas do mensário tendessem a ver o PT como símbolo da vitória da esquerda, era preciso ter cautela e discernir sobre o governo com o mesmo espírito empregado contra FHC.

Antes, porém, de 2003, era mais claro o alinhamento de *Caros Amigos* no sentido de entender o PT como o melhor partido para assumir diversos cargos no cenário nacional, o que

não significa que nesse período não foram encontradas diversas críticas ao partido. Não se tratava de engajamento político pró-PT, mas de discursos ideológicos que aproximavam a opinião da revista e do partido, especialmente quanto à avaliação do governo FHC. Contudo, não se exclui o fato de que *Caros Amigos* tenha se manifestado euforicamente em momentos específicos, como, por exemplo, em novembro de 2000, quando Sergio de Souza destacou o crescimento do PT junto ao eleitorado e as muitas vitórias dos partidos de esquerda nas eleições municipais daquele ano. Ademais, não poupou elogios à história sofrida de Lula e ao seu combativo papel na liderança do PT por mais de vinte anos.

A biografia oficial de Lula é de causar inveja àqueles que de uma hora para outra descobriram a importância de ter “cheiro de povo” num mundo cada vez mais dificultoso para os dissimuladores, cada vez mais hostil para os que tentam falar em nome desse povo sem nem de longe conhecer-lhe o cheiro.

Biografia de causar inveja, por um lado, e espanto, por outro: filho de pai estivador, o menino de Garanhuns vem aos cinco anos de Pernambuco para São Paulo em caminhão pau-de-arara, aos sete é vendedor de amendoim, tapioca e laranja nas ruas de Santos, é engraxate, tintureiro e depois auxiliar de escritório, por fim formando-se torneiro-mecânico. Como diz o outro, “quer mais?”, em se tratando de um político que fundou o partido que aos vinte anos de existência acaba de se tornar o mais expressivo do país, um político que deve se candidatar à presidência da República com um cacife de 30 por cento do eleitorado!

Por tudo isso, e principalmente pela tão inédita como sintomática vitória dos partidos de esquerda (o dele à frente) nas eleições municipais deste ano, *Caros Amigos* entrevista pela primeira vez um líder partidário, o fundador e presidente do Partido dos Trabalhadores, nossa capa desta edição de novembro.<sup>273</sup>

Ficou evidente o teor político nas palavras de Sergio de Souza. O editor engrandeceu a história de Lula e chamou a atenção para o crescimento dos partidos de esquerda com certa satisfação. Por outro lado, não se pode afirmar que *Caros Amigos* fez campanha a favor do PT e seus candidatos, pois não foram encontradas matérias em grande quantidade que se vinculasse a essa ou aquela candidatura. Pelo contrário, a revista manteve seu papel de crítica da cena nacional de forma coerente, ainda que nunca tenha escondido sua linhagem ideológica, o que em determinadas ocasiões expôs de maneira mais aberta a preferência da publicação pelos partidos alinhados à esquerda, como no caso do editorial acima.

Nessas ocasiões, os editoriais se restringiram a apontar os caminhos que o mensário acreditava ser o melhor para a sociedade brasileira que, naquela oportunidade, era a eleição de candidatos de esquerda. Isso configurou, certamente, engajamento editorial de *Caros Amigos*, pois se alinhou à esquerda, enquanto manteve posição dura contra os partidos considerados da ala direita. No entanto, é preciso matizar esse engajamento, pois não se tratou de apoio deliberado a determinado partido, mas sim de defesa de suas preferências ideológicas. Mesmo

<sup>273</sup> *Caros Amigos*, nº 44, nov. 2000. (editorial)

quando se mostrou favorável à eleição de Lula, Sergio de Souza não fez loas seqüenciais à candidatura, mas explicou que nela poderia residir a esperada transformação política e social do país. Trata-se, assim, de levar em consideração todo o conteúdo da revista apreciado nas 117 edições para fazer qualquer menção a seu editorial, o que pode matizar as conclusões subseqüentes. Nesse sentido, pode-se afirmar que Sergio de Souza assumiu posição e tendeu a defender o PT e Lula quando comentou as eleições, fossem elas municipais, estaduais ou federais, assim como se mostrou bem mais comedido que toda a grande imprensa quando tratou do mensalão, mas isso não estabeleceu uma linha editorial forçada para os colaboradores mensais, pois estes gozaram de plena liberdade de expressão pré e pós-vitória de Lula para presidente. Tanto isso é real que, mais à frente, se verá como a oposição ao presidente petista cresceu muito na revista após 2003.

Antes, porém, *Caros Amigos*, no editorial de outubro de 2002, veiculou atitude mais clara de Sergio de Souza quanto as suas opções, como atestam suas palavras:

Quando esta edição estiver chegando às bancas, talvez Lula esteja eleito. Se não, estará indo para o segundo turno com Serra, é o que indicam as pesquisas. Neste caso, não custa lembrar o acontecido no segundo turno das eleições de 1989, quando o PT estava também “com a mão na taça”. Collor, que acabaria sendo eleito – 35 milhões de votos contra 32 milhões de Lula -, não só contava com a cumplicidade da mídia grande (até apoio declarado de Roberto Marinho), como resolveu jogar mais pesado na reta final da campanha. Seus marqueteiros, que já vinham procurando exacerbar o estado de pânico das “elites” diante de um possível presidente “terrorista” que iria “implantar o comunismo no Brasil”, contrataram os serviços de uma antiga namorada de Lula para que ela “revelasse” na televisão que fora incitada pelo então namorado a fazer um aborto. O escândalo forjado atingiu em cheio a candidatura do PT. Em seguida, veio o último debate, na Globo, Lula x Collor, e o jornalismo da estação tratou de editá-lo como convinha a Roberto Marinho e às “elites”. Não era pouco, era muito, mas um último ato de sordidez estava por acontecer. Na véspera da votação em segundo turno é anunciado o cerco da polícia à casa onde está seqüestrado Abílio Diniz, o dono dos supermercados Pão de Açúcar. E, com todo o estardalhaço, mostrou-se na televisão, no dia da eleição, a libertação do empresário. Com o detalhe escabroso: certos seqüestradores estão com a camiseta do PT. Vestidas à força neles, soube-se depois.

Estamos fechando esta edição – por força do cronograma – faltando seis dias para o primeiro turno de uma eleição que pode alterar profundamente os rumos da história brasileira. pela primeira vez, um candidato à esquerda assumiria a presidência da República.

Hoje (30/9/2002), os jornais grandes trazem com destaque declaração não de Roberto Marinho, mas de George Soros: “O Brasil elegerá um presidente de quem os mercados financeiros não gostam”. É a matriz se pronunciando, sem intermediários. O que mais virá nos próximos dias, não se sabe. Sabe-se apenas que as “elites” são capazes de tudo nessas horas. Em compensação, sabe-se também que de vez em quando elas podem errar, principalmente porque não acreditam na sabedoria popular.<sup>274</sup>

<sup>274</sup> *Caros Amigos*, nº 67, out. 2002. (editorial)

Tais alertas configuraram quase um apelo do editor para que os leitores/eleitores não caíssem nas mesmas armadilhas passadas caso houvesse outro golpe. Ainda que não tenha pedido votos para Lula, trabalhou em prol da manutenção das intenções de votos, o que naquela ocasião significaria a vitória do petista, de acordo com as pesquisas divulgadas. Votar conscientemente seria votar sem se deixar manipular pela grande mídia, ou seja, manter os votos já decididos que as pesquisas demonstravam, dos quais a maioria seria para Lula. Não se pode esconder, portanto, que *Caros Amigos* assumiu posição, mesmo que de forma moderada, na eleição, isto porque é o editorial que indica a postura de um periódico, o que vale também para o mensário em questão, a despeito da opinião livre de seus colaboradores. Da mesma maneira que a grande imprensa não se declara abertamente a favor ou contra candidaturas – apesar de haver episódios isolados disso na história do Brasil<sup>275</sup> –, *Caros Amigos* pôs em prática o mesmo artifício. Assim como não é difícil discernir sobre quem a imprensa-empresa apóia, tem-se ciência de que *Caros Amigos* apoiou Lula nos momentos decisivos, pelo menos até 2003. Tal posicionamento, menos declarado, não se aproximou da atitude de *Carta Capital*, que abriu publicamente sua orientação político-partidária para que seu leitor consumisse as informações conscientemente, postura que parece mais honesta frente ao público. Por exemplo, o tom já mais moderado que relatou a vitória petista no editorial de novembro de 2002 de *Caros Amigos*, o que pode ser entendido como medida preventiva contra possíveis acusações de alinhamento partidário, não conseguiu esconder a satisfação de Sergio de Souza por ver a esquerda no poder. Como ele mesmo afirmou, “o cheiro do povo já era um bom começo”.<sup>276</sup>

No levantamento total dos editoriais de *Caros Amigos* no período estudado, 13 criticaram abertamente o ex-presidente FHC e o PSDB, ao passo que não ocorreu nenhum que de fato se colocasse contra a administração federal de Lula. Além disso, 11 deles manifestaram apoio político ao petista. Trata-se de entender, então, que *Caros Amigos*, apesar de reservar a maioria do seu peso opinativo às páginas ocupadas por seus autores, também apresentou posicionamento político e ideológico nos editoriais, ainda que de forma circunstanciada. Em resumo, pode-se afirmar que não foram nos editoriais que a posição do mensário se compôs de fato, mas isso não significa que esse espaço se absteve de posicionar-se. Houve expressão política, mas não de forma regular e seqüencial. Enfim, o editorial se prestou mais a apresentar o conteúdo – ou os textos principais da edição – ao seu leitor, do que

---

<sup>275</sup> É preciso entender, também, que a posição política não declarada dos meios de comunicação não se trata de postura padronizada da mídia mundial. Por exemplo, nos EUA é comum que jornais e revistas declarem seus candidatos de preferência.

<sup>276</sup> *Caros Amigos*, nº 68, nov. 2002. (editorial)

externar e formar opinião geral da revista e de seu público, o que coube aos próprios colaboradores mensais.

### *PUBLICIDADE ESCASSA – O PESO DO PT*

Os especialistas na história da imprensa insistem no fato de a publicidade ter ganhado cada vez mais força como agente financiador dos veículos de comunicação, no Brasil e no mundo. Ana Luiza Martins chegou a sustentar que não há como separar a história da revista, da publicidade e da propaganda, pois elas se tornaram interdependentes com o passar do tempo.<sup>277</sup> Atualmente, esse peso não diminuiu, já que, segundo Eugenio Bucci, a publicidade chega a configurar 70% ou mais da receita de jornais e revistas no país, mesmo estes contando ainda com a venda em bancas e de assinaturas. Bucci expõe um traço preocupante, e que não se constitui em novidade, sobre a situação do jornalismo hodierno, que se encontra cada vez mais amarrado às vontades dos anunciantes. Ainda que o autor tente demonstrar que essa relação não é uma via de mão única, isto é, que tanto a imprensa depende da publicidade como esta da imprensa, não conseguiu negar que, no limite, são os anúncios que sustentam a imprensa, que pagam os salários dos jornalistas e funcionários e que mantêm os meios de comunicação economicamente viáveis.<sup>278</sup>

Numa avaliação mais dura, pode-se mesmo afirmar que chega a ser falta de respeito com os leitores a quantidade de anúncios encontrados em alguns periódicos, que ocupam mais de 50% do seu espaço interno com publicidade. F. Gimenes considerou tal situação como uma forma de lesar o consumidor, que paga por informações e notícias e leva um catálogo de serviços e produtos, que faz do jornalismo atual “a arte de escrever no verso de um anúncio publicitário”.<sup>279</sup> Em vista desse quadro, cabe perguntar como tem se dado a inserção de *Caros Amigos* no mercado editorial. Ao contrário da mídia convencional, que tem como principal fonte de receita os anúncios, *Caros Amigos* se mantém (manteve) contando bastante com a

<sup>277</sup> MARTINS, Ana Luiza. Revista, propaganda e publicidade: uma história de percursos integrados. In. ADAM, Antonio; HELLER, Bárbara; CARDOSO, Haydée (orgs.). *Mídia, cultura, comunicação*. 2. São Paulo: Arte & Ciência, 2003, p. 291-301.

<sup>278</sup> BUCCI, Eugenio. Arrogância, publicidade e jornalismo. *Observatório da Imprensa*, nº 160, 20 fev. 2002. Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Acesso em 30 mar. 2009.

<sup>279</sup> Ver [www.midiabasica.wordpress.com](http://www.midiabasica.wordpress.com). Acesso em 29 mar. 2009. Esta dependência da imprensa se torna mais grave quando se observa o caso das TVs abertas. Aí, não há vendas de assinaturas nem de exemplares em bancas de jornais, o que a faz dependente exclusivamente da publicidade. Todo o gasto financeiro desses meios de comunicação deve ser sustentado pelos anúncios que aparecem em suas programações. Não é à toa, portanto, que se levantem tantas suspeitas sobre a liberdade de atuação das mídias contemporâneas, já que elas se encontram “reféns” dos recursos publicitários. A Rede Globo, por exemplo, absorveu sozinha, em 2001, 53% de todo investimento em publicidade do país, o que demonstrou tanto seu poder financeiro quanto sua dependência com relação aos seus anunciantes. (Ver entrevista com Daniel Herz, disponível em <http://br.geocities.com/mcrosst11/oi026.htm>. Acesso em 29 mar. 2009).

venda em bancas e assinantes. Na verdade, há um equilíbrio que não se vê na grande imprensa, pois o mensário não teve muitos anunciantes nos seus dez primeiros anos. Trata-se de observar que suas receitas advêm, salvo pequenas alterações, da venda em bancas (35%), assinantes (30%) e publicidade (35%).<sup>280</sup> O número reduzido de publicidade muito se deve às características da publicação que, além de não ser muito chamativa graficamente, assumiu posição ideológica no campo da esquerda, o que afastou muitos potenciais anunciantes. Apesar da idéia geral de que a revista não seria um bom investimento para as empresas, pela tiragem pouco expressiva, fica claro que o fator ideológico pesou para a não veiculação de publicidade em *Caros Amigos*.

Foram, de fato, 1300 anúncios veiculados nas páginas do mensário nas suas 117 edições pesquisadas, o que revelou uma média de 11,1 anúncios por edição. Contudo, houve números com apenas duas propagandas veiculadas, outros com três e vários com apenas quatro, o que evidenciou a escassez de publicidade na revista e as dificuldades financeiras que enfrentou desde seu lançamento. Abaixo se pontuou a quantidade exata de anúncios anuais que apareceram no mensário.

**Tabela 15: publicidade anual de Caros Amigos**

<b>Ano</b>	<b>Quantidade</b>
1º (abr. 1997 a mar. 1998)	105
2º (abr. 1998 a mar. 1999)	102
3º (abr. 1999 a mar. 2000)	128
4º (abr. 2000 a mar. 2001)	197
5º (abr. 2001 a mar. 2002)	185
6º (abr. 2002 a mar. 2003)	141
7º (abr. 2003 a mar. 2004)	126
8º (abr. 2004 a mar. 2005)	127
9º (abr. 2005 a mar. 2006)	116
10º (abr. 2006 a dez. 2006)	73
<b>TOTAL</b>	<b>1300</b>

Fica clara a dificuldade da revista para atrair anunciantes, pois a média é muito baixa com relação a revistas da grande imprensa. A título de comparação, consultou-se aleatoriamente uma edição da *Veja*, de 29 de setembro de 2004, e chegou-se à quantidade de

<sup>280</sup> Informação do departamento de Controles e Processos da Editora Casa Amrela, via e-mail. (26/02/09)

50 anúncios. Ou seja, quase 50% do total encontrado nas páginas de *Caros Amigos* em um ano inteiro. E mais um ponto merece destaque: em *Veja*, grande parte dos anunciantes apareceram em páginas inteiras, duplas e coloridas, o que reverte em maior renda para o semanário, por se tratar de propagandas mais caras. Por fim, não foram contabilizados os anúncios de periódicos da própria Editora Abril, o que aumentaria a quantidade total de publicidade na referida edição. Por outro lado, na tabela acima, também estão inseridas as autopropagandas de *Caros Amigos* e da Editora Casa Amarela. Além disso, a maioria da publicidade do mensário era de dimensão pequena e em preto e branco. *Veja*, em uma única edição semanal, veiculou, somados os anúncios da Abril, em termos quantitativos, mais de 50% dos anúncios que *Caros Amigos* publicou em um ano. A desproporção seria muito maior se os valores financeiros fossem comparados.

São números surpreendentes e que revelaram as condições difíceis que os meios de comunicação alternativos enfrentam mesmo num regime democrático. Continuaram a sofrer o boicote de grandes empresas privadas e, muitas vezes, da publicidade oficial, quando esta advém de um mandato sob a administração de um político afiliado a um partido alinhado à direita. Já o inverso não se repete, comumente, se o partido no poder for da esquerda. Isso fica claro ao se observar a publicidade do governo federal, já que a própria *Veja* nunca perdeu recursos federais, mesmo após sua campanha engajada contra o mandato de Lula durante e após o chamado mensalão. Afinal, governos e empresas privadas não podem abrir mão da vitrine que é a revista da Editora Abril, com tiragem superior a 1 milhão de exemplares semanais. Observou-se, no entanto, que algumas empresas públicas federais retiraram seus anúncios das páginas de *Veja*, como a Petrobrás, mas esse não foi o procedimento padrão.<sup>281</sup> Instituições financeiras, como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, precisam ser rentáveis e não podem deixar de anunciar na principal revista semanal do país, situação diferente a da Petrobrás, que não mantém relação direta e individualizada com os cidadãos. Correios também sustentou anúncios em *Veja*, por se encaixar no mesmo caso dos bancos, é um prestador de serviços à população e depende de recursos advindos da sociedade em geral. Nesse sentido, não seria viável dispensar a visibilidade proporcionada pelo semanário.

A título de exemplo, foi levantado, por amostragem, anúncios de órgãos, empresas e instituições, ligados ao setor público, veiculados em *Veja*, com o intuito de revelar que, dependendo de sua tiragem, postura ideológica e montante de público leitor, o meio de

---

<sup>281</sup> Marcos Emilio Gomes (diretor de Cidades) e Rogério Gabriel Comprido (diretor de Marketing), da *Veja*, relataram, no curso Abril de jornalismo, em fevereiro de 2008, que a Petrobrás há mais de um ano não anunciava na revista, em função das denúncias feitas na esfera federal. Disponível em <http://cursoabril.abril.com.br>. Acesso em 23 abr. 2009.

comunicação consegue garantir seu sustento, pois se torna vitrine indispensável ao anunciante. No caso da revista semanal da Abril, foi pesquisado um exemplar de cada mês, relativos aos anos 2002, 2004 e 2006. Tais datas se justificam por se tratarem, respectivamente, do período em que FHC ainda era o presidente do Brasil, do governo Lula, antes das denúncias sobre o mensalão; e da fase pós-denúncias. Observou-se que, apesar da diminuição da publicidade federal, esta esteve presente em quase todas edições de *Veja*, como atesta a tabela abaixo.

**Tabela 16: amostragem de anúncios de instituições, órgãos e empresas públicas em *Veja*.**

ANO	Edição	Propaganda pública	Tamanho	Pg.
2002	1734 – 16 jan.	---	---	---
2002	1739 – 20 fev.	Min. Meio Ambiente – Gov. Federal	Dupla interna	Interna
2002	1742 – 13 mar.	Gov. Federal Gov. Federal	Inteira Dupla Interna	Interna Interna
2002	1747 – 17 abr.	Gov. Goiás (PSDB) Gov. MG (PMDB) Gov. Federal	Inteira Inteira Inteira	Interna Interna Interna
2002	1757 – 26 jun.	Gov. Goiás (PSDB) Gov. São Paulo (PSDB) Gov. Federal Correios - Federal	Inteira Inteira Inteira Inteira	Interna Interna Interna Interna
2002	1760 – 17 jul.	Petrobrás – Federal Banco do Brasil – Federal Banco do Brasil – Federal	4 inteiras Dupla inteira Inteira	Interna Interna Interna
2002	1765 – 21 ago.	Correios - Federal	Dupla inteira	Interna
2002	1770 – 25 set.	Nossa Caixa – São Paulo (PSDB) Correios – Federal Banco do Brasil - Federal	Inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna
2002	1775 – 30 out.	Governo Ceará (PSDB) Caixa Federal Correios – Federal Banco do Brasil – Federal	Inteira Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna Interna
2002	1778 – 20 nov.	Caixa Federal Caixa Federal Correios – Federal Caixa Federal Banco do Brasil – Federal Min. Educação – Federal	Dupla inteira Inteira Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna Interna Interna Interna
2002	1782 – 18 dez.	Governo Federal Correios - Federal	Inteira Inteira	Interna Interna
-----	-----	-----	-----	-----
2004	1837 – 21 jan.	Banco do Brasil – Federal	Inteira	3ª capa
2004	1842 – 25 fev.	---	---	---
2004	1847 – 31 mar.	Banco do Brasil – Federal Governo Bahia (PFL)	Inteira Inteira	Interna Interna

		Petrobrás – Federal	Inteira 4 inteiras inteira	4ª capa Interna Interna
2004	1851 – 28 abr.	Petrobrás – Federal Banco do Brasil - Federal	4 inteiras inteira	Interna Interna
2004	1855 – 26 mai.	Caixa Federal Min. Saúde - Federal	Inteira Inteira	Interna Interna
2004	1857 – 9 jun.	Banco do Brasil – Federal Min. Saúde – Federal Correios – federal Governo Bahia (PFL)	Dupla inteira Inteira Inteira Inteira	Interna Interna Interna Interna
2004	1864 – 28 jul.	Governo RJ (PMDB)	Inteira	Interna
2004	1867 – 18 ago.	---	---	---
2004	1872 – 22 set.	Banco do Brasil – Federal Governo Amazonas (PMDB)	Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna
2004	1876 – 20 out.	Banco do Brasil – Federal Governo MG (PSDB)	Inteira Inteira	Interna Interna
2004	1879 – 10 nov.	Petrobrás – federal Correios – Federal Banco do Brasil – Federal Caixa Federal	Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna Interna
2004	1882 – 1 dez.	Caixa Federal Correios – Federal Caixa Federal	Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna
-----	-----	-----	-----	-----
2006	1940 – 25 jan.	Banco do Brasil – Federal	Dupla inteira	Interna
2006	1943 – 15 fev.	----	---	----
2006	1949 – 29 mar.	Banco do Brasil – federal Governo Federal Banco do Brasil – federal	6 inteiras dupla inteira dupla inteira	Interna Interna Interna
2006	1950 – 5 abr.	Governo Federal Governo MG (PSDB) Governo federal Governo Federal	Inteira Dupla inteira Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna Interna Interna
2006	1958 – 31 mai.	Furnas – Federal	Dupla inteira	Interna
2006	1960 – 14 jun.	Governo Federal Furnas – federal	Dupla inteira Dupla inteira	Interna Interna
2006	1966 – 26 jul.	Banco do Brasil – federal	Dupla inteira	Interna
2006	1975 – 27 set.	---	---	---
2006	1976 – 4 out.	---	---	---
2006	1980 – 1 nov.	---	---	---
2006	1986 – 13 dez.	Banco do Brasil - Federal Correios – Federal Governo Federal	Dupla inteira Dupla inteira Inteira	Interna Interna Interna

A revista comandada pelos Civita alcançou uma dimensão tão grande no mercado editorial nacional que se encontra numa situação diferenciada. Ao contrário de muitas mídias,

*Veja* não depende da publicidade oficial, pois já conta com quantidade expressiva de anunciantes privados. Este é um caso limítrofe, e não muito comum, de um periódico que pode abrir mão de certa publicidade por saber que seu espaço utilizado para tal fim será preenchido por outras empresas e produtos. A revista depende menos do governo, do que este da visibilidade proporcionada pela revista aos projetos governamentais. De acordo com o citado anteriormente, isso ficou manifesto durante o caso mensalão, pois mesmo com o posicionamento contundente de *Veja*, que chegou a colocar em dúvida sua atuação no desenvolvimento de um jornalismo responsável dado as atitudes que tomou, os anúncios federais mantiveram-se.

Em periódicos de menor tiragem ou de tendência ideológica não alinhada a das grandes empresas, ao contrário do que acontece com o semanário da Abril, os recursos provenientes de anúncios do setor públicos são indispensáveis. *Caros Amigos* não foge a esse padrão. Ao se tomar a porcentagem que os recursos publicitários representam na receita do mensário (35%), seria possível admitir que *Caros Amigos* depende menos da publicidade do que periódicos que retiram 70% de suas finanças de anúncios, o que seria uma conclusão equivocada. Trata-se exatamente do inverso: em publicações que recebem poucas propagandas, a dependência face aos anunciantes aumenta, pois não conseguem substituí-los com facilidade. É uma situação que levanta dúvidas sobre o entendimento corrente da relação entre imprensa e publicidade, já que a grande quantidade de anunciantes poderia configurar, na verdade, maior autonomia de atuação, pois o periódico não estaria preso às demandas de apenas um ou alguns grupos. Na contrapartida, publicações com poucas propagandas, ainda que não tenham número expressivo de anunciantes para as pressionar, tornam-se mais dependentes deles. A pressão pode ser mais pesada exatamente por representar importante e escassa fonte de recursos para a publicação.

É uma questão que, obviamente, não vale para todos os casos, pois outros aspectos estão em jogo. Deve-se levar em conta o posicionamento do periódico, os jornalistas que escrevem, a história da publicação etc. Mas é, sem dúvida, uma questão a se considerar. No caso específico de *Caros Amigos*, esse questionamento coloca-se dado a escassez de anúncios em suas páginas e o montante considerável de propagandas de governos, empresas e instituições públicas que estiveram sob a administração do PT. Nos 117 números analisados, observou-se que foi freqüente a publicação de pequenos anúncios que não chegavam a ocupar 1/4 de página. Posteriormente, com base na tabela de valores para se anunciar no mensário, percebeu-se que não havia especificação para essas pequenas propagandas, o que levou a uma dúvida: seriam estes anúncios pagos? Se fossem, qual o valor e por que não apareciam na

tabela? Segundo o setor de processos da própria *Caros Amigos*, os pequenos anúncios eram, a sua grande maioria, de permutas, ou seja, não eram espaços pagos, mas cedidos mediante troca de serviços. Nesse sentido, não poderiam ser contabilizados como fonte de receita para o mensário. Wanderley Alves, um dos responsáveis pelo setor na Editora Casa Amarela, explicou que se tratavam de anúncios que não tinham (têm) procura.<sup>282</sup> No entanto, não se pode desprezá-los. Ainda que não tenham contribuído com a entrada de recursos financeiros, provavelmente prestaram importante função com relação à prestação de serviços, o que certamente fez diferença no balanço geral da publicação.

Não bastava, portanto, que cada edição estivesse recheada de anúncios (o que não é o caso aqui), se estes não se constituíssem em fonte de renda. Num levantamento pormenorizado, chegou-se a 307 pequenas propagandas (menores que 1/3 de página) veiculadas na revista, soma que representou 23,6% de toda a publicidade de *Caros Amigos*.<sup>283</sup> Também foram contabilizados os espaços destinados às autopropagandas do mensário e da Editora Casa Amarela, num total de 439 entradas – espaços que tampouco eram pagos. Ou seja, somada a publicidade pequena (permutas) com as autopropagandas, chega-se a 746 (57,3%) anúncios que não configuraram renda direta.<sup>284</sup> De fato, apenas 554 anúncios podem ser considerados como publicidade estrito senso, o que indica que a revista teve uma média de apenas 4,7 anúncios pagos por edição, resultado que expõe o problema financeiro que acomete *Caros Amigos* desde seu lançamento e evidencia a importância dos anunciantes que figuraram em suas edições.

Diante deste quadro, coloca-se a questão do papel do PT no financiamento da revista, já que seus principais anunciantes foram empresas, instituições e órgãos de governos administrados pelo partido. Nas 117 edições, encontraram-se 206 anúncios dessa natureza, ou seja, 15,8% de toda a publicidade veiculada. Contudo, se considerados apenas os anúncios pagos, a porcentagem passa a 37,1%, em termos numéricos, não financeiros. Isto é, quase metade das propagandas de *Caros Amigos* ligam-se ao Partido dos Trabalhadores. Não à toa, surgiram muitas acusações sobre o financiamento do PT à *Caros Amigos*, o que foi tomado como prova da falta de independência da publicação. Os ataques mais ácidos vieram do site Imprensa Marrom, encabeçado pelo jornalista Fernando Gouveia, que usava o pseudônimo

---

<sup>282</sup> Segundo Wanderley Alves em resposta ao autor, via e-mail. (07/05/2009).

<sup>283</sup> Na verdade, foram 371 entradas de pequenos anúncios, mas 64 deles se tratavam de propagandas da própria revista ou da editora Casa Amarela, o que entrou em outra categoria.

<sup>284</sup> Apesar de uma minoria das pequenas propagandas terem sido pagas, optou-se aqui por ignorá-las, primeiro porque não é possível determiná-las e segundo porque se objetivou expor uma média geral desses anúncios, uma visão mais clara e ampla do histórico de anúncios de *Caros Amigos*, o que não prejudicou o resultado, afinal é quase nula a receita desse tipo de anúncio.

Gravataí Merengue nos comentários do seu blog. O jornalista constantemente atacava a *Caros Amigos* e muitos de seus colaboradores, classificando-os de partidários e coniventes com os erros cometidos pelos governantes petistas. O blog contou com adeptos e opositores radicais, uns o louvavam, outros acusaram. O fato é que essa publicidade do PT em *Caros Amigos* levantou várias suspeitas sobre o espírito crítico da revista, como se vê no excerto abaixo:

A resposta de Sergio de Souza, falando em nome da revista *Caros Amigos*, não chega a ser exatamente cínica, mas mostra que a revista “lava as mãos” quando se trata de anúncios pagos com dinheiro público.

A *Caros Amigos* se propõe a falar somente de política. Mas todos (sim, TODOS) os seus anúncios são de gestões petistas.

Já pensaram se a *Quatro Rodas* só tivesse anúncios da Ford? Com que moral os articulistas de lá poderiam falar mal de um carro da Volks ou da Fiat? É o mesmo que acontece com a “Caros Amigos”. A revista, mantida com dinheiro público, contém somente anúncios de gestões petistas.

Vamos atentar para como funciona a sistemática de anúncios. De um lado está a revista que diz não ter culpa por apenas ter anúncios do PT. De outro, as administrações públicas, que anunciam em veículos de “grande circulação”, dentro do capital que lhes sobra para esse tipo de veiculação.

Mas como isso funciona? Vamos lá...

Há um cargo chamado Chefe de Publicidade (ou Coordenador, ou o raio-que-o-partá). Essa figura foi indicada pelo Secretário da pasta de Comunicação. Ou seja, é uma figura de lastro político. Pois bem.

Esse camaradinho é quem decide onde vão os anúncios, obedecendo a critérios TOTALMENTE PESSOAIS. É por essas e outras que a Prefeitura de São Paulo, por exemplo, prefere anunciar na *Caros Amigos* em vez de outra revista.

Não existe um critério científico, matemático, exato, estatístico. É na base da escolha arbitrária, ato totalmente discricionário.

O dinheiro é nosso, mas o poder de escolher onde ele será aplicado, ou seja, em que veículo será feito um anúncio, cabe a quem exerce o cargo político de “Chefe de Publicidade”.

Existem projetos para acabar com essa palhaçada. Pessoas sérias já tentaram implantar algumas formas mais isentas de anúncio nos veículos de grande circulação, mas em geral isso “não pega”.

Enquanto isso, temos que conviver com essas “coincidências”. As gestões petistas sustentam, com dinheiro público, a *Caros Amigos*, que por sua vez lava as mãos e acredita que tem moral para se considerar isenta.

Não é à toa que essa gente odeia tanto a iniciativa privada. Afinal, se não fosse a máquina estatal, a revista *Caros Amigos* já tinha ido para o brejo.<sup>285</sup>

Essa desconfiança se deve, sem dúvida, ao grande destaque desses anúncios, muito em função da falta de publicidade. Noutros termos, se não há anunciantes, os poucos que aparecem têm maior visibilidade, o que chamou a atenção para o peso do PT no orçamento do mensário. Se verificadas as propagandas pagas pelos governos petistas em outros periódicos, se perceberá que muitas publicações entendidas como da grande imprensa, receberam mais anúncios públicos de administrações do Partido dos Trabalhadores que a própria *Caros*

<sup>285</sup> GOUVEIA, Fernando. *O PT e a revista Caros Amigos*. Disponível em [www.impresamarron.com.br](http://www.impresamarron.com.br). Acesso em 21 dez. 2006.

*Amigos*. Ainda assim, é lícito colocar a questão, especialmente por conta do que foi dito anteriormente: a pouca publicidade deixa o veículo ainda mais dependente do anunciador. Nesse sentido, foi feito um levantamento dos anúncios ligados ao PT e calculada a real participação desse aporte financeiro na manutenção de *Caros Amigos*.

Primeiramente, foi importante levantar todos os anúncios governamentais veiculados no mensário, para ter uma idéia de eventuais diferenças das administrações comandadas pelo PT, o que resultou na seguinte tabela:

**Tabela 17: anúncios de empresas, instituições, órgãos e departamentos ligados ao poder executivo (com siglas partidárias)**

<b>Partidos</b>	<b>Antes de 2003</b>	<b>Depois de 2003</b>
<b>PT</b>	61	145
<b>PSDB</b>	14	1
<b>PMDB</b>	1	25
<b>PSB</b>	7	---
<b>PC do B</b>	---	1

Como se vê, foram 206 entradas de publicidade petista, ao passo que o segundo partido mais recorrente, o PMDB, teve 26 propagandas veiculadas, sendo 24 do governo do Estado do Paraná, que era governado por Roberto Requião à época, político que contou com grande aceitação dos colaboradores de *Caros Amigos*. Mas o fato a se reter é o número elevado de anúncios do PT, especialmente após a vitória de Lula nas eleições presidenciais de 2003. Antes dessa data, as principais fontes de receitas públicas do mensário foram prefeituras petistas, já que o governo federal estava sob o comando do PSDB. Nesse período, surgiram apenas 13 anúncios do governo federal peessedebista, o que demonstrou a falta de interesse de FHC em direcionar verbas públicas para uma publicação declaradamente de esquerda e bastante crítica ao seu governo. As outras duas vezes em que apareceu publicidade ligada ao PSDB foram do governo do Pará, sob o poder de Almir Gabriel, em outubro de 1999, e da prefeitura de São Paulo, com José Serra, em 2006. A seguir, pode-se perceber que as prefeituras que direcionaram verbas publicitárias para *Caros Amigos* estavam, em sua grande maioria, sob mandato de políticos petistas.

**Tabela 18: anúncios municipais em Caros Amigos**

<b>Prefeituras</b>	<b>Prefeitos/Partidos</b>	<b>Quantidade</b>
Belém	Edmilson Rodrigues – PT	29

São Paulo	Marta Suplicy – PT	19
São Paulo	José Serra – PSDB	1
Santo André	Celso Daniel/João Avamileno – PT	14
Aracaju	Marcelo Deda – PT	8
Belo Horizonte	Fernando Damata Pimentel – PT	7
Blumenau	Délcio Nery de Lima – PT	3
Embu	Geraldo Leite da Cruz – PT	3
Guarulhos	Elói Alfredo Pietá - PT	2
Campinas	Toninho do PT/Izalene Tiene - PT	2
Recife	João Paulo Lima e Silva - PT	2
Angatuba	José Emilio Lisboa - PMDB	1
Ipatinga	Chico Ferramenta - PT	1
Araraquara	Edson Antonio da Silva - PT	1
Olinda	Luciana Barbosa de Oliveira Santos – PC do B	1
Salinas	Zé Prates - PT	1
Ribeirão Pires	Maria Inês Freire - PT	1

Houve quem questionasse os anúncios de prefeituras do Nordeste e do Norte do país em um periódico paulista que, para eles, tratava de assuntos circunscritos ao sudeste e sul do Brasil. Destacou-se aí Belém, a cidade que mais anunciou no mensário. O próprio Fernando Gouveia discutiu essa problemática, fazendo relação puramente ideológica e mencionando possível financiamento do partido à revista. O jornalista propôs até mesmo elaborar um “dossiê Caros Amigos”, em resposta ao feito por Luis Nassif contra a *Veja*, no qual provaria que o mensário sempre foi financiado pelo PT.<sup>286</sup> Não se sabe até que ponto tal “dossiê” foi elaborado, mas o fato é que, independente de acusações sensacionalistas, há sim desproporção numérica quanto à publicidade ligada ao PT e a outros anunciantes. Abaixo destacam-se os anúncios municipais:

<sup>286</sup> Infelizmente essas informações não estão mais acessíveis no site do Imprensa Marrom porque grande parte do conteúdo foi retirado do ar após um processo que Fernando Gouveia sofreu, ironicamente, não por um comentário seu. Um *post* deixado em anonimato sobre um golpe dado em uma empresa irritou seu proprietário que processou Fernando Gouveia que teve seu blog retirado da rede.

**Tabela 19: anúncios municipais (datas e formatos propagandísticos)**

PREFEITURAS	4ª Capa	3ª Capa	2ª Capa	Página Inteira colorida	Página inteira P&B	1/2 Página colorida	1/2 Página P&B
<b>Belém (PT)</b>	8 (1999) 6 (2000) 1 (2001) 2 (2002) 2 (2003)	1 (1999) 1 (2001) 1 (2002) 2 (2003)	1 (1999)	1 (1999) 3 (2002)			
<b>São Paulo (PT)</b>	1 (2001) 5 (2002) 4 (2003) 1 (2004)		1 (2001) 3 (2002) 3 (2003)	1 (2004)			
<b>São Paulo (PSDB)</b>		1 (2006)					
<b>Santo André (PT)</b>	1 (2001) 1 (2004)	2 (2000) 3 (2002)	3 (2000) 1 (2002) 1 (2003)		1 (2000)	1 (2004)	
<b>Aracaju (PT)</b>	1 (2002) 2 (2003) 1 (2004) 1 (2005)	1 (2002)	1 (2002) 1 (2005)				
<b>Belo Horizonte (PT)</b>	1 (2002) 1 (2005)	1 (2003)	1 (2003)	2 (2006)	1 (2003)		
<b>Blumenau (PT)</b>	1 (2003)		2 (2004)				
<b>Embu (PT)</b>					2 (2003) 1 (2004)		
<b>Guarulhos (PT)</b>			1 (2002)	1 (2004)			
<b>Campinas (PT)</b>	1 (2002)	1 (2002)					
<b>Recife (PT)</b>	2 (2002)						
<b>Angatuba (PMDB)</b>					1 (2005)		1 (2005)
<b>Ipatinga (PT)</b>		1 (2001)					
<b>Araraquara (PT)</b>		1 (2003)					
<b>Olinda (PC do B)</b>			1 (2003)				
<b>Salinas (PT)</b>				1 (2005)			
<b>Ribeirão Pires (PT)</b>		1 (2003)					

Das 96 entradas para prefeituras, 93 foram de governos petistas. Porém, isso não indica que houve um financiamento deliberado do partido ao mensário e nem que *Caros Amigos* cedeu a pressões financeiras. É preciso matizar os dados para não incorrer em afirmações levianas. Por isso, vale precisar a origem das demais propagandas do PT. Assim, se no plano municipal a participação de políticos petistas foi forte, já no âmbito estadual ocorreu uma inversão: foram apenas 5 os anúncios ligados ao partido. Na verdade, a publicidade estadual foi liderada pelo PMDB. Como a postura de Roberto Requião, governador do Paraná, sempre foi bastante crítica e forte, conquistou a simpatia dos colaboradores de *Caros Amigos*, o que lhe valeu alguns elogios nas páginas da publicação e uma entrevista exclusiva na centésima edição. O que mais chamou a atenção nas atitudes do político foi sua luta constante contra o pagamento de pedágios no Estado do Paraná, tanto que Roberto Requião entrou na justiça várias vezes para coibir tal cobrança. Nessa relação

amistosa entre o governador e a revista, não foi de estranhar que *Caros Amigos* passasse a contar com anúncios recorrentes do Estado do Paraná em suas páginas, o que se manteve durante todo o mandato de Requião:

**Tabela 20: anúncios estaduais em Caros Amigos**

<b>Estados</b>	<b>Governadores/Partidos</b>	<b>Quantidade</b>
Paraná	Roberto Requião – PMDB	24
Amapá	João Alberto Capiberibe - PSB	7
Acre	Jorge Viana - PT	2
Mato Grosso do Sul	Zeca do PT - PT	2
Minas Gerais	Itamar Franco - PMDB	2
Pará	Almir Gabriel - PSDB	1
Rio Grande do Sul	Olívio Dutra - PT	1

Ainda que as administrações estaduais do PT não tenham aparecido como as que mais veicularam propagandas nas páginas de *Caros Amigos*, ficou claro que os anúncios, na maioria das vezes, partiram de governos marcados por tendências esquerdistas. No plano estadual não ocorreu exceção quanto a esse padrão, já que não foram encontrados anúncios de nenhum político ou partido da ala contrária. Mesmo que o PMDB se encontre, de maneira geral, no centro do campo político-ideológico e que tenha marcado duas frentes de atuação durante o mandato de Lula – os setores pró e contra o presidente -, o principal anunciante foi o governo do Paraná, sob a administração de Roberto Requião, político de atitudes bem marcadas no campo da esquerda, com 24 entradas num total de 26 provenientes de governos estaduais do PMDB. Os dois restantes vieram do Estado de Minas Gerais, durante o mandato de Itamar Franco, governador que teve várias disputas políticas com os partidos da direita e, especialmente, com o ex-presidente FHC. Na tabela a seguir aparecem as datas e tipos de propagandas veiculadas pelos Estados no mensário:

**Tabela 21: anúncios de instituições, órgãos e empresas estaduais (datas e formatos propagandísticos)**

GOVERNOS ESTADUAIS	Dupla de Abertura	4ª Capa	3ª Capa	2ª Capa	Página Inteira colorida	1/2 Página colorida	1/3 Página P&B
Acre (PT)			1 (2000)	1 (2000)			
Amapá (PSB)		5 (2000) 1 (2001)		1 (2001)			
Mato Grosso do Sul (PT)			1 (2006)		1 (2003)		
Minas Gerais (PMDB)				2 (2000)			
Pará (PSDB)							1 (1999)
Paraná (PMDB)	1 (2005)	2 (2004) 2 (2005) 4 (2006)	2 (2003) 3 (2004) 1 (2006)	3 (2004)		6 (2005)	
Rio Grande do Sul (PT)					1 (2001)		
<b>TOTAL</b>	1	14	8	7	2	6	1

Os números revelaram que os partidos e políticos de esquerda anunciaram mais em *Caros Amigos*, principalmente o PT. No entanto, percebeu-se que a distribuição anual desses anúncios foi regular até 2003, mesmo quanto à receita proporcionada para o mensário, ou seja, manteve uma média equilibrada, sem grandes desproporções entre os períodos, o que não se confirmou após a vitória de Lula. Prefeituras petistas tiveram grande participação no conjunto de propagandas veiculadas na publicação, com menor participação dos governos estaduais, mas nada se comparou às receitas proporcionadas pelos anúncios de instituições ligadas ao governo federal sob o comando de Lula. Dos 255 anúncios advindos dos setores públicos catalogados nas 117 edições pesquisadas,<sup>287</sup> 206 foram de governos comandados por políticos petistas, isto é, 80,7% da publicidade governamental ligou-se ao PT. No entanto, desse montante, 106 anúncios foram de instituições federais, ou seja, 51,4% dos anúncios. O fato é que as administrações sob a égide do Partido dos Trabalhadores realmente tiveram grande participação no total de anúncios pagos publicados nas páginas de *Caros Amigos*, com ênfase para o executivo federal. Mais que isso, com a conquista da Presidência da República por parte de Lula, notou-se considerável aumento de publicidade advinda de setores públicos, especialmente do PT. Por exemplo, 145 propagandas de empresas e instituições ligadas aos governos do PT foram veiculadas após 2003, 70,3% do total petista. Tais constatações podem ser verificadas abaixo:

<sup>287</sup> Foram 255 anúncios desse segmento. Se somados em termos de páginas publicitárias, chega-se ao total de 268 páginas que levaram algum anúncio do setor público.

**Tabela 22: propagandas de instituições, órgãos e empresas públicas ligadas a partidos antes/depois 2003**

Partidos	Antes 2003	Depois 2003
PT	61	145
PMDB	1	25
PSDB	14	1
PSB	7	---
PC do B	---	1
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>172</b>

No caso dos anúncios federais, há clara diferenciação numérica quanto aos governos FHC e Lula, o que atestou a importância da vitória do PT no pleito presidencial de 2002, já que *Caros Amigos*, a partir dali, contou com expressiva publicidade de instituições ligadas ao executivo federal. Os dados seguintes evidenciam o montante do aumento de publicidade federal no mensário, não apenas em função da quantidade, mas também em verbas, por conta dos formatos dos anúncios veiculados - páginas duplas, páginas inteiras coloridas e capas:

**Tabela 23: anúncios de instituições, órgãos e empresas públicas federais – PSDB (por páginas publicitárias)**

Governo Federal – PSDB	Dupla de Abertura	4ª Capa	3ª Capa	2ª Capa	Página Inteira colorida	Página inteira P&B	1/2 Página colorida	1/2 Página P&B	1/3 Página colorida	1/3 Página P&B	Total
1997	---	---	---	---	---	1	---	---	---	---	1
1998	1	2	---	---	1	2	---	---	---	---	6
1999	---	---	2	---	---	---	---	---	---	---	2
2000	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	-
2001	---	3	1	---	---	---	---	---	---	---	4
2002	1	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>Total geral: 14</b>

**Tabela 24: anúncios de instituições, órgãos e empresas públicas federais – PT (por páginas publicitárias)**

Governo Federal – PT	Dupla de Abertura	4ª Capa	3ª Capa	2ª Capa	Pg. Inteira colorida	Página inteira P&B	1/2 Página colorida	1/2 Página P&B	1/3 Página colorida	1/3 Página P&B	Total
2003	---	3	---	1	10	---	2	---	---	---	16
2004	5	6	3	1	8	2	11	---	---	---	36
2005	7	8	2	1	6	---	6	---	---	---	30

<b>2006</b>	9	8	2	3	7	---	---	---	---	3	<b>32</b>
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>25</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>31</b>	<b>2</b>	<b>19</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>3</b>	<b>Total geral: 114</b>

Ainda que em termos de quantidade o PT já se mostrasse como o principal anunciante, tais dados não revelavam o peso real da verba advinda dessa publicidade, afinal, os formatos das propagandas interferiram diretamente no montante recebido pela revista. Tamanho, espaço ocupado internamente, coloração e determinação de capa, são características que distinguem a receita de cada anúncio publicado nas páginas de *Caros Amigos*. Por isso, foi preciso identificar cada um desses detalhes em cada um dos 1300 anúncios veiculados no mensário, com o intuito de especificar o peso de cada propaganda no valor total da receita percebida pela revista, no período em questão. Excluíram-se os anúncios não pagos e chegou-se ao total de 595 páginas publicitárias – 554 anúncios -, como se verifica abaixo:

**Tabela 25: quantidade anual de anúncios pagos e respectivos formatos (por página)\***

Ano	Dupla de Abertura	4ª Capa	3ª Capa	2ª Capa	Página Inteira Colorida	Página Inteira P&B	1/2 Página colorida	1/2 P&B	1/3 Página colorida	1/3 P&B
<b>1997</b>	1	9	6	7	---	1	---	2	---	---
<b>1998</b>	3	12	6	11	1	4	---	8	---	1
<b>1999</b>	---	12	6	5	1	1	---	3	2	5
<b>2000</b>	---	12	5	6	---	5	---	3	---	24
<b>2001</b>	---	12	4	3	2	---	1	8	---	27
<b>2002</b>	1	12	5	6	3	2	---	7	1	23
<b>2003</b>	1	12	7	7	10	4	4	5	---	25
<b>2004</b>	5	12	9	7	12	5	12	---	---	26
<b>2005</b>	8	12	9	4	9	4	14	4	---	17
<b>2006</b>	9	12	9	4	12	1	---	13	---	13
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>117</b>	<b>66</b>	<b>60</b>	<b>50</b>	<b>27</b>	<b>31</b>	<b>53</b>	<b>3</b>	<b>161</b>

\* Excluídas as autopropagandas da *Caros Amigos* e da Editora Casa Amarela, e os anúncios pequenos (permutas)

Optou-se por catalogar, na tabela acima, as páginas publicitárias – e não os anúncios individualmente -, porque tal recurso permitiu a verificação da quantidade paga por cada anúncio. Por exemplo, uma propaganda que ocupou duas páginas internas foi classificada como *um* anúncio de determinada empresa ou governo, mas no total da verba recebida pelo mensário foram somadas as *duas* páginas publicitárias. Essa opção possibilitou determinar o número exato de páginas que contaram com algum anúncio e, conseqüentemente, o valor aproximado de toda receita publicitária de *Caros Amigos*. Trata-se de número aproximado da receita porque não foi possível ter acesso às tabelas publicitárias anuais de *Caros Amigos*, mesmo requerendo-as junto ao setor responsável na revista. No entanto, o diretor comercial de *Caros Amigos*, Wagner Nabuco, aconselhou subtrair 10% do valor de cada formato de

anúncio, a partir da tabela em vigor até fevereiro de 2009. Em suas palavras, “no caso da tabela de publicidade, parta dos preços de hoje e tire 10% a cada ano, com pequenas variações”.<sup>288</sup> Nesse sentido, foi possível levantar números que, se não apontam os valores exatos da receita publicitária, aproximam-se do montante total correto.

**Tabela 26: valor aproximado das tabelas anuais de publicidade de Caros Amigos**

	Dupla de Abertura	4ª Capa	2ª Capa	3ª Capa	Página Inteira colorida	Página Inteira P&B	1/2 Página colorida	1/2 P&B	1/3 Página colorida	1/3 P&B
<b>1997</b>	20.784	10.824	10.392	10.392	8.660	6.054	4.516	3.657	4.330	3.324
<b>1998</b>	23.094	12.027	11.547	11.547	9.622	6.727	5.018	4.064	4.811	3.694
<b>1999</b>	25.660	13.364	12.830	12.830	10.692	7.475	5.576	4.516	5.346	4.105
<b>2000</b>	28.512	14.849	14.256	14.256	11.880	8.306	6.196	5.018	5.940	4.561
<b>2001</b>	31.680	16.499	15.840	15.840	13.200	9.229	6.885	5.576	6.600	5.068
<b>2002</b>	35.201	18.333	17.600	17.600	14.667	10.255	7.651	6.196	7.333	5.632
<b>2003</b>	39.113	20.371	19.556	19.556	16.297	11.395	8.502	6.885	8.148	6.258
<b>2004</b>	43.459	22.635	21.729	21.729	18.108	12.662	9.447	7.650	9.054	6.954
<b>2005</b>	48.288	25.150	24.144	24.144	20.120	14.069	10.497	8.500	10.060	7.727
<b>2006</b>	53.654	27.945	26.827	26.827	22.356	15.633	11.664	9.444	11.178	8.586

Sem nunca perder de vista que tais valores não são os exatos, pôde-se elaborar uma tabela que revelou a receita anual de *Caros Amigos* advinda de anúncios publicitários, entre abril de 1997 e dezembro de 2006. Ainda que não representem com exatidão os recursos financeiros do mensário, tais números podem expressar, aproximadamente e em termos de porcentagem, o peso de cada anunciante. Abaixo seguem as receitas anuais da revista em publicidade:

**Tabela 27: receita anual de todos os anúncios em reais (R\$)\***

<b>ANO</b>	<b>R\$</b>
<b>1997</b>	266.664
<b>1998</b>	482.641
<b>1999</b>	364.430
<b>2000</b>	501.052
<b>2001</b>	523.597
<b>2002</b>	693.549
<b>2003</b>	853.890
<b>2004</b>	1.411.353
<b>2005</b>	1.551.645
<b>2006</b>	1.685.272
<b>TOTAL</b>	<b>8.334.093</b>

\* Excluídos as autopropagandas e os pequenos anúncios (permutas)

<sup>288</sup> Wagner Nabuco em e-mail para o autor.

A partir desses valores e com base no detalhamento individual de cada um dos anúncios veiculados na revista, elaborou-se uma tabela que determinou a participação do dinheiro público na receita publicitária total:

**Tabela 28: receita anual dos anúncios de instituições, órgãos e empresas públicas em reais (R\$)**

	Federais (PT)	Federais (PSDB)	Estaduais	Municipais
<b>1997</b>		6.054		
<b>1998</b>		70.224		
<b>1999</b>		25.660	4.105	143.264
<b>2000</b>		---	131.269	168.680
<b>2001</b>		65.337	45.339	97.017
<b>2002</b>		35.201	---	520.197
<b>2003</b>	260.643		55.409	452.196
<b>2004</b>	714.126		175.644	169.718
<b>2005</b>	795.350		161.570	117.133
<b>2006</b>	1.022.831		164.962	71.539
<b>TOTAL</b>	<b>2.792.950</b>	<b>202.476</b>	<b>738.498</b>	<b>1.739.744</b>

**Total dos anúncios públicos: R\$ 5.473.668**

O montante dos anúncios públicos chegou a 65,6% de todo o capital publicitário recebido pela *Caros Amigos*, o que demonstrou que não bastava saber em termos numéricos quantos anúncios foram publicados no mensário, caso não se chegasse a um valor monetário específico, pois, como já se afirmou, o formato de cada propaganda interferiu diretamente no valor pago. Os 255 anúncios do setor público não demonstrariam sua importância frente aos 1300 veiculados no geral, caso não se fizesse esse levantamento financeiro e não se excluísse a publicidade não paga. Nesse sentido, observou-se que mais da metade de toda renda publicitária veio de setores públicos, o que evidenciou o quanto *Caros Amigos* dependeu das verbas oficiais para se manter, já que não contou com grande variedade de anunciantes privados. Além disso, ficou claro que os governos considerados da ala direita não investiram em anúncios na revista, como atesta os dados acima quanto ao executivo federal, já que o presidente FHC, em seu governo, investiu em publicidade valor imensamente inferior aos gastos de Lula enquanto presidente da República, na revista *Caros Amigos*. O governo federal, sob a égide do PT, foi responsável por 51% da quantia percebida pelos anúncios do setor público e 33,5% do total geral dos lucros publicitários da revista.

De fato, 76% de toda a receita advinda de recursos públicos, foi contabilizada após 2003, muito em função dos anúncios ligados ao governo federal. Posto isso, não se pode negar o quanto a vitória de Lula e do PT foi importante para a manutenção financeira do

mensário, tanto que, quanto à publicidade ligada ao partido veiculada na revista, 78% dos gastos foram efetuados após 2003. A seguir estão expostos, em reais e percentualmente, a participação dos governos do PT nos recursos publicitários de *Caros Amigos*:

**Tabela 29: o peso da publicidade dos governos petistas em Caros Amigos**

	<b>Total Geral (em R\$)</b>	<b>A partir 2003 (em R\$)</b>	<b>% do total geral dos anúncios</b>	<b>% do total dos anúncios públicos</b>	<b>% do total geral a partir 2003</b>	<b>% dos públicos a partir 2003</b>
<b>Todos os Anúncios pagos</b>	8.334.093	5.502.160	---	---	---	---
<b>Todos Anúncios Públicos</b>	5.473.668	4.161.121	---	---	---	---
<b>Anúncios Federais (PT)</b>	2.792.950	2.792.950	33,5 %	51 %	50,7 %	67,1 %
<b>Anúncios Estaduais (PT)</b>	84.836	16.297	1%	1,5 %	0,2 %	0,39 %
<b>Anúncios Municipais (PT)</b>	1.670.792	741.634	20 %	30,5 %	13,4 %	17,8 %
<b>Total do PT</b>	4.548.578	3.550.881	54,5 %	83 %	64,3 %	85,3 %

Tais dados explicitam o quanto *Caros Amigos* contou com a verba advinda de administrações petistas: 54,5%, número que se avoluma ao se levar em consideração apenas os anúncios posteriores a 2003. Com relação ao total geral dos anúncios veiculados após a vitória de Lula, o PT contribuiu com 64,3% de toda a receita do periódico, enquanto se levados em conta apenas as propagandas ligadas ao setor público nesse período, obtém-se a soma de 85,3%. São números que revelaram dependência da publicação com relação aos recursos publicitários dos governos petistas, já que eles contribuíram com mais da metade da receita publicitária da revista e com a quase totalidade dos anúncios públicos, sendo que os maiores anunciadores foram o governo federal e prefeituras, respectivamente. Trata-se de notar que, com o início do mandato de Lula, quem passou a ser o maior anunciador de *Caros Amigos* foi o governo federal e as empresas e instituições a ele ligadas.

Ainda que esses dados confirmem boa parte das acusações que pesaram sobre a revista nesses anos, como a de que o PT seria um dos principais responsáveis pela sua manutenção, não se pode esquecer que a Editora Casa Amarela contou com outros meios para se sustentar, como a publicação de livros e séries especiais. Por outro lado, em sua última entrevista

concedida, Sergio de Souza afirmou que a revista não conseguia se manter e que estava “no vermelho”, com dívidas em bancos e fornecedores,<sup>289</sup> o que só aumenta a importância da publicidade petista. Afinal, comparadas as receitas de anúncios dos anos de 2002 e 2004, verificou-se um crescimento de 103,4% na renda do mensário, ou seja, com a vitória de Lula, os recursos publicitários mais que dobraram. É bem provável que essas acusações incomodavam o editor, tanto que, nesta mesma entrevista, indagado sobre as receitas de *Caros Amigos*, asseverou: “a receita (se você está falando de dinheiro) vem das vendas em bancas (pela Dinap) e da venda de assinaturas, insuficiente, até agora, para cobrir os custos. A maior barreira é exatamente a falta de capital e de mais anunciantes”.<sup>290</sup> Oras, se o próprio departamento responsável pelas finanças da revista explicou que a publicidade é responsável por uma média de 35% dos recursos financeiros, por que Sergio de Souza afirmou que a receita vem, principalmente, de assinaturas e bancas? Para ele, não existia patrocinador individual da revista. De acordo com suas palavras,

O verdadeiro patrocínio de *Caros Amigos* é a generosidade de todos os que a fazem, colaboradores e o grupo fixo, inclusive os vários estagiários que vêm passando por ela ao longo dos anos e continuam chegando, voluntários sempre e com os quais aprendemos muito também. Para ter idéia, só três, de todos os colaboradores, recebe um valor a cada mês, o restante é de graça. E isso há anos, alguns desde a primeira ou segunda edição, como Frei Betto, Guto Lacaz, Ana Miranda, Mylton Severiano. Os estagiários a mesma coisa, e mais o grande número de jornalistas, fotógrafos e ilustradores de São Paulo e de outros lugares, ou profissionais de outras áreas, que nos enviam trabalhos que desejam ver publicados. Temos “correspondentes” (ponho entre aspas porque também são voluntários, o vínculo é afetivo) em Berlim, Paris, Buenos Aires, Angola, Brasília, Rio, com os quais podemos contar para eventuais pautas saídas daqui ou oferecidas por eles. E, conforme a necessidade, tenho certeza de que podemos contar com alguém em muitíssimos lugares. No fundo, é esse “patrocínio” todo o milagre *Caros Amigos*.<sup>291</sup>

Claro que essas contribuições foram de grande valia, mas não se pode apagar o peso das verbas publicitárias, pois foi exatamente sua escassez que a tornou mais indispensável, afinal, configurou mais de 1/3 das receitas. Talvez pelas acusações correntes de que o PT financiava a revista, o editor resolveu omitir o peso da publicidade na receita total do mensário, contudo, os números demonstraram o contrário. Nesse sentido, há de se observar que, com base nos valores aproximados expostos pelas tabelas anteriores, o PT contribuiu com boa parte desse montante. Se somadas as quantias provenientes do Partido dos Trabalhadores e do governo do Paraná, após 2003, chega-se a 97,7% de todos os anúncios dos

<sup>289</sup> Sergio de Souza em entrevista a Luciana Chagas, em fevereiro de 2008. Disponível em [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br). Acesso dia 24 abr. 2009.

<sup>290</sup> Idem.

<sup>291</sup> Idem.

setores públicos e quase 80% do total geral, dentro desse período. Ainda assim, é preciso tomar cuidado quanto à análise de *Caros Amigos* como meio de comunicação, para não incorrer em exageros. Os números dizem muito e até corroboram algumas especulações que já foram lançadas contra a revista, mas é somente com visão crítica sobre seu conteúdo, antes e após 2003, que se pode elucidar qual foi sua postura frente a um governo de esquerda que veiculou muita publicidade em suas páginas.

### *O JORNALISMO DE CAROS AMIGOS NOS GOVERNOS DE FHC E LULA*

Diante dos dados expostos anteriormente, há de se ponderar acerca das acusações que pesaram sobre *Caros Amigos* quanto à publicidade petista, com o intuito de verificar até que ponto essa dependência (inegável) influenciou no posicionamento político-ideológico e, conseqüentemente, jornalístico do mensário. Para tanto foi preciso elencar, desde abril de 1997, cada artigo que criticou ou apoiou tanto o PSDB/FHC quanto o PT/Lula, o que ajudou a esclarecer de que forma a publicação posicionou-se diante do cenário político nacional. Observou-se, também, o tom dos artigos quando abordaram uma e/ou outra corrente, com o objetivo de entender o quanto cada posicionamento individual revelou acerca das ideologias dos articulistas e da própria revista. No levantamento desses números ficou claro que todos colaboradores, sem exceção, tenderam a criticar o governo FHC, o que não é de admirar devido à própria característica de *Caros Amigos*, isto é, estes articulistas não escreveram nesse mensário à toa, mas alinhados ao posicionamento de esquerda do meio de comunicação. *Caros Amigos* caminhou na contramão da maioria das propostas e ideologias do governo do PSDB, já que este adotou a filosofia neoliberal nos anos 1990, o que fomentou a propensão de criticar esse partido, entendido como parte da direita nacional. Nesse sentido, é sintomático que, em quase 10 anos, apenas dois textos teceram algum tipo de elogio ao PSDB ou FHC, enquanto 308 repreenderam suas atitudes. Trata-se de uma diferença gritante, que revelou a opção, por parte dos articulistas, de atacar os governos, candidaturas e políticos alinhados ao que consideraram de direita. Nesse quadro, é possível, sim, afirmar, que o periódico adotou uma postura política, pelo menos no que toca à aversão a qualquer possibilidade de vitória e elogios aos representantes de partidos que não contam com a simpatia dos colaboradores e editores de *Caros Amigos*. Não atuou apenas como meio de análise do cenário político, mas se engajou, atacou seus inimigos e tentou formar a opinião dos leitores. É evidente que a maioria do público do mensário, pelo menos os leitores mais assíduos, não precisaria ser

convencido a não simpatizar com candidaturas do PSDB ou PFL, pois compartilham as preferências ideológicas da publicação. No entanto, *Caros Amigos* forneceu material alternativo ao encontrado na grande imprensa, o que deu argumentos aos seus leitores num possível debate político entre amigos, seja na escola, na mesa do bar, na universidade, no ambiente familiar etc. Esses possíveis debates não são apenas especulações, afinal, os leitores de *Caros Amigos*, como já se evidenciou, manifestam interesse por cultura e política e participam ativamente do cenário político e social nacional, como membros de ONGs, militantes de partidos, engajados em questões ambientais e sociais etc.,<sup>292</sup> o que os colocou como divulgadores das mensagens transmitidas pelos colaboradores da revista e potenciais formadores de opinião.

Trata-se de entender que, no que toca ao engajamento político do mensário, não houve apoio deliberado a algum partido, nem mesmo ao PT, ainda que esse tenha contado com certa benevolência da revista até o final de 2002, isto é, tal empenho não se deu por meio de apoio a partidos da esquerda, mas de crítica contra os partidos que de forma alguma os colaboradores



**Capa:** FHC x Lula – pergunta aos candidatos para a presidência.  
**Ed. 16 – jul. 1998**

de *Caros Amigos* gostariam de ter em cargos executivos. O viés mais político da revista ficou explícito a partir da edição nº 16 – e se firmou, como indica o anexo IV -, quando a capa trouxe, pela primeira vez, rostos de candidatos a cargos eletivos, FHC e Lula, propondo aos leitores que fizessem perguntas a ambos, que seriam encaminhadas para resposta, num acordo firmado com as assessorias dos candidatos. Como combinado, o retorno das questões apareceu na edição seguinte, em agosto de 1998, na qual se pôde identificar claramente o direcionamento político-ideológico de cada um: FHC sustentou uma postura mais neoliberal, asséptica, baseada nos valores de mercado e no

<sup>292</sup> Ver o Midiakit de *Caros Amigos*, disponível em [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br).

atrelamento à globalização financeira mundial; Lula, por sua vez, manteve sua característica histórica até então, com discurso social, de apoio aos movimentos populares e aversão ao sistema econômico vigente mundialmente.

Para se ter idéia do tipo de leitor da revista, nesta mesma edição Sergio de Souza respondeu às críticas de alguns leitores que se decepcionaram com a publicação de um anúncio do Ministério da Saúde (mandato FHC), um deles até mesmo questionando se o mensário havia vendido a independência editorial. Como resposta, o editor alegou:

Da mesma forma com que não controlamos, melhor, não censuramos qualquer texto de nossos colaboradores, assim também não censuramos anúncios, porque nossa proposta é a da liberdade absoluta de expressão. Sabemos o risco de assumir tal posicionamento, mas esperamos não abrir mão dele. É o nosso diferencial. Chegam críticas duras também a certas opiniões de nossos colaboradores, mas acreditamos que é exatamente da divergência de julgamentos que se nutre o raciocínio. Só queremos isso, não temos compromisso com nenhum partido político, com nenhum grupo econômico, com nenhum credo, com nenhuma *famiglia* (...).<sup>293</sup>

De fato, não ficou clara nenhuma relação com algum partido, a não ser a total falta de relação com o PSDB e o antigo PFL. Quanto ao PT, pode-se afirmar que houve apoio de *Caros Amigos* em momentos específicos, mas nada perene, nenhuma evidência, até onde se constatou, de qualquer acordo ou apoio incondicional. Ainda assim, não se pode negar que a preferência da quase totalidade dos colaboradores era pela vitória de Lula no pleito de 2002. Não obstante compartilharem o senso crítico e a tendência à esquerda, observou-se certas divergências políticas, ideológicas e opinativas. A mais forte dos primeiros anos foi a que culminou na saída de um dos fundadores da revista, Roberto Freire, que não apoiou a postura política que *Caros Amigos* tomou com o passar do tempo, especialmente porque tinha em mente que a publicação seria mais cultural e social que política, afinal, Roberto Freire era um anarquista e não concordava nem mesmo em discutir tais aspectos.<sup>294</sup> Pode-se ainda, citar, Gilberto Felisberto Vasconcellos, que mostrou clara preferência pelo PDT e o desejo de ver Brizola candidato. Já fora das questões relativas à eleição presidencial, destacou-se a opinião de Leo Gilson Ribeiro quanto a Cuba e Fidel, este chamado de assassino e sanguinário, o que destoou da visão difundida da revista.<sup>295</sup> Ainda na linha da total liberdade de expressão dos colaboradores, defendida por Sergio de Souza, houve apoio e elogios a alguns políticos do PSDB, como Mário Covas e mesmo FHC. Segundo avaliação de Ruy Fernando Barboza,

(...) Pode parecer loucura (vai ver que é), mas o que acabo de dizer não me impede de continuar acreditando na honestidade de homens como Mário Covas e Fernando

<sup>293</sup> *Caros Amigos*, nº 16, jul. 1998. (editorial)

<sup>294</sup> Para mais detalhes sobre esse fato ver PEREIRA-FILHO, Francisco José Bicudo. *Op. cit.*

<sup>295</sup> *Caros Amigos*, nº 22, p. 30, jan. 1999.

Henrique, e de me entusiasmar – e sentir esperança – cada vez que vejo os resultados do bom trabalho que eles vêm fazendo. Não contem para ninguém, mas acho que se o PT estivesse na presidência e no governo do Estado, estaria fazendo tudo muito parecido, e sofrendo a mesma oposição – Erundina, Tarso Genro e Victor Buaziz que o digam. Por isso mesmo posso votar, como já votei, no Lula, no Mário Covas, no Suplicy, na Erundina, no Fernando Henrique, no Serra, no Genuíno. Mas, por exemplo, no Maluf, não. Como diriam o Oswaldinho e as putas, *isso eu não faço!*.<sup>296</sup>

Tais posturas foram raras, mas não ausentes, o que atesta a liberdade dos colaboradores. Contudo, mais por opção ideológica e menos política, foram recorrentes textos complacentes e de apoio ao PT até dezembro de 2002, o que não é de estranhar visto o quadro de colaboradores daquele primeiro momento, muitos simpatizantes do PT e até mesmo alguns ligados ao partido, como Ricardo Kotscho. Esse dado não nega, porém, o outro lado, o de crítica ao Partido dos Trabalhadores, perceptível no mesmo período. Georges Bourdoukan, ainda em junho de 1998, mostrou-se reticente quanto às atitudes da cúpula do PT e, num texto metafórico, intitulado *PT que o pariu: Pardal e Tiziu também tiveram o seu dia*, afirmou:

Antes que os apressados me acusem de blasfêmia e os mal-intencionados comecem a destilar veneno, esclareço que o título acima não é um protesto contra os correios. Nada a ver com o PT dos telegramas. O PT acima refere-se ao pardal e ao tiziu que recentemente resolveram fixar morada numa palmeira nas imediações de minha modesta habitação, deixando marcas indeléveis de seu suntuoso cocô.

Como se sabe, o pardal é uma ave intolerante e pouco dada ao diálogo. Isto, nos dias atuais. Pois nem sempre foi assim.

Introduzido no Brasil pelos colonialistas portugueses, no início sofria muito. Se virava como podia para sobreviver. Individualista, não conseguia enxergar um palmo adiante. Mas ia tocando. Até que um dia ele também virou cobiça dos caçadores. Muito mais fortes e bem preparados, os caçadores já não se contentavam mais com as aves nativas, que, apesar de sua índole pacífica e de seus alegres cantos, também não eram poupadas.

Ao pardal, só restava lamentar o isolamento e a opressão. E teria vivido em eternos lamentos não fosse o destino um rio sinuoso, cheio de surpresas. Uma dessas surpresas aconteceu quando ele se encontrava na mira do fuzil de um caçador. E só não foi abatido graças a um gesto involuntário do tiziu.

É sabido que o tiziu é uma pequenina ave negra, também oprimida. Tão oprimida, que vivia em arbustos. Havia perdido o hábito de voar longas distâncias. Contentava-se em dar, vez ou outra, pulinhos que faziam retornar ao mesmo ponto de partida. E foi num desses pulinhos que ela salvou involuntariamente o pardal. Assustou o caçador quando ele se preparava para apertar o gatilho.

Como, pela lei da probabilidade, todos um dia terão o seu dia (isso nem sempre é regra geral), pardal e tiziu também tiveram o seu. Depois de um rápido encontro, concluíram que precisariam juntar forças se quisessem sobreviver. Que não havia tempo a perder. Uma infinidade de aves atendeu à convocação, formando uma belíssima revoada, sensibilizando até aqueles que ignoravam as dificuldades e a opressão em que viviam. As aves escolheram a dupla PT como seu representante. Por merecimento, naturalmente, pois se há algo que ninguém pode questionar é que foi graças a eles que as outras aves viveram alguns momentos de alegria.

<sup>296</sup> *Caros Amigos*, nº 7, p. 41, out. 1997. (grifo meu)

Bastou uma reunião para que tudo fosse resolvido. Uma reunião.

Mas como gostava de apregoar aquele papagaio do alto de suas cores, o tempo é senhor da razão. E bastaram alguns míseros anos para que a substantiva unidade fosse substituída por uma infinidade de adjetivos. Com destaque para o oportunismo, arrivismo, corrupção, delação e outros mais. Casos isolados tornaram-se epidêmicos. A dupla PT acabava de sentir o sabor do poder. Muito pequeno, é verdade. Mas, para quem não tinha nenhum...

E o que antes era decidido democraticamente, ou pelas bases, como gostavam de dizer, passou a ser resolvido através de conchavos. As reuniões passaram a ser intermináveis, as soluções postergadas, até que um dia se decidiu que as bases não estavam preparadas para decidir nada, pois, segundo o tiziu, já pecavam pelo nome. Ele mesmo, explicou, era o exemplo. Pois quem não se lembra que no começo ele vivia em arbustos rasteiros, dando apenas pulinhos? Agora que experimentou o vôos mais altos, convenceu seus próximos que as bases não só não deviam decidir como a própria palavra base deveria ser proibida, já que indicava algo rés-do-chão. Um horror. Então surgiu uma voz discordante: a do tico-tico.

Agora todos sabem por que são raríssimos os tico-ticos nas grandes cidades. Foram expulsos. E só não foram extintos ainda porque alguns sobreviventes conseguiram abrigar-se no campo. Onde as dificuldades também não são poucas.

Hoje, por exemplo, assiste-se na cidade ao surgimento de uma nova ave: o chupim. Cujas qualidades maiores são botar seus ovos em outros ninhos. E que teria sido parido (e não chocado), após sucessivos cruzamentos entre o pardal e o tiziu. Mas não há provas, apenas suposições.

E quem se importa?

PT saudações.<sup>297</sup>

Parece até mesmo profético, dado os acontecimentos que se seguiram alguns anos mais tarde. Esse tipo de artigo mostra com clareza que *Caros Amigos* não se portou como cabo político do PT, no entanto, devido à liberdade dos articulistas e suas preferências pessoais, não foi raro encontrar manifestações de apoio ao partido e, especialmente, a Lula. De todo modo, é inegável que esse tipo de crítica ao PT, não se constituiu em padrão e que ela se mostrou muito menos contundente do que as direcionadas a FHC e ao PSDB. Contata-se, ainda, que em algumas oportunidades houve relação entre certas propagandas e o posicionamento da revista. Por exemplo: o editorial da edição nº 46 defendeu os governadores dos Estados do Amapá e do Acre, que eram de oposição a FHC, respectivamente João Alberto Capiberibe (PSB) e Jorge Viana (PT). Ambos os Estados anunciaram em *Caros Amigos* pouco antes; no caso do Amapá, no próprio nº 46.

Esse tipo de situação forneceu munição para os críticos da revista e do PT, que denunciavam ligações entre ambos. Alie-se a isso o fato de que, com a passar do tempo, cada vez mais o discurso se radicalizou contra o governo FHC: os articulistas, em sua maioria, não deixavam de criticar o presidente sempre que possível e sob todos os aspectos. Enquanto para repreender o PT usavam subterfúgios metafóricos, o tom dos ataques ao PSDB era cada vez

---

<sup>297</sup> *Caros Amigos*, nº 15, p. 32, jun. 1998.

mais pesado, com palavras como “entreguista”, “herança maldita”, “neoliberalismo selvagem”, “vergonha” etc. Nilton Viana, em outubro de 1999, fez uma entrevista com o jurista Celso Bandeira de Melo, que atacou FHC com inusitada contundência. Alegou que o governo não só não fazia nada no plano social, como piorou a condição dos menos favorecidos, além de desrespeitar vários direitos previstos na constituição. Em síntese, o jurista destruiu FHC e chegou a pedir seu *impeachment*. Em suas palavras, “desde Pedro Álvares Cabral até hoje, não creio que alguém tenha feito tão mal ao Brasil como esse homem”.<sup>298</sup> Vê-se, assim, como o discurso de *Caros Amigos* se tornou cada vez mais político, o que não mudou até a vitória de Lula, em 2002. Os assuntos eram sempre os mesmos, política, imprensa, crítica social e neoliberalismo, na maioria das vezes com estocadas negativas para Fernando Henrique Cardoso.

Essa postura tomou ainda mais contundência quando se iniciaram as acusações de entregas de empresas públicas por meio das privatizações. Desde a 8ª edição já apareceram críticas nesse sentido, mas a partir do nº 20 foi constante a oposição de *Caros Amigos* a essa política. Rodovias, telefonia, mineradoras, indústrias, sistema energético, entre outros, foram o principal alvo dos colaboradores que, por seu turno, denunciaram repetidas vezes o que julgaram como absurdo. Aloysio Biondi afirmou que o Brasil teria ficado trilionário com o petróleo, mas que o povo não sabia disso, ao passo que o governo planejava vender a Petrobrás e as reservas do óleo. Gilberto Felisberto e Bautista Vidal vociferavam contra as multinacionais que exploravam as riquezas naturais do país, para eles a maior reserva energética e biomassa do mundo. Também não deixaram de comentar a demissão do comandante da aeronáutica, com o intuito de desmoralizar a Embraer, para minorar seu preço de venda. A verdade é que, até as eleições de outubro de 2002, FHC foi bombardeado pelas críticas dos articulistas de *Caros Amigos*, que não pouparam adjetivos para classificar seu governo.

A preocupação dos colaboradores já era visível em 2000, quando Emir Sader propôs iniciar um debate nacional enquanto as mentalidades ainda não estivessem formadas pelo conluio das elites, centrado no monopólio dos meios de comunicação. Para o autor seria preciso organizar as esquerdas de maneira articulada, com o fim de formar oposição forte contra a direita, pois seria muito difícil que a classe média se alinhasse com Lula, até pelos preconceitos de classe.<sup>299</sup> Ainda que não tenha exposto claramente sua preferência por Lula, mas pelas esquerdas, o fato é que desde aquele momento a revista e seus colaboradores já se

---

<sup>298</sup> *Caros Amigos*, nº 31, p. 17-20, out. 1999.

<sup>299</sup> *Caros Amigos*, nº 45, p. 14, dez. 2000.

preocupavam em conter a força da direita na formação da opinião pública. Na edição seguinte, Emir Sader reitera tal postura e conclama mudanças na ação da esquerda e dos movimentos sociais, senão o resultado seria mais uma vez a vitória do grupo ligado ao presidente, o que para ele seria uma catástrofe. Assim como oposições duras a FHC foram correntes nos artigos que antecederam as eleições, outros estilos também dividiram espaço com os artigos mais pesados, porém, sem abrir mão de criticar o presidente. Valendo-se do mesmo recurso que usou para atacar o PT, Georges Bourdoukan teceu duros comentários sobre o presidente:

Há muitos e muitos anos, numa época em que se acreditava que os sociólogos tinham sentimentos e assumiam filhos gerados fora de casa, um velho e bondoso mestre anunciou, durante o mais rigoroso dos invernos, que a partir daquela data andaria nu até o fim de seus dias. Indagado do motivo, respondeu que fazia aquilo em solidariedade aos excluídos, pois, como não tinham com que se cobrir e ele não tinha nada que pudesse repartir com eles, dava-lhe sua própria pessoa, sofrendo com eles os mesmos tormentos. Esperava que sua atitude servisse de alerta aos poderosos e ao príncipe que dizia ter o pé na cozinha. Que eles refletissem um pouco sobre a solidariedade e a verdadeira generosidade.

A história registra que o recado fora entendido. E que os poderosos nunca haviam se divertido tanto. Aclamavam cada chicotada nas costas do velho mestre. Foi condenado a 150 chibatadas por incitar a outros a viverem num mundo de fantasia. E mais 150 por ficar proclamando mentiras sobre a verdadeira generosidade. Sobrevivendo às trezentas chibatadas, aí então seria pendurado de cabeça para baixo, durante três dias, no portão de entrada da cidade, para aprender a se comportar. No quarto dia, persistindo em sua insolência de viver, seria utilizado como alvo para o mais importante torneio esportivo da região: o de cuspe a distância.

Moral da história: quem não assume próprio filho não merece assumir nem mesmo a Secretaria Geral da desmoralizada ONU.

#### **Fé demais**

Está na Internet: o Brasil do sociólogo que passou a acreditar em Deus possui os burocratas mais religiosos do planeta. Não assinam nenhum contrato sem antes pedir um terço.<sup>300</sup>

Outro meio encontrado para expor as opiniões da revista foi o humor, no que se destacou a seção de Castelo Branco, “O caseiro do presidente”. No entanto, algumas vezes a mensagem veiculada foi bastante radical, como no excerto seguinte, no qual chegou a pedir a morte de FHC:

Fernando, seu burguês traidor:

E aí, beleza?

Seguinte: vi meu velho, minha velha e a mana enviando essas cartas aí e, pá, resolvi mandar um recado também.

A Fatinha escreveu uns tempos atrás procê dizendo que eu tava a fins de largar o enxadão e montar uma banda de rap. Em parte, tava certa. Ficar aqui amassando barro é uma bosta, tá ligado, presidente da elite?

Só que ela errou no ritmo.

<sup>300</sup> *Caros Amigos*, nº 48, p. 23, mar. 2001.

Eu perdô, ela é meio viajandona, vive estudando que nem louca psicologia. Pra falar a real, até que tentei ser *rapper*. Mas em Burity não dá. É a mesma coisa que cantar ópera na MTV.

Daí resolvi ser *punk*, cara (...)

Um dia peguei a viola do velho e logo, com três acordes, tava compondo. De tanto ver esse lance de político na propriedade, fiz a primeira música da minha vida. Chamei de *Chácara Anarquista*. O refrão era uma porrada em você e em todos esses bundões aí de Brasília:

“Mooooorte!

Mooooorte!

Quero ver o presidente enforcado

Nas tripas do último deputaaado!

Ô, ô, ô!!!!” (...)

Prepare-se pra tremer com a voz da dinamite, lacaio do FMI!

Nós vamos responder no mesmo tom à hipocrisia de um regime que arrocha, oprime, mata.

Pois só há uma caminho para a emancipação da raça humana: o da reação à altura do crime perpetrado pelos burgueses como você e sua laia.

Agora dá licença, que o pai tá mandando eu ir aspirar a piscina.

*Juberto.*<sup>301</sup>

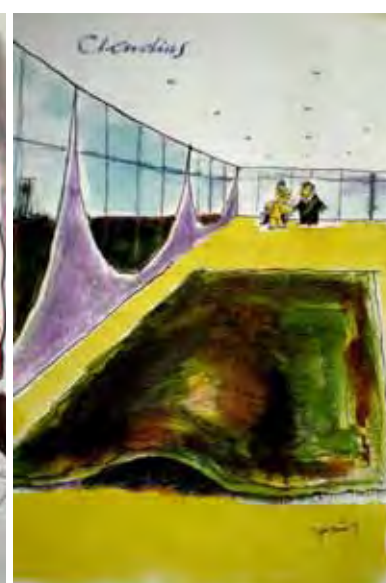
A iconografia também foi mobilizada, com destaque para Claudius, reconhecido desenhista e cartunista político, atuante desde a ditadura militar. Em sua seção, privilegiou temas como corrupção, falta de sensibilidade social e submissão aos EUA. Nos exemplos a seguir, pode-se observar o congresso nacional afundando na lama e lá dentro os responsáveis exigindo a limpeza até 2002; um caubói norte-americano montando no presidente que, por sua vez, está preocupado com a transição do governo; e FHC, após a vitória de Lula, passando a presidência com o tapete cheio de sujeira embaixo.



Ed. 50 – mai. 2001



Ed. 65 – ago. 2002



Ed. 70 – jan. 2003

<sup>301</sup> *Caros Amigos*, nº 54, p. 31, set. 2001.

No processo de transição de governo, Claudius, assim como a revista em geral – com raras exceções -,<sup>302</sup> tendeu a felicitar a vitória de Lula e aguardar alguns meses para realizar qualquer análise sobre os primeiros feitos do novo presidente. Com base em alguns desenhos de Claudius, é possível perceber que o PT foi apresentado como a esperança para o Brasil.



Ed. 44 – nov. 2000



Ed. 68 – nov. 2002



Ed. 75 – jun. 2003

Ainda em 2000, diante das vitórias do PT nas eleições municipais, a revista insistiu na imagem do PT como a estrela cadente para a qual o povo voltava seus desejos, o salvador do país, dos pobres, dos movimentos sociais etc. Logo após a confirmação da vitória de Lula, em 2002, Claudius o caracterizou como o herói Asterix (Lulasterix), personagem de história em quadrinhos que resistia à força muito maior dos romanos, que tentavam tomar o norte da Gália. Ou seja, Lula seria o presidente que resistiria às forças maiores (do mercado, do primeiro mundo, da direita), em prol da defesa de seu povo; nesse sentido, observa-se o quanto o mensário esperava do presidente. Por fim, ainda com seis meses de governo, Lula foi apresentado como o príncipe no cavalo branco que derrota o dragão da inflação. Isto é, Claudius mantinha sua postura de apoio ao governo já que pouco tempo havia passado. Contudo, em junho de 2003, essa posição já não era padrão, e algumas críticas começaram a aparecer, o que denota a tensão nos julgamentos e opiniões veiculados nas páginas de *Caros Amigos*. De fato, posições cautelosas são perceptíveis desde o início de 2003, como as de Arbex Jr. e César Benjamin, contudo, nos meses iniciais foi mais comum encontrar

<sup>302</sup> César Benjamin, por exemplo, critica a esquerda brasileira ainda na edição 64 (jul. 2002), afirmando que ela se preocupa mais com a macroeconomia do que com o plano social, além de abaixar a cabeça frente aos agentes financeiros.

manifestações de apoio ou felicitação ao novo presidente do que críticas mais contundentes. O que não significa que elas não existissem, como comprova a avaliação de Cláudio Tognolli:

Seria imaginável que do mundo e da política pudessem ser tirados elementos precisos com referência à suas formas verdadeiras. Nada mais delirante: afinal de contas, o acaso impera sobre o mundo, como notou há oitenta anos Karl Orf numa estrofe da ópera *Carmina Burana*. Pensávamos que o Lula lá iria mudar alguma coisa. Dá repuxão no maxilar ver ACM e José Sarney (agora com tinta no cabelo, ninguém é de ferro) drapejando em pleno governo petista. Mudaram as moscas.

Nas vinhetas e adornos do discurso de Lula (em quem votei e pelo qual este repórter se empenhou ao osso para denunciar as mamatas de grampos federais) estava prefigurada uma ilusão – e, por falar em adorno, foi o filósofo Theodor Adorno que disse certa vez: “o estatuto do novo é o estatuto do historicamente inevitável”. Errou: o estatuto do velho é o estatuto do historicamente inevitável. Votei no PT e, sem querer, pus o PFL no íntimo do poder onde as decisões são tomadas.

Anos dourados do FHC: paridade com o dólar. A obra de Diogo Mainardi é lida como o “livro do segundo mandato de FHC”, em que estaríamos revivendo a clássica frase de Carlos V aos burgueses: “Enriqueçam”. Ficamos mais pobres e a renda não foi distribuída.

Então votamos em Lula. Mas a chicana deveria ter sido prefigurada por nós. Não foi, mais uma vez. Deveríamos ter sabido que Hitler foi eleito pelas eleições diretas, que Mussolini e Carlos Lacerda começaram nas esquerdas, que André Malraux também. Que Nelson Rodrigues e Balzac eram da direita, mas seus textos são libertários. E que, nesse caso, portanto, discursos libertários poderiam, contrariamente, derrocar na prática do continuísmo e do paroquialismo cesarista – como tem acontecido no governo Lula (...).<sup>303</sup>

César Benjamin também não poupou estocadas desde o início, aliás, o cientista político, que foi coordenador da campanha de Lula em 1989, desligou-se do PT (partido que ajudou a fundar) em 1995, alegando ter se decepcionado com a atitude de Lula diante da edição do debate com Collor feito pela Globo. Segundo Benjamin, Lula teria se encontrado com um dos editores do jornalismo da emissora, Alberico Souza Cruz e, juntos, bebido três litros de uísque, além de assumir que não brigaria com a maior rede de TV do país.<sup>304</sup> Ademais, lamentou sua aceitação de dinheiro de bancos e empreiteiras para campanha. César Benjamin, que voltou à cena política em 2004, filiando-se ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no qual concorreu como vice-presidente da República na chapa de Heloísa Helena (2006), afirmou que o PT não sabia o que fazer depois que chegou ao poder e que tratava o povo como débil mental.<sup>305</sup> Com o passar do tempo o número de ataques ao governo não parou de crescer, sobretudo em face da postura do PT e os movimentos sociais, capital externo, imprensa, transgênicos, continuísmo político da era FHC, ALCA e privatização do petróleo nacional. Essa reviravolta na postura do mensário não foi seguida por alguns

<sup>303</sup> *Caros Amigos*, nº 72, p. 41, mar. 2003.

<sup>304</sup> FARIA, Daniel. Coerência é teu nome. *Revista Wave*, 6 out. 2008. Disponível em [www.revistawave.com](http://www.revistawave.com). Acesso em 2 jun. 2009.

<sup>305</sup> *Caros Amigos*, nº 74, p. 26, mai. 2003.

colaboradores, como Marilene Felinto, Guilherme Scalzilli e Mylton Severiano, que se alinharam a favor do governo e defenderam-no com afinco, ainda que as críticas pesassem sobre Lula dentro do próprio quadro de articulistas de *Caros Amigos*. Os dados seguintes revelam essa tensão que marcou o periódico:

**Tabela 30: críticas ao PSDB/FHC e PT/Lula antes e depois de 2003\***

	<b>Até dez. 2002</b>	<b>A partir 2003</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Contra PSDB/FHC</b>	201	107	<b>308</b>
<b>Contra PT/LULA</b>	20	130	<b>150</b>
<b>Pró PSDB/FHC</b>	2	---	<b>2</b>
<b>Pró PT/LULA</b>	28	50	<b>78</b>

\* Aqui não entraram as seções dedicadas a imagens, desenhos, charges – que podem ser vistas no anexo V.

De acordo com os números, é possível reafirmar que a atuação política da publicação se deu mais na contraposição à direita do que no engajamento a partidos da esquerda, afinal, foram 308 textos que, no total, contestaram o governo FHC e o PSDB. Mas o que importa aqui é atentar para o elevado montante de críticas ao PT/Lula, especialmente pós-2003. Crescimento de 650% de um período para o outro. Esses números revelam o posicionamento crítico e analítico de *Caros Amigos* frente ao mandato petista no executivo nacional, pois, o apoio inicial à eleição de Lula e aos primeiros meses do governo, cedeu lugar à não aprovação dos encaminhamentos políticos do PT. Se, em 2002, houve coerência coletiva na revista e preferência pela campanha de Lula - dos 28 artigos favoráveis até esta data, 15 apareceram a partir de agosto daquele ano, isto é, em plena campanha eleitoral -, em meados do ano seguinte a situação começou a mudar.

Com o início das críticas, a revista valeu-se dos mesmos estratagemas usados contra FHC. Além dos textos analíticos sobre política, economia e questões sociais, que carregaram tons mais ácidos – ainda que não comparáveis aos ataques dirigidos à FHC -, Claudius usou sua seção para reverter os elogios que fizera e Castelo Branco lançou nova seção, dedicada ao novo presidente, “A consciência de Inácio”, que figurou nas páginas de *Caros Amigos* entre as edições 69 e 77. Apesar de essa coluna apresentar-se menos contundente do que “O caseiro do presidente”, até mesmo com algumas defesas a Lula, o que predominou no humor foi a crítica – apresentava-se um presidente cuja consciência pesava frente às atitudes do próprio governo. Contudo, foi “Bulhufas” a seção com a maior ocorrência durante o mandato de Lula, 37 vezes até dezembro de 2006. Ali Castelo tanto defendeu – poucas vezes – como atacou o presidente. Sendo espaço de humor dentro da publicação, veiculou artigos mais leves e irônicos, lançando mão de frases curtas satíricas no “Aboboral” – uma subseção dentro de “Bulhufas”. Nesse espírito, permitiu-se brincar com a falta de estudo do presidente, o que a

grande imprensa fez de maneira maldosa, e provocar de todas as maneiras autoridades políticas nacionais, entre os alvos principais Lula, Alckmin e Severino Cavalcanti, figuras de linhagens completamente divergentes, o que demonstra que a seção mais se dedicou a atirar para todos os lados em prol do humor – ainda que fizesse crítica política – do que se dedicar à crítica específica da figura do presidente, como foi a seção dedicada a FHC.

É interessante notar, também, que os principais articulistas contribuíram para essa tendência ao rever a declarada simpatia com relação a Lula e o PT. Isso não é um dado irrelevante, já que os colaboradores em questão são responsáveis pelas seções e espaços mais importantes do mensário, os que dão o tom da revista – Gilberto Felisberto, Frei Betto, Mylton Severiano, João Pedro Stedile, José Arbex Jr., Guilherme Scalzilli, Georges Bourdoukan, Emir Sader, Marilene Felinto e Glauco Mattoso.<sup>306</sup>

**Tabela 31: críticas dos principais articulistas ao PSDB/FHC e ao PT/Lula antes e depois de 2003**

	<b>Até dez. 2002</b>	<b>A partir 2003</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Contra PSDB/FHC</b>	102	75	<b>177</b>
<b>Contra PT/LULA</b>	10	76	<b>86</b>
<b>Pró PSDB/FHC</b>	---	---	---
<b>Pró PT/LULA</b>	19	41	<b>60</b>

É importante comparar as tabelas 30 e 31. Por exemplo, quanto à crítica ao governo FHC, observa-se que os principais articulistas foram responsáveis por pouco mais da metade delas (177 - 57,4%), do que se subentende que a oposição ao presidente não foi marcada apenas pelo corpo principal de colaboradores, mas por uma tendência geral da publicação. Tal fato não surpreende, já que não se pode perder de vista que, provavelmente, quem se propôs ou foi convidado a escrever algumas vezes, não destoaria da opção ideológica do mensário. O fato é que muitos ataques à FHC não foram provenientes do quadro principal de colaboradores. No que concerne aos textos contrários ao PT e/ou Lula, a situação repetiu-se, isto é, 86 críticas (57,3%) vieram dos principais articulistas. Neste ponto, ficou clara a opção editorial da revista, que foi a de conceder plena liberdade a seus colaboradores que, por sua vez, puderam tanto elogiar como atacar Lula e FHC, o que atestou a postura analítica e aberta do mensário. Por outro lado, ao se tomar os números que se referem a manifestações de apoio ou simpatia ao presidente Lula e seu partido, percebe-se o quanto os principais colaboradores

<sup>306</sup> Aqui estão elencados mais nomes do que os analisados no terceiro capítulo por entender que os que complementam esta lista também fazem parte do corpo principal de articulistas, embora não tenham nem todos peso expressivo quanto a análises políticas nacionais, um dos critérios usados para o terceiro capítulo. Ressalva: nesta lista não está Claudius porque este foi analisado em conjunto com as seções imagéticas que apareceram durante o período estudado.

se destacaram, com 60 entradas (77%). Trata-se de atentar que, quando o objetivo foi defender o governo petista, quem atuou com maior afinco foram os responsáveis pela alma da revista, os articulistas mais assíduos, presentes e destacados. Não foi à toa, portanto, que *Caros Amigos* foi entendida como uma publicação de apoio a Lula, já que seus principais nomes foram responsáveis pela maioria dos artigos de auxílio ao presidente – num total de 78 textos elencados, 60 vieram do principal grupo de colaboradores.

Interessante notar, também, que dentro da revista houve uma divisão de opiniões quanto ao governo Lula, com posicionamentos de ataque, defesa e isenção. Numa mesma edição ou em números próximos, foi possível encontrar desde apoio incondicional e análises moderadas, até contestações radicais e contundentes. Vejam-se os números 95 e 99, nos quais Marilene Felinto e Guilherme Scalzilli defendem o governo, enquanto figuras como Frei Betto, Arbex Jr. e João Pedro Stedile escreveram análises com críticas às atitudes de Lula. Em contraposição a essas opiniões, figuraram César Benjamin, Caio Mourão, Gilberto Felisberto e Caio Navarro de Toledo, todos com palavras bem mais duras. Como se disse anteriormente, Felisberto afirmou que Lula foi a brochada do povo brasileiro, além de ter atrasado o socialismo em mais de um século no país. outro exemplo é fornecido por Caio Mourão, que se valeu do mote de uma propaganda política na qual a atriz Regina Duarte dizia temer o PT. Nas palavras de Mourão,

(...) A próxima *tsunami* que vem por aí são os escândalos financeiros e mordomias do presidente e seus eleitos: viagem de férias de filho & amiguinhos, cartões de crédito dos preferidos, robe de algodão egípcio, avião novo, cordeiros da Patagônia, frota nova de veículos, Romanee Conti, duas ambulâncias, cigarrilhas holandesas, dobra de despesas e funcionários palacianos etc. como disse Joãozinho Trinta: “pobre gosta de luxo”.

Mas, em matéria de frases, fico agora com a da Regina Duarte: “Eu tenho medo do PT”.<sup>307</sup>

No geral, a revista mais criticou do que defendeu o governo, como demonstraram as tabelas 30 e 31. Tanto isso foi perceptível que, até mesmo um leitor comum, nesta mesma edição em que Mourão demonstrou reservas com relação ao governo, censurou *Caros Amigos* por adotar tal postura. Ou seja, se o peso das palavras dos principais colaboradores de certa forma evidenciaram alguma benevolência com Lula, não se pode dizer que tal fato tenha sido padrão na publicação. Segundo a avaliação de um leitor:

Já deu essa história de que o PT mudou. Isso é coisa de revistas e jornais que se confundem com o periódico tucano. Empurrando uma visão que minimiza os feitos e supervaloriza os erros. Se o PT mudou, como até vocês dizem, *Caros Amigos* também mudou, assinei a revista por dois anos por achar que finalmente encontrei um meio de

<sup>307</sup> *Caros Amigos*, n° 95, p. 43, fev. 2005.

comunicação sem o “rabo preso” com ninguém, porém, parece que é moda falar mal, criticar por criticar, escrever o chavão da moda: “O PT não é mais o mesmo”. Grande besteira. Acredito que a crise de identidade da revista *Caros Amigos* só faz mal aos leitores e ao Brasil, já que vocês, poucos sobreviventes da grande mídia, acabam por colocar com essas atitudes outro tucano em 2006. Seria o picolé de chuchu? Assim, *Caros Amigos* voltaria a defender os ideais de esquerda? Deixaria à sombra de Heloísa Helena, que quando chega ao poder fica “bravinha” com tudo e cria um partido. Muito fácil. Difícil é ser fiel até nos momentos conturbados, com a certeza de que algo muito melhor que antes está sendo feito. Não quero que deixem de criticar, contudo, apenas o que for relevante. O PT não mudou, quem mudou foram vocês.<sup>308</sup>

Apesar da indignação do leitor, é preciso tomar alguns cuidados antes de se fazer afirmações taxativas. Como se mostrou, as tabelas revelam mais críticas que apoio ao PT, mas os números isolados não explicariam, sozinhos, a complexa realidade. Nesse sentido, optou-se por observar a atuação de *Caros Amigos* em momentos específicos, principalmente, os que antecederam eleições e que envolveram denúncias de corrupção contra o governo Lula, o que possibilitou antever outros aspectos, não discerníveis no conjunto. Já ficou evidente que, no pleito presidencial de 2002, o mensário felicitou a candidatura, campanha e vitória de Lula, fato explicitado nos editoriais, seções e artigos publicados antes e depois do resultado final. Contudo, o que chamou a atenção na análise pormenorizada do conteúdo da revista foi que, com as denúncias sobre o escândalo do “mensalão” – indiscutivelmente o momento mais difícil do mandato de Lula -, o discurso sofreu significativas alterações. No próprio editorial de julho de 2005, ficou clara a posição de *Caros Amigos*:

(...) De uma coisa o leitor pode ter certeza: não vamos fazer coro com essa imprensa pró-neoliberalismo, pró-consumo, pró-privatização. Tucana por excelência. Os proprietários e respectivos áulicos dessa imprensa elitista (ou marrom) estão exultando com as acusações do criminoso confesso contra quatro trapalhões que dominaram o noticiário nas últimas semanas: três próceres do rachado e deslumbrado (com o poder) PT e um publicitário que – como tantos outros e muitos jornalistas – enriqueceu rapidamente ao se dedicar à propaganda política.

(...) Que se apure tudo, punam-se os eventuais corruptos e corruptores, coisa saudável e esperada, mas não venham os tucanos e sua imprensa Daslu posar de anjinhos tendo à frente um ex-presidente da República que registra em seu currículo a quebra de um país, a venda de nosso patrimônio e exatamente a compra de votos para conquistar um segundo mandato.<sup>309</sup>

No final deste excerto reside outro ponto de destaque na história da revista, pois foi um dos únicos meios de comunicação do país a denunciar a compra de votos para a aprovação da reeleição durante o mandato de FHC, numa entrevista com Fernando Rodrigues, em julho de 1997. Naquele momento, o fato não tomou dimensões maiores por causa do silêncio da

<sup>308</sup> Idem, p. 7. (Caros Leitores)

<sup>309</sup> *Caros Amigos*, nº 100, p. 5, jul. 2005.

grande mídia, que optou por não levar adiante as acusações. No caso do “mesalão”, ocorreu exatamente o inverso: toda a grande imprensa mergulhou na história e fez um estardalhaço gigantesco, até mesmo divulgando notícias falsas e não comprovadas. Na avaliação de Venício de Lima, a mídia enquadrou Lula e o PT com presunção de culpa.<sup>310</sup> As atitudes da imprensa naquele momento levantaram várias discussões acerca de sua responsabilidade social e do seu papel como meio de informação e formação, já que a maioria dos veículos agiu de maneira política e ideológica, mas sem atentar para os cuidados básicos do jornalismo na apurações de fatos, denúncias e informações. Praticamente toda e qualquer especulação era publicada, o que, para Kucinski, comprovou o antilulismo dos “barões da mídia”, que data de 1989. Mas com um agravante: se antes, quantidade razoável de jornalistas simpatizava com o PT, atualmente, na visão de Kucinski, a nova geração é contra. Para ele,

Estava entrando em cena uma nova geração de jornalistas, “fernandinhos” e “patricinhas”, que não haviam feito história, nem mesmo participado da campanha das *diretas já*, e que viam no antilulismo ativo uma forma de participação, de pertencimento, de estar *in*.<sup>311</sup>

Ainda em seu entendimento, a mídia teria flertado com o “golpismo” ao tentar escrever sua própria história do governo Lula, num movimento único, como se houvesse um editor invisível comandando os meios de comunicação; e seu comportamento assemelhava-se ao da Inquisição, perseguindo suspeitos grandes e insignificantes com o mesmo zelo jesuítico dos sacerdotes de Torquemada.<sup>312</sup> Nesse caminho, de acordo com Luis Nassif, o jornalismo cometeu todos os crimes de opinião em busca do Santo Graal: a glória perdida em algum momento dos anos 1990.<sup>313</sup> *Caros Amigos*, de fato, não se alinhou à grande mídia, e manteve seu padrão jornalístico, o de elaborar análises mais profundas e críticas embasadas em averiguações mais confiáveis, atitude permitida também devido a sua periodicidade mensal, mais. Se a imprensa lançou-se numa campanha política irresponsável ao aproveitar o caso “mensalão” como justificativa, *Caros Amigos* escolheu um caminho mais seguro. Não se trata de confrontar e comparar determinados comportamentos jornalísticos, no entanto, é preciso esclarecer que, entre o alinhamento político-ideológico da grande mídia e o de *Caros Amigos*, não há dúvidas sobre a superioridade desta. Como avaliaram Aldé, Mendes e Figueiredo,

Política da imprensa não é condenável ou louvável. Mas deve ser responsável. Possibilitar o pluralismo, ser verdadeira e clara no posicionamento, o que não

<sup>310</sup> LIMA, Venício A. de. *Mídia: crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006, p. 14.

<sup>311</sup> KUCINSKI, Bernardo. O antilulismo na campanha de 2006 e suas raízes. In. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 133-135.

<sup>312</sup> Idem, p. 138.

<sup>313</sup> NASSIF, Luis. A longa noite de São Bartolomeu. In. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 158.

aconteceu na grande mídia nacional em 2006. Que defendeu o objetivismo, mas foi tendenciosa.<sup>314</sup>

Nesse sentido, cabe dizer que *Caros Amigos* assumiu postura política-ideológica nos momentos mais conturbados do governo Lula, ainda que na maior parte do tempo tenha mantido espírito crítico com relação ao presidente. Isso significa que suas críticas não cessaram, muito pelo contrário, pois da centésima edição em diante (até a nº 117) apareceram 45 avaliações desfavoráveis ao governo Lula. No entanto, a redação tomou medidas editoriais para atacar a direita nacional, ao passo que os próprios articulistas diminuíram o tom dos ataques ao presidente. No limite, pode-se dizer que a carta revoltada do leitor mostrou-se exagerada, já que o mensário tomou medidas para amenizar o descrédito do governo federal e desmoralizar as administrações municipais e estaduais do PSDB, papel empenhado com vigor principalmente por Marilene Felinto. Assim, não há como afirmar que *Caros Amigos* tenha se empenhado claramente a favor do PT naquele momento, mas suas atitudes certamente mudaram o foco seguido pelos meios de comunicação, pois atacaram os principais opositores do governo: o PSDB e o PFL.

Em plena crise do governo e do PT, bombardeados por denúncias e acusações por todos os lados, *Caros Amigos* resolveu publicar, em dezembro de 2005, uma edição especial nomeada *A direita brasileira*, na qual vários articulistas ponderaram acerca da história e das atitudes contemporâneas da direita nacional, com claro teor crítico e contestatório. Foram analisados a cultura, a imprensa, a política, a economia, a justiça, a sociedade e os governos promovidos pela direita, com conclusões nada agradáveis para os defensores da economia de mercado, da globalização e do neoliberalismo.

Trata-se de opção editorial que destoou do padrão jornalístico do período, o que promoveu, guardadas as devidas proporções, um contrapeso ao discurso uníssono de acusações ao PT. Claro que o alcance de *Caros Amigos* não se comparou ao dos grandes meios de comunicações, como Rede Globo e *Veja* para citar apenas dois, no entanto, o mensário atuou em defesa de suas ideologias e até mesmo amenizou a crítica a Lula com o intuito de não dar mais força para a direita brasileira. Afinal, o discurso dominante não poupou o PT e levantou questionamentos ao governo incessantemente, o que confirmou a intenção geral da grande imprensa em desmoralizar o mandato petista e o próprio partido.

---

<sup>314</sup> ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Imprensa e eleições presidenciais: natureza e consequências da cobertura das eleições de 2002 e 2006. in. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 84.

Como chamou a atenção Jakobsen, a exposição negativa de Lula nesses meios de comunicação foi muito maior que a de seu principal adversário nas eleições de 2006.



**Edição Especial  
Dez. 2005**

Numa pesquisa realizada pelo Observatório de Mídia Brasileira (OBM), com os seguintes periódicos, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense*, *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*, analisando editoriais, colunas e reportagens, ficou evidente a avaliação negativa do presidente. Vistos em conjunto os jornais diários, chegou-se a 217 abordagens feitas a candidatos à presidência nos editoriais, dentro do período de campanha, dos quais 205 (94,4%) se relacionaram a Lula, com 170 citações negativas – isto no primeiro turno. Quanto ao segundo turno, catalogou-se 118 editoriais de análises dos candidatos – 79 (Lula); 39 (Alckmin) -, com 59 exposições negativas de Lula e apenas 11 de Alckmin. Nas colunas e reportagens o padrão se manteve, com o candidato petista recebendo em média quatro vezes mais críticas que seu principal adversário. Com relação às revistas, não houve qualquer mudança quanto a esses aspectos, com exceção de *Carta Capital*, que mantém uma linha editorial de esquerda. Ainda assim, os dados de *Carta Capital* revelaram que a diferença de avaliação entre Lula e Alckmin não foi tão grande como a encontrada nos demais periódicos, mesmo com a declaração aberta da revista em prol de Lula.<sup>315</sup> Em contraposição, chamou a atenção a postura de *Veja* no segundo turno, pois dos 23 textos sobre Lula, 22 foram negativos, ao passo que Alckmin foi abordado por seis vezes, recebendo três julgamentos positivos e apenas dois negativos.<sup>316</sup>

<sup>315</sup> Lula: 7 positivas / 3 negativas - Alckmin: 3 negativas / 3 positivas.

<sup>316</sup> Todos esses dados e muitos outros podem ser vistos em JAKOBSEN, Kjeld. A cobertura da mídia impressa aos candidatos nas eleições presidenciais de 2006. in. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 31-64.

Diante desse cenário, não é de admirar que *Caros Amigos* trilhasse outro rumo, optasse por outro posicionamento. Como grande parte de seus colaboradores criticavam o governo Lula, seria estranho mudar as opiniões repentinamente, o que de fato não ocorreu. Então resolveram não apenas analisar os feitos e atitudes do PT, mas também do PSDB, para contrabalançar a avalanche de acusações que pesavam sobre Lula e o PT, além de moderar a acidez das críticas e reavaliar julgamentos extremamente negativos realizados anteriormente. Nesse processo, convidaram diversos intelectuais de esquerda para comentar a crise do governo, o que configurou opção diferenciada ao dos grandes meios de comunicação, nos quais esse grupo não tem amplos espaços. Verificou-se, daí, que os históricos intelectuais do PT estavam divididos, com opiniões diferenciadas: Maria Victória Benevides, Gabriel Cohn, Ricardo Musse, Olgária Mattos, Ladislau Dowbor e Maria Rita Kehl reconheceram os problemas do partido e do governo, mas matizaram as críticas e tenderam a ver o PT ainda como a melhor opção entre os que se apresentavam, sempre lembrando as mazelas da direita; o único que se colocou enfaticamente contra Lula foi Paulo Arantes, que em suas primeiras considerações inferiu: “Dizer que o governo Lula acabou não deixa de ser um exagero piedoso, pois supõe que em algum momento ele tenha começado”.<sup>317</sup> Independente das avaliações resultantes daí, que certamente não execrariam o PT até mesmo por questões ideológicas, o que importou foi a prática jornalística diferenciada empregada por *Caros Amigos* que, além de oferecer visões diferenciadas, mostrou que é possível fazer imprensa com métodos e recursos que não os da grande mídia.

Não houve, portanto, qualquer negação das acusações contra o PT – ainda que se possa ponderar sobre as contribuições de Marilene Felinto - e nunca nenhum articulista defendeu a não investigação dos acontecimentos. Apenas contestaram a maneira como o caso foi conduzido, com exposição pública do presidente e vários outros sujeitos, sem qualquer prova concreta ou sem qualquer verificação de notícias e especulações. Para Mylton Severiano, desde Jango, nunca aconteceu “linchamento público como o que a mídia gorda promove sobre Lula e o Partido dos Trabalhadores”, e concluiu:

(...) Daqui a pouco, até eu acabo por acreditar que foram Lula e o PT que inventaram a corrupção; e esquecer todas as iniciativas e feitos, no plano nacional e internacional, que o atual governo tem promovido. Ou tem tentado. Como Brizola, Collor, Getúlio, Goulart, Lula cairá, se cair, não pelos defeitos, poucos, mas pelas qualidades muitas. O golpe já foi dado e está em andamento.

Mas tem uma coisa. O berreiro da oposição e seus efeós só me suscita uma imagem – tire as crianças de perto, e peço desculpas, mas é a única imagem que me vem. Um

---

<sup>317</sup> *Caros Amigos*, nº 102, p. 14-15, set. 2005.

bando de putas velhas “chocadas” no bordel – Oh! Não! Que vergonha! – porque a novata aceitou ser beijada na boca pelo cliente a quem elas já permitiram tudo.<sup>318</sup>

Mylton Severiano seguiu a linha de contestar não o que se dizia, mas o *como* se anunciava as informações, isto é, de certa forma se colocou nas fileiras de defesa do governo contra os ataques múltiplos. Já Marilene Felinto se posicionou de maneira mais aberta a favor de Lula, pois além de dizer com toda empolgação que adora ver operário de esquerda no poder, não poupou adjetivações a Alckmin e Serra, chamando-os, entre outras coisas, de fascistas e assassinos de camelôs.<sup>319</sup> No mesmo time jogou Scalzilli, que teceu comentários favoráveis ao presidente, convocou o povo para sair às ruas em defesa de Lula e alegrou-se com o resultado satisfatório das eleições de 2006. Não obstante tais posicionamentos mais claros, foi uma opção editorial que expôs melhor a linha escolhida pela revista no geral, ainda que seus articulistas gozassem de plena liberdade de expressão. Duas entrevistas publicadas em outubro de 2006, ou seja, em pleno segundo turno das eleições, a primeira com o professor de Ciência Política Wanderley Guilherme dos Santos, e a outra com o policial federal, Francisco Carlos Garisto, marcadas pela serenidade analítica do cenário político, revelaram a decepção dos depoentes com alguns dos caminhos tomados pelo governo Lula, mas reavaliaram toda a discussão acerca do processo político daquele momento. Primeiramente, chamaram a atenção para a prática democrática e eleitoral brasileira, que havia mudado nos últimos tempos; depois, discutiram de forma direta as eleições presidenciais e, nesse ponto, os dois foram enfáticos em afirmar que Lula não perderia para Alckmin. Ficou evidente que os entrevistados trataram a figura de Lula com mais respeito e demonstraram simpatia por ele. O professor Wanderley dos Santos teceu os seguintes argumentos:

O governo Lula foi um governo excepcional, se comparar com o governo Fernando Henrique é covardia, e a população não é idiota, não adianta eles dizerem que o povo é mal informado, aliás, o mesmíssimo povo que fez o Fernando Henrique dar uma surra no Lula duas vezes.<sup>320</sup>

Já Francisco Garisto desferiu palavras duras contra os políticos da direita chamados de “tucanos”, alertou que o dossiê que havia surgido tinha muita coisa que daria *impeachment* de Serra e afirmou que existe um Comando Delta composto pela elite nacional e que é ele quem domina o país:

Só que eles não ficam com quem vai perder e me parece que eles estão indo pro lado do Alckmin, por isso que é perigoso o Alckmin. Porque o Alckmin já era membro. A turma do tucanato é membro. E o negócio deles é grana, só grana. São esses malditos

<sup>318</sup> *Caros Amigos*, nº 100, p. 14, jul. 2005.

<sup>319</sup> *Caros Amigos*, nº 108, p. 6, mar. 2006.

<sup>320</sup> *Caros Amigos*, nº 115, p. 33, out. 2006.

que tocam este país, foram eles que chegaram pro Lula e: “Você pode isso, pode isso, pode isso, se fizer assim estamos com você”. E os estudiosos da economia do Lula falaram para ele: “se você mexer nisso, cai o castelo de cartas”. E cai, não adianta você querer ser petista ou outra coisa, cai mesmo.<sup>321</sup>

Do lado oposto, entre os articulistas que criticaram o governo de maneira firme e contundente, destacou-se Glauco Mattoso. Em sua opinião, “o único resquício de decoro que restava no Congresso era o terno e a gravata; se os políticos resolvessem vestir-se livremente, haveria um circo repleto de palhaços”.<sup>322</sup> Arbex Jr, nas últimas edições de 2006, também externou suas opiniões com mais acidez. Além de afirmar que Lula fora uma decepção, reflexo do governo FHC, alertou que, em sua avaliação, a única maneira da ocorrer a emancipação do pobre seria o “adeus Lula”.<sup>323</sup> Castelo Branco, em sua coluna de humor, fez diversas ironias com o presidente e o PT, com frases curtas como “Se errar é humano, esse governo é demasiadamente humano”, “Getúlio, Petrobrás; Lula, Bandidobras”, “Pra esse governo ser primário ainda falta muito bê-á-bá”, “Filosofia petista: a melhor defesa é o achaque” e “Ano de Copa, Lula hexageradamente ufanista”, posição que valeu algumas críticas de leitores. Por fim, César Benjamin completou a lista de colaboradores que não pouparam o PT. Em seu último texto sobre política em 2006, pediu para os economistas de Lula falarem menos bobagem, pois, se não parassem, concorreriam com o palhaço maior daquele circo: Lula.<sup>324</sup>

Trata-se de observar que, em *Caros Amigos*, não existiu engajamento coordenado e sólido em determinada direção durante todo o primeiro mandato de Lula, o que rebate a idéia de que o mensário tenha funcionado como cabo eleitoral do PT. O que houve, e isso é inegável, foi a amenização das críticas e uma mudança de foco em direção aos políticos do PSDB. Não que a crítica à direita nacional tenha cessado em algum momento, mas o fato é que ela se tornou muito mais incisiva a partir das denúncias de corrupção contra o governo Lula, em junho de 2005. O que importa nesse contexto, é que *Caros Amigos* manteve a prática de um jornalismo sério e analítico, não fechando os olhos para os problemas de um governo de esquerda que, de certa forma, apoiou num primeiro momento. Ainda que tenha atuado de maneira a desmoralizar a oposição de Lula, não escondeu e nem mesmo censurou em suas páginas os ataques muitas vezes contundentes contra o PT, pelo contrário, contribuiu para uma discussão que contrapôs análises e opiniões divergentes. Sendo assim, pode-se afirmar que, mesmo com a atuação política-ideológica da revista ao combater as candidatura e

<sup>321</sup> Idem, p. 39.

<sup>322</sup> *Caros Amigos*, nº 111, p. 18, jun. 2006.

<sup>323</sup> *Caros Amigos*, nº 115, p. 16, out. 2006.

<sup>324</sup> *Caros Amigos*, nº 110, p. 13, mai. 2006.

campanha de Alckmin, durante o período eleitoral, *Caros Amigos* não sucumbiu aos interesses econômicos, pois mesmo com a grande dependência da publicidade petista, não abriu mão de expor sua visão do governo de maneira livre e crítica.

No limite, se cabe uma acusação ao mensário, não é a de colocar os interesses particulares à frente do papel jornalístico, mas sim de se render às preferências ideológicas que pesou sobre cada um de seus colaboradores. Ficou evidente que, se a grande imprensa se rendeu a interesses particulares e ideológicos em detrimento da boa prática de imprensa, *Caros Amigos* também o fez, mas com uma diferença: sob o comando de Sergio de Souza, não foi decretada a morte do jornalismo. No limite, o que configura um bom veículo de imprensa não é sua pretensa imparcialidade ou objetividade, mas o incentivo à publicação de idéias plurais e a exposição clara a seu público sobre suas preferências ideológicas e políticas, sem nunca abrir mão do senso crítico, isto é, ainda que simpatize com esse ou aquele partido, deve primar pela crítica responsável com o intuito de informar e formar a sociedade, sem manipulá-la. Foi esse o percurso trilhado por *Caros Amigos* desde abril de 1997, o que não significa que a publicação não tenha nada a melhorar. Mesmo com os aspectos negativos já abordados anteriormente, o mensário cumpriu, juntamente com os outros meios de comunicação alternativos, o papel de diversificar as opiniões e idéias expressas pela grande mídia, o que ofereceu outras possibilidades de acesso às notícias pelo público leitor, ainda que esse público tenha continuado alijado do processo de produção de informação, atuando apenas como consumidor. Ou seja, por um lado *Caros Amigos* combateu o uníssono noticioso da grande imprensa e, por outro, não democratizou a produção informativa, compondo seu quadro de colaboradores, em sua maioria, com intelectuais renomados em suas áreas de atuação.

## CONCLUSÃO

A imprensa no Brasil há muito é marcada pela monopolização dos meios de produção de notícias, mas esse quadro se agravou à medida que o país ingressou no fenômeno chamado de globalização, pois o domínio da mídia ultrapassou o campo do jornalismo e confundiu três esferas que até então se apresentavam autônomas, misturando-as: cultura de massa, publicidade e informação. Nesse contexto, manteve-se a velha estrutura elitista e concentradora que atende a interesses de segmentos específicos da sociedade, na qual a imprensa acostumou-se a exceder seu papel de esclarecer a sociedade, partindo para a ação ativa, tanto no campo da política como da cultura. A mídia tentou derrubar Brizola no Rio de Janeiro, em 1982, editou o debate entre Lula e Collor, em 1989, apoiou em massa o desmonte do Estado e as privatizações realizados nos governos FHC e engajou-se irresponsavelmente contra Lula e o PT a partir de meados de 2005, excedendo todos os limites da prática jornalística, isso para dar alguns exemplos apenas. Ademais, essa mesma mídia englobou o campo do entretenimento e cultura, oferecendo produtos culturais de baixo nível como *talk-shows* sensacionalistas, programas de auditórios vazios, músicas apelativas etc. Contudo, o aspecto mais grave dessa monopolização reside na qualidade da produção que se apresenta como conteúdo jornalístico-informativo. Além de atender aos interesses dos próprios proprietários dos meios de comunicação, a notícia transformou-se em isca de consumidores não de informação, mas de bens anunciados nas páginas dos periódicos ou nos intervalos televisivos. Como inferiu Ramonet, se antes a imprensa vendia informações aos cidadãos, hoje vende consumidores a seus anunciantes.<sup>325</sup> Nesse sentido, perdeu-se o caráter primeiro do jornalismo que era o de representante da sociedade frente às esferas de poder. Mais que isso, ocorreu a submissão da mídia ao capital, especialmente o privado, já que a publicidade oficial já não influi tanto nos rendimentos dos grandes veículos de comunicação. Segundo afirmação de Otavio Frias Filho, proprietário de um dos maiores jornais do país, a publicidade oficial é irrisória e não faz diferença; hoje ela tem mais validade para jornais e revistas pequenos.<sup>326</sup>

Todo esse poder e autonomia conquistados pela imprensa refletiu-se no encaminhamento político, social, econômico e cultural no Brasil, afinal, o alcance das mensagens midiáticas tiveram crescimento sem precedentes graças aos avanços tecnológicos das últimas décadas, interferindo de alguma maneira no livre pensar dos cidadãos. Como bem

---

<sup>325</sup> RAMONET, Ignácio. O poder midiático. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização mundial e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 248.

<sup>326</sup> Ver ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Op. cit.*, p. 374-375.

explicou Muniz Sodré, “a linguagem *cria*, mais do que reflete, a realidade. Em outras palavras, não é apenas designativa, mas principalmente *produtora* da realidade”.<sup>327</sup> Nesse sentido, não se pode minimizar o papel da imprensa no mundo atual, especialmente num momento em que ela se apresenta cada vez mais voltada aos seus interesses privados em detrimento da sociedade, o que compromete a profícua e desejável discussão pública sobre os acontecimentos que dizem respeito ao meio social brasileiro, tudo em função do estímulo ao consumo dos produtos anunciados. Martín-Barbero chamou a atenção para o fato de que os meios de comunicação não apenas reproduzem ideologia, mas fazem e refazem a cultura das majorias. Neles se comercializam formatos e recriam-se as narrativas nas quais se entrelaçam o imaginário mercantil com a memória coletiva.<sup>328</sup> Noutros termos, a mídia aplica esforços no sentido de formar e concretizar a ideologia consumista, o que compromete a criação de identidade e adesão coletiva, contribuindo para formações identitárias e não democráticas, como o tribalismo. Na falta de pertencimento comunitário, grupos não democráticos preenchem o vazio criado em detrimento da liberdade e igualdade. Trata-se não de grupos específicos, mas de ações particulares em prol de interesses também privados, espalhados em todos os segmentos sociais, em que cada grupo empenha-se em alcançar seus interesses sem preocupar-se com o desenvolvimento da sociedade como um todo. Num mundo que prega o individualismo por meio das mídias, seria muito difícil esperar comportamento contrário dos grupos sociais, pois estes se espelham e orientam pelos conhecimentos e padrões culturais padronizados pelos meios de comunicação.

A grande imprensa tornou-se o agente operacional da globalização, fabricando o consenso sobre a superioridade das economias abertas defendidas pela teoria neoliberal. No Brasil não foi diferente, o que atestou os trabalhos de André Garcia, Vanderlei Carvalho e Débora Alves.<sup>329</sup> Apesar de tocar no assunto por vias diferentes, os três demonstraram o quanto a imprensa apoiou as políticas neoliberais empregadas no país na década de 1990 e suas aplicações práticas no campo da política, economia e cultura. Essa tendência fortificou-se a partir da Emenda Constitucional nº 8, de 1995, que acabou com o monopólio estatal das

<sup>327</sup> SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobarbárie. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização mundial e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 22. (grifos do autor)

<sup>328</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização mundial e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 63.

<sup>329</sup> Ver GARCIA, André de Oliveira. *Aspectos políticos, econômicos e ideológicos da reforma econômica da década de 90 (1990-2000): uma revisão do processo de desnacionalização*. Campinas: Unicamp, 2004. (dissertação de mestrado); CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e neoliberalismo no Brasil (1995-1998): o posicionamento da revista Veja no primeiro governo FHC*. Campinas: Unicamp, 2004. (dissertação de mestrado); ALVES, Débora. *A imprensa e o PT: uma análise de aspectos da polêmica em torno do plano de governo de 2002*. Campinas: UNICAMP, 2004. (dissertação de mestrado).

telecomunicações, e tornou-se padrão com a Emenda nº 36, de 2002, que outorgou a participação de pessoas jurídicas e do capital estrangeiro nas empresas jornalísticas e de radiodifusão (limitada a 30%). Com isso, não tardou a participação de grupos multinacionais na imprensa nacional, pois a crise cambial, do final da década de 1990, prejudicou grandes empresas, o que as obrigou a recorrer ao capital externo, vendendo partes de suas ações. Por exemplo, houve relações entre a Globo e a Telmex, a Abril e a Naspers, o Grupo Folha e a Portugal Telecom, entre outras.<sup>330</sup>

Neste quadro, além dos interesses das elites brasileiras, abriu-se espaço para a interferência dos interesses estrangeiros no processo de produção de informação nos meios de comunicação, o que afetou até mesmo as autonomia e soberania nacionais no campo da produção cultural. O que já era tendência – a defesa dos ideais neoliberais - tornar-se-ia padrão exclusivo não fosse a contraposição de alguns poucos grupos que se empenharam (empenham-se) em contestar o unívoco discurso da grande imprensa. Nas palavras de Moraes,

Se desejamos a livre circulação de informações, é hora de revitalizar a sociedade civil e arremontar forças para a ingente tarefa de propor alternativas concretas à mercantilização generalizada. Insistamos, por exemplo, no estabelecimento de políticas públicas de comunicação, assentadas em mecanismos democraticamente instituídos de regulação, de concessão, de tributação e de fiscalização. Políticas debatidas por segmentos representativos da opinião pública e formuladas com equilíbrio e realismo, considerando as profundas transformações da era digital e seus efeitos socioculturais e políticos.<sup>331</sup>

Apesar de não ser exatamente as forças arregimentadas da sociedade civil a principal oposição ao discurso monopolizado da grande mídia, algumas alternativas apresentaram-se nos últimos anos, até mesmo no campo digital. Aliás, o potencial da internet na democratização da informação é muito grande, maior que em qualquer outro, até mesmo na produção de conhecimento e cultura, pois é um meio que permite a participação de qualquer indivíduo desde que tenha acesso a um computador. Claro que falta propiciar tal acesso a maior número de pessoas, contudo, a ainda não-popularização de seu uso nas classes mais baixas não diminui as potencialidades desse meio. Muitos dos contra-discursos que surgem são provenientes da internet, tanto em blogs, como na divulgação de manifestações contrárias à globalização levadas a cabo em todos os rincões do planeta (Seattle, Davos, Praga, Quebec, Madri, México etc). No Brasil, Sergio da Silveira demonstrou como blogs políticos e até mesmo sites de relacionamentos engajaram-se no debate político nas eleições de 2006, com

---

<sup>330</sup> CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 273.

<sup>331</sup> MORAES, Denis de. O capital da mídia na lógica da globalização. In. \_\_\_\_\_. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização mundial e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 208.

destaque para o fato de que naqueles espaços houve liberdade de criação, discussão e produção de informações, o que exemplificou o avanço democrático que o meio digital poderá proporcionar no que concerne à mídia.<sup>332</sup>

O Fórum Social Mundial também contou com a rede digital para espalhar suas críticas e reivindicações pelo mundo e, no Brasil, este Fórum foi tão importante no estímulo à produção plural de idéias, que alguns dos principais meios de comunicação alternativos do país nasceram nas diversas edições do FSM (ver capítulo I). Ainda que sejam periódicos de tiragens pouco expressivas, cumprem a indispensável função de oferecer pluralidade na monolítica e hermética imprensa brasileira, tarefa árdua já que os magnatas da mídia operam, junto aos meios oficiais, táticas para coibir, proibir e desestimular os veículos alternativos, sejam impressos ou radiodifusores.

O fato é que a criação e manutenção da imprensa alternativa torna-se cada vez mais difícil, já que o produto oferecido pela grande mídia é quase gratuito. Novamente foi Ramonet quem ofereceu explicações a essa nova situação da mídia, pois, na sua avaliação, o acesso aos jornais e revistas da grande imprensa se tornou mais barato porque quem paga seus custos de produção não são os leitores, mas a publicidade. Essa é uma estratégia vantajosa tanto para o veículo de informação como para as empresas anunciantes, pois com os preços baixos dos periódicos, as vendas aumentam e os produtos expostos chegam a um grande número de pessoas, o que estimula seu consumo. Assim, a publicidade intensifica-se e os preços dos jornais e revistas podem cair mais, chegando a mais leitores e fechando o ciclo mercantil que a imprensa se presta no atual contexto. Diante deste quadro, nem mesmo o oferecimento gratuito da mensagem alternativa atrairia o público, já que ele tem acesso aos meios de maior apelação a preços atrativos.<sup>333</sup> Sem mencionar que o próprio conteúdo da grande mídia é mais atrativo à maioria dos cidadãos, já que conta com excessivos recursos imagéticos e didatizantes, como rapidez para evitar o tédio, simplicidade retórica, fotografias, quadros explicativos e uso constante de espetacularização e dramatização. Trata-se de um discurso infantilizante porque se dirige ao público com simplicidade, brevemente e de maneira emocional, tal como se faz com as crianças. Num país marcado pelo domínio da informação por poucos grupos, essa estratégia abre grandes possibilidades de manipulação das consciências, especialmente na frágil sociedade civil brasileira, marcada pelo alto índice de analfabetismo e educação precarizada.

---

<sup>332</sup> SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Combates na fronteira eletrônica: a Internet nas eleições de 2006. In. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 171-186.

<sup>333</sup> RAMONET, Ignácio. O poder midiático..., p. 247-248.

Neste ponto se apresenta o grande dilema da imprensa alternativa: como atrair maior número de leitores e/ou telespectadores frente aos critérios de sedução utilizados pela grande mídia? Fica difícil contrapor o discurso dominante com as estratégias encontradas nos principais veículos alternativos nacionais, isto porque a retórica militante e a contra-informação não são suficientemente pedagógicas e não apelam (nem devem apelar) para a infantilização de seus conteúdos. O principal problema, como advertiu Ramonet, é construir um discurso alternativo que apresente também características de sedução, que não se dirija a uma pequena minoria, mas às massas. Isto é, não basta ter a boa intenção e o conteúdo sério e aprofundando, é necessário saber comunicá-lo, dominar a técnica.<sup>334</sup> É aí que a imprensa alternativa brasileira precisa encontrar seu caminho, o que ainda não aconteceu, já que sustenta conteúdo pesado e formas de enunciação não compatíveis com a baixa escolaridade da sociedade.

No caso de *Caros Amigos*, como se demonstrou ao longo da pesquisa, seu conteúdo foi marcado por discursos densos, abuso do preto e branco e textos caudalosos, características pouco atrativas para um público mais amplo. Ainda que tenha elaborado mecanismos de arejamento de seu interior, nunca deixou de veicular informações mais densas e analíticas, não condizentes com o didatismo rápido e superficial da grande imprensa, o que limitou seu público a um número reduzido e a determinados setores sociais, especialmente os de maior poder aquisitivo. Enfim, o mensário configurou-se, com o passar dos anos, no principal representante do jornalismo alternativo brasileiro, mas não superou os problemas mais graves quanto à expansão da contra-informação que, por sua vez, continuou presa aos empecilhos discursivos e às imposições ideológicas, o que propiciou muitas vezes um diálogo fechado nos grupos simpatizantes e militantes da esquerda, ou a alguns setores mais intelectualizados da sociedade, não contribuindo para a democratização da informação e nem para o acesso de um público mais numeroso. Às vezes, na ansiedade de ser diferente e alternativa, *Caros Amigos*, assim como outros alternativos, esqueceu que a contra-informação não deve simplesmente existir, mas deve atingir o público para o qual deveria se destinar e pelo qual tem uma de suas principais razões de existir: a maioria carente da população.

---

<sup>334</sup> Idem.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ABREU, Alzira Alves de; RAMOS, Plínio de Abreu ... [et al]. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (org.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Imprensa e eleições presidenciais: natureza e conseqüências da cobertura das eleições de 2002 e 2006. in. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 65-88.
- ALTERMAN, Eric. O futuro dos jornais. *Folha de S. Paulo*, 8 jun. 2008, p. 5-8 (caderno *Mais!*).
- ALVES, Débora. *A imprensa e o PT: uma análise de aspectos da polemica em torno do plano de governo de 2002*. Campinas: Unicamp, 2004 (dissertação de mestrado).
- AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- AMARAL, Roberto (coord.). *FHC: os paulistas no poder*. Niterói, RJ: Casa Jorge Editorial, 1995.
- AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. *Jornal Pessoal: uma metalinguagem jornalística na Amazônia*. São Paulo: PUC, 2008. (tese de doutorado).
- ANTUNES, Ricardo. *A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- ARBEX JR. José. *O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder*. São Paulo: Casa Amarela, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BARBER, Benjamin. Cultura McWorld. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 41-56.
- BECKER, Maria Lucia. Mídia alternativa: antiempresarial, anti-industrial, anticapitalista? *Intercom – V Congresso Nacional de História da Mídia*, 2007.

- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-364.
- BETTO, Frei. *Lula: um operário na presidência*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: UNB, 1991.
- BUCCI, Eugenio. Arrogância, publicidade e jornalismo. *Observatório da Imprensa*, nº 160, 20 fev. 2002. Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Acesso dia 30 mar. 2009.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CÂMARA, Marcelo Barbosa. *Caros Amigos: esfera pública, política e jornalismo independente (1997-2002)*. São Paulo: PUC-SP, 2002. (dissertação de mestrado)
- \_\_\_\_\_. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CANO, Wilson. *Reflexões sobre o Brasil e a nova (des) ordem internacional*. Campinas: Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Soberania e política econômica na América Latina*. São Paulo: Unesp, 2000.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CARRATO, Ângela. Jornais, ombudsman e cidadania. In. HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva. *Jornalismo no século XXI: a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 68-88.
- CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e neoliberalismo no Brasil (1995-1998): o posicionamento da revista Veja no primeiro governo FHC*. Campinas: Unicamp, 2004. (dissertação de mestrado).
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estud. Av.*, vol. 5, nº 11, São Paulo, jan./abr. 1991. Disponível em <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso 2 nov. 2006.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmatismo do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994.
- CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- CHINEM, Rivaldo. *Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet*. São Paulo: Disal, 2004.

- COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In. CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 155-163.
- CORTES, Verônica P. Aravena. A imprensa e a problemática construção de um mundo comum no Brasil. In. HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva. *Jornalismo no século XXI: a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 13-29.
- COSTA, Tarcísio. Os anos noventa: o ocaso do político e a sacralização do mercado. In. MOTA, Carlos Guilherme (org.). *A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: Senac, 2000.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre a democracia e o socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000.
- DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Cia. Das Letras, 1995.
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.
- DUPAS, Gilberto. *Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação*. São Paulo: Unesp, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Economia Global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FARIA, Daniel. Coerência é teu nome. *Revista Wave*, 6 out. 2008. Disponível em [www.revistawave.com](http://www.revistawave.com). Acesso em 2 jun. 2009.
- FARO, José Salvador. *Revista Realidade (1966-1968): tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: ULBRA/AGE, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 265-271.
- FORTES, Leandro. Política interna. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 63-71. 63-71.4
- GARCIA, André de Oliveira. *Aspectos políticos, econômicos e ideologia da reforma econômica da década de 90 (1990-2000): uma revisão do processo de desnacionalização*. Campinas: Unicamp, 2004. (dissertação de mestrado).
- GOFF, Jacques Le (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GOHN, Maria da Glória. *Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- GRINBERG, Máximo Simpson (org.). *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. O caos da esfera pública. *Folha de S. Paulo*, 13 ago. 2006, p. 4-5 (Caderno *Mais!*).
- HALIMI, Serge. *Os novos cães de guarda*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In. NOVAES, F; SCHWARCS, Lilia Moritz (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, p. 439-489.
- Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. (*Cadernos de Comunicação. Série Memória*; vol. 13).
- JAKOBSEN, Kjeld. A cobertura da mídia impressa aos candidatos nas eleições presidenciais de 2006. in. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 31-64.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.
- \_\_\_\_\_. O antilulismo na campanha de 2006 e suas raízes. In. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 133-144.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In. GOFF, Jacques Le (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 215-240.
- LACERDA, Antonio Correa de. Economia. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 17-29.
- LAMOUNIER, Bolívar; FIGUEIREDO, Rubens (orgs.). *A era FHC: um balanço*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.
- LATTMAN-WELTTMAN, Fernando. “História imediata” da imprensa e da mídia brasileira: pré-condições e significados. *Jornal Alfredo de Carvalho*, ano 1, nº 11, 7 dez. 2001. Disponível em <[www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/boletins/jornal11.htm](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/boletins/jornal11.htm)> Acesso 7 jan. 2006.

- LÉVY, Pierre. Pela ciberdemocracia. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 367-384.
- LIMA, Venício A. de. Telejornais apresentam o mais do mesmo. *Observatório da imprensa*, ano 10, nº 372, 15/03/2006. Disponível em <www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso 15 mar. 2006.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Mídia: crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- LUCENA, Eleonora de. O futuro dos jornais. *Folha de S. Paulo*, 8 jun. 2008, p. 4 (Caderno *Mais!*).
- MACHADO, Ana Maria Netto. Jornais alternativos como espaço público para produções escritas de cidadãos e professores: o caso de Porto Alegre. *Anais do I Seminário Nacional “O professor e a leitura do jornal”*. Campinas, 2002.
- MAGNOLI, Demétrio. Política externa. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 47-61.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 57-86.
- MARTINS, Ana Luiza. Revista, propaganda e publicidade: uma história de percursos integrados. In. ADAM, Antonio; HELLER, Bárbara; CARDOSO, Haydée (orgs.). *Mídia, cultura, comunicação*. 2. São Paulo: Arte & Ciência, 2003, p. 291-301.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.
- MELO, José Marques de. A crônica. In. CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 139-155.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d’Água/Fapesp, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MORAES, Denis. O capital da notícia na lógica da globalização. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 187-216.

- NASSIF, Luis. A longa noite de São Bartolomeu. In. LIMA, Venício A. de (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 149-158.
- NATALI, João Batista. Jornalismo. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 197-207.
- NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.
- PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Caros Amigos (1997-2001) e o resgate da imprensa alternativa – um outro jornalismo é possível*. São Paulo: ECA-USP, 2002. (dissertação de mestrado).
- PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UNB – 6 a 9 set. 2006.
- POCHMANN, Marcio. Trabalho e renda. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 31-45.
- PÔRTO JR. Gilson (org.). *história do tempo presente*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- RAAD, Lenita Jacira Farias. “... denunciando os males do comunismo”: o anticomunismo na revista *Seleções Reader’s Digest (1950-1960)*. Florianópolis, 2005. (dissertação de mestrado).
- RABELO, Genival. *O capital estrangeiro na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RAMONET, Ignácio. O quinto poder. *Observatório da Imprensa*. n° 247, 21 out. 2003. disponível em < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/arquivo/inde21102003.htm> > acesso dia 31 ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. O poder midiático. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 243-252.
- RAMOS, Ricardo. *Do Reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil*. 3ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Atual, 1985.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FVG, 1996.
- \_\_\_\_\_. Por que a história política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n° 13, 1994, p. 7-19.
- REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1998.

- SEGRILLO, Angelo. A confusão esquerda/ direita no mundo pós-Muro de Berlim: uma análise e uma hipótese. *Dados*, vol. 47, n° 3, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> acesso dia 7 jun. 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Juventude de papel: representação juvenil na imprensa*. Maringá: Eduem, 1999.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.
- SILVA, Mylton Severiano da. *Se liga! O livro das drogas*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Brasil na crise: perigos e oportunidades*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 131-139.
- \_\_\_\_\_. As elites culturais. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-280.
- \_\_\_\_\_. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobarbárie. In. MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 21-40.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- VELOSO, Maria do Socorro Furtado. *Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. São Paulo: USP, 2008. (tese de doutorado).
- VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.
- WEFFORT, Francisco. Jornais são partidos? *Lua Nova*, vol. 1, n° 2, jul./set. 1984, p. 37-40.
- WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da mídia alternativa*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.
- ZIBORDI, Marcos Antonio. *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Curitiba: UFPR, 2004 (dissertação de mestrado).
- ZORNETTA, Regiane. *FHC e o desenvolvimento nacional: a atualidade de um discurso*. Marília: Unesp, 2003. (dissertação de mestrado)

**ENTREVISTAS**

Daniel Herz em entrevista a Luiz Egypto. Disponível em <http://br.geocities.com/mcrost11/oi026.htm>. Acesso dia 29 mar. 2009.

Frei Betto em entrevista ao autor, via e-mail. (01/02/2009)

Frei Betto em entrevista a Leandro Loyola. Disponível em [www.revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT976009-1666-1,00.html](http://www.revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT976009-1666-1,00.html). Acesso em 02/02/2009.

Gilberto Felisberto Vasconcellos em entrevista a Marcelo Salles. Disponível em [www.fazendomedia.com/novas/entrevista180106.htm](http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista180106.htm). Acesso em 12 dez. 2008.

Guilherme Scalzilli em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009)

João Pedro Stedile em entrevista ao IHU On-Line. Disponível em [www.movimentos.org/grito/show\\_text.php3?key=8254](http://www.movimentos.org/grito/show_text.php3?key=8254). Acesso dia 15/01/2009.

João Pedro Stedile em entrevista ao autor, via e-mail. (17/01/2009)

José Arbex Jr. em entrevista a Marcelo Salles. Disponível em [www.fazendomedia.com](http://www.fazendomedia.com). Acesso em 19 jan. 2009.

Mylton Severiano em entrevista ao autor, via e-mail. (01/07/2008)

Sergio de Souza em entrevista a Luciana Chagas. Disponível em [www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br). Acesso dia 24 abr. 2009.

**ANEXOS****ANEXO I - Tabela: *entrevistas-explosivas***

<b>EDIÇÃO</b>	<b>ENTREVISTADO</b>
1	Juca Kfourì
2	Caco Barcellos
3	Leonardo Boff
4	Fernando Rodrigues
5	Dyrceu Cintra
6	Volnei Garrafa
7	José Vicente
8	João Pedro Stedile
9	Bautista Vidal
10 (debate)	Bautista Vidal; João Pedro Stedile
11	Dom Pedro Casaldáliga
12	Cláudio Tognolli
13 (ausência da entrevista-explosiva)	
14	Ricardo Maranhão
15	Oded Grajew
16 (ausência da entrevista explosiva)	
17	Milton Santos
18	José Trajano
19	Aloysio Biondi
20	Brigadeiro Sergio Ferolla
21	Chico Buarque
22	Roberto Mangabeira Unger
23	Roberto Romano
24	Nelson Massini
25	Padre Chico
26	Marcelo Rubens Paiva
27	Pedro Cardoso
28	Emanuel Vespucci; Ricardo Vespucci
29	Marilena Chauí
30	João Carlos Teixeira Gomes
31	Tom Zé
32 (ausência da entrevista-explosiva)	
33	Dráuzio Varella
34 (debate)	Lobão; Zeca Baleiro; Nehemias Gueiros Jr.
35	Sueli Carneiro
36	Francisco Carlos Garisto
37	Marcos Terena
38	Guilherme Duque Estrada
39	João Pedro Stedile
40	Paulo César Pereio
41	James Cavallaro
42	José Carlos Dias
43	João Silvério Trevizan
44	Lula
45	Sócrates

46	Luciana Santos
47	Marilene Felinto
48	Augusto Boal
49	Luiz Francisco de Souza; Carlos Frederico Santos
50	Angeli
51	Samuel Pinheiros Guimarães
52	Aldo Rebelo
53	Aziz Ab'Saber
54	Antonio Abujamra
55	David Hahhaway
56	Ali Abdune
57	Luiz Marinho
58	Octavio Ianni
59	Henfil *
60	Conceição Paganeli
61	Paulo Mendes da Rocha
62	Jean Ziegler
63	Gershon Knispel
64 (ausência da entrevista-explosiva)	
65	José Louzeiro
66	Washington Novaes
67	Julio Medáglio
68	Hebe Bonafini
69	Hélio Santos
70	José Carlos Blat; Marcio Sergio Christino; Roberto Porto
71	Celso Furtado
72	Fábio Konder Comparato
73 (ausência da entrevista-explosiva)	
74	Paulo Lins
75	Ariano Suassuna
76	Carlos Barcellos
77	Nilo Batista
78 (ausência da entrevista-explosiva)	
79	Matheus Nachtergaele
80	Eduardo Suplicy
81 (debate)	Dalmo Dallari; Tarso Genro
82	Antonio Nóbrega
83 (debate)	Duarte Pereira; José Genoíno
84	Laerte
85	José Celso Martinez Correa
86	Bob Fernandes
87	João Capiberibe
88	Heloísa Helena
89	Hugo Chávez
90	Pedro Símon
91	Ricardo Kotscho
92	Cecília Coimbra

93	Carlos Lessa
94	Washington Olivetto
95	Aleida Guevara
96	Dom Tomás Balduino
97	Marta Suplicy
98	Plínio de Arruda Sampaio
99	MV Bill
100	Roberto Requião
101	Waldir Pires
102	Wladimir Aras
103	Eugênio Bucci
104	Marilena Chauí
105	Mino Carta
106	José Dirceu
107	Paulinho da Viola
108	Itamar Franco
109	Gilberto Gil
110	Ciro Gomes
111	Juca Kfourí
112	Oscar Niemeyer
113	Nagashi Forukawa
114	Franklin Martins
115	Wanderley Guilherme dos Santos; Francisco Carlos Garisto
116	Matilde Ribeiro
117	Manoel de Barros

\* Entrevista inédita com Henfil, realizada por Neusa Pinheiro em 1983 e cedida à *Caros Amigos*.

**ANEXO II: levantamento temático das seções.\***

<b>TEMAS</b>	<b>Quantidade</b>
Política Nacional	306
Crítica Social	144
Cultura**	83
Imprensa	40
Política Internacional	54
Variedades	16
América Latina	12
Neoliberalismo/globalização	10
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	7
Episódios históricos	4
Questões ligadas a esportes	4
Criação Literária	1

\* Deste quadro estão excluídas as seções: “Entrelinhas” e “Picadinhas”, por serem apresentadas em pequenos blocos de textos, o que impediu suas catalogações por edição; “Janelas Abertas”, exclusiva de crítica literária; e “Reclame”, de pequena duração e direcionada à análise da publicidade veiculada na imprensa.

\*\* Do total de “Cultura”, 48 são da seção “Pequeno Folhetim do Folclore”, que se dedicou especificamente à discussões culturais.

**ANEXO III: levantamento temático das seções relacionadas a desenhos – “Desenho” (Adão Iturrusgarai), “Claudius”, “Desenhos Falados” (Jorge Arbach) e “Jaguar”.\***

<b>Tema</b>	<b>Quantidade</b>
Política Nacional	79
Crítica Social	29
Política Internacional	19
Variedades	5
Neoliberalismo/globalização	4
Imprensa	3
América Latina	2
Cultura	1

\* A seção de Guto Lacaz não entrou por não fazer relação às temáticas do trabalho.

**ANEXO IV: levantamento temático geral de toda a revista**

<b>TEMAS</b>	<b>Quantidade</b>
Política Nacional	772
Crítica Social	670
Política Internacional	340
Cultura	297
Criação Literária	250
Imprensa	172
Questões ligadas a publicações diversas e literatura	121
Neoliberalismo/globalização	119
Variedades	109
América Latina	86
Questões ligadas a esportes	33
Episódios Históricos	24

**ANEXO V: manifestações pró e contra PSDB/FHC e PT/Lula nas seções de desenhos**

<b>SEÇÃO</b>	<b>Contra PSDB</b>	<b>Contra PT</b>	<b>Pró-PSDB</b>	<b>Pró-PT</b>
Jaguar	4	---	---	---
Claudius	15	16	---	3
Adão Iturrusgarai	1	---	---	1
Jorge Arbach	4	---	---	---